

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO
HUMANO – MESTRADO E DOUTORADO

Alice Beatriz Assmann

**FIGURAÇÕES DO *TURNEN* NO SUL DO BRASIL:
REDES DE INTERDEPENDÊNCIA EM ESCOLAS E CLUBES
(décadas 1870-1920)**

Porto Alegre

2019

Alice Beatriz Assmann

**FIGURAÇÕES DO *TURNEN* NO SUL DO BRASIL:
REDES DE INTERDEPENDÊNCIA EM ESCOLAS E CLUBES
(décadas 1870-1920)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Assmann, Alice Beatriz
FIGURAÇÕES DO TURNEN NO SUL DO BRASIL: REDES DE
INTERDEPENDÊNCIA EM ESCOLAS E CLUBES (décadas
1870-1920) / Alice Beatriz Assmann. -- 2019.
211 f.
Orientadora: Janice Zarpellon Mazo.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de
Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto
Alegre, BR-RS, 2019.

1. Ginástica. 2. Clubes. 3. Escolas. 4. História do
Esporte. 5. História da Educação Física. I. Mazo,
Janice Zarpellon, orient. II. Título.

*Dedico esse estudo às minhas avós,
Natália B. S. Wenzel e Irma Assmann,
minhas inspirações de amor e vida.*

AGRADECIMENTOS

Grata. Sou grata por todos os anos que tive a oportunidade de estudar e me formar em uma instituição pública de ensino superior. Sou grata a todos os espetaculares professores que compartilharam seus dias e conhecimentos comigo. Agradeço à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela oportunidade.

Sou grata, especialmente, a minha orientadora, Janice Zarpellon Mazo, que me acolheu nessa caminhada acadêmica sempre com muita atenção, disponibilidade e cuidado.

Agradeço à minha família, o alicerce que sustenta o solo onde piso, minha base, minha força, meu coração. Agradeço à minha mãe, Irma, minha melhor amiga, a mais fiel, a mais companheira. Meu orgulho, meu exemplo de generosidade e alegria. Agradeço ao meu irmão, Alexandre e meu pai, José, por todos os ensinamentos, amparos e pelo carinho que a mim dedicam, sempre. Agradeço aos meus avós, tios, primos, minha grande família. A nossa união me fortalece.

Agradeço aos meus colegas do grupo de pesquisa do Núcleo de Estudos Em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME), com quem compartilho estudos, gentilezas e amizades.

Agradeço aos professores da banca examinadora Haike Roselane da Silva, Marcelo Moraes e Silva e Mauro Myskiw, pela apreciação do estudo e pela participação nesse momento tão valioso de minha trajetória acadêmica e profissional.

Agradeço aos funcionários do Centro de Documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul e a professora Gislene Monticelli que prontamente nos recebeu e acolheu no Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.

Agradeço aos professores Arno Black, Leomar Tesche e João Carlos Picolli, pelos materias e informações, gentilmente, compartilhados.

A todos vocês, a minha Gratidão.

*Pensar o passado, chegar lá,
nesse mundo escondido e misterioso da temporalidade escoada.
Tentar resgatar e, sobretudo, entender e explicar
como os homens de uma outra época davam sentido ao mundo,
como se relacionavam com os seus semelhantes e como pensavam a si próprios;
descobrir as razões e os sentimentos que mobilizaram
um outro tempo e que foram responsáveis por suas práticas sociais;
compor tramas, surpreender enredos, supor desfechos de situações outras, distantes
no tempo, e, por vezes, aparentemente incompreensíveis... Não serão essas, a rigor,
as metas de todo aquele que busca tornar-se um historiador?*

(PESAVENTO, 2008a, p. 11).

RESUMO

Este estudo histórico cultural, trata das figurações e redes de interdependência do movimento *Turnen* (ginástica) no Rio Grande do Sul (RS), Brasil, especialmente, em clubes e escolas teuto-brasileiras. Como prática cultural marcadamente germânica, o *Turnen* se desenvolveu em locais do Rio Grande do Sul habitados por imigrantes alemães e seus descendentes. O movimento *Turnen* corresponde a uma gama de práticas corporais, culturais e sociais, que transcendem a definição restrita de ginástica e compõe uma figuração mais ampla. Uma figuração corresponde a uma teia de relações intersubjetivas, uma rede de interdependências, que conecta indivíduos singulares em composições socioculturais, em um processo dinâmico e oscilante de equilíbrio de tensões. Em clubes e escolas, os indivíduos e coletividades produziam representações culturais e partilhavam códigos de comportamento e sentimento, em uma relação de interdependência uns com os outros, constituindo redes que teciam as tramas de tal figuração. Diante de tais considerações, apresentamos o objetivo desta tese de doutorado: compreender como figurou o movimento do *Turnen* em clubes e escolas do Rio Grande do Sul no período entre as décadas de 1870 e 1920. A fim de alcançar o objetivo proposto, além da revisão bibliográfica, foram coletados e analisados indícios em documentos impressos e imagéticos. Como alicerce teórico para a interpretação e a escrita da narrativa histórica, foram apropriados os preceitos da História Cultural e as categorias da *análise figuracional* desenvolvidas pelo sociólogo Norbert Elias, especificamente: de figuração, redes de interdependência e equilíbrio de tensões. Por meio da interpretação dos indícios evidenciou-se a composição de uma “boa sociedade” do *Turnen* no sul do Brasil, com uma estrutura organizacional associativa, que produzia e partilhava representações culturais étnicas, códigos de comportamento e sentimento, tensionados pelos grupos que pertenciam à rede que constituía a figuração. Nessa rede, indivíduos singulares e coletividades assumiram determinadas posições sociais, em função de suas interdependências. Ademais, foram assinaladas composições de uma rede diretiva do *Turnen* no Rio Grande do Sul, composta majoritariamente por homens, e cujo grupo central era a *Turnerbund* de Porto Alegre (SOGIPA). Nessa sociedade cunharam-se representações culturais, códigos sociais e tensionamentos acerca da participação, gradual, de mulheres. Além dos clubes, o *Turnen* foi também apropriado em escolas privadas teuto-brasileiras no sul do Brasil. A partir da pesquisa realizada foi possível constatar que o movimento *Turnen* no Rio Grande do Sul, por meio de interrelações entre clubes e escolas teuto-brasileiras, sustentou a incorporação de um *habitus* ginástico alemão no sul do Brasil no período entre as décadas de 1870 e 1920. No entanto, sugere-se outras investigações acerca das demais sociedades de ginástica no sul do Brasil, a fim de evidenciar outras composições na figuração do movimento *Turnen* em instituições clubísticas e escolares.

Palavras-chave: Ginástica; *Turnen*; Clubes; Escolas; História do Esporte; História da Educação Física.

ABSTRACT

This cultural historical study deals with figurations and networks of interdependence of the *Turnen* movement (gymnastics) in Rio Grande do Sul (RS), Brazil, especially in German-Brazilian clubs and schools. As a strong germanic cultural practice, *Turnen* developed in places of Rio Grande do Sul inhabited by German immigrants and their descendants. The *Turnen* movement corresponds to a range of bodily, cultural, and social practices that transcend the restricted definition of gymnastics and compose a broader figuration. A figuration corresponds to a web of intersubjective relations, a network of interdependencies, that connects singular individuals in sociocultural compositions, in a dynamic and oscillating process of tension equilibrium. In clubs and schools, individuals and collectivities produced cultural representations and shared codes of behavior and feeling in a relation of interdependence with each other, forming networks that weave the relations of such figuration. In view of these considerations, we present the purpose of this doctoral thesis: to understand how the *Turnen* movement figured in clubs and schools of Rio Grande do Sul between the decades of 1870 and 1920. In order to reach this objective, in addition to the bibliographic review, evidence was collected and analyzed in printed and imagetic documents. As theoretical basis for the interpretation and writing of this historical narrative, the precepts of Cultural History and categories of the *figurative analysis* developed by the sociologist Norbert Elias, specifically figuration, networks of interdependence, and the balance of tensions were appropriated. Through the interpretation of the evidence, the composition of a "good society" of the *Turnen* in the south of Brazil was identified, with an associative organizational structure that produced and shared ethnic cultural representations, codes of behavior and feeling, tensioned by the groups that belonged to the network, that formed the figuration. In this network, singular individuals and collectivities assumed certain social positions due to their interdependencies. Furthermore, we point out compositions of a directive network of the *Turnen* of Rio Grande do Sul, composed mainly by men and whose central group was the *Turnerbund* of Porto Alegre (SOGIPA). In such society, cultural representations, social codes and tensions about the gradual participation of women were formed. In addition to the clubs, *Turnen* was also appropriated by private German-Brazilian schools in southern Brazil. Based on the research, it was possible to verify that the *Turnen* movement in Rio Grande do Sul, through interrelations between clubs and German-Brazilian schools, supported the incorporation of a German gymnastic habitus in southern Brazil, between the 1870s and 1920s. Nevertheless, other investigations about the other gymnastic societies in the south of Brazil are suggested, in order to evidence other compositions in the figuration of the *Turnen* movement in club and school institutions.

Keywords: Gymnastics; Turnen; clubs; schools; History of Sport; History of Physical Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Redes de interdependência do <i>Turnen</i> no Rio Grande do Sul.....	33
Figura 2 – Localização dos clubes de ginástica, fundados no período de 1870-1920, no mapa do estado do Rio Grande do Sul.....	49
Figura 3 – Regiões e Ilhas culturais do Rio Grande do Sul.....	50
Figura 4 – Equipe de futebol do Grêmio <i>Foot Ball</i> Porto Alegrense, em 1906.....	63
Figura 5 – Disposições e modificações das Comarcas (Gauen) da <i>Turnerschaft von Rio Grande do Sul</i>	78
Figura 6 – Composição e modificações das Comarcas (Gauen) da <i>Turnerschaft von Rio Grande do Sul</i>	79
Figura 7 – Corrida de Revezamento em comemoração ao centenário da imigração alemã no Rio Grande do Sul, em 1924.....	82
Figura 8 – Trajeto da Corrida de Revezamento (Eilbotenlauf) de 1924.....	83
Figura 9 – Trajeto da Corrida de Revezamento (Eilbotenlauf) de 1913.....	85
Figura 10 – Georg Black em julho de 1913, com um bastão na mão direta.....	86
Figura 11 – Apresentação festiva na <i>Turnerbund</i>	101
Figura 12 – Grupo de <i>Vortuner</i> da <i>Turnerbund</i> , em 1902.....	104
Figura 13 – Apresentação de <i>Turnen</i> na festividade em comemoração ao centenário da imigração alemã, em 1924.....	123
Figura 14 – Primeiro grupo de mulheres da <i>Turnerbund</i> (1904/1905).....	124
Figura 15 – Ginastas da <i>Turnerbund</i>	124
Figura 16 – Vestimenta de ginástica das mulheres no decorrer do tempo.....	125
Figura 17 – Número de escolas comunitárias teuto-brasileiras, por período (RS).....	133

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Inventário dos clubes de ginástica do Rio Grande do Sul (1870-1920).....	47
Quadro 2 – Sócios da <i>Turnerbund</i> de Porto Alegre (1904-1913).....	53
Quadro 3 – Dados do Departamento de Damas da <i>Turnerbund</i> (1904-1913).....	116
Quadro 4 – Estruturas de apoio às escolas étnicas do Rio Grande do Sul.....	136

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	10
1. APROXIMANDO-SE DA TRAMA: considerações iniciais.....	11
2. AS LENTES E OS GESTOS: notas sobre o processo.....	17
2.1. OS INDÍCIOS E OS GESTOS DA COLETA.....	19
2.2. AS LENTES DO PROCESSO HISTORIOGRÁFICO.....	26
3. <i>TURNEN</i>: uma prática cultural alemã no Brasil.....	35
3.1 MOVIMENTO <i>TURNEN</i> NA ALEMANHA.....	35
3.2 COMPOSIÇÕES DO <i>TURNEN</i> NO SUL DO BRASIL.....	42
4. A “BOA SOCIEDADE” DO <i>TURNEN</i> NO SUL DO BRASIL.....	51
4.1 SOCIEDADES DE GINÁSTICA: uma estrutura associativa.....	52
4.2 <i>TURNVEREINE</i> : códigos de comportamento e sentimento.....	67
5. PERSONAGENS DA REDE: indivíduos e posições sociais.....	93
5.1. REDE DIRETIVA: a posição dos homens.....	93
5.2. MULHERES E O <i>TURNEN</i> : restrições e possibilidades.....	106
6. APROPRIAÇÕES DO <i>TURNEN</i> EM ESCOLAS.....	127
6.1. ESCOLAS PRIVADAS TEUTO-BRASILEIRAS.....	128
6.2. <i>TURN</i> SCHÜLER: composições da ginástica de escolares.....	140
6.3. SINGULARIDADES E RELAÇÕES: o caso de Pelotas.....	169
7. CONSTITUIÇÃO DE UM <i>HABITUS</i> DO <i>TURNEN</i>: considerações finais.....	178
REFERÊNCIAS.....	186
GLOSSÁRIO.....	205
APÊNDICE.....	207

PREFÁCIO

O fenômeno escolhido para essa pesquisa está relacionado ao caminho percorrido no longo dos anos de minha jornada pessoal e acadêmica. Minha família descende de um contingente de imigrantes alemães, que chegaram ao sul do Brasil em finais do século XIX. A trajetória de vida de meus ascendentes é relatada com orgulho pelos meus avós e tios. E eu, curiosa e interessada, sempre ouvi com carinho e atenção as memórias e histórias narradas.

Não por acaso, na faculdade iniciei meus estudos no campo da História do Esporte e investiguei as associações voltadas para a prática esportiva do tiro ao alvo, as *Schützenvereine* (sociedades de atiradores). Minha bisavó participou de um clube de tiro de mulheres. Este estudo resultou no meu Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Educação Física. Na procura por documentação, me fascinei com os arquivos históricos e com as possibilidades de descobertas, dispostas naquelas prateleiras. Dentre os indícios, encontrei uma gama significativa de documentos no idioma alemão. Desde criança escutei meus avós falando um dialeto alemão e a curiosidade de infância acabou por tornar-se uma paixão. O aprendizado iniciou na escola, de maneira obrigatória. Porém, o aperfeiçoamento se deu na Alemanha, na cidade de Offenburg, por meio de um intercâmbio realizado no ano de 2012.

Na Dissertação de Mestrado me dediquei a estudar o associativismo esportivo na região de Santa Cruz do Sul. A motivação para esse estudo partiu da necessidade de ampliar os olhares sobre as práticas esportivas e ir além das sociedades de atiradores. O foco local, Santa Cruz do Sul, tinha como propósito dar continuidade aos estudos iniciados na graduação.

Nessa etapa, a tese de doutorado, concentrei meus esforços em uma prática esportiva que fez parte da minha infância e que hoje ainda desperta meu interesse: a ginástica. Para além dos clubes, a busca por novos desafios despertou meu olhar para as escolas, um universo cada dia mais sedutor e no qual imergi por meio da formação em Licenciatura em Educação Física, concluída em 2018. Meu foco é agora orientado para o *Turnen*, desenvolvido por instituições que utilizavam o método ginástico alemão nas suas atividades. Assim, através do desembaraçar das redes que teceram essas histórias, busco compreender o sentido que a ginástica/educação física teve na vida das pessoas que a praticaram e nas sociedades em que se inseriram.

1 APROXIMANDO-SE DA TRAMA: considerações iniciais

Reconhecemos o passado como “reino do desaparecido” e, apesar das ondas fugidas através das quais ele se nos apresenta, como historiadores, movidos por uma intenção de verdade e imaginação criadora, expressamos sob a forma de narrativas nossas leituras do tempo. Sabemos já o quanto tais leituras do passado são contingentes e se revestem de provisoriedade, assim como podemos visitar muitos tempos e temas já narrados e produzir novas inteligibilidades [...] (STEPHANOU, 2018, p. 2).

Na tessitura desse estudo, produzimos uma narrativa histórica que procura dar inteligibilidade a uma trama complexa: o movimento *Turnen* (ginástica) no Rio Grande do Sul, Brasil. O *Turnen*¹ (ginástica) é compreendido em sua especificidade enquanto prática cultural, que, no mesmo passo que representa, produz representações culturais de uma identidade étnica alemã e/ou teuto-brasileira no sul do Brasil. Nesse estudo, dentre as muitas composições que podem constituir a teia de relações do *Turnen* (ginástica) focamos na sua figuração em clubes e escolas teuto-brasileiras.

Uma figuração corresponde a uma teia de relações intersubjetivas, uma rede de interdependências, que conecta indivíduos singulares em composições socioculturais. Na engrenagem dessas conexões, as pessoas exercem tensão umas sobre as outras de maneira recíproca, contudo com forças variáveis de acordo com sua posição e função social na figuração (ELIAS, 1997). Para que a figuração mantenha sua estrutura basilar, é necessário um equilíbrio – que é sempre dinâmico e oscilante – dessas tensões.

Para além da ginástica pelo método alemão, de Friederich Ludwig Jahn (*1778+1852), o *Turnen*, enquanto método de ensino, constitui uma gama de práticas que variam desde caminhadas, corridas, natação, exercícios com ou sem aparelhos, com ou sem música, dentre outros. O Movimento *Turnen*, no período demarcado nesse estudo (1870-1920) é compreendido como um movimento sociocultural que compõe uma figuração mais ampla e vai além da prática corporal ou esportiva. Concerne às singularidades desta prática cultural, imbuída de um processo histórico de relações de pessoas que produziam e negociavam representações culturais, fixavam modos de sentir e comportar-se, se identificavam, legitimavam e distinguiam enquanto grupos e indivíduos sociais. Tal movimento estava centrado institucionalmente em associações organizadas em torno do *Turnen*, cujos membros

¹ Nesse estudo, *Turnen* é acompanhado de artigo masculino, pois é compreendido como fenômeno sociocultural que abarca práticas e sentidos mais amplos do que a palavra ginástica designa.

eram selecionados democraticamente pelo grupo, seguindo determinados critérios, com direitos e deveres regularizados por estatutos, bem como, por normas explícitas e implícitas de comportamento e sentimento.

Como prática cultural marcadamente germânica, o *Turnen* se desenvolveu em locais habitados por imigrantes alemães e seus descendentes. Este contingente migratório começou a chegar ao sul do Brasil em meados do século XIX, constituindo colônias e núcleos de alemães em diferentes localidades do Rio Grande do Sul. Nesses locais, segundo Seyferth (2017, p. 582), eram organizadas comunidades étnicas, vinculadas e identificadas por “associações recreativas, culturais, beneficentes, o uso cotidiano da língua alemã, a proliferação de jornais, revistas, almanaques e uma literatura ficcional publicados na língua alemã, e a adoção de uma identidade – *Deutschbrasilianer*”, ou, na tradução, uma identidade teuto-brasileira. Tal marcação identitária estava atrelada a sentimentos de pertencimento a uma nação pela retórica de sangue de alemão (*jus-sanguinis*) e o direito de solo e à cidadania (*jus-soli*), assinalando a pertença a nova pátria, o Brasil. Nesse panorama, clubes e escolas eram instituições de produção, apropriação e reprodução de representações culturais étnicas, que atuavam na legitimação e diferenciação dos grupos.

Os imigrantes alemães e seus descendentes organizaram clubes/associações voltados a diferentes práticas esportivas no Rio Grande do Sul, especialmente, a partir da segunda metade do século XIX (MAZO *et al.*, 2012). Dentre as associações estão as de tiro ao alvo e cavalaria², de ginástica³, de remo e atividades aquáticas⁴, de tênis⁵, de ciclismo⁶, de futebol⁷, entre outras, situadas em diferentes regiões do estado. Entre as décadas de 1850 e 1860, surgiram as primeiras associações de ginástica (*Turnen*) ou, como eram chamadas, as *Turnvereine* (Sociedades de Ginástica), no Brasil e no Rio Grande do Sul. As primeiras *Turnvereine* no Brasil, associações esportivas voltadas para o movimento *Turnen*, foram fundadas em Joinville, estado de Santa Catarina, em 1858, e no Rio de Janeiro, capital do país na

² Sobre associações de tiro ao alvo e cavalaria ver Assmann, Bertoldi, Mazo (2017), Furtado, Quitzau e Silva (2018).

³ Sobre associações de ginástica ver Tesche (2002), Silva (2005a;2005b), Minciotti (2006), Kilpp (2012), Quitzau (2016), Assmann e Mazo (2017).

⁴ Sobre associações de remo e práticas aquáticas ver Silva (2011; 2015), Silva et al. (2016), Assmann, Silva e Mazo (2015).

⁵ Sobre associações de tênis ver Pereira, Mazo e Balbinotti (2010) e Gonçalves *et al.* (2018).

⁶ Sobre associações de ciclismo ver Frosi *et al.* (2011), Silva, Carmona e Mazo (2015), Assmann, Silva e Mazo (2018).

⁷ Sobre associações de futebol ver Guazzelli (2000), Mascarenhas (2001), Soares (2014).

época, em 1859 (WIESER, 1990). No entanto, conforme Wieser (1990) foi no Rio Grande do Sul que o *Turnen* alcançou a mais forte expressão. O primeiro clube de *Turnen* do estado, segundo Hofmeister (1987), foi fundado em Porto Alegre, no ano de 1867, chamado de *Deutscher Turnverein* (Sociedade Alemã de Ginástica).

Além dos clubes voltados especificamente para a prática, aulas de *Turnen* também eram oferecidos aos alunos de escolas instituídas e mantidas por este grupo étnico no Brasil. Tais escolas eram de iniciativa privada, organizadas pedagogicamente, e asseguradas financeiramente, pela comunidade onde estavam inseridas. Além de representações atreladas à germanidade, muitas destas escolas eram, também, associadas a uma instituição de caráter confessional (KREUTZ, 2000). Relações estabelecidas entre as instituições escolares e as sociedades de ginástica foram evidenciadas, anteriormente, por Tesche (2004).

A prática do *Turnen* foi apropriada em razão de suscitar significados na vida dos seus praticantes e da comunidade em que estava inserida. Através de “palavras, discursos, imagens, coisas, práticas” (PESAVENTO, 2004, p. 17), e de clubes e escolas, os indivíduos e coletividades, produziam representações culturais e partilhavam códigos de comportamento e sentimento, em uma relação de interdependência uns com os outros, constituindo redes que teciam as tramas de tal figuração (ELIAS, 1997; 2001).

Diante de tais considerações, apresentamos o objetivo desta Tese de doutorado: compreender como figurou o movimento do *Turnen* em clubes e escolas do Rio Grande do Sul no período entre as décadas de 1870 e 1920. O marco temporal dessa pesquisa abarca desde a emergência dos clubes específicos de ginástica (WIESER, 1990) e a progressiva expansão de escolas criadas e mantidas por imigrantes alemães e seus descendentes (KREUTZ, 1994), até a década de 1920, período pós adversidades desencadeadas pela I Guerra Mundial. Nesse período, embates acerca de um abasileiramento das instituições teuto-brasileiras rondavam o imaginário social do Rio Grande do Sul, no mesmo passo que tais instituições afirmavam e negociavam representações de germanidade (SEYFERTH, 2017; RAMOS, 2000).

A fim de alcançar o objetivo proposto e compor uma narrativa historiográfica acerca da figuração do *Turnen* no RS e suas redes de interdependência (ELIAS, 1997; 2001), foi realizada uma revisão bibliográfica em livros, artigos, teses e dissertações a respeito do fenômeno estudado e coletados indícios em documentos impressos e

imagéticos (LUCA, 2010; BACELLAR, 2010; KOSSOY, 2012; BURKE, 2004). Esse estudo se insere no campo de investigação da História do Esporte e da História da Educação Física e intenta produzir um diálogo entre os preceitos da História Cultural – na qual baseia-se nossa perspectiva historiográfica – e as categorias da *análise figuracional* desenvolvidas pelo sociólogo Norbert Elias, especificamente, de figuração, redes de interdependência e equilíbrio de tensões.

A partir dos referenciais teóricos e procedimentos metodológicos supramencionados, esta operação historiográfica visa, através do material coletado, analisado e interpretado, produzir uma “leitura do tempo” (CHARTIER, 2009), que apesar da intenção de busca pela veracidade do acontecido, procede com a verossimilhança. Roger Chartier (2009) utiliza a expressão “leitura do tempo” como designação do processo de “dar a ler” a escritura de uma narrativa historiográfica, como produção escrita acerca de um outro tempo particular, dos sentidos partilhados por homens e mulheres de um tempo passado, ou escoado, nos termos de Pesavento (2008). Nesse estudo, a narrativa centra-se no movimento *Turnen*, compreendido como prática cultural, que produz outras práticas, bem como, representações culturais étnicas, (CHARTIER, 2000; PESAVENTO, 2004; SEYFRTH, 1994) e códigos de comportamento e sentimento que ditam modos e normas instituídas pelo e para o(s) grupo(s), ou pela “boa sociedade”, de determinada figuração (ELIAS, 1997)

Através desse estudo intenta-se não apenas ampliar a compreensão do processo de escolarização da Educação Física no Rio Grande do Sul, como, também, os conhecimentos acerca da constituição do campo esportivo no estado. No decorrer de décadas o *Turnen* fez parte de histórias de sul rio-grandenses. E, na aproximação com o passado, podemos compreender como, no traçado do tempo e do espaço, as histórias foram construídas, tensionadas, negociadas, modificadas. Além disso, a abordagem do *Turnen* permite perceber como os fenômenos sociais e culturais estão impregnados de congruências e incongruências, manifestações e silêncios.

Justificamos, ainda, este estudo por entender o *Turnen*, como uma prática esportiva capaz de representar simbolicamente uma identidade e, de tal modo, pode ser caracterizado como um patrimônio cultural imaterial. Patrimônio cultural são produções/construções e manifestações humanas, podendo ser qualificadas como patrimônio material ou imaterial. Determina-se como patrimônio imaterial os “saberes que passam de uma geração para outra, como as formas de cultivar e as maneiras de produzir”, ou seja, o idioma, manifestações e expressões, locais de convívio,

encontros, sociabilidade e “encanto” (VOGT, 2008, p. 14). Ainda, para este autor (2008), o patrimônio imaterial é visto como certo bem apropriado pelo homem como patrimônio cultural a fim de evocar um passado para ser transmitido como herança às gerações futuras. Deste modo, o patrimônio imaterial congrega manifestações importantes para a permanência e a identificação da cultura de um grupo.

A estrutura da narrativa que apresentamos nessa tese, suas divisões e subdivisões, busca desemaranhar os fios que compõem as redes da figuração do movimento *Turnen* no Rio Grande do Sul, a partir da interpretação das informações analisadas. Apesar dos esforços para tal intento, salienta-se que nessa trama, o embaraço dos nós e o trançado dos encadeamentos, próprios de um processo social complexo, tornaram a construção do enredo um desafio estrutural. Todavia, como estratégia de escrita, definimos sete capítulos, a contar dessa breve introdução e das considerações finais do estudo.

Antes de mais, trazemos à luz “**As lentes e os gestos: notas sobre o processo**”, ou, os pressupostos teórico-metodológicos, que guiaram nossas coletas, análises e interpretações. Primeiramente, apresentamos “os indícios e os gestos”, expondo os locais de coleta e as formas de análise empreendidas para cada tipo de documento coletado, impresso e imagético. Em seguida, discorreremos acerca das “lentes do processo”, que correspondem ao referencial teórico operado, os modos de “ver” e interpretar as informações, a fim de compor uma narrativa ou uma “leitura do tempo” da figuração do movimento *Turnen* no Rio Grande do Sul.

No capítulo que segue – “**Turnen: uma prática cultural alemã no Brasil**” – buscamos apresentar ao leitor, primeiramente, a emergência do movimento *Turnen* e suas particularidades no contexto social europeu do século XIX. E, a partir dessa compreensão, discorreremos acerca das composições desse Movimento no Rio Grande do Sul, com a constituição de Sociedades de Ginástica, ou *Turnvereine*, como eram conhecidas por seus contemporâneos, em diferentes localidades do estado. Esse capítulo, e seus subcapítulos, buscam, situar o leitor nesse universo social, no tempo e espaço específicos desse estudo.

Avançamos, então, para o capítulo intitulado “**Boa sociedade**” do *Turnen* no sul do Brasil”. Na escrita desse capítulo foi empreendido um esforço no sentido de produzir, ao leitor, uma imagem mental dessa “boa sociedade” e de suas formas cotidianas de organização. Assim, tratamos, em um primeiro momento, da estrutura organizacional associativa que ordenava os arranjos sociais em Sociedades de

Ginástica no Rio Grande do Sul, a depender dos indícios encontrados. Logo após, buscamos compreender os códigos de comportamento e sentimento partilhados e tensionados pelos grupos que pertenciam à rede que constituía a “boa sociedade” do *Turnen* no Rio Grande do Sul, através das representações produzidas e reproduzidas por ela.

Um novo capítulo discorre a respeito de “**Personagens da rede: indivíduos e posições sociais**” e suas posições sociais na figuração do movimento *Turnen* no RS. Especificamente, apresentamos, no primeiro subcapítulo dessa seção, nomes e funções de personagens que participaram da rede diretiva dessa figuração, caracterizada como um universo masculino, cujo elemento comum era ser homem, fundamentalmente, alemão ou teuto-brasileiro. E, em seguida, buscamos dar “voz” às mulheres do *Turnen* e aos tensionamentos que foram mobilizados nessa composição.

No prosseguimento do enredo, tratamos de “**Apropriações do Turnen em escolas**”, especificamente, em escolas privadas teuto-brasileiras. Após apresentar o contexto de emergência e organização destas instituições escolares no Rio Grande do Sul, passamos a compor as redes que conectam escolas, sociedades de ginástica e o movimento *Turnen* em diferentes localidades. Em especial, abordamos escolas de Porto Alegre, em virtude das possibilidades de análise a partir do material coletado. Tais composições são circunscritas em dois subcapítulos, tendo em vista um cenário de relações singulares na figuração do *Turnen* no estado, o caso de Pelotas.

Ao final, explicitamos as considerações finais desse estudo, publicando a tese deste doutoramento, a partir do estudo que apresentamos nessa escritura. E, parafraseando Geraldine Brooks (2008, p. 20), é assim que buscamos acrescentar nossos “poucos grãos à caixa de areia do conhecimento humano”, cientes da inapreensível plenitude dos sentidos de um tempo passado.

2. AS LENTES E OS GESTOS: notas sobre o processo

*Cierta vez en la mañana de un país de montañas azules,
miraba yo esas nubes pequeñas, que suelen quedar como prendidas de las piedras
en la mitad del cerro.*

El aire, ausente.

Mas arriba, un cielo azul, abajo, la tierra dura, y cálida.

*Alguien me dijo unas raras palabras refiriéndose a esas nubecitas blancas, quizá
lejanas ya, que embellecían el paisaje...*

*Eso, que usted está mirando, no son nubes, amigo. Yo creo que son vidalas
olvidadas, esperando que alguien comprenda su silencio, entienda su palabra, intuya su
canción. Poco tiempo después de ese momento que no se puede traducir cabalmente,
porque está más allá de nuestro entendimiento, nació la vidala del silencio⁸.*

(Vidala Del Silencio de Atahualpa Yupanqui)

Aos historiadores, cabe a busca por compreender os silêncios e dar voz às “vidalas olvidadas” (vidas esquecidas), de que canta Atahualpa Yupanqui. Roger Chartier (2010, p. 7), nos convoca a “escutar os mortos com os olhos”. E, Michel de Certeau (2013, p. XVI), diz que a escrita da história permite oferecer aos “outros estranhos”, aos mortos, “túmulos escriturários”. Escrever história, assim, é construir uma leitura do passado (CHARTIER, 2009), dentre tantas possíveis, acerca de sujeitos e sentidos de outro tempo. É colocar em forma literária, uma composição imaginária do passado, através da narrativa construída pelo historiador a partir de seus indícios, articulados de forma a interpretar significados e “chegar, o mais próximo possível, da verdade do acontecido” (PESAVENTO, 2004, p. 51).

O real é o objeto e o fiador da história, seu intento, e o seu limite, contudo, é a verossimilhança. A narrativa produzida assume compromisso com uma intenção de verdade, mas é sempre provisória, contingente e datada (STEPHANOU, 2018). O historiador está atado a operacionalização do documento, aos intervenientes do processo de análise e interpretação. Para Chartier (2009), uma leitura do tempo consiste em uma narrativa com intenção, e por vezes com efeito, de verdade, mas que procede uma verossimilhança. Assim como assinalou Alan Corbin (2005), o problema do pesquisador é detectar, não decretar.

⁸ Certa vez na manhã de um país de montanhas azuis, eu olhava para aquelas pequenas nuvens, que tendem a ficar presas às pedras no meio da colina. O ar ausente. Mais acima, um céu azul, abaixo, a terra dura e cálida. Alguém me disse umas raras palavras, referindo-se àquelas pequenas nuvens brancas, quem sabe já distantes, que embelezavam a paisagem... Isso, que você está vendo, não são nuvens, amigo. Eu acredito que são vidas esquecidas, esperando que alguém compreenda o seu silêncio, entenda sua palavra, intua sua música. Logo após esse momento que não pode ser totalmente traduzido, porque está além do nosso entendimento, nasceu a *vidala* do silêncio.

A leitura de um tempo passado é organizada na narrativa historiográfica, uma ação de escritura que se vale de estruturas e práticas discursivas. Toda narrativa historiográfica utiliza estratégias a fim de dar inteligibilidade ao texto a ser lido. Contudo, diferentemente de um texto ficcional, a narrativa historiográfica, ambiciona e se compromete pela busca da verdade, mesmo que o real acontecido seja inalcançável e este limite intransponível.

O conhecimento histórico opera com a representação do passado (CHARTIER, 2009). Logo, passado e história são dois conceitos díspares e distantes no tempo e no espaço, mas que se complementam na historiografia. O passado é a meta e a operação historiográfica é a forma do historiador de se aproximar dessa meta (JENKINS, 2004). Para Sandra Pesavento (2004), o tempo histórico seria o “terceiro tempo”, aquele reconfigurado pela narrativa sobre o “tempo físico já escoado” (PESAVENTO, 2008a, p. 5), não vivido, não experimentado.

A história constitui um dentre uma série de discursos a respeito do mundo. Embora esses discursos não criem o mundo [...] eles se apropriam do mundo e lhe dão todos significados que têm. O pedacinho do mundo que é o objeto (pretendido) de investigação da história é o passado (JENKINS, 2004, p. 23).

Na história, portanto, “não se deduz uma interpretação única: mude o olhar, desloque a perspectiva, e surgirão novas interpretações” (JENKINS, 2004, p. 35). A partir de determinados recursos teórico-metodológicos, lançamos o nosso olhar sobre as fontes – dentre outros possíveis – a fim de tecer uma trama do passado. Este olhar é sempre localizado, social e culturalmente, e, destarte, é impossível negar a presença do sujeito pesquisador e sua própria subjetividade na escrita da narrativa histórica. No entanto, “mesmo que haja a possibilidade de examiná-la de perspectivas específicas”, “a história é sempre múltipla” (BARROS, 2009, p. 15). Barros (2009, p. 15) alude que a “prática historiográfica não pode ser rigorosamente enquadrada dentro de um único campo”, pois “todas as dimensões da realidade social interagem. Ou rigorosamente sequer existem como dimensões separadas”.

Assim, compreendemos que a narrativa que será construída a partir desse estudo é uma leitura – dentre tantas outras possíveis – sobre a prática e os sentidos do *Turnen* no Rio Grande do Sul, dedicando atenção especial para seus agentes e produtores sociais. Leitura esta construída de um espaço e tempo específicos, a partir

da leitura de um tempo passado reconstruído em um tempo presente, tributário às subjetividades do pesquisador, à seleção e interpretação das fontes que irão dar conteúdo à narrativa. Tal compreensão, no entanto, não reduz o papel do historiador ou o sentido da escrita histórica, mas demonstra a maturidade de uma disciplina centrada no indivíduo enquanto um ser social e culturalmente construído e relacionado, ou seja, um particular inserido em um contexto muito mais amplo do que se poderia alcançar.

Isto posto, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que sustentam nossas análises. Todavia, ressaltamos que, provocadas pelas leituras e pelas vozes que ecoam em nossa escrita, em especial pela obra de Arlette Farge (2009), preferimos tratar dos “indícios e gestos da coleta⁹” e das “lentes do processo historiográfico” que nortearam essa pesquisa. Primeiramente, expusemos os documentos e indícios acessados nessa pesquisa e como foram operadas as análises dessas informações. Em seguida, discorremos sobre as lentes que irão orientar as interpretações, dando a ler e escrever uma história ou, uma leitura do passado, nos termos de Chartier (2009), visando a construção de uma narrativa das histórias do *Turnen* no Rio Grande do Sul e a rede de interdependências que constituíram essa trama.

2.1 OS INDÍCIOS E OS GESTOS DA COLETA

O arquivo é excesso de sentido quando aquele que lê sente a beleza, o assombro e um certo abalo emocional. Esse lugar é secreto, diferente para cada um, porém, em todo itinerário ocorrem encontros que facilitam o acesso a ele e, sobretudo, à sua expressão (FARGE, 2009, p. 36).

Iniciamos essa etapa com uma citação de Arlette Farge, pois exprime o nosso sentimento ao adentrar nas histórias de tantos personagens que pululam os arquivos, acervos e documentos históricos e que ali se fazem vivos, mesmo que por “fragmentos de vida” (FARGE, 2009, p. 80). É o “sabor do arquivo”, de que fala a autora (2009), e que nos proporciona alcançar os vestígios dos “outros estranhos”. Para tecermos a

⁹ A expressão “gestos da coleta” foi retirada do título de um capítulo do livro “O Sabor do arquivo”, de Arlette Farge (2009).

trama que nos propomos narrar, se faz necessário acessar os indícios que restaram do passado. Comumente, falaríamos de fontes, contudo, em ressonância às palavras de Burke (2004), e coerente com *nossas* premissas teóricas, nos referimos nesse estudo, especialmente, a indícios:

Tradicionalmente, os historiadores têm se referido aos seus documentos como “fontes”, como se eles estivessem enchendo baldes no riacho da Verdade, suas histórias tornando-se cada vez mais puras, à medida que se aproximam das origens. [...] Como sugeriu o historiador holandês Gustaaf Renier, (1892-1962) há meio século, pode ser útil substituir a idéia de fontes pela de indícios do passado no presente. O termo “indícios” refere-se a manuscritos, livros impressos, prédios, mobília, paisagem (como modificada pela exploração humana), bem como a muitos tipos diferentes de imagens [...] (BURKE, 2004, p. 16).

A fim de garimpar esses indícios, recorreremos a revisão bibliográfica, a documentos impressos e imagéticos, determinado por nossas escolhas, bem como, por nossas limitações. Os gestos dessa pesquisa se dão a partir do manuseio e do processo de análise desses “rastros”, como também denomina Ginzburg (1989; 2007). A primeira etapa desta pesquisa recorreu a uma revisão bibliográfica em livros, artigos, teses e dissertações a respeito da história da imigração alemã no Rio Grande do Sul, das associações esportivas, especialmente voltadas para a prática do *Turnen* (ginástica), e instituições escolares. Nessa coleta, foram encontrados estudos que dissertam sobre clubes de ginástica – *Turnverein* – fundados em regiões específicas do Rio Grande do Sul e outros que buscam um olhar para além do estado.

Quanto à prática do *Turnen* nas escolas, Leomar Tesche (2002; 2004; 2011; 2013) pode ser considerado como o autor de referencia no estado do Rio Grande do Sul. Embora, a relação entre escolas alemãs e/ou teuto-brasileiras seja abordada em diferentes estudos, apresentados no capítulo específico sobre as instituições escolares, a prática do *Turnen* nas escolas do Rio Grande do Sul pouco foi investigada. Tais estudos apresentam, para diferentes espaços e com diferentes ênfases, currículos, formas, conteúdos dos processos escolares. O idioma alemão é citado, na maioria, como peça fundamental na manutenção de uma identidade étnica cultural teuto-brasileira fundamentada na concepção de *Deutschtum* (germanismo). No entanto, apesar de alguns apontamentos, a maioria não faz referência às aulas de educação física, ginástica ou *Turnen*. À exceção, Tesche (2002) apresenta algumas configurações do *Turnen* no ambiente escolar. Outros estudos, acerca de instituições

específicas, como Telles (1974), também concedem muitos indícios para a construção de nossas interpretações.

Paralelamente à busca de informações nos estudos que já foram produzidos sobre o tema, coletamos e selecionamos documentos históricos, ou, como denomina Arlette Farge (2009, p. 10), indícios “que o tempo reteve como vestígios do tempo escoado”. Para Barros (2012a, p. 130) é “tudo aquilo que, produzido pelo homem ou trazendo vestígios de sua interferência, pode nos proporcionar um acesso à compreensão do passado humano”. Este autor (2012a) alerta que a seleção dos documentos é fundamental na pesquisa histórica, pois são eles que darão legitimidade ao discurso construído pelo historiador.

O *corpus* documental, ponderando o recorte temporal desta pesquisa (1870-1920) e o fenômeno estudado, privilegia documentos impressos, como periódicos, livros comemorativos, atas e estatutos de clubes e escolas; e documentos imagéticos, a saber: fotografias e imagens encontradas nos documentos impressos. Esclarecemos que nas citações diretas de documentos impressos, optamos pela preservação da ortografia original dos documentos consultados. Dentre os intervenientes do trabalho, citamos a necessidade de tradução de grande parte das fontes consultadas. Tal empreitada, realizada pela própria pesquisadora, torna o fluir da análise e da escrita demorada e dispendiosa, pelo cuidado que exige e pelas armadilhas que podem levar a diferentes interpretações. As palavras utilizadas em cada documento, foram pensadas e escritas por alguém inserido em determinado lugar e devem, assim, ser traduzidas e pensadas no tempo de sua escritura, no sentido de seu próprio tempo.

A fim de encontrar tais indícios, recorreremos a arquivos e acervos históricos, especialmente, o Centro de Documentação (CEDOC) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), situada na cidade de Santa Cruz do Sul e o Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS, situado, em Porto Alegre, além de documentos doados de arquivos de particulares. Nesses espaços, “onde tudo se focaliza em alguns instantes de vida de personagens comuns”, nos encontramos “com existências desconhecidas, acidentadas e plenas, que misturam, como que para complicar mais, o próximo (muito próximo) e o distante, o defunto” (FARGE, 2009, p. 15).

Vale salientar, que as fontes não são entendidas enquanto testemunhos diretos do passado, mas, sim, passíveis de alterações e intencionalidades, produzidas de determinado lugar (BARROS, 2012b). Destarte, é necessário problematizar os

documentos a partir do olhar crítico do pesquisador. Afinal “o documento histórico não é concebido como um dado puro que fala por si mesmo e se oferece, objetivamente, ao historiador” (BORGES, 2003, p. 76). Para os supracitados historiadores, os documentos são produtos do sujeito ou da sociedade que os produziu.

Neste estudo, tanto os documentos impressos, quanto os documentos imagéticos, foram interrogados e confrontados a todo o momento, examinando-se os detalhes e averiguando-se as ausências. É preciso coletar, organizar, triar, cruzar, contrapor, desconfiar das consistências e atentar às sutilezas, aprendendo a “captar por trás da superfície lisa do texto” (GINZBURG, 2007, p. 287). De tal modo, os documentos adotados no estudo foram subdivididos de acordo com a especificidade, buscando uma melhor compreensão para proceder às análises, conforme segue:

a) Documentos impressos

Os documentos impressos são atas, estatutos, edições comemorativas de aniversário das associações, de localidades, de festividades, e periódicos. Dentre os documentos impressos contemplados, utilizamos jornais e recortes de jornais veiculados em alemão e português no período do estudo. Os jornais A Federação e A Discussão, foram coletados a partir da plataforma da Hermeroteca Digital Brasileira. As reportagens do jornal *Kolonie* foram coletadas no acervo do CEDOC UNISC. Recortes de jornais também foram encontrados como itens avulsos nos arquivos e acervos supracitados. Quando possível, os indícios foram fotografados, sem *flash*, para preservação dos mesmos e posterior organização e manuseio. Dos exemplares coletados, foram selecionadas informações que se enquadram nas categorias: *Turnen*, clube de ginástica, escola alemã/teuto-brasileira.

Entre os documentos impressos garimpados, destacamos o Livro Comemorativo da VII Festa de Ginástica (*Festschrift von der VII Turnfest* de 1929); os relatórios anuais da Sociedade Ginástica de Porto Alegre, entre os anos de 1904 a 1913 (*Jahresbericht des Turner-Bundes zu Porto Alegre*); o Livro em comemoração aos 25 anos da *Turnerbund* de Porto Alegre; Folhetos de programas de eventos; Compilações de textos e fotografias. Ainda, foram realizadas buscas no Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Brasil (DACOSTA, 2005); no Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul (MAZO;

REPPOLD FILHO, 2005); e no livro *Associações esportivas no Rio Grande do Sul: lugares e memórias* (MAZO et.al., 2012). A análise dos documentos impressos foi realizada seguindo os passos de catalogação, análise e cotejamento das informações, seguindo as orientações de Bacellar (2010), Farge (2009) e Ginzburg (1989).

Para Bacellar (2010, p. 53) “a paciência é uma arma básica do pesquisador em arquivos”; paciência para procurar, para encontrar, para folhear as páginas amarelas e muitas vezes quebradiças, para manter a ordem da documentação, para decodificar as diferentes ortografias, para fotografar, transcrever, traduzir e compreender, enfim, para adentrar no universo dos documentos manuscritos e impressos de outro tempo. Bacellar (2010) também fornece dicas preciosas quanto às técnicas de fichamento dos indícios e à análise dos mesmos. Refere à necessidade de atentar para a sincronia e a diacronia dos textos; ao olhar crítico sobre a produção desses indícios e a exigência da justaposição destes. Logo, as informações apresentadas e os discursos construídos nos documentos foram constantemente cruzados e interrogados. Farge (2009), no mesmo passo, discorre sobre o arquivo – propriamente acerca de arquivos judiciais – e nos apresenta, em um aprazível texto, modos de fazer e de ler os documentos.

Para a análise das informações encontradas em periódicos impressos, têm-se como referência analítica, também, os escritos de Luca (2010), que pondera sobre a complexidade da pesquisa com periódicos, tendo em vista uma produção passível de manipulação e parcialidade. Assim como os demais documentos que compõe o *corpus* documental desta pesquisa, os jornais são entendidos não como portadores de verdades, mas como instrumentos que trazem uma percepção do acontecido. Este instrumento, quando cruzado com os demais indícios dessa pesquisa, se torna um importante meio de compreensão de um tempo passado.

Luca (2010) observa alguns pontos a serem analisados, a fim de localizar o pesquisador e auxiliar em uma leitura crítica dos documentos. No que diz respeito aos jornais, estes foram localizados na história da imprensa, identificados os responsáveis e colaboradores da publicação, o público a que se destinava cada periódico e as características dos jornais, como a periodicidade, a impressão, a existência ou não de iconografias e de publicidades. Zicmann (1985, p. 90) refere-se aos jornais como “arquivos do cotidiano”, cujas informações “denotam as atitudes próprias de cada veículo de informação”, que as organiza “segundo seu próprio “filtro””. Até 1945/1950 a imprensa brasileira caracterizava-se como uma “imprensa de opinião”, ancorada em

pequenas empresas, de gestão improvisada, com ênfases políticas explícitas e um tipo específico de público-leitor alvo (ZICMAN, 1985).

De acordo com Calonga (2012, p. 85), “os impressos são produtos forjados a partir de representações contextualizadas da realidade. O que, invariavelmente, revelam formas simbólicas de luta pelo poder de representar”. Vistos como produtos do tempo, os impressos são compreendidos enquanto espaços de representações, de produção e manifestação de discursos localizados e posicionados histórica, social e culturalmente, para consumo de determinado público.

Ginzburg (1989, p. 149) propõe a operação historiográfica como um “método interpretativo centrado nos resíduos”, nas pistas, nos detalhes, nos indícios, nos pormenores. A este método ele denomina paradigma indiciário. A tarefa do historiador, segundo Ginzburg, assemelha-se a de um detetive. Assim, além dos “rastros” encontrados nos manuscritos e impressos coletados, buscamos, também, por pistas em documentos imagéticos.

b) Documentos imagéticos

Os documentos imagéticos incluem fotografias e imagens relacionadas ao estudo, caracterizadas tanto por originais fotográficos – encontrados nos acervos de centros de documentação, arquivos, museus, associações esportivas ainda em atividade e em acervos de pessoas particulares, ligadas ao associativismo e ao *Turnen* – quanto por reproduções veiculadas por periódicos e livros comemorativos. A relevância das fotografias justifica-se na afirmação de Boris Kossoy (2012, p. 78): “as fotografias, como todos os documentos, monumentos e objetos produzidos pelo homem, têm atrás de si uma história”.

Entendidas como indício histórico relevante para esta pesquisa, as fotografias/imagens foram submetidas à análise iconográfica (PANOFSKI, 1939) e interpretadas segundo os preceitos descritos por Boris Kossoy (2012). Inicialmente, foi realizada uma descrição detalhada da fotografia/imagem, sendo identificados os elementos externos que a constituem, a partir de uma contextualização espaço-temporal da mesma. Em um segundo momento, sucedeu-se à interpretação da fotografia/imagem, a fim de buscar a “realidade interior” da mesma (KOSSOY, 2012). Segundo Burke (2004) e Borges (2003), é imprescindível compreender por quem e para quem a imagem foi produzida, com qual função, em que contexto social. Afinal,

as imagens são dotadas de uma multiplicidade e variabilidade de sentidos em suas formas de produção, emissão e recepção (BORGES, 2003).

No nosso estudo, a imagem é assumida como evidência histórica capaz de testemunhar aquilo que não pode ser colocado em palavras (BURKE, 2004). Todavia, as “imagens não são um reflexo da realidade social nem um sistema de signos sem relação com a realidade social, mas ocupam uma variedade de posições entre estes extremos” (BURKE, 2004, p. 232). A fotografia é concebida como um testemunho do passado, dotado de sentidos e significados. Afinal, são tratadas como construções humanas a fim de “atestar sua presença; manifestar uma intenção; obter um resultado ou uma reação do interlocutor” (PESAVENTO, 2008b, p. 100).

As fotografias buscam recriar uma realidade, e, por conseguinte, implicam certa *performance* e teatralização. Ler a imagem significa olhar para os detalhes que, mesmo pequenos, podem ser significativos. Assim como para as ausências, que também podem apresentar informações relevantes (BURKE, 2004). As imagens são transmissoras de uma herança, representações de uma realidade vivida, a presença de algo que já passou. A imagem dá-se a ver, assim, como dá-se a ler pelo “espectador” que a contempla e nela descobre ou constrói significados, sendo passível de múltiplas interpretações. Cabe ao pesquisador a tarefa de, cuidadosamente, analisar a fotografia/imagem e alcançar a verossimilhança com o acontecido (PESAVENTO, 2008b).

Munidos de tais informações, em um processo concomitante de ações – entre coletas, análises, leituras e aprofundamentos teóricos – foram realizadas as interpretações e a construção da narrativa historiográfica, tendo como lente o referencial teórico operado por historiadores culturais, bem como, o aporte teórico produzido pelo sociólogo Norbert Elias, a partir dos seus conceitos de figuração e redes de interdependência. As lentes que orientam esse processo, através das quais irradiam nossas formas de ler e pensar os indícios e maneira como organizamos e escrevemos essa narrativa historiográfica, são melhor especificadas no próximo subcapítulo.

2.2 AS LENTES DO PROCESSO HISTORIOGRÁFICO

Palavras são janelas: um ou mais contextos se deixam aprisionar ali [...] (FARGE, 2009, p. 84).

Na narrativa que é construída no texto dessa tese de doutorado, “escutam-se” muitas vozes. Vozes daqueles que foram lidos, pensados, consumidos demoradamente ou com um olhar desatento, mas que fazem parte da bagagem teórica de cada pesquisador, nos limites de sua competência, ou, nas “imensas extensões” de sua “incompetência”, parafraseado Chartier (2010, p. 14). Logo, nos limites deste estudo, localizamos nossas compreensões no campo da História do Esporte e da Educação Física. Enquanto postura teórica, assumimos os pressupostos da História Cultural, adotando, especialmente as “noções teóricas” de prática cultural, representação cultural, identidade cultural e imaginário social. Em diálogo com tais pressupostos, a interpretação do fenômeno do *Turnen* no Rio Grande do Sul será norteada pelos conceitos de figuração e redes de interdependência, a partir dos escritos de Norbert Elias. As redes de interdependência (ELIAS, 2008) do *Turnen* em clubes e escolas do Rio Grande do Sul, na perspectiva da História Cultural, não são um dado objetivo, pelo contrário são historicamente produzidas pelas práticas (políticas, sociais, discursivas) articuladas (BURKE, 2005; CHARTIER, 2000).

A História Cultural, segundo Sandra Pesavento (2004, p. 15) trata “[...], antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2004, p. 15). Esta vertente historiográfica foi redescoberta a partir da década de 1960 pelo movimento dos *Annales*, o qual pautou uma nova atitude historiográfica. Voltou-se para “uma história-problema, viabilizada pela abertura da disciplina às temáticas e métodos das demais Ciências Humanas, num constante processo de alargamento de objetos e aperfeiçoamento metodológico” (CASTRO, 1997, p. 45).

Tal postura historiográfica diversificou e ampliou as possibilidades de estudo. Nesse leque, o estudo das práticas e representações conquistou, também, a atenção dos estudiosos da História do Esporte (BURKE, 2005). Assim, por meio de práticas e representações – neste estudo as práticas e representações relacionadas ao Movimento *Turnen* e os sentidos apropriados e atribuídos em relação a ele pelos contemporâneos daquele tempo – podemos analisar os processos, os indivíduos, as produções e manifestações culturais (BARROS, 2011). Além disso, constitui-se em

uma forma de construir as memórias do campo esportivo e da Educação Física através de uma história do *Turnen* em clubes e escolas do Rio Grande do Sul.

Vamplew (2012, p. 6) afirma que “a história do esporte pode ser considerada como a memória esportiva de uma nação”. O campo de investigação da História do Esporte e da Educação Física¹⁰, no cenário internacional, vem se consolidando, desde 1960, como espaço interdisciplinar que aproxima teorias, metodologias e pesquisadores, tanto da Educação Física quanto de outras áreas do conhecimento como a Antropologia, a História, a Psicologia, a Sociologia (MELO; FORTES, 2010), a Economia. A perspectiva da História Cultural, possibilita e favorece o diálogo do campo específico com demais domínios.

Para os estudiosos da cultura, o foco converge para a dimensão simbólica e suas interpretações. Dentre as muitas concepções do termo “cultura”, Roger Chartier (2010, p. 16), adota, de forma “provisória”, como atenta, aquela que vincula as “produções simbólicas e as experiências estéticas subtraídas às urgências do cotidiano, com as linguagens, os rituais e as condutas, graças aos quais uma comunidade vive e reflete sua relação ao mundo, aos outros e a si mesma”. Cultura remete aos modos de vida e de pensamento, organizados enquanto um sistema de símbolos e representações carregadas de valores, que fazem sentido no grupo social e orientam as relações entre os indivíduos e seus comportamentos (CUCHE, 1999).

O conceito de representação é a chave mestra dos pressupostos operados pela História Cultural. Por meio de representações que constroem sobre a realidade, “indivíduos e grupos dão sentido ao mundo” (PESAVENTO, 2004, p. 39). Representações são produzidas e reproduzidas; apresentam e produzem as realidades; são determinadas pelos interesses – conscientes ou inconscientes – do grupo que as utiliza e as forja. De lado a lado, nas associações esportivas e escolares, os grupos étnicos teuto-brasileiros construíram e reproduziram representações de suas realidades. Por meio de um conjunto de significações e produção de estratégias particulares, os sujeitos e as associações se identificavam e eram identificados.

A partir da representação os grupos sociais podem ser classificados, diferenciados e reconhecidos simbolicamente (CHARTIER, 2000). De acordo com

¹⁰ Bottenburg (2016) atenta à necessidade de um reexamine crítico acerca de análises de modelos unidirecionais de difusão esportiva, bem como às formas de difusão das práticas. O texto trata, especificamente, de estudos em contexto europeu. Contudo, tais reflexões também devem ser ponderadas para estudos no campo da História do Esporte e da Educação Física no Brasil.

Roger Chartier (2000, p. 23), a noção de representação possibilita articular as estratégias de delimitação produzidas pelos grupos, “as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição” e as formas institucionalizadas que intentam legitimar e distinguir determinados sujeitos ou coletividades.

Os mecanismos empregados pelos grupos para impor sua forma de pensar e estar no mundo são produzidos nas controvérsias e disputas pelo poder de representar, ou, pelas “lutas de representação” (CHARTIER, 2000, p. 17). Para Pesavento (2004, p. 41) “a força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social”. Ao atribuir representações às associações esportivas e escolares, os grupos de imigrados teuto-brasileiros se identificaram e se diferenciaram de outros grupos como, por exemplo, os luso-brasileiros. Nesse movimento, as práticas culturais e sociais permitiram seu reconhecimento enquanto teuto-brasileiros e, desse modo, a reivindicação de uma posição diante da sociedade. Estes grupos, no entanto, se transformavam e se adaptavam de acordo com as novas circunstâncias, em um estado permanente e fluído de tensões entre os sujeitos envolvidos. Esse conjunto de representações sociais produzidas por homens e mulheres a fim de dar sentido ao seu mundo, quando compartilhado por uma coletividade é chamado de imaginário (PESAVENTO, 2004). No mesmo passo, Barros (2007, p. 27) deduz que imaginário consiste em um sistema “complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas”.

Mais um conceito que se situa no centro da construção social das representações é o das sensibilidades, conforme Pesavento (2008a). As sensibilidades implicam o sentido, a razão e os sentimentos expressos pelos homens em determinado momento para qualificar a realidade. Tal conceito não é operado analiticamente, contudo permeia o nosso olhar sobre os indícios, pois, assim como coloca Pesavento (2008a, p. 11), esta é a meta buscada por todo historiador, “essa impressão de vida ou força vital deixada pelos homens do mundo”. Todavia, um novo cenário também implica negociações e adaptações culturais e sociais. Os clubes esportivos do Rio Grande do Sul se estabeleceram enquanto espaços de sociabilidade e, também, de preservação, afirmação e negociação de identidades. Conforme Silva, Pereira e Mazo (2012, p. 5), “a ginástica era uma representação coletiva, tendo em

vista que sua prática refletiria a maneira como o grupo se vê: saudável, virtuoso, forte”. Esta concepção, traduzida para outro espaço, o Brasil, fortificava laços com a “velha pátria”, desenvolvendo um duplo movimento de busca pela preservação e de recriação de uma cultura alemã.

As identidades culturais são construções históricas inseridas em determinado contexto social e que, no decorrer das transformações do tempo e do espaço, são também modificadas. Como produto de tempo, de uma sociedade, dos valores e códigos compartilhados, a identidade cultural não é inerente ao sujeito, não nasce com ele, mas é produzida em uma relação de interdependência com o diferente e com o semelhante (CUCHE, 1999; WEBER, 2006; SILVA, 2000). As diferenças são marcadas por representações e símbolos dotados de eficácia social e cultural, ou seja, que produzem um sentido de pertencimento e, ao mesmo tempo, de distinção e são reconhecidas pelos seus e pelos “outros” (SEYFERTH, 1994; CUCHE, 1999; WOODWARD, 2000). Cabe a ressalva que não havia uma unidade territorial alemã anterior a chegada dos imigrados ao sul do Brasil. A definição classificatória “alemães” foi um processo estabelecido no “novo mundo”, assim como, a “teuto-brasileira” (WEBER, 2002). Segundo Correa (2004, p. 35), “as identidades regionais dos imigrantes foram sendo negociadas e resultaram – por meio de interações intra e intergrupais – na formação de um grupo étnico alemão antes mesmo da unificação da Alemanha” em 1871¹¹.

A formação de uma identidade étnica teuto-brasileira é fruto do próprio processo de colonização, sendo que “o elemento mais concreto dessa etnicidade é o sentido de comunidade baseado na história comum da colonização” (SEYFERTH, 1994, p. 6). Caracteriza-se etnicidade como um conjunto de identificadores culturais com base na descendência comum (alemã), sendo compartilhado pelos membros de uma coletividade – o grupo étnico – através da interação social (COHEN, 1978). Portanto, também estabelece limites entre os grupos e pode ser usada para afirmar e manipular uma identidade étnica (SEYFERTH, 1986).

No período republicano, as mudanças socioculturais emergentes e o maior contato interétnico, reforçaram a afirmação e manutenção de uma identidade teuto-brasileira. Abarcando uma cultura e uma história comum, e sobreposta a uma retórica

¹¹ Os primeiros alemães que chegaram ao sul do país eram bávaros, prussianos, renanos, e outros, sendo as diferenças entre esses grupos acentuadas através dos costumes, da língua e da região.

de sangue “alemão”, o termo teuto-brasileiro é utilizado para designar os imigrantes e descendentes de alemães no Brasil (SEYFERTH, 1992, p. 1). A fim de legitimar uma identidade teuto-brasileira, um conjunto de representações e símbolos foi apropriado pelos sujeitos que partilhavam tal identidade cultural étnica. Este conjunto foi chamado de germanismo, ou, *Deutschtum*. Desta forma, também sugere um discurso que busca a produção de um todo homogêneo, definindo o que está incluído ou excluído culturalmente do grupo. A língua, a religião, o *Turnen*, fazem parte desse discurso.

A manutenção do *Deutschtum* e do sentimento de pertencimento étnico ao povo alemão, favorecia a identificação de grupos como teutos. No passo que pelo âmbito da cidadania se consideravam brasileiros, assumindo o país como nova pátria e ansiando por direitos como tais (GERTZ, 1994). Entretanto, esta divisão binária não deve desconsiderar a possibilidade de apropriação de traços culturais brasileiros, decorrente de um processo histórico de negociação de identidades (SILVA, 2005b). Afinal, “muitas das características de distinção foram sendo substituídas com o passar do tempo, outras sendo agregadas, algumas mais fortemente ressaltadas na medida em que o grupo demarcava seus limites à integração” (SILVA, 2005b, p. 300).

Ressalta-se a utilização, neste estudo, de artigo feminino indefinido precedendo o termo identidade. Esta escolha tem uma razão, também, conceitual, pois acreditamos que tal terminologia deva ser sempre pensada no plural, mesmo com relação a uma especificidade como a teuto-brasileira. O singular gramatical tende a ser excludente, redutível e, por vezes, injusto, não dando conta da pluralidade do mundo. Em outras palavras, defendemos que existem identidades teuto-brasileiras, com representações que convergem e divergem dentro do próprio grupo de pertencimento étnico.

No sul do Brasil, imigrantes e descendentes de alemães buscaram resguardar limites identitários e construíram representações em clubes esportivos e instituições escolares, localizando os indivíduos no sistema social (CUCHE, 1999). Segundo Maschio (2008, p. 67), a escola, como produção histórica e instância cultural, representa “um espaço de manutenção de valores, costumes e crenças relacionadas ao pertencimento de cada etnia”, e como tal, pode também apresentar “relações conflitantes, confrontos e interações”. Podemos estender estas contribuições também aos clubes e aos grupos que neles constroem sentidos intrínsecos e extrínsecos através de práticas culturais (SILVA; MAZO, 2015). E, indo além, buscar pelas representações construídas pelas relações entre os diferentes personagens e lugares

que compõe a figuração do Movimento *Turnen*, enquanto prática cultural apropriada nesses espaços.

De acordo com Barth (1969), afirmar uma identidade pressupõe se opor à outra(s), estabelecer diferenças entre o nós e o eles, marcar fronteiras de determinação do grupo étnico valendo-se de diferenças culturais persistentes. Tais diferenças seriam definidas pelo próprio grupo, a partir dos seus critérios de valorização, significação e manifestação (BARTH, 1969). Entretanto, como sujeitos sociais, estes critérios e valores são também construídos em uma relação de interdependência com configurações externas ao grupo. Assim como a própria identidade, as diferenças não são imutáveis ou invariáveis, os grupos não são homogêneos, fixos e imunes a todo o complexo social em que estão inseridos. Elias (2008, p. 109) afirma que “a larga rede de dependências e interdependências que hoje ligam as pessoas situa-se entre os aspectos mais elementares da vida humana”.

Nesse estudo buscamos aproximar os diálogos produzidos pela História Cultural no nosso tempo, e a teoria sociológica de Elias, no seu tempo. É preciso situar intelectualmente as obras de Elias a seu tempo¹², contudo isso não significa “atenuar sua força inovadora”, especialmente pelos “conceitos fundamentais postos em ação na análise” (CHARTIER, 2001, p. 12). “É preciso lê-lo, como os clássicos, inscrevendo-o em seu tempo, escutando-o no presente” (CHARTIER, 2001, p. 25)¹³.

Elias (2001), na sua contemporaneidade, critica as formas de fazer história e o faz com posicionamentos que se aproximam às proposições defendidas, atualmente, por historiadores culturais. Dentre as críticas, Elias aponta que a história – na década de 1930, quando escrevia a obra - evidencia “indivíduos singulares”, destacando “séries de acontecimentos únicos do passado”, acumulando “ações isoladas de pessoas isoladas, sem conexão entre si”, como seres socialmente independentes (ELIAS, 2001, p. 28-29-30). Enquanto que na sociologia a evidência encontra-se nas “posições sociais”, na dinâmica de desenvolvimento dessas posições, nas relações de dependência recíproca entre os indivíduos singulares (ELIAS, 2001, p. 28-29). Elias, estuda o passado, contudo não estuda os indivíduos como livres e únicos, mas, sim, as “posições que existem independentemente deles e às dependências que

¹² Acerca das críticas à obra de Norbert Elias ver Dunning (1992).

¹³ Roger Chartier, em texto publicado como capítulo do livro “A História Cultural: entre representações e práticas” e como prefácio da obra de Norbert Elias, “Sociedade da Corte” – com pequenas diferenças de tradução – aborda as categorias e análises desenvolvidas por Elias quanto à figuração (*Figuration*), habitus, sociedade.

regulam o exercício de sua liberdade” (CHARTIER, 2001, p. 7). Assim, busca as funções exercidas pelos sujeitos, as formações sociais que qualificam a sociedade, como, por exemplo, a Corte, e as redes que a compõe (ELIAS, 2001).

Para fins deste estudo, adotamos os conceitos de redes de interdependência, figuração (ou configuração)¹⁴ e *habitus*, bem como, algumas noções inerentes a estas (ELIAS, 1997; 2001; 2008). Uma figuração é definida como um conjunto dinâmico de pessoas que se inter-relacionam, estabelecendo relações interdependentes e mutáveis. Elias (2001) compara a noção de “figuração” com a noção de “sistema” e justifica o termo por ele cunhado. Aponta que a primeira tem como característica principal referir-se a um agrupamento dinâmico de pessoas, enquanto a segunda não ocupa-se, especificamente, de indivíduos e refere-se com mais frequência a modelos estagnados e não a processos.

Dentre as características estruturais do processo de cada figuração, Norbert Elias salienta o “equilíbrio flutuante e elástico e um equilíbrio de poder”, que move-se ora para um lado, ora para o outro (ELIAS, 2008, p. 143). Ao analisar o conceito de “poder” nas obras de Norbert Elias, Silva et al. (2014, p. 258) assinalam que na dinâmica das interdependências existe uma “busca incessante dos indivíduos e grupos no sentido de se garantir o equilíbrio de poder”. Elias (2008, p. 22) se refere a sociedade como o “campo das relações humanas”, onde as forças sociais são “exercidas pelas pessoas, sobre outras pessoas e sobre elas próprias” (ELIAS, 2008, p. 17). Este referencial teórico contribui para focalizar a teia de relações humanas do *Turnen* na sociedade sul rio-grandense, construída por indivíduos singulares inseridos em figurações. Estes indivíduos exercem forças sociais uns sobre os outros, de forma mutuamente dependente, se aproximando e se distanciando através de representações e códigos, em um equilíbrio sempre instável de poder, mas necessário a manutenção da formação.

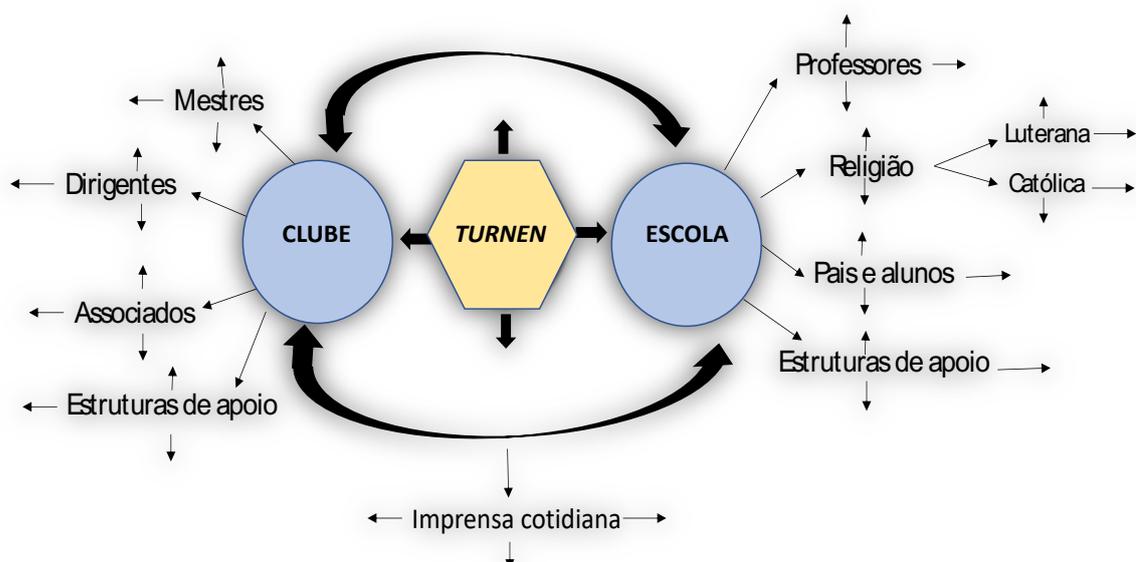
As posturas, os modos de pensar e agir, as metas, os valores, as condutas, os códigos compartilhados e interdependentes, definem o *habitus* dos indivíduos, os distinguem e os legitimam em determinada coletividade (ELIAS, 2001). O *habitus* é flutuante, dinâmico, muda, acumula-se com as experiências, mas é sedimentado socialmente. Em cada grupo de pertencimento existem determinados códigos de comportamento “no convívio social e de expressão de sentimento” (ELIAS, 1997, p.

¹⁴ Apesar de muitas traduções que definem o termo “*Figuration*”, como cunhado por Norbert Elias, como “configuração”, optamos, nesse estudo, por utilizar a tradução “figuração”.

39). Em uma perspectiva histórica cultural, buscamos apreender e compreender como se constituem os *habitus* através das representações dos homens do passado. A História Cultural permite um olhar diferenciado sobre as análises sociológicas de Elias, ao mesmo passo que as análises de Elias permitem a ampliação do olhar histórico sobre os indícios e as suas relações. Um complementa o outro, como aponta o próprio autor (ELIAS, 2001, p. 58).

Na rede que compõe o fenômeno do Movimento *Turnen* no Rio Grande do Sul salientamos os clubes, seus dirigentes, associados, instrutores¹⁵ de ginástica e de práticas esportivas, praticantes, bem como, as escolas e seus personagens, as diretrizes confessionais e as estruturas de apoio às instituições referidas. Dentre as estruturas de apoio aos clubes e escolas, apontamos, amigos ou simpatizantes do *Turnen*, outras entidades, revistas próprias e outros impressos, e o Banco Brasileiro para a Alemanha (*Brasilianischer Bank für Deutschland*). A figura abaixo representa alguns elementos que fazem parte dessa complexa figuração, com redes de inter-relações múltiplas e diversificadas, que se pretende compreender “mediante análise dos elos de interdependência” (ELIAS, 2008, p. 143).

Figura 1 – Redes de interdependência do *Turnen* no Rio Grande do Sul



FONTE: Elaborada pela própria autora.

¹⁵ Este termo busca abarcar professores, monitores e instrutores de ginástica e de outras práticas esportivas.

As lentes aqui apresentadas nortearam o olhar lançado sobre os indícios analisados, neste estudo, e as interpretações realizadas. A narrativa historiográfica que redigimos não se propõe enquanto o real acontecido, mas busca produzir uma “leitura do tempo” e tem como intenção a busca pelo real acontecido, embora cientes de sua provisoriedade diante da imponderável dimensão do passado. Sustentada nessas concepções, buscamos no próximo capítulo apresentar o *Turnen* enquanto prática cultural alemã irradiada para o sul do Brasil.

3. *TURNEN*: uma prática cultural alemã no Brasil

*Frisch, fromm, fröhlich, frei.*¹⁶

Turnen (ginástica), em sua especificidade, é compreendida enquanto prática sociocultural constituída na Alemanha – ou no território que hoje compreendemos como Alemanha – e difundida em comunidades marcadamente germânicas, seja no contexto europeu ou em espaços onde instalaram-se imigrantes e descendentes de alemães. Embora, traduzida por Tesche (1996) como ginástica, seus sentidos extrapolam a prática da ginástica e dos exercícios físicos e englobam apropriações muito mais amplas de corpo e de sociedade. No Brasil, o Movimento *Turnen* se propagou em diferentes localidades com núcleos alemães ou de teuto-brasileiros.

Nesse capítulo abordaremos, primeiramente, a emergência do Movimento *Turnen* nos estados alemães no século XIX e as especificidades dessa figuração no contexto específico. Em seguida, buscamos compor um panorama acerca desse movimento no estado do Rio Grande do Sul/ Brasil, a partir da associação de sujeitos singulares em instituições sociais específicas para tal finalidade, as Sociedades de Ginástica, conhecidas naquele tempo como *Turnvereine*¹⁷.

3.1 MOVIMENTO *TURNEN* NA ALEMANHA

A ginástica emergiu nos estados alemães como uma prática corporal que, além de criar corpos fortes e saudáveis, seria capaz de unir uma nação. No início do século XIX, quando essa prática foi idealizada, a Alemanha não era um território unificado. Este processo apenas foi concluído no ano de 1871 com a fundação do Império Alemão sob a liderança do Reino da Prússia.

O Movimento *Turnen* (*Turnbewegung*) na Alemanha do século XIX estava fortemente intrincado com as correntes intelectuais e com as mudanças políticas, sociais e econômicas do período, como o Iluminismo, a Revolução Francesa, a nova ordem política da Europa e os avanços tecnológicos. Nesse contexto, apareceram ideias e concepções sobre educação, unidade nacional, patriotismo e a vontade de

¹⁶ Vigoroso, devoto, alegre, livre.

¹⁷ No dicionário alemão atual (Langenscheidt), *Turnverein* é traduzido como clube esportivo.

lutar por uma pátria unificada. Dentre essas concepções está o *Turnen*, desenvolvido por Friederich Ludwig Jahn, como movimento comprometido politicamente e cujo objetivo central era preparar homens fortes para lutar pelo país (HOFMANN, PFISTER, 2004). “Jahn incita não apenas uma renovação pedagógica, mas um movimento social (*Turnbewegung*)” conforme Silva (2005b, p. 152).

Nos estudos sobre o *Turnen*, são destacados, em especial, três teóricos que atuaram de forma basilar na construção dos preceitos que constituíram a prática: Guts Muths (*1746+1827), Friederich Ludwig Jahn (*1778+1852) e Adolf Spiess (*1810+1858). Guts Muths, baseado no cientificismo biológico, na fisiologia e anatomia do corpo humano, idealizou o sistema pedagógico e didático do método alemão de ginástica, designado por ele de *Gymnastik* (ginástica). Tesche (2002, p. 61) considera este método, o princípio da educação física obrigatória e da “ginástica moderna”. Guts Muhts era adepto da competição e da sistematização dos exercícios por ordem de dificuldade. Para ele, a prática era um “meio educativo fundamental da nação, disseminando cuidados higiênicos com o corpo e o espaço”, devendo ser ministrada “todos os dias para todos: homens, mulheres e crianças” (SOARES, 2007, p. 53-54). Guts Muths pretendia vincular a *Gymnastik* à escola, enquanto Friederich Ludwig Jahn fundou os *Volksturnplatzen* (campos de ginástica populares) – de entrada livre e autônomos com relação ao estado – a fim de ofertar a possibilidade do exercício corporal “patriótico” aos jovens de toda a nação (ZIESCHANG, 1977).

Em oposição a qualquer estrangeirismo, Jahn aplicou o termo *Turnen* – e suas derivações – aos seus exercícios e práticas, como meio de legitimar a sua produção como originalmente alemã, agregando novos sentidos à ginástica (LEONARD, 1971). Influenciado pelos ideais nacionalistas, Jahn aderiu às contribuições de Guts Muths, reforçando o caráter militar, cívico e patriótico da ginástica (SOARES, 2007). “Com Jahn e seus sucessores, a “ginástica” de Guts Muths, no contexto de uma genérica “educação para as pessoas”, passou a ser um *turnen* como forma de “educação nacional”” (KRÜGER, 2011, p. 21).

Jahn foi, também, o idealizador dos primeiros aparelhos ginásticos e, além dos exercícios nestes equipamentos, também introduziu jogos e “exercícios populares” (*volkstümliche Übungen*), que, segundo Pfister (2011), condizem com exercícios de atletismo e natação. Logo, *Turnen* carrega em sua concepção um amplo quadro de práticas esportivas, para além da ginástica propriamente, como corrida, saltos, levantamentos, escaladas, esgrima, natação e lutas (HOFMANN, PFISTER,

2004). Tais práticas eram realizadas nas festas do *Turnen* (*Turnfeste*), em torneios específicos e nas excursões dos grupos de ginastas ou associados.

Adolf Spiess apresentou em meados da década de 1840 uma proposta de reestruturação do *Turnen* escolar nos estados alemães. Spiess, que foi educado sob a metodologia de Guths Muths, é retratado por Tesche (2002, p. 71) como “o disciplinador” que buscava através de seu método a “submissão civil”. “Seu projeto era de exercitar a ginástica na escola por classe e gradualmente realizar exames e distribuir notas como em qualquer disciplina escolar”, visando o aprimoramento e a sistematização dos movimentos (TESCHE, 2002, p. 70). Segundo Krüger (2011, p. 22) “Adolf Spiess pode ser considerado formador estrutural e estilístico para o desenvolvimento teórico e prático do *turnen* escolar na Alemanha”.

Na historiografia alemã e brasileira, a figura mais afamada é Friederich Ludwig Jahn, reconhecido como *Turnvater*, o “pai da ginástica”. A ginástica a partir dos preceitos de Jahn espalhou-se pelos estados alemães e culminou na criação de diversos espaços voltados à prática cultural do *Turnen*. Para estas entidades, assim como para aquelas fundadas no Rio Grande do Sul tempos depois, Jahn era símbolo de uma identidade nacional alemã.

A década de 1810, pode ser considerada o período de emergência e consolidação do *Turnen* de Jahn. Já em 1816, foi reportado um número superior a mil adeptos da prática somente em Berlim (LEONARD, 1971). Entretanto, após a derrocada de Napoleão (1819), às opiniões e aos comportamentos de Jahn sucederam hostilidades por parte das autoridades prussianas. O movimento nacionalista, manifestado pelo *Turnen*, passou a ser considerado uma traição. O *Turnen* foi, então, banido da Prússia e Jahn detido (LEONARD, 1971; HOFMANN; PFISTER, 2004). No entanto, a prática não foi suspensa em grande parte dos estados alemães. Leonard (1971) salienta que, entre 1820 e 1840, organizações já consolidadas continuaram em funcionamento e novas sociedades, destinadas para homens, foram criadas para o exercício regular da ginástica. Em 1842 a proibição da prática no território prussiano foi cessada. O *Turnen* ocupava, novamente, lugar na educação de homens e meninos (HOFMANN, PFISTER, 2004).

Nesse período, ideias liberais e agitação política rondavam a Europa. O anseio pela unidade nacional ficava cada vez mais forte. Foram criados muitos clubes de *Turnen*, conhecidos como *Turnverein*, os quais estavam assentados em um viés político pela busca por uma pátria unificada (TESCHE, 2013). De acordo com Hofman

e Pfister (2004), essas associações eram centros de discussões e atividades políticas, com discursos que clamavam por liberdade e igualdade. Tais anseios estavam articulados com as propostas nacionalistas do *Turnen*, segundo explicita Elias (1997, p. 90):

[...]o que Jahn entendeu por ginástica nada tinha a ver com a ginástica formalizada e equipada com elaborados aparelhos, a qual, num período ulterior, tornou-se instrumento de educação política. O próprio Jahn rejeitou toda e qualquer forma de disciplina e treinamento. A ginástica tampouco tinha que ser uma obrigação; todo o participante devia ser capaz de estruturar ele próprio a sessão, cada devia estar apto para o exercício que sentisse vontade de fazer. Até a ginástica por equipes era considerada restritiva no seu círculo. Somente os exercícios e jogos voluntários que satisfizessem as necessidades dos participantes individuais estavam em harmonia com os ideais dessa época. Assim, os jogos e exercícios de Jahn eram tudo menos propícios a uma conduta submissa. Muitos membros das primeiras confrarias nacionalistas gostavam desse tipo de ginástica precisamente porque não eram forçados a praticar formas rígidas e inflexíveis, e era dada à liberdade individual amplas oportunidades dentro de uma estrutura para todos.

Embora a citação acima apresente indícios de uma perspectiva da ginástica como prática corporal atravessada por ideias de liberdade, Elias (1997, p. 50) também destaca que havia uma estrutura “hierárquica e autoritária” destas instituições. Com a retomada do Movimento *Turnen* no território alemão, foram retomados também os encontros e festividades entre as entidades coirmãs. O maior evento associado ao *Turnen*, no período, aconteceu na cidade alemã Heilbronn, em 1846. Com a presença de 32 sociedades de *Turnen*, contabilizando 3.400 membros, foi aprovado o símbolo do movimento: “*frisch, fromm, fröhlich, frei*” (vigoroso, devoto, alegre, livre), os 4F’s. (KRÜGER, 2011). Este lema é seguido até os dias atuais em sociedades alemãs e foi apropriado como representação cultural e símbolo visual – presente em fachadas de prédios e em publicações no jornal, por exemplo – por associações de *Turnen* fundadas no Brasil.

Apesar do termo “devoto” compor o lema das *Turnvereine* e dos “traços puritanos” das entidades, Krüger (2011, p. 41) afirma que a religião “não teve importância explícita na teoria e ideologia do *turnen* nem de sua prática escolar e social”. Quanto aos seus adeptos, existia uma maioria de confissão protestante, destacando-se o envolvimento de pastores evangélicos, seus filhos e professores nas associações. No entanto, a confissão religiosa “não representava critério

discriminatório no *turnen* em sociedade e nas escolas. Praticava-se o *turnen* tanto em escolas evangélicas quanto católicas (nestas, um pouco menos) e judaicas” (KRÜGER, 2011, p. 42).

Baseado nos estudos de Düding (1984), Krüger (2011, p. 19-20) destaca três momentos do movimento *Turnen*: o movimento “pré-março, fortemente cunhado por Friederich Jahn, e o *turnen* de Janh; por segundo, o movimento *turnen* em sociedades, que desabrochou em torno da revolução de 1848/49; finalmente, por terceiro, o período da fundação do império alemão”, em 1871. Em fins da década de 1840, especialmente com as revoluções de 1848/49, o envolvimento das sociedades em manifestações políticas, culminou em ações de repressão ao movimento. Em 1850, por exemplo, foi promulgada uma lei permitindo a supervisão policial das atividades das associações, a obrigação do registro de estatutos e a proibição do contato (pessoal e por correspondência) entre as sociedades, afetando diretamente as Festas de Ginástica (TESCHE, 2013). No passar dos anos, até a unificação do Império Alemão (1871), a instabilidade política e os confrontos com o governo prussiano aumentaram. A despeito das ações sucedidas, a organização dos clubes de ginásticas retomou trajetória ascendente, especialmente, na década de 1860. Em 1868 foi fundada a *Deutscher Turnerschaft* – Federação Alemã de Ginástica – “formada “pela união das sociedades ginásticas alemãs”, com o propósito de elevar a “ginástica alemã como meio para o fortalecimento corporal e espiritual” (DTZ, 1868, p.177 apud QUITZAU, 2016, p. 50). Para este fim, estabeleceu determinadas disposições, como:

[...] promoção de um funcionamento organizado do *Turnen*; festas e encontros ginásticos; a composição de um comitê e de um caixa a ser administrado por ele; a adoção do *Deutsche Turnzeitung*¹⁸ como seu meio de comunicação; a execução de relatórios e levantamentos estatísticos tanto do *Turnen* escolar quanto do associativo (QUITZAU, 2016, p. 50).

A entidade era favorável à unificação do Império Alemão – que ocorreu em 1871 – posicionava-se apartidária, assumia a laicidade e buscava, através do *Turnen*, educar os homens para atuar em prol de sua pátria (QUITZAU, 2016). Neste período o movimento assumiu novos contornos. “O *Turnen* já não era sinônimo da ideia político-oposicionista da liberdade, senão de uma cultura e pedagogia – afirmativa,

¹⁸ Periódico oficial da Federação Alemã de Ginástica.

nacionalista e defensora do Estado – do corpo, da postura do corpo e do movimento” (KRÜGER, 2011, p. 31). Importa destacar que o movimento *Turnen* foi concebido por homens, apropriado como meio de exibir e representar o indivíduo “masculino”, com discursos que exaltavam a prática deles e coíbiam a participação delas na prática. Apesar de todos os preconceitos, da posição contrária da igreja católica e da resistência da própria *Deutscher Turnerschaft*, paulatinamente elas encontraram espaços para a prática (PFISTER, 2011).

No Brasil, a emergência do *Turnen* corresponde ao “terceiro momento” identificado por Krüger (2011) na Alemanha. Os primeiros clubes de *Turnen* foram criados entre as décadas de 1850 e 1860, por imigrantes alemães e descendentes que colonizaram, especialmente, o sul do Brasil. Este contingente europeu buscava por melhores condições de vida e possibilidade de acesso à propriedade da terra. À medida que o governo brasileiro promovia iniciativas para a implantação de um sistema de colonização no Brasil, as dificuldades encontradas nos estados europeus incitavam os fluxos migratórios. Para o Estado brasileiro intentava-se povoar terras devolutas, diversificar a economia do país, e “branquear” a população (PICCOLO, 1997; SEYFERTH, 2000; GRUTZMANN; DREHER; FELDENS, 2008). Segundo Woodward (2000), o governo brasileiro prometia benefícios como cidadania brasileira, tanto para civis quanto para militares; passagem e alimentação gratuita; terras em doação; isenção de impostos; e, recursos, como materiais e animais, para o trabalho. Na Europa, em contrapartida, problemas socioeconômicos, agravados pelo excedente populacional e pela industrialização, decorriam em êxodo rural, aumento desenfreado da área urbana, da criminalidade, de doenças e da pobreza. A situação europeia somada às promessas tentadoras de agenciadores do governo brasileiro e agências privadas, culminou na imigração de contingente significativo de europeus, dentre eles os alemães (LAZZAROTO, 1982; SEYFERTH, 1994).

O marco inicial da colonização alemã no sul do Brasil é datado de 18 de julho de 1824, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul (SEYFERTH, 1994). Nesta data, aportaram em Porto Alegre, antiga capital da Província de São Pedro do Rio Grande¹⁹, 38 alemães trazidos por Jorge Antônio Von Shaffer. Em 25 de julho do mesmo ano, foram encaminhados a um estabelecimento agrícola do império que não dera resultados e já estava desativado: a Feitoria de Linho

¹⁹ Atual estado do Rio Grande do Sul.

e Cânhamo. Em homenagem à Imperatriz Dona Leopoldina, o primeiro núcleo de alemães no Rio Grande do Sul foi chamado de “Colônia alemã de São Leopoldo” (LAZZAROTO, 1982). A partir daí muitos foram os alemães que se instalaram em localidades no sul do Brasil.

Após um período de estagnação (1830-1845), a colonização alemã no sul do Brasil foi retomada através de empreendimentos públicos²⁰, por iniciativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e privados²¹, a partir de demandas de empresas e iniciativas de particulares (ROCHE, 1969; LANDO; BARROS, 1981). Em cidades como Porto Alegre desenvolveram-se núcleos coloniais alemães, concentrados em determinados bairros, especialmente, devido à imigração denominada por Seyferth (2017) como espontânea, impulsionada pelos processos de industrialização. A imigração alemã no Brasil compreende o período entre 1824 e 1960, quando encerra oficialmente. Entre os anos de 1850 e 1919 se caracterizou por entradas constantes de imigrantes alemães. Após 1920 foi observado um aumento considerável de imigrantes ingressos no país devido às dificuldades do pós Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A partir de 1938 os números se tornam inexpressivos. No total vieram ao Brasil aproximadamente 235 mil imigrantes de origem germânica, dentre os quais, camponeses, trabalhadores das áreas urbanas, também imigraram artesãos, técnicos especializados, refugiados políticos, ex-militares, pequenos empresários, intelectuais (SEYFERTH, 1994).

Associações sociais e esportivas teuto-brasileiras começaram a se formar no estado a partir de meados do século XIX, quando imigrantes adquiriram certa estabilidade econômica (ROCHE, 1969) e “já se havia providenciado para que não faltasse a instrução por meio das escolas e a vida religiosa através das igrejas” (CENTENÁRIO..., 1952, p. 229). Estudos apontam para o associativismo teuto-brasileiro como uma “mania” alemã (AMSTADT, 2005), “um prazer em agrupar-se” (ROCHE, 1969) em entidades sociais. Para Mazo (2007, p. 494), as associações esportivas podem ser vistas “como um mecanismo de afirmação da identidade cultural teuto-brasileira” e expressão de uma consciência coletiva do grupo.

²⁰ Em decorrência dessa lei, fundou em São Pedro do Rio Grande do Sul, atual estado do Rio Grande do Sul, as colônias provinciais de Santa Cruz do Sul, Santo Ângelo, Monte Alverne, Nova Petrópolis.

²¹ Como exemplo de colônias privadas cita-se as localidades de Teutônia e Serro Azul Para Amstadt (2005) a colonização por empresas tinha como uma das “vantagens” a separação étnica e confessional da localidade.

Dentre as associações esportivas fundadas no Rio Grande do Sul, destacamos neste estudo aquelas voltadas para a prática cultural do *Turnen*. A palavra “associação” representa uma coletividade de pessoas que se reúnem por objetivos em comum (BOUDON, 1990). Desta forma, a expressão “associação esportiva”, é compreendida como um agrupamento de indivíduos que se reúne em torno de uma ou mais práticas esportivas (SILVA; MAZO, 2015). A participação em uma associação era voluntária, mas, muitas vezes, dependia da aprovação do grupo, principalmente por parte dos dirigentes. A decisão do grupo com relação ao novo associado era atravessada pelos desígnios conscientes ou inconscientes, relacionados aos códigos da interação social, às dependências recíprocas com os demais sujeitos daquele grupo, às sociabilidades e ao lazer, à construção de símbolos e representações, entre outros. Perante tais considerações, o conceito de associativismo, na presente pesquisa, abarca os termos sociedade e clube. Desse modo, no próximo subcapítulo tratamos de composições do *Turnen* no Rio Grande do Sul, apontando para a emergência das *Turnvereine* (sociedades de ginástica) em diferentes localidades no período desse estudo, a fim de assentar esse cenário sociocultural na narrativa.

3.2 COMPOSIÇÕES DO *TURNEN* NO SUL DO BRASIL

Os clubes de ginástica, desde sua fundação e ao longo de décadas eram nomeados de *Turnverein*, termo do idioma alemão, que na tradução para a língua portuguesa significa Sociedade de Ginástica. Estas sociedades, compreendidas enquanto associações esportivas, promoviam a prática do *Turnen*. Dentre as práticas de *Turnen*, a ginástica era privilegiada pelos pioneiros das associações.

A primeira sociedade de ginástica do estado surgiu no dia seis de novembro de 1867 na capital Porto Alegre, chamada *Deutscher Turnverein de Porto Alegre* (Sociedade Alemã de Ginástica de Porto Alegre). No princípio, oferecia apenas a prática da ginástica. Dois anos após sua fundação, incorporou, também, a prática do tiro ao alvo, passando a chamar-se *Deutscher Turn- und Schützverein* (Sociedade Alemã de Ginástica e Tiro ao Alvo), segundo Silva (1997). No entanto, em 1876, ocorreu a divisão desta sociedade, separando os atiradores dos praticantes de ginástica. Estes últimos ramificaram-se em outros dois clubes, no ano de 1887: a *Deutscher Turnverein* (Sociedade de Ginástica) e o *Turn-Klub* (Clube de Ginástica).

Todavia, em abril de 1892, os ginastas se unem novamente, emergindo a *Turnerbund* (Liga de Ginástica) (SILVA, 1997; MAZO et al., 2012). Nos tempos atuais, é conhecida pela sigla SOGIPA, que por extenso significa “Sociedade Ginástica Porto Alegre, 1867”, nome adotado no ano de 1942 (MAZO et al, 2012).

A Liga de Ginástica de Porto Alegre – *Turnerbund* – parece ter impulsionado o estabelecimento da Sociedade de Ginástica de São Leopoldo, quando em 1880 dois ginastas oriundos de Porto Alegre foram até a cidade vizinha a fim de realizar uma apresentação de ginástica nas barras. Todavia, esta primeira tentativa não obteve sucesso imediato para estabelecer uma entidade voltada para o *Turnen* (RAMOS, 2000). Cinco anos mais tarde, no entanto, ela se efetivaria. De tal modo, foi instalada a segunda associação de ginástica do Rio Grande do Sul, em São Leopoldo, cidade considerada o berço da colonização alemã no estado. A *Leopoldenser Turnverein* (Sociedade de Ginástica de São Leopoldo) foi fundada por imigrantes e descendentes de alemães no primeiro dia de setembro de 1885 (MÜLLER, 1986). Essa associação, segundo Levien (2011), para além da prática esportiva, visava reunir a comunidade local. No começo do século XX, em 1908, a entidade contava com “121 sócios ordinários, 5 sócios extraordinários, 17 senhoras do grupo feminino de ginástica (Damenriege), 22 homens do grupo de ginástica masculino (Männerriege), 33 moças e 34 rapazes” (MÜLLER, 1986, p. 62).

Ainda no século XIX, em 1887 foi fundada a *Deutscher Turnverein de Montenegro* (Sociedade Alemã de Ginástica de Montenegro) pela iniciativa de Albert Petry e Georg Geissner. A associação iniciou suas atividades com 17 sócios²² e no final do século XIX contava com 78 associados, evidenciando seu crescimento (WIESER, 1990). No princípio, a prática da ginástica juntamente com outras atividades sociais e culturais impulsionou o desenvolvimento e consolidação da associação. Parte deste desenvolvimento é atribuído à figura de Robert Peterson, destacado pela entidade como “ginasta treinado na Alemanha” e “determinado” *Turnwart*²³ (FESTSCHRIFT, 1929). Durante o seu mandato como *Turnwart*, para além da prática

²² Albert Petry, Germano Leser, Adam Dreyer, Carlos Jung, Julio Sauter, Adam L. Kauer, Pedro Kauer, João Koetz, Frantz Rick, Carlos Faller, Adolf Becker, Domingos Britto, Philipp Kerber, Fritz Hahn, Pedro Sander, Manuel Scheefer e Gerog Geysmer (TURNVEREIN SÃO JOÃO..., 1929).

²³ Respectivamente, atuaram como *Turnwart* da instituição Albert Petry (1887-?), Adolf Schweitzer (?-1901), Affonso Schuh (1901), Robert Peterson (1902-1912), Carl Leser (1912-1920), Emil Leser (1920-1924), Walter Rick (1924-1926), Albert Zimmer (1926), Richard Adam (1927-?) (TURNVEREIN SÃO JOÃO..., 1929).

da ginástica, a *Turnverein São João de Montenegro*, estabeleceu um Time de Futebol (*Fussballriege*), em 1904 (TURNVEREIN SÃO JOÃO..., 1929).

Por sua vez, Santa Cruz do Sul teve uma sociedade de ginástica, a *Turnverein Santa Cruz* (Sociedade de Ginástica de Santa Cruz). Esta associação foi fundada em 15 de setembro de 1893 e, segundo Weis (1998, p. 37) foi “criada com fins sociais, culturais e esportivos”, proporcionando “a educação do corpo”. Segundo o Livro Comemorativo da VII Festa da Ginástica (*Festschrift von der VII Turnfest*), datado de 1929, esta associação descende de uma sociedade anterior, a *Deutsche Turnverein von Santa Cruz*, da qual foram usados como modelos os estatutos para a nova entidade (TURNVEREIN SANTA CRUZ, 1929). A associação de Santa Cruz, assim como outras entidades do Rio Grande do Sul, como a *Turnerbund* de Porto Alegre, também oferecia a prática do canto.

No final do século XIX, já havia certa quantidade de sociedades de ginástica espalhadas em localidades do Rio Grande do Sul. Com o intuito de integrar tais instituições, incrementar a organização de novas, difundir representações culturais étnicas, foi instituída a *Deutsche Turnerschaft von Rio Grande do Sul*²⁴ (Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul) em 20 de outubro 1895, pela iniciativa de J. Aloys Friederichs²⁵, então presidente da *Turnerbund* de Porto Alegre,. Participaram na fundação desta entidade, além da *Turnerbund*, as sociedades de ginástica de São Leopoldo, Lomba Grande²⁶, Novo Hamburgo²⁷, Santa Cruz e Campo Bom (GESCHICHTE..., 1929). Consta no Livro de Comemorativo da VII Festa da Ginástica,

²⁴ O termo “*Deutsche*” foi retirado do nome da entidade em 1924, passando a chamar-se *Turnerschaft von Rio Grande do Sul* (GESCHICHTE..., 1929). Observa-se que é um período histórico de seis anos após o fim da Primeira Guerra Mundial e diz respeito ao ano comemorativo do Centenário da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul (1824-1924).

²⁵ Jacob Aloys Friederichs foi presidente da *Turnerbund* até 1929. Devido ao seu empenho na propagação do *Turnen* e de seus ideais, foi considerado o *Riograndenser Turnvater* (pai da ginástica no Rio Grande do Sul) (SILVA, 2006).

²⁶ Fundada em 1891, em Novo Hamburgo, com a denominação *Deutscher Turnverein Lomba Grande*.

²⁷ A primeira direção da sociedade, fundada em 1894, foi composta por Fritz Eckert (presidente); Carl Wandelmann (vice-presidente); Peter Wolf (*Turnwart*); Fritz Brutschin (secretário); Adalbert Diefenthäler (tesoureiro); Edmund Wolf (*Zeugwart*) (TURNVEREIN NOVO HAMBURGO, 1929). “*Zeugwart*” refere-se a pessoa responsável pelos equipamentos. Esta função não foi encontrada, também, na *Turnverein Hamburgberg*, instituída na mesma localidade, Novo Hamburgo, em 1896, por 44 “*deutsche Männer*” (homens alemães): Fritz Siegel, Jacob Leyser Filho, Albert Krug, Adolf Kirch (que dois anos antes também fundou a *Turnverein de Novo Hamburgo*), Heinrich Gärtner, Arthur Rech, Arthur Kremer, João Döring Filho, Fritz Müller, Leopold Lanzer, Reinhold [?], Carlos DDumer, Reinhold Franzen, Gustav Kampf, Heinrich Kunz, Alfons Bender, Leopold Schmitt, Peter Mentz, Carl Spohr, Carl Klein Filho, Balduin Fischer, José Fr. Gerhardt, Rudolf [Rurper], Henrich Bender, Paul Kirchner, Leopold Ebling, Adam Steigleder, Heinrich Widle, Wilhelm Müller, Leopold Diefenbach, Engel Filho, Leopold Bauer, Samuel Dietschi, Fritz Gerhardt, Wilhelm Rech, Fritz Strassburger, Julius Poschetzky, Jorge Knewitz, Waldemar Krause e Wilhelm Ludwig (TURNVEREIN HAMBURGO VELHO..., 1929).

de 1929, que também foram convidadas as sociedades de Taquara e Villa Germânia (Candelária), mas que não compareceram na reunião (GESCHICHTE..., 1929). A *Turnverein Villa Germania* (Sociedade de Ginástica de Vila Germânia), segundo evidências encontradas no jornal *Kolonie*, foi criada no mesmo mês e ano da Federação de Ginástica, por teuto-brasileiros da localidade, hoje chamada de Candelária (IN VILLA GERMANIA, 16 nov. 1985). A nova associação contou com mais de 50 sócios fundadores, ficando a direção com Franz Moser na presidência e Richard Kellermann como vice-presidente. Consta na mesma nota (IN VILLA GERMANIA, 16 nov. 1985), o desejo de um deslumbrante futuro e o lema dos ginastas expresso em termos no idioma alemão: *Frisch* (puro), *Fromm* (devoto), *Fröhlich* (alegre), *Frei* (livre).

Com o passar dos anos e a criação de novas entidades, também a *Turnerschaft von Rio Grande do Sul* (Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul) recebeu novos clubes adeptos, como a sociedade de ginástica de São Sebastião do Caí, criada em 1894. Segundo a narrativa escrita do esboço de um livro (do qual não se tem notícias da publicação), datado de 1938, a criação da entidade foi estabelecida durante uma aula de *Turnen* realizada, em 1894, na casa de Adolf Oderich, para seus filhos Carlos e Max e aos amigos Adolf Trein, Hermann Kehrwald, Alfred e Hermann Wageck, August e Leo Girardi e Rudolf Dauber, em uma tarde de domingo, ao ar livre, quando escutavam as lições de Antonio Correa filho, um antigo artista de circo, que com seu tambor realizava saltos e malabarismos. Segundo a narrativa, “esses esportes pareceram como mágica” aos olhos dos jovens meninos. Contudo, foi Carlos Dexheimer que “revelou a “mágica” da Gymnastica” – aos moldes alemães – ao grupo. Dexheimer morou em São Leopoldo e nesse período conheceu a ginástica na *Turnverein* local. Os jovens fundaram então um clube com um nome peculiar para os modelos da época, chamado “Sociedade Gymnastica Internacional”. Como a sociedade necessitava de um *Vorturner*, Dexheimer se lembrou do amigo e colega Eduard Kuminsky, que em São Leopoldo conheceu como *Vorturner der Knabenriege* (monitor da Turma de Meninos) e que em Porto Alegre era conhecido como *Geraeterturner* (ginasta de aparelhos) no *Turnklub Germania*. Com o aceite do convite de Dexheimer, Kuminsky embarcou no dia 13 de setembro de 1896 no navio “Monarcha” rumo a São Sebastião do Caí, sendo eleito II *Turnwart* do clube, coordenando as atividades ginásticas da sociedade.

Esse clube, contudo, não é encontrado na literatura como Sociedade de Ginástica de São Sebastião do Caí. Seu nome foi invisibilizado na memória. A

entidade que recebe o prestígio dessa instituição é a *Deutscher Turnverein* de São Sebastião do Caí, com data de fundação oficializada em 15 de junho de 1898. De acordo com o referido relato, a *Deutscher Turnverein* é um desmembramento da *Sociedade Gymnastica internacional*. Tal dissolução parece estar associada a conflitos internos entre os dirigentes quanto aos códigos que deveriam ser apropriados e difundidos pela entidade. Diante deste desequilíbrio, Kuminsky e Dexheimer fundaram uma nova associação, a “*Deutscher Turnverein*”, que de pronto filiou-se à *Turnerschaft* (DIE TURNERISCHE..., 1938).

Apesar da existência de uma entidade que visava confederar as demais entidades coirmãs e comandar o movimento *Turnen* no RS, nem todas as sociedades de ginástica eram filiadas à *Turnerschaft* (FESTSCHRIFT, 1929). Dentre essas, mencionamos a Sociedade de Ginástica de Pelotas, fundada no dia sete de julho de 1896. No ato de fundação, reuniram-se “alguns moços alemães e de origem alemã”, segundo o jornal A Opinião Pública (13 jul. 1896), e “amadores de ginástica alemães e oriundos desta nação”, segundo o Correio Mercantil (14 jul. 1896), no salão da Sociedade Filhos do Trabalho (onde continuariam a ocorrer as reuniões da nova entidade), a fim de criar um clube de ginástica. Com o nome de *Pelotense Turnschaft*, foi eleita a diretoria da entidade, conforme segue: presidente – Otto Müller; vice – Antônio Tilscher; 1º secretário – Gustavo Müller; 2º secretário – Theodoro Bulselmeier; tesoureiro – Willi S panier; 1º mestre de ginástica – Eduardo le Coultre; 2º mestre de ginástica – Christian Grutzmann. Ainda, comissões foram organizadas para a elaboração dos estatutos, evidenciando a importância dada a tal documento. Segundo a reportagem alistaram-se ao clube 40 pessoas no ato de sua fundação (SOCIEDADE GINÁSTICA, 13 jul, 1896). Dentre os exercícios ginásticos desenvolvidos pelo mestre do clube, encontramos indícios de práticas executadas nas barras-paralelas, trapézio e anéis. Vale mencionar que em Pelotas, além de uma instituição própria, a ginástica foi inserida em um clube de Tiro ao Alvo, fundado em 1876 (MÜLLER, 2010).

Além das associações supramencionadas, outras *Turnverein* mantinham atividades no estado, como em Estrela, onde a *Turnverein* foi fundada em 1907 (KILPP, ASSMANN, MAZO, 2014) e outras sociedades de ginástica localizadas em Lajeado, Vera Cruz, Erechim, Cachoeira, Ijuí, Venâncio Aires, Arroio do Meio, Cruz Alta (WIESER, 1990; MAZO et al., 2012). Tesche (2005) identificou a criação de 47 associações esportivas voltadas à prática do *Turnen* no Rio Grande do Sul. Abaixo relacionamos as sociedades de ginástica do estado do Rio Grande do Sul, desde a

precursora até a última criada na década de 1920, conforme recorte temporal deste estudo, totalizando 35 sociedades. O quadro elaborado pela pesquisadora resultou de informações de Wieser (1990), Mazo (2003), Mazo et al. (2012) e outras encontradas em documentos impressos coletados até o momento.

Quadro 1 – Inventário dos clubes de ginástica do Rio Grande do Sul (1870-1920)

Clube	Local	Data de fundação
1. <i>Turnerbund</i>	Porto Alegre	06/11/1867
2. <i>Leopoldenser Turnverein</i>	São Leopoldo	01/09/1885
3. <i>Turnverein São João do Montenegro</i>	Montenegro	06/03/1887
4. <i>Club Gymnastico Rio-Grandense</i>	Porto Alegre	Década de 1880
5. <i>Deutscher Turnverein Lomba Grande</i>	Lomba Grande/ Novo Hamburgo	04/02/1891
6. <i>Turnverein Santa Cruz</i>	Santa Cruz do Sul	15/09/1893
7. <i>Sociedade Gymnastica Internacional</i>	São Sebatião do Caí	1894
8. <i>Turnverein Neu-Hamburg</i>	Novo Hamburgo	11/07/1894
9. <i>Turnverein Campo Bom</i>	Campo Bom	Anterior à 1895
10. <i>Deutscher Turnverein Villa Germania</i>	Candelaria	10/1895
11. <i>Deutscher Turnverein</i>	Taquara	1895
12. <i>Deutscher Turnverein</i>	Campo Bom	1895
13. <i>Turn Club Germania Porto Alegre</i>	Porto Alegre	1895
14. <i>Turnverein Hamburgerberg</i>	Hamburgo Velho/ Novo Hamburgo	22/06/1896
15. <i>Turnverein Pelotas</i>	Pelotas	12/07/1896
16. <i>Sociedade Rio Branco</i>	Cachoeira do Sul	04/08/1896
17. <i>Lageadenser Turnverein</i>	Lajeado	1896
18. <i>Deutscher Turnverein</i>	São Sebastião do Caí	15/06/1898

19. <i>Turnverein Jahn Santa Maria da Boca do Monte</i>	Santa Maria	05/04/1903
20. <i>Turnverein Estrella</i>	Estrela/Teutônia	30/05/1907
21. <i>Turnverein Sapyranga</i>	Sapiranga	1907
22. <i>Turnverein Cachoeira</i>	Cachoeira	05/01/1908
23. <i>Turnverein Gut Heil Neu-Wüttemberg</i>	Panambi	01/03/1913
24. <i>Turnverein Gut Heil Ijuhy</i>	Ijuí	15/11/1914
25. <i>Turnverein Jahn</i>	Lajeado	19/06/1915
26. <i>Turnverein Germania Station Sander</i>	Três Coroas (?)	11/1915
27. <i>Turnverein Riotal</i>	Entre Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires	1916
28. <i>Turnverein Villa Thereza</i>	Vera Cruz	Anterior a 1916
29. <i>Turnverein Deutsche Eiche</i>	Arroio do Meio	Anterior a 1920
30. <i>Turnverein Erechim</i>	Erechim	Anterior a 1920
31. <i>Turnverein Germania</i>	Cruz Alta	Anterior a 1920
32. <i>Turnverein Cruz Alta</i>	Cruz Alta	04/10/1925
33. <i>Turn- und Athletenverein Barra do Ribeiro</i>	Barra do Ribeiro	Anterior a 1920
34. <i>Sociedade Navegantes São João</i>	Porto Alegre	06/06/1927
35. <i>Sociedade General Osório</i>	Osório	10/07/1927

FONTE: Elaborado pela própria autora.

A seguir, apresenta-se, na Figura 2, o mapa do Rio Grande do Sul do ano de 1900, no qual localizou-se as associações de ginástica do estado (destacadas em laranja) fundadas no período demarcado deste estudo.

Figura 2 – Localização das associações de ginástica, fundadas no período de 1870-1920, no mapa do estado do Rio Grande do Sul

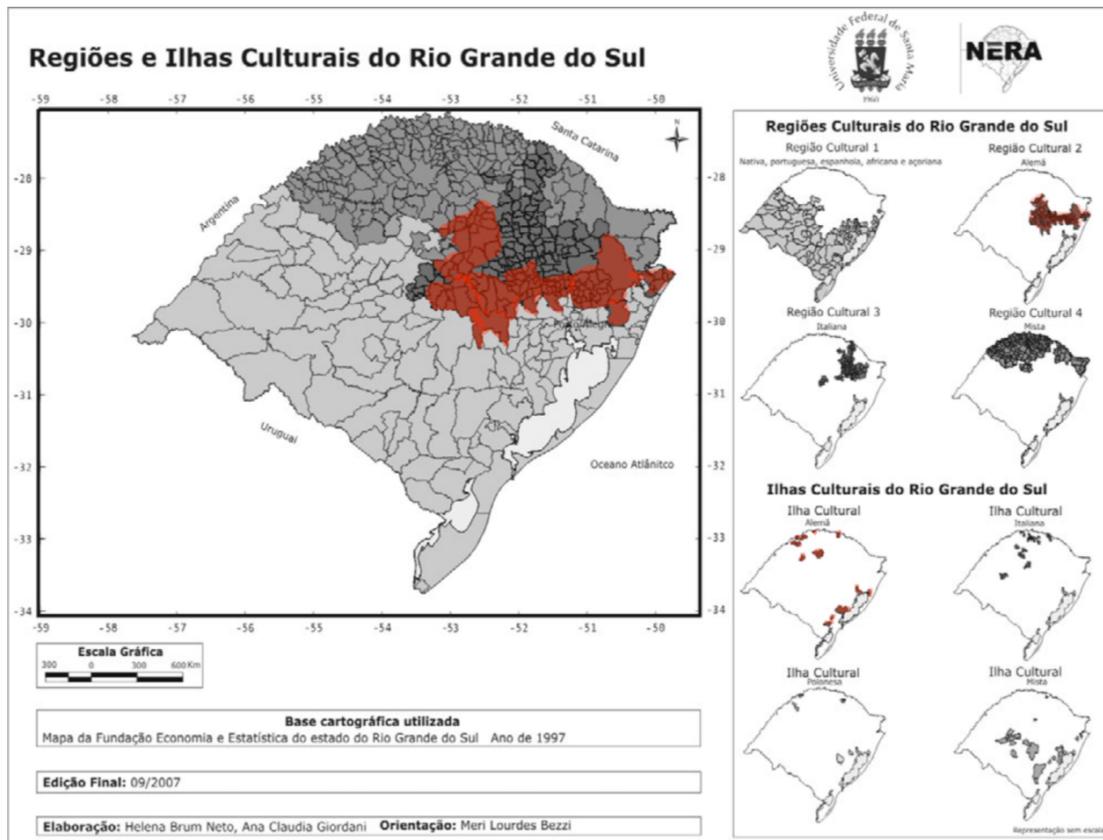


FONTE: Elaborado pela autora a partir do mapa do ano de 1900 do IBGE.

A partir da comparação entre a figura apresentada acima e o mapa destacado abaixo, podemos observar a relação entre a emergência dos clubes de ginástica e a organização do espaço caracterizado pelo viés cultural “alemão”, na geografia do estado do Rio Grande do Sul. Na figura abaixo, Brum Neto e Bezzi (2008) distinguem quatro regiões culturais “considerando a herança cultural mediada pela descendência e as relações que se estabelecem entre cultura-códigos-identidade [...], de acordo com a principal etnia formadora dos municípios que o compõem” (p. 142). Assim, a região 2 consiste no espaço definido em virtude da presença étnica alemã. As autoras (2008, p. 142) também diferenciam “ilhas culturais”, que por sua vez, constituem “uma unidade territorial com origem étnica distinta das que se situam no seu entorno”,

conforme pode ser visto na figura abaixo. As regiões e as ilhas “alemãs” foram destacadas em vermelho, com o propósito de facilitar a visualização.

Figura 3 – Regiões e Ilhas culturais do Rio Grande do Sul



FONTE: Brum Neto e Bezzi (2008)

Ademais das regiões culturais destacadas, é possível observar que também nas ilhas culturais alemãs encontram-se sociedades de ginástica. Logo, é possível depreender que em grande parte dos espaços onde se instalaram imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, foram organizadas associações voltadas para a ginástica e as práticas culturais e sociais vinculadas a ela. Também, observamos que era organizada uma ou duas entidades para esse fim por localidade, instalando-se, em muitos casos nas regiões mais urbanizadas das mesmas – considerando a especificidade do termo, no período. Nessas composições, imigrantes e descendentes de alemães organizaram-se em Sociedade de Ginástica, estabelecendo formas organizacionais associativas, onde produziam e reproduziam representações culturais étnicas e códigos de comportamento e sentimento que deveriam ser partilhados pela “boa sociedade” do *Turnen*.

4. A “BOA SOCIEDADE” DO *TURNEN* NO SUL DO BRASIL

*Einigkeit macht stark*²⁸.
(FRIEDERICHS, 1910, s/p).

No Rio Grande do Sul, através das composições culturais e sociais do *Turnen*, formou-se uma rede de relações, com normas específicas de filiação, modos peculiares de comportamento, apreensão e consciência particulares de sentimentos e valores. Através da produção e manifestação de representações, tais códigos sociais foram exteriorizados e interiorizados pela “boa sociedade” do *Turnen*. Segundo Norbert Elias (1997, p. 56), uma “boa sociedade”, constitui um tipo de formação, “como círculos de convivência social entre pessoas ou famílias que pertencem a esses complexos institucionais” e que assume posição de poder e autoridade na figuração. Figuração e “boa sociedade” não são sinônimos, mas conceitos complementares, no sentido de que a “boa sociedade”, nos termos de Elias (1997), seria o grupo de estabelecidos (*established*), o grupo dominante nas relações de poder de uma figuração. Um coletivo que se reconhece como a “boa sociedade” em comparação aos demais grupos e indivíduos que conformam seus elos sociais.

Nesse capítulo voltamos o olhar às relações e apropriações para a constituição de uma “boa sociedade” do *Turnen*, que buscava legitimar-se enquanto “alemã” no Rio Grande do Sul. Para tal, uma estrutura associativa foi organizada nos diferentes locais onde foram instituídas sociedades de ginástica por alemães e teuto-brasileiros, no sul do Brasil. Nesses espaços, e através desses espaços, a “boa sociedade” do *Turnen* buscava afirmar uma identidade étnica que deveria embasar o *habitus* de cada indivíduo que compunha a rede. Então, neste capítulo apresentamos primeiramente, como se organizam internamente sociedades de ginástica no Rio Grande do Sul, a partir dos indícios encontrados. E, em um segundo momento, códigos de sentimento e comportamento que eram ou deveriam ser partilhados pelos indivíduos que faziam parte dessa figuração, a partir das manifestações expressas pelo próprio grupo da “boa sociedade” do *Turnen*.

²⁸ A união faz a força. Tradução livre pela pesquisadora.

4.1 SOCIEDADES DE GINÁSTICA: uma estrutura associativa

Ao serem vislumbradas enquanto instituição, as sociedades de ginástica do Rio Grande do Sul, cujos dados foram encontrados nessa pesquisa, eram organizadas, com algumas variações, hierarquicamente, em Presidente, Vice-presidente, Primeiro e Segundo Secretário, Primeiro e Segundo Tesoureiro, Primeiro e Segundo Guarda de Esportes (*Turnwart*), Mestres (monitores, instrutores e professores) de ginástica e práticas esportivas e delegados (FESTSCHRIFT..., 1929; LEVIEN, 2011; ASSMANN, 2015). Ao Guarda de Esportes ou *Turnwart* incumbia a organização dos treinos e campeonatos de ginástica junto à associação, bem como, o controle e manutenção dos equipamentos e do salão de ginástica. Por vezes, em sociedades de ginástica do RS, o *Turnwart* também parece atuar como instrutor de ginástica. Vale mencionar que algumas associações não possuíam um espaço físico próprio, especialmente nos primeiros anos de atividade, realizando seus exercícios, eventos sociais e reuniões em espaços alugados ou emprestados²⁹. Os mestres, instrutores, monitores (*Vorturner*) e professores (*Turnlehrer*) de ginástica e de outras práticas esportivas eram aqueles que ministravam as aulas para os alunos.

Os associados também eram diferenciados por meio de nomenclaturas específicas, a saber: **a) Zahlende:** sócios ativos, ou seja, sócios pagantes e praticantes de ginástica³⁰; **b) Turner:** praticantes de ginástica; **c) Turnschüler:** aluno de ginástica, podendo referir-se aos iniciantes e mais jovens na prática ou aos alunos das escolas que participavam da ginástica nos clubes; **d) Ehrenmitglied:** sócios honorários, que, se utilizarmos a mesma lógica de Sociedades de Atiradores, era uma categoria destinada àqueles que prestaram “excelentes” serviços para o clube, não tinham obrigações para com a associação e podiam aproveitar de todos os direitos e honras da mesma (ASSMANN, 2015); **e) Vereinsveteran:** veteranos da sociedade, que segundo Pimentel (1945), foi criada em 1910 voltada para os idosos; **f) Vereinsgönner:** patronos; **g) Damen:** mulheres; **h) Zöglinge:** iniciantes/ novatos/ aprendizes, que segundo o relatório anual da *Turberbund* (1917, p. 10), referia-se aos

²⁹ As sociedades de São Leopoldo, Montenegro, Santa Cruz do Sul, Estrela e Pelotas, foram instaladas, primeiramente, em lugares emprestados ou locados à associação até que locais próprios fossem construídos (WIESER, 1990; LEVIEN, 2011; KILPP, 2012; ASSMANN, 2015).

³⁰ Em 1896, de acordo com uma tabela confeccionada para o periódico alemão *Monatsschrift für des Turnwesens* e apresentada no livro de Wieser (1990), a *Turnverein Santa Cruz*, por exemplo, contava com 105 membros, dentre os quais 62 sócios ativos.

alunos de ginástica com idades entre 14 a 17 anos; **i) *Turnlehrer***: professor de ginástica certificado por um diploma; **j) *Vorturner***: monitores de ginástica, que faziam curso específico para tal categoria e podiam, então, ministrar aulas de ginástica.

A categorização supracitada, a depender da associação poderia ter algumas variações e, além disso, cabe mencionar que outras nomenclaturas ainda podem ser encontradas. Nesse caso, assinala-se a necessidade de investigações sobre associações situadas em localidades no interior do estado. Acerca da *Turnerbund* de Porto Alegre, foi possível estabelecer as categorias e o número de associados dos anos de 1904 a 1913, a partir dos relatórios anuais da associação. O quadro abaixo, apresenta as informações obtidas por meio da pesquisa.

Quadro 2 - Sócios da *Turnerbund* (1904-1913)

Sócios / Ano	1904	1906	1907	1908	1909	1910	1911	1912	1913
<u>Ehrenmitglieder</u>	8	8	7	7	6	6	6	6	6
<u>Ehrevorturner</u>	-	-	-	-	-	1	1	1	1
<u>Vereins-Veteran</u>	3	3	3	3	4	6	6	5	5
<u>Vereinsgönner</u>	2	2	2	2	2	5	6	6	5
<u>Zahlende</u>	382	400	464	493	520	561	599	671	683
<u>Zöglinge</u>	20	18	30	25	19	16	16	38	38
<u>Damen</u>	43	52	44	40 (Frauen und Mädchen)	30 (Frauen und Mädchen)	26 (Frauen und Mädchen)	23 (Frauen und Mädchen)	28 (Frauen und Mädchen)	21 (Frauen und Mädchen)
<u>Auswärtigen und beurlaubten*</u>	6	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	464	483	530	570	581	621	657	755	759

*Em licença.

FONTE: Elaborado pela autora, a partir de informações coletadas nos relatórios anuais da *Turnerbund*, encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

As sociedades de ginástica estavam organizadas em departamentos e grupos. Cada departamento tinha sua diretoria e atendia a uma modalidade (esgrima, futebol, punhobol, entre outras) ou a um público específico (novatos, senhores, damas, entre outros). Dentre os grupos, foi encontrado um para determinado público, especificamente na *Turnerbund*, que realizava aulas um dia com os ginastas mais

novos e um dia com os ginastas mais velhos, o *Friesenriege* (Turma de Frisões³¹). Tal grupo constitui uma fração da *Männerriege* (Turma de Senhores), com objetivos “ambiciosos”, como consta em documento datado de 1917. O *Friesenriege* foi fundado pelos *Vorturner* (monitores de ginástica) Hermann Sperb e Carl Westermann, juntamente com H. Beck Jun. e Hermann Deist, em 1910, e visava reunir ginastas com mais de 25 anos de idade, que não sabiam a qual departamento deveriam pertencer naquele momento (TURNERBUND, 1917, p. 11). Assim, nas segundas-feiras, faziam ginástica junto à *Männerriege* (Turma dos Homens) e, nas quintas-feiras, junto à *Jungmannschaft* (Equipe dos Jovens) (JAHRES-BERICHT, 1911).

Para participar de uma sociedade de ginástica, era necessário ser aceito no grupo. Alguns indícios sugerem que a decisão pelo aceite ou não de um novo membro era realizada através do sistema de *Ballotagem*, evidenciado também em associações teuto-brasileiras voltadas para outras práticas, como o tiro, o bolão, a cavalaria (FACHEL, 1964; KIPPER, 1967; ASSMANN; BERTOLDI; MAZO, 2017). Tal sistema, consistia em uma votação onde “quem era a favor da entrada do novo sócio, depositava em uma “caixinha” uma bola branca, quem era contra, depositava uma bola preta. [...] O maior número de bolas brancas significava a aprovação do novo sócio, de bolas pretas, o veto” (ASSMANN, 2015). Logo, a pertença à “boa sociedade” do *Turnen*, estava condicionada aos interesses e às expectativas do grupo. As evidências sugerem que a seleção deveria atentar para os códigos e valores compartilhados, como a língua, os símbolos, as formas de portar-se e um conjunto de representações culturais que elegiam aqueles que poderiam fazer parte do “nós-unidade” ideal.

Para solicitar associação na *Turnerbund*, por exemplo, era necessário assinar e entregar um pedido formal à entidade, afirmando estar ciente acerca das disposições estatutárias básicas e das finalidades e objetivos da sociedade, conforme consta em documento que se propunha a tal fim³². Ainda, o requerente a associado deveria ser recomendado por um membro do conselho do clube e outro nome já associado ao mesmo. Outras requisições do documento referiam-se ao endereço residencial e o endereço para cobrança, possivelmente, da mensalidade. As sociedades de ginástica analisadas nesse estudo cobravam taxas para a filiação do novo associado e um valor

³¹ Segundo tradução de Hoffmeister (1986).

³² O referido documento, data, possivelmente, da década de 1920, tendo em vista as suas características tipográficas.

mensal à entidade, o que sugere a necessidade de certo recurso financeiro por parte daqueles que integravam ou pretendiam integrar-se a essas instituições. Ainda quanto aos associados, é destacado um quadro majoritário de teuto-brasileiros, comerciantes e pequenos industriais, ativos partidariamente na sua localidade (RAMOS, 2000; KILPP, 2012; ASSMANN, 2015). Segundo Kilpp (2012) os primeiros sócios da sociedade de ginástica de Estrela eram pequenos burgueses industriais, seus funcionários mais graduados, bancários, hoteleiros, religiosos e professores.

Dentre os sócios fundadores da *Deutsche Turnverein* Porto Alegre estavam comerciantes, artesões, donos de estabelecimentos industriais e professores de ginástica. Cabe salientar a participação de *Brummers*³³ na organização desta entidade, destacando-se: Alfred Schütt e Whilhem Ter Brüggem (HOFMEISTER, 1986). Para Roche (1969), através da apologia ao germanismo, os *Brummers*, chegados ao Rio Grande do Sul a partir de 1850, foram personagens decisivos na organização de sociedades teuto-brasileiras. Tesche (2011, p. 93) corrobora tais afirmações e complementa: “como liberais, na vida associativa propugnavam pela aconfessionalidade das associações, atuando nelas e por meio delas com o objetivo, juntamente com os colonos, e também entre eles, de preservar o *Deutschtum* - germanismo”. Quitzau (2016, p. 56), no entanto, problematiza tal determinação, e, mesmo concordando com a importância desse contingente de imigrantes ao associativismo, assevera que “este movimento esteve muito mais ligado a condições de desenvolvimento urbano, tendo se desenvolvido inicialmente em áreas citadinas para, depois, aparecerem também em áreas coloniais de características mais rurais”. Ainda que, nas páginas seguintes, a autora (2016, p. 79) vincule a “geração de 48”³⁴ à criação de associações e à emergência e manutenção de uma cultura germânica. Tal argumentação merece um olhar mais atento e a busca por indícios em localidades ainda não abordadas na literatura.

Outra característica encontrada em algumas sociedades de ginástica do RS é a presença de membros fundadores jovens e pertencentes a uma elite local. Segundo

³³*Brummer* é a denominação dada aos ex-combatentes que lutaram na guerra contra a Dinamarca pela libertação dos ducados de Schleswig e Holstein na Alemanha, em 1848 e 1849. Após o término do embate, foram contratados para atuar ao lado do Brasil na Guerra contra Rosas, da Argentina. Assim, em 1851, chegou ao Brasil um contingente de 1.800 mercenários. Depois de quatro anos de serviço e terminada a campanha contra Rosas, foram desincorporados e receberam lotes nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul, conforme o acordado em contrato (TESCHE, 2013).

³⁴ Quitzau (2016, p. 56) chama de “geração de 48”, “o grupo de imigrantes que começa a chegar a partir de meados do século XIX, composta por indivíduos com significativo envolvimento político, inclusive nos levantes populares de 1848”.

Kilpp (2012), em Estrela a sociedade de ginástica foi fundada, em 1907, por “jovens da elite teuto-brasileira” e dois caixeiros viajantes luso-brasileiros. Silva (2005b, p. 308), do mesmo modo, se refere a *Turnerbund* como principal instituição esportiva e social da “elite teuto-brasileira de Porto Alegre”. Os estudos de Vogt (2006) e Assmann (2015) também demonstram que a *Turnverein* de Santa Cruz do Sul era um espaço frequentado e mantido por uma elite local.

Kilpp (2012) salienta que, além da presença dos caixeiros viajantes no quadro dos fundadores da entidade, havia outros associados com sobrenomes luso-brasileiros nos cadernos de cobranças da associação, evidenciando a presença de indivíduos que partilhavam representações culturais étnicas diferentes daquelas partilhadas pelos teuto-brasileiros. Contudo, da mesma forma, o aceite destes no referido grupo, também sugere que os mesmos eram conhecedores e compartilhavam de outras representações consideradas interessantes para aquela composição, dentre os quais, podemos levantar o capital financeiro.

Em São Leopoldo também foi constatada a presença, minoritária, de membros descendentes de etnias divergentes da teuto-brasileira, como a luso-brasileira, desde o primeiro ano de funcionamento da *Leopoldenser Turnverein* (LEVIEN, 2011). Segundo Levien (2011, p. 39), “com certeza, os novos sócios eram da relação de amizade de algum sócio, já que a cidade era pequena e muitos se conheciam; o que determinava era fazer parte da elite leopoldense”. No entanto, em ambas as entidades o idioma oficial era o alemão em documentos e nos demais indícios encontrados (LEVIEN, 2011; KILPP, 2012; ASSMANN, 2015). Esta é, deveras, uma característica apontada por todos os estudos que tratam das *Turnvereine* no Rio Grande do Sul, no período que antecede a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Em fins do século XIX, segundo Assmann e Mazo (2017), poderiam ingressar como ginastas associados na *Turnverein Santa Cruz*, jovens a partir dos 15 anos de idade. Enquanto que, em São Leopoldo, era necessário ter 17 anos para ingressar como novo membro da associação (LEVIEN, 2011). Contudo, salienta-se que participavam de aulas de ginástica em clubes de algumas localidades, também, alunos de escolas. Logo, crianças também eram contempladas com essa prática e, talvez com outras não referidas, seja nas dependências dos clubes ou nas dependências escolares.

Além das aulas de ginástica, propriamente, as *Turnvereine* do Rio Grande do Sul também promoviam outras atividades. Segundo Soares (2009, p. 155) as

sociedades de ginástica proporcionavam momentos de entretenimento através de “inúmeras atividades culturais e entre elas estavam as *festas oficiais das associações de ginástica*”. Dentre tais atividades, salientamos abaixo aquelas que aparecem de forma recorrente: **a) *Deutsche Turnfest***: festas e torneios estaduais de ginástica; **b) *Gauturnfest***: festas e torneios regionais de ginástica; **c) *Preissturnen ou Wettturnen***: torneios de exercícios ginásticos, geralmente locais, com distribuição de prêmios ao final; **d) *Stiftungfest***: festas de aniversário da entidade; **e) *Jahnfeier***: festividades em comemoração ou lembrança de Friederich Ludwig Jahn; **f) *Ausflug***: passeios ao ar livre com apresentações e exercícios ginásticos; **g) *Fahrtturnen***: excursões para diferentes locais, geralmente, mais longas que os passeios; **h) *Schauturnen***: apresentações para exibição dos exercícios ginásticos à comunidade; **i) Outros eventos sociais**: teatros, bailes e churrascos. Ainda, torneios preparatórios eram promovidos por determinadas sociedades de ginástica, como em Santa Cruz do Sul, em decorrência dos eventos disputados com entidades coirmãs (TURN-VEREIN, 04 mar. 1896). Esses eventos e festividades, muitas vezes acompanhados de torneios e apresentações de ginástica e culturais, eram momentos importantes de sociabilidade e de fortalecimento dos “laços étnico-culturais entre os sujeitos que se identificavam com essa comunidade” (LEVIEN; RIGO, 2013, p. 173). Para Pfister (2011, p. 58), “festas do *turnen* eram e são manifestações dos objetivos, valores e desempenhos do movimento do *turnen*”.

Além dos momentos de interação entre os clubes de ginástica, também foi observada comunicação e proximidade com associações voltadas para outras práticas esportivas, culturais e sociais, em uma mesma localidade. Como, por exemplo, o compartilhamento de festividades com sociedades de atiradores e de canto em Santa Cruz do Sul (ASSMANN, 2015); a concessão de espaços, como o salão da *Turnerbund* para festividade do clube de ciclismo da capital (RADFAHRER..., 13 out. 1903); o empréstimo das dependências do clube de atiradores de São Sebastião do Caí para as aulas de *Turnen* da sociedade de ginástica local (TURNVEREIN SÃO SEBASTIÃO, 1929); ou, ainda, a participação de associados que pertenciam e circulavam em diferentes entidades teuto-brasileiras; entre outros. Assmann (2015) propõe que através do contato com outras entidades as associações reconfiguravam representações e apropriavam-se de novas práticas.

Nesse panorama, Quitzau (2016) destaca a significativa participação da imprensa periódica, evidenciando desde os jornais cotidianos até as publicações

internacionais e nacionais específicas das e para as sociedades de ginástica. Dentre estes, o *Deutscher Turnzeitung*, periódico oficial da *Deutsche Turnerschaft*, na Alemanha, pode ser destacado como meio de comunicação entre as entidades (QUITZAU, 2016) e de compartilhamento de representações culturais étnicas e códigos de comportamento e sentimento. Ainda, informações sobre a *Deutscher Turnerschaft* ou a *Turnerbund* de Porto Alegre, são encontradas, por exemplo, em publicações do jornal *Kolonie*, veiculado em Santa Cruz do Sul e arredores (TURNVEREIN, 3 maio 1906; TURNERBUND, 21 abr. 1906), corroborando a compreensão de existência de uma rede entre sujeitos e instituições teuto-brasileiras no Rio Grande Sul. Informações acerca da *Deutscher Turnerschaft*, da Alemanha, disponibilizadas à população de Santa Cruz e região através do jornal *Kolonie*, foram compiladas a partir do relatório anual desta mesma entidade, o qual foi recebido pela sociedade de ginástica local e compartilhado com o periódico (TURNVEREIN, 3 maio 1906). Cabe ressaltar, que foram encontrados no mesmo jornal registros de outras sociedades de ginástica do estado, como São Leopoldo, Candelária, São Sebastião do Caí. Os periódicos³⁵ também divulgavam as novas práticas incorporadas pelos clubes de ginástica. Ao longo dos anos, além da ginástica, a sociedade de Porto Alegre incorporou o tiro ao alvo, a natação, a esgrima, o bolão, o atletismo, o futebol, o tênis, dentre outros esportes (MAZO et. al., 2012)³⁶.

Acerca das práticas esportivas que começavam a despontar como possibilidade no cenário porto-alegrense dos primeiros anos do século XX, a *Turnerbund* assumia uma posição favorável, mas com a ressalva de enaltecer, em primeiro lugar, o *Turnen*. No relatório de 1907 desta entidade, consta que o esporte (*Sport*) retirava “forças juvenis” da sociedade. Todavia, tal constatação era considerada apenas uma perda parcial, pois ele também se ocupava do cuidado e do exercício saudável do corpo. Segundo o texto, ambos se associavam muito bem e, assim, o esporte poderia ser recomendado. E, para aqueles que consideravam a prática do *Turnen* como um exagero, presumindo realizar exercícios suficientes junto

³⁵ No acervo da SOGIPA também podem ser encontradas cópias impressas de periódicos, com registros relatados, também, por membros vinculados a própria sociedade.

³⁶ Assim como na *Turner-Bund*, a sociedade de ginástica de Estrela também passou a oferecer práticas esportivas, primeiramente o bolão, após, nos anos de 1930, o basquetebol e o voleibol e, posteriormente, o futebol (WEIS, 1996; KILPP; ASSMANN; MAZO, 2014). Para Kilpp (2012), a manifestação de novas práticas esportivas e de procedência anglo-saxônica na *Turnverein Estrella* na década de 1930 significou uma forma de resistência ao momento de repressão às representações identitárias teuto-brasileiras.

ao trabalho profissional, o texto contestava: “esse engano precisa ser refutado”. O discurso prossegue argumentando sobre os benefícios do *Turnen* aos trabalhadores, que, além do exercício corporal, também favoreciam o “refrescar da mente”, e, lembrando uma frase de W. Schultz, proferida na festividade da 5ª *Deutschen Turnfest*, finaliza: “*Turnen* um meio de formação da alma”³⁷ (JAHRES-BERICHT, 1908, p. 3).

Dentre as práticas fomentadas por sociedades de ginástica, uma parece ter sido apropriada com propósitos específicos e diferenciados, o bolão. As canchas de bolão eram, muitas vezes, utilizadas para fins que extrapolavam a prática propriamente esportiva e o divertimento, sendo apropriadas especialmente para a arrecadação de fundos aos cofres dos clubes. O bolão é um jogo semelhante ao boliche, com algumas diferenças, quanto à cancha, ao número de pinos (nove), ao material e peso da bola, que pode variar de 10 a 11 kg (KILPP, 2012). Praticado na Alemanha desde 1768, este jogo consiste em derrubar o maior número de pinos jogando, geralmente, cinco bolas. Da Alemanha disseminou-se para outros países, como no Brasil, a partir de meados do século XIX.

Conhecida como o “jogo da bola” ou “Esporte dos 9 paus”, a prática era realizada em “canchas feitas de barro, areia e até mesmo, lascas de árvores de coqueiro, seguindo diferentes regras, de acordo com a região de origem dos imigrantes alemães”. (MAZO, 2005, p. 1). As primeiras canchas de bolão no Rio Grande do Sul parecem ter sido construídas por iniciativas particulares. “As canchas primitivas [...] eram faixas de terra batida e socada, às vezes misturada à areia, sobre as quais eram arremessadas bolas de madeira, que deveriam atingir um determinado número de paus assentados na outra extremidade” (KRELING, 1984, p. 24). Tais canchas, segundo Kreling (1984, p. 24), eram localizadas geralmente junto a uma venda, como “atrativo para a freguesia” e um divertimento aos domingos. Assim como em casas comerciais, também se encontravam canchas de bolão junto a casas de baile.

Fachel (1964, p. 319), corroborando as afirmações de Kreling (1984), também afirma que as associações de bolão funcionavam, geralmente, “junto às casas de negócio do interior”, sendo construídas em ambientes abertos ou fechados³⁸. “Assim

³⁷ “*Turnen ein Bildungsmittel des Geistes*”.

³⁸ Em Porto Alegre, existia uma cancha de bolão pertencente à um imigrante alemão desde 1873. Em 1885 foi fundado o *Musterreiter Klub*, que além da prática de tiro ao alvo também se dedicava ao bolão (MAZO, 2005). Outro grupo de bolão organizado na capital no final do século XIX na *Gesellschaft Leopoldina* (Sociedade Leopoldina) denominado “Grupo de Bolão 14” (MAZO, 2003).

como o artesanato se constituía em complemento para assegurar a manutenção da família do colono, o bolão exerceu o mesmo papel entre os comerciantes” (KRELING, 1984, p. 29). Ao tratar das associações esportivas de Teutônia, Kilpp, Mazo e Lyra (2010), reforçam que as canchas de bolão, na localidade, foram construídas por proprietários de armazéns comerciais a fim de gerar lucros com a venda de produtos aos praticantes. No mesmo passo, Mazo (2005) descreve o bolão como jogo de apostas e/ou forma de arrecadar valores. Em Santa Cruz isto também foi observado. A primeira cancha de bolão foi construída pela *Schützenverein Santa Cruz*, que se localizava junto a uma cervejaria. Além das casas comerciais, parece que clubes de ginástica também aderiram a prática como meio utilitário para alavancar recursos. Nos relatórios da *Turnerbund*, tal característica fica evidente quando são alocados os valores angariados com o bolão nos registros financeiros do clube. Nestes, constam como entradas para a associação valores junto à *Kegelbahn* (cancha de bolão) e aos *Preiskegeln* (torneios de bolão). Em 1907, por exemplo, foram gastos 57\$400 com a cancha, mas arrecadados 301\$200, um ganho de capital substancial (KASSENBERICHT..., 1908). No ano seguinte, foram angariados 172\$600 com a cancha de bolão e 238\$300 com o *Preiskegeln* (BERICHT..., 1909).

Ademais das apropriações acima referidas, evidenciou-se o bolão como uma prática esportiva que ascendeu na *Turnverein* de Santa Cruz, em 1916, período que a entidade começava a sentir as adversidades que perpassavam o cenário mundial e nacional em decorrência da I Guerra Mundial³⁹. Além das dificuldades provenientes do período de guerra, e de ações de abasileiramento, que podem ter fomentado a necessidade de novas práticas e momentos de encontro e divertimento na entidade, a associação construiu, em 1915, a nova sede do clube (ASSMANN; MAZO, 2017). É possível que a prática do bolão também estivesse atrelada à necessidade de acúmulo de capital financeiro para esta demanda.

A partir do material analisado, podemos depreender que a construção de sedes e espaços de jogos e práticas esportivas próprios era uma preocupação para muitas sociedades de ginástica no Rio Grande do Sul. Inclusive, algumas acabavam por enfrentar crises financeiras devido a tais pretensões. Uma sede própria poderia

³⁹ Nesse período, o bolão também foi apropriado como prática pelas mulheres. Por volta de 1914, se foi organizada uma associação de bolão formada por mulheres da Sociedade Leopoldina (atual Associação Leopoldina Juvenil) (MAZO, 2003). Em 1917, foi fundada uma associação de bolão de damas em Santa Cruz do Sul, chamada de *Kegel-Bahn* (KEGEL-BAHN, 04 jun. 1917).

significar, aos códigos daquela contemporaneidade, ascensão social, legitimação de uma posição na “boa sociedade” e um espaço para localizar-se e ser localizada.

Em 1911, a *Turnerbund* de Porto Alegre, inaugurou seu *Spielplatz* (campo de jogos) no “subúrbio” da capital do RS, em São João, a fim de constituir “um ponto de encontro aos domingos e dias de festa”. O campo de jogos é exaltado como “um grande elemento do nosso *Deutschtum* local” (JAHRES-BERICHT, 1911, p. 4). Este espaço, segundo o “Operador” de Jogos, no período, Fritz H. Siegmann, estava destinado às seguintes práticas esportivas: *Faustball* (punhobol); *Fussball* (futebol); *Tamborinball* (Tamborim); *Schleuderball*⁴⁰; *Kreisball*⁴¹; *Drittenabschlagen*⁴² e *Kroquet* (croquet) (JAHRES-BERICHT, 1911, p. 11). Os jogos eram realizados, principalmente, aos domingos e aconteciam em, praticamente, todos os finais de semana. No primeiro ano de instalação do campo consta uma média de três a cinco dias de jogos por mês. Segundo os dados disponíveis no relatório de atividades da *Turnerbund*, participavam, aproximadamente, 12 “damas” e 39 homens, por dia de jogos (JAHRES-BERICHT, 1911).

O *Faustball*, ou na tradução, punhobol, foi apresentado pela primeira vez no Rio Grande do Sul em 1906, pelo professor de ginástica da *Turnerbund* de Porto Alegre, segundo Oliveira (1987). Todavia, a prática foi instituída na sociedade da capital somente em 1911 (HOFFMEISTER FILHO, 1987; WIESER, 1990). Na Sociedade Ginástica de São Sebastião do Caí, o time de punhobol foi oficialmente apresentado junto à 17ª Festa de Aniversário da entidade, no ano de 1915, “infelizmente já com uma derrota” contra a *Turnerbund* de Porto Alegre (FAUSTBALLMANNNSCHAFT, 1938, p. 14). O placar terminou com 107 pontos para Porto Alegre contra 102 para o “valente” time local, no primeiro jogo, enquanto que a segunda partida terminou em 105 contra 76 pontos (FAUSTBALLMANNNSCHAFT, 1938, p. 14). É possível que a fundação de equipes de punhobol, em outras entidades do estado, fosse fomentada pela *Turnerbund* a fim de favorecer a organização de disputas esportivas.

⁴⁰ Um jogo entre duas equipes, em um campo de 100 m x 15 m, para oito jogadores, que devem jogar uma bola com alças sobre a face oposta do campo, chamada linha de gol. O *Schleuderball* foi apresentado na Festa de Ginástica de Hamburgo, na Alemanha, em 1898, por uma de Berlim.

⁴¹ Não encontramos uma definição para este jogo, mas, possivelmente, refere-se a um jogo recreativo em roda, com uma bola.

⁴² Não encontramos uma definição para este jogo, mas, pode referir-se a um jogo recreativo sem materiais, cujo objetivo é semelhante ao “Nunca 3”.

No ano seguinte (1916), a sociedade de São Sebastião do Caí realizou um espetáculo de ginástica beneficente para a construção do seu *Spielplatz* (campo de jogos). Nesse evento, novamente, compareceram os ginastas da *Turnerbund* de Porto Alegre, com um destaque especial na narrativa acerca do evento à presença de “George Black” (FAUSTBALLMANNSSCHAFT, 1938), o reconhecido professor de ginástica da entidade, responsável pela introdução da prática do punhobol no Rio Grande do Sul. Segundo consta, “todo o espetáculo foi aplaudido, mas o ponto alto foi o jogo de punhobol”, sendo, também, noticiado pelo periódico das sociedades de ginástica, o *Turnblatter* (FAUSTBALLMANNSSCHAFT, 1938, p. 14). No evento, disputaram “com verdadeiro entusiasmo” o departamento das meninas (*Mädchenabteilung*) contra os meninos iniciantes (*Zöglinge*).

Acerca dessa prática, Killpp (2012) localizou uma circular da *Turnerschaft*, de outubro de 1931, sugerindo que a sociedade local inserisse o punhobol no bojo de suas atividades. Segundo a autora (2012, p. 58), “a partir deste momento, todas as sociedades de ginástica promoveriam este esporte e aconteceria juntamente com o campeonato anual de ginástica, uma competição de punhobol”. Tal medida, possivelmente, visava alavancar a prática da modalidade, naquele período. Afinal, o crescimento de uma modalidade parte, também, da possibilidade de disputa entre diferentes equipes. Ainda, assim como sugerido anteriormente, reitera a possibilidade de iniciativas semelhantes terem sido aplicadas em outros momentos, bem como, para outros fins.

No caso da *Turnverein Santa Cruz*, Assmann (2015) evidenciou a apropriação de práticas esportivas nas duas primeiras décadas do século XX: futebol (1905), esgrima (1910), punhobol (1914) e *Tamburinball*⁴³ (1914). Tal arranjo relacionava-se aos discursos “*sportivos*” que rondavam a localidade no período, em razão da emergência de outros clubes, como também de concepções higienistas e de modernidade (ASSMANN; MAZO; SILVA, 2018). Na *Turnverein* de Montenegro, um time de futebol foi criado em 1904 (TURNVEREIN SÃO JOÃO..., 1929), enquanto Hoffmeister infere que, na *Turnerbund* de Porto Alegre, uma equipe de futebol – o *Fussball Mannschaft Frisch-Auf* (Equipe de Futebol Sempre Avante) – foi formada

⁴³ *Tamburinball* é um jogo semelhante ao tênis e ao punhobol, porém no lugar da raquete ou da mão se utiliza um objeto semelhante a um pandeiro. A bola utilizada é pequena e elástica. As primeiras manifestações do jogo surgiram na Itália e, posteriormente foi apropriado como prática esportiva pelas *Turnvereine* da Alemanha, especialmente destinado as mulheres. No alemão a tradução é *Trommelball*. (WAGNER, 1913).

somente no final dessa década, 1909. Contudo, mesmo antes da fundação desta equipe, o professor de ginástica, Georg Black, já participava como jogador do *Grêmio Foot Ball Porto Alegre*, criado em 1903 (MAZO et al., 2012), como é possível observar na imagem abaixo, de 1906, na qual, ao centro, com uma extensa barba, está Georg Black.

Figura 4 – Equipe de futebol do Grêmio Foot Ball Porto Alegre, em 1906.



FONTE: Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

Segundo Pfister (2011, p. 64), a *Deutsche Turnerschaft* da Alemanha resistia à introdução dos esportes nas sociedades de ginástica “por um lado, porque seus princípios contradiziam a aspiração dos *turner* ao condicionamento pleno e à orientação patriótica da população; por outro lado, contudo, também porque o esporte ameaçava o domínio do *turnen* na Alemanha”. Para a autora (2011, p. 65), a década de 1920 teve “uma onda do *turnen* e do esporte”. No sul do Brasil, no Rio Grande do Sul foi, justamente, o imigrante alemão, George Black, um personagem que atuou na propagação do *Turnen* e do esporte. Este imigrante alemão, que se instalou em Porto

Alegre no início do século XX, praticou, lecionou e difundiu os ideais do movimento *Turnen* no estado. Segundo Lyra e Mazo (2010), o instrutor de ginástica alemão, contribuiu para a divulgação do punhobol, futebol, esgrima, ciclismo, atletismo⁴⁴, além da ginástica, em espaços como escolas, clubes, praças e parques públicos. Também instituiu na sociedade ginástica de Porto Alegre o primeiro grupo de escoteiros do Rio Grande do Sul (LICHT, 2013).

Nas primeiras décadas do século XX, além do fomento a diferentes práticas esportivas, fortalecia-se o movimento nacionalista, em ascensão desde a Proclamação da República (1889) e acentuado com a entrada do Brasil na I Guerra Mundial em posição contrária a Alemanha, resultando na promulgação de leis que visavam o abraqueiramento de instituições identificadas como teuto-brasileiras. As ações nacionalizadoras, conforme Ramos (2000), consistiam em dois tipos: o abraqueiramento do que era originariamente em alemão, como os nomes de localidades, a língua falada, os registros escritos; e a conscientização nacional a partir de festas e datas cívicas brasileiras.

No estado do Rio Grande do Sul, associações como a *Turnerbund* de Porto Alegre resistiram às pressões governamentais, algumas sofreram represálias, outras paralisaram e muitas realizaram mudanças nas suas atividades ao longo dos anos. A Sociedade de Ginástica de Santa Cruz do Sul, por exemplo, precisou traduzir seus estatutos do idioma alemão para o português em 1917. Além disso, sua sede foi alocada, por decreto, à disposição do Tiro de Guerra nº 289 e serviu de alojamento para um batalhão do exército, o qual foi transferido para a localidade (TURNVEREIN SANTA CRUZ, 1929). Incurões e alterações nas sociedades de ginástica refletiram na organização associativa e nas práticas culturais e esportivas dos associados (KILPP, ASSMANN, MAZO, 2014). Em Estrela, como demonstra o estudo de Kilpp (2012), a sociedade de ginástica também alterou o idioma de seu estatuto e as aulas passaram a ser ministradas em português. A Sociedade de Ginástica de São Leopoldo também apresentou preocupação com o andamento de suas atividades após a entrada do Brasil na I Guerra Mundial, em 1917 (MÜLLER, 1986). E, a fim de

⁴⁴ Mazo, Maduro e Pereira (2010), identificaram que já na primeira competição de ginástica no Rio Grande do Sul, em 1896, foram contempladas práticas de atletismo. Porém, os primeiros registros do termo "atletismo" surgem somente no início da década de 1910, sendo que o primeiro Departamento de Atletismo foi estruturado na SOGIPA em 1918. Competições de atletismo aconteceram em outras cidades do Estado, especialmente naquelas que congregavam grande contingente de imigrantes alemães.

demonstrar “o patriotismo que votam à pátria brasileira”, conforme consta nas atas apresentadas por Müller (1986, p. 68), ou de evitar maiores represálias, os estatutos da entidade foram traduzidos.

Em São Sebastião do Caí, a *Turnverein* sofreu com represálias e atentados. Segundo Quitzau (2016, p. 87) discursos contra a entidade eram, inclusive, veiculados pelo jornal local, que adjetivava a Sociedade de Ginástica como “covil de retovados” e “inpatriótico cubículo”. O ódio ao clube e aos associados culminou em um incêndio das suas dependências, no dia 19 de setembro de 1919, por integrantes da população local. Segundo o *Festschrift* de 1929: “Assim como em outros locais – São Leopoldo, Santa Cruz, Estrella – elementos nativistas assediaram com excessivas perseguições e ameaças a *Turnverein*”⁴⁵ de São Sebastião do Caí (TURNVEREIN SÃO SEBASTIÃO..., 1929, p. 75).

A entidade permaneceu com suas atividades “abrandadas” até 1925, quando “finalmente”, como consta no relato da entidade (1938), conseguiu novamente participar de um evento do *Turnen*. Contudo, apenas seis ginastas homens integraram o torneio e oito mulheres participaram da abertura, com uma apresentação especial em grupo. Os ginastas de São Sebastião ficaram no 10º, 14º, 18º e 19º lugares, o que foi considerado um “bom desempenho”, devido às adversidades dos anos anteriores. Após esse período, muitas associações esportivas que tinham interrompido atividades voltaram a realizá-las. Conforme Mazo (2007, p. 7) “a discriminação dos teuto-brasileiros gerou um forte sentimento de união entre os membros deste grupo étnico”. As festividades e eventos foram então retomados, destacando-se o Centenário da Imigração Alemã para o Brasil (1824-1924), celebrado em 1924 por muitas associações esportivas (MAZO, 2007; FESTSCHRIFT..., 1929).

Quitzeu (2016) afirma que nesta época a *Deutscher Turnschaft*, entidade nacional de ginástica da Alemanha, passou a olhar mais atentamente para os clubes no exterior, especialmente na América do Sul, criando em 1925 uma comarca específica para este fim, chamada *Gau Ausland* (Comarca do Exterior). Para a entidade alemã, os clubes de ginástica representavam “pequenos conventos do *Volkstum* alemão em terras estrangeiras e, dessa forma, como espaços que devem ser incentivados e preservados no intuito de manutenção da cultura germânica” e do

⁴⁵ *Wie auch in andern Orten – São Lepoldo, Santa Cruz, Estrella – hatten nativistische Elemente unter allerhand Drangsalierungen um Drohungen der Turnverein einzuschüchtern.*

Turnen (QUITZAU, 2016, p. 53). Com tal propósito, a entidade elaborou, a partir de 1927, cursos de formação de professores de *Turnen* no exterior e o envio de professores para a América do Sul. Não obstante, o Brasil constar entre os países contemplados, a autora (2016) não evidencia tal circunstância no Rio Grande do Sul.

Segundo Kilpp (2012, p. 56), todavia, a *Turnverein Estrela*, com a ajuda do professor de ginástica da *Turnerbund*, George Black, contratou no início da década de 1920 um “professor formado em cultura física na Alemanha, Leo Joas”. A vinda de Leo Joas deu um novo impulso à sociedade, que, abalada pelas ações de “abrasileiramento”, tentava retomar o prestígio do período pré Primeira Guerra Mundial (KILPP, 2012). Antes dele, outros professores/instrutores oriundos da Alemanha circularam em localidades do Rio Grande do Sul, os quais são citados em documentos e livros comemorativos das sociedades de ginástica, como é o caso de E. Gottfriedsen, instrutor de ginástica; E. Martens e Weiss, assistentes de ginástica, que atuaram na SOGIPA (SILVA, 1997); Robert Perterson, *Turnwart* da sociedade de Montenegro.

O processo de nacionalização voltou a exacerbar-se no país, durante o governo de Getúlio Vargas no período do Estado Novo (1937-1945). A fim de formar uma identidade nacional, uma unidade homogeneia a chamar-se Nação Brasileira, foi desencadeada uma intensa Campanha de Nacionalização. A opressão vivida pelas associações esportivas que produziam representações culturais estrangeiras, no final da década de 1930, resultou no fechamento de diversas entidades e na supressão de representações étnicas teuto-brasileiras. Estas conformações alteraram significativamente o cenário esportivo e as *Turnvereine* do Rio Grande do Sul.

A estrutura associativa aqui apresentada, bem como suas particularidades, fazia parte da arquitetura de uma figuração em cujo cerne estava o *Turnen*, as relações, apropriações e valores que tal prática cultural mobilizava. Esta figuração apresentava-se como uma “boa sociedade”, com códigos de comportamento e sentimento que eram compartilhados pelos sujeitos em uma relação de interdependência e constante tensão.

4.2 *TURNVEREINE*: códigos de comportamento e sentimento

Na “boa sociedade” do *Turnen*, o “grupo central, mais destacado e determinante” (ELIAS, 2011, p. 81) era a *Turnerbund* de Porto Alegre. Ainda que, oficialmente, fosse determinada como entidade central a *Turnerschaft* – Federação de Ginástica do Rio Grande do Sul. No jornal *Kolonie* de Santa Cruz do Sul, por exemplo, a *Turnerbund* de Porto Alegre é cunhada como um modelo a ser seguido pela sociedade local. Em São Sebastião do Caí, a presença e a demonstração das habilidades de 12 ginastas homens da *Turnerbund*, foi referida com destaque em relato acerca da *IV Stiftungfest* (Festa de aniversário) da entidade, realizada em 1902⁴⁶ (DIE TURNERISCHE..., 1938, p. 3). Na tese de Haike da Silva (2005b) é transcrita passagem de uma carta escrita por Aloys Friederichs a Guilherme Lamberts, da sociedade de ginástica de São Leopoldo, manifestando posição contrária à adesão das sociedades ginásticas aos grupos nacionais socialistas. No entanto, ao analisarmos tal discurso sob outra ótica, observamos que além da manifestação explícita, a carta também apregoa o interesse de Friederichs na fundação da *Deutsche Turnerschaft* e a posição da *Turnerbund* – ou a pretensão de posicionar-se – como grupo central, afirmando que a “*Turnerschaft* partiu da *Turnerbund* em 1895 e ele foi sempre, no sentido do fortalecimento da germanidade e financeiramente, por 42 anos, a espinha dorsal da *Turnerschaft*. Sem a *Turnerbund*, a *Turnerschaft* não teria podido manter-se firme” (FRIEDERICHS, 17 mai. 1937 apud SILVA, 2005b, p. 223).

Por meio de normativas e ações voltadas à integração das instituições que presidia, apropriando-se de diferentes práticas culturais, a liderança do movimento *Turnen* no Rio Grande do Sul, preservava não somente a germanidade, mas, também, a sua posição social diante da comunidade teuto-brasileira. Para Mazo e Lyra (2010, p. 970), a *Turnerschaft* “visava, ao mesmo tempo, a preservação da cultura e costumes dos teuto-brasileiros e o fortalecimento da unidade das sociedades alemãs no Estado, alimentando um forte caráter nacionalista pela Alemanha”. Nos termos da própria entidade, a *Turnerschaft* considerava-se um alicerce sólido da germanidade no RS, que não desvanece ao vento, como a areia: “Na igreja, na escola e em sociedade está firmada a germanidade do Rio Grande do Sul, como uma sólida casa;

⁴⁶ Além dos ginastas da *Turnerbund*, segundo registro, por empenho do *Turnwart* Kuminsky, participaram da festividade representantes das sociedades de São Leopoldo, Novo Hamburgo e Montenegro (DIE TURNERISCHE..., 1938, p. 3).

uma casa alemã, que não é construída com areia. E uma parte dessa casa alemã é a *Turnerschaft von Rio Grande do Sul*⁴⁷ (GESCHICHTE, 1929, p. 20).

Dentre as exigências estatutárias da *Turnerschaft*, estava o uso do idioma alemão entre os associados, exigência que foi encontrada, também, em outras entidades de ginástica e teuto-brasileiras do estado do Rio Grande do Sul, como referido anteriormente. Em Santa Cruz do Sul, a despeito da utilização do idioma alemão em todos os documentos encontrados até 1917 e da afirmação oficial da sociedade ter sido fundada por 14 “alemães” (TURNVEREIN SANTA CRUZ, 1929, p. 6) – o que já remete a um processo de legitimação cultural – o levantamento apresentado por Wieser (1990) a partir do periódico alemão *Monatsschrift für das Turnwesen*, de 1896, evidencia a participação de três associados que não falavam o idioma alemão. Logo, pode-se questionar a exigência do uso da língua alemã, naquele período específico – década de 1890 – como representação cultural cardinal para o grupo étnico. Compete aqui a nota de que esse período sucedia a Proclamação da República (1889) e a Constituição de 1891. Nesse cenário, ser conhecedor do idioma português, por exemplo, passava a ser condição obrigatória para a concessão do direito ao voto. Logo, requisito para o reconhecimento e a afirmação da cidadania brasileira, através da participação política (KRAUSE, 2002). Os interesses comerciais, também, aumentavam a necessidade de interação com luso-brasileiros.

Cabe ressaltar, contudo, que o idioma alemão era composto de diferentes dialetos, sendo encontrados documentos escritos com grafias diferenciadas do *Hochdeutsch* (alemão oficial). Isto, por exemplo, foi observado em convite para um *Kerb* da *Turn- und Schuetzenverein* (Sociedade de Ginástica e Atiradores) de Montenegro⁴⁸. Müller (1986) constata que, nas atas da Sociedade de Ginástica de São Leopoldo, nas primeiras décadas do século XX, misturava-se alemão e português entre os escritos. Os imigrantes e descendentes alemães, classificados como teuto-brasileiros, não compreendiam uma unidade homogenia, como parece sugerir tal classificação. Mas, sim, como afirma Ellen Wortmann (2000, p. 210), a composição dos muitos imigrados das regiões que compreendiam os estados alemães, pode ser compreendida como uma “colcha de retalhos em que uma diversidade enorme de

⁴⁷ *Im Kirche, Schule und Vereinen steht das Deutschtum von Rio Grande do Sul geschlossen da, wie ein fest gezimmertes Haus; ein Deutsches Haus, das nicht auf Sand gebaut ist. Und ein Teil dieses deutschen Hauses ist die Turnerschaft von Rio Grande do Sul.*

⁴⁸ Não conseguimos apurar o dialeto utilizado no convite, contudo, foi possível observar que a palavra “werden”, do *Hochdeutsch*, por exemplo, referia-se no convite a palavra “werre”.

trajetórias se entrecruzavam”, sendo encontradas entre esses sujeitos divergências culturais, políticas, sociais, dentre as quais, o idioma.

Todavia, como reiterado várias vezes nos indícios encontrados nessa pesquisa e na literatura consultada, o idioma alemão era apropriado como representação cultural étnica delimitadora de uma identidade teuto-brasileira, que legitimava e distinguia a “boa sociedade”. Ser “alemão” era, cotidianamente, falar “alemão”. Apesar de constituir-se como uma entidade voltada à prática cultural do canto, um episódio em Villa Germania, atual cidade de Candelária, colônia alemã majoritariamente evangélica, chamou a atenção – tendo em vista, também, as relações constituídas pelas associações teuto-brasileiras de uma mesma comunidade – e foi digno de nota no jornal. Na Sociedade de Canto (*Gesangverein*) *Frohsinn*, três jovens luso-brasileiros, “que só entendem português”, tentaram se filiar à entidade, “pronunciadamente alemã, onde somente se processa o alemão e que, conforme o Estatuto, somente concebe como sócio integrante da comunidade cidadãos que falam alemão”⁴⁹ (VILLA GERMANIA, 11 dez. 1895, s/p). A nota salienta que os jovens foram “avisados” da impossibilidade de associação, contudo, insistiram na tentativa. Recusados na *Ballotage*, sistema de votação para a entrada de novos associados, os jovens “juraram vingança a todos aqueles que votaram contra suas associações”. Durante um *Kerb* da comunidade, eles teriam, então, atacado um “jovem de origem alemã” proferindo as palavras: “Agora morra, *allemlão!*”. A nota, emitida pela própria instituição, segue argumentando que, até aquele momento os “*deutschen Mitbürger*” (cidadões alemães) de Villa Germania e os “*brasilianer*” (brasileiros) viviam em harmonia e que assim pretendiam permanecer, mas que gostariam de continuar preservando a sua germanidade (*Deutschtum*), apesar de reiterar que os alemães da Colônia eram “cidadões plenos do país”.

Na “boa sociedade”, era necessário manter certo equilíbrio para que fossem asseguradas as disposições sociais determinadas. Uma estratégia adotada e que se mostrou muito eficaz foi a produção de sentimentos de pertencimento a uma sociedade identitária – a teuto-brasileira, uma unidade vinculada pela cultura, pelo *Deutschtum* (germanidade). O líder da *Turnerbund* e da *Turnerschaft*, Jacob Aloys Friederichs dedicava “a maior parte de sua fala e de sua atuação pública” a tal intento (SILVA, 2005b, p. 250). A promoção dessa unidade cultural era também fomentada

⁴⁹ [...] ein ausgesprochen deutscher Verein, der nur die deutsche Sprach in seinen Verhandlungen kennt und der laut Statut darum nur deutschsprechenden Bürgern die Mitgliedschaft gewährt [...].

pelos processos de negociação de identidades, próprias dos tensionamentos do momento histórico, com a proclamação da República (1889) e os paulatinos e progressivos esforços pelo abasileiramento da nação.

Enquanto defendia a “origem” germânica, a sua autenticidade, suas “intrínsecas” virtudes, defendia, também, o Estado brasileiro enquanto instituição política, afirmando que “graças às virtudes próprias à essência, ao caráter do povo (*Volkstum*), ele cultiva a fidelidade à pátria. Da mesma forma, só será um bom cidadão brasileiro de sangue alemão aquele que dá o devido valor ao seu *Volkstum*” (SILVA, 2005b, p. 250). Um discurso que evidencia a produção de uma identidade étnica teuto-brasileira, cuja condição primordial estava na manutenção da cultura alemã, compreendida como inerente ao sujeito alemão. Assim, pertencia a uma nação de sangue, a uma comunidade de pertencimento hereditária, mas também devia reverência e obediência à pátria de acolhida. Ainda que a “essência”, o âmago identitário, estivesse atrelada à germanidade.

Ramos (2000, p. 124) cita um trecho do Relatório dos 50 anos da *Leopoldenser Turnverein*, celebrado em 1935 – período que o nacionalismo alemão era intensificado pelo governo de Hitler – que também apresenta informações que indicam a afirmação de uma identidade cultural étnica. No documento, o clube declarava “ser um portador da cultura alemã”, bem como, ser fiel às “exigências de Jahn: amor ao povo, fidelidade à terra natal!”. Ainda no mesmo trecho, o “sangue alemão” aparece como determinante para a união dos associados, como base de sustentação para a formação do “nós-unidade”.

Essas concepções identitárias estão presentes também no livro de Hofmeister (1986). O autor (1986, p. 8) inicia a descrição histórica sobre a atual SOGIPA com a frase: “Do espírito gregário ou comunitário da “gente alemã” costuma-se dizer que “um alemão, uma ideia; dois alemães, uma iniciativa; três alemães, uma sociedade”, com a fundação da SOGIPA não poderia ser diferente [...]”. Segundo Silva (2005b), os imigrantes e descendentes de alemães, tinham na *Turnerbund*, uma referência, participando ativamente de seus eventos e ações, como as festividades associadas à Alemanha e à colonização, mas também, de dias alusivos a datas brasileiras.

Outro indício que reforça a intenção de construir uma “boa sociedade” do *Turnen* marcadamente germânica no RS foi localizado no texto intitulado *Turnen und Kultur* (Ginástica e Cultura), de 31 de julho de 1914. Nesse documento, Jahn, o “*Turnvater*” (pai do *turnen*), é lembrado com uma frase de sua autoria: “*Vom Anfang*

am Zeugte die Turnkunst einem grossen Gemeingeist uns vaterländschin Sinn, veharrlichkeit und Selbstverleugnung”, ou seja, “desde o princípio é evidenciado na arte do *Turnen* um grande espírito comunitário e patriota, perseverança e abnegação” (TURNEN UND KULTUR, 31 jul, 1914). Tais representações, a exaltação à figura de Jahn, a citação e os adjetivos que ela compõe, buscam, para além de fazer ver a “boa sociedade” do *Turnen*, enfatizar os códigos e as normas que todos os participantes dessa rede deveriam seguir e manifestar.

Dentre as representações apropriadas como legitimadoras de uma identidade cultural, encontram-se o uso da língua alemã, a concepção de nação pela retórica do “sangue alemão”, concepções associadas ao discurso pangermanista, a exaltação da figura de Jahn, a produção de um passado a partir da ideia de uma história comum, como a unificação dos estados alemães. Segundo Tesche (2005, p. 23), “estes clubes apoiaram-se originalmente no Movimento *Turnen* que preservava a identidade étnica dos alemães (*Deutschtum*) fora de seu país de origem”. A manutenção do sentimento de pertencimento a um grupo étnico teuto-brasileiro é também ratificada nos estudos acerca das sociedades de Estrela (KILPP, 2012) e de Santa Cruz do Sul (ASSMANN; MAZO, 2017). Para Seyferth (1992, p. 2), as fronteiras delimitadas para legitimar o pertencimento ao grupo étnico teuto-brasileiro “incluem características culturais e sociais objetivamente identificáveis, assim como elementos de natureza simbólica que às vezes remetem à origem presuntiva do grupo ou à sua tradição” e que permitem a elaboração de diferenças marcantes.

No caso do clube de ginástica de Santa Cruz, “o corpo e a mente deveriam ser moldados e fortalecidos através da arte da ginástica alemã desenvolvida pelo “*Altvater*” (patriarca) Jahn” (ASSMANN, 2015, p. 96). No estudo sobre esta associação esportiva, Assmann (2015) evidencia o *Turnen* como uma prática voltada à disciplina, à obediência, ao desenvolvimento da moral e das competências físicas, especialmente fomentadas como instrumento de fortalecimento dos jovens identificados como alemães. Um excerto de uma carta, datada de 1919, redigida pela direção da *Turnverein* de São Sebastião do Caí acerca das interpéries sofridas nesse período, fornece indícios sobre a educação dos “jovens alemães”, tendo a sociedade de ginástica como referência:

Uma associação que cultiva e promove os costumes alemães como um santuário! Onde se reúnem os nossos filhos para exercitar e desenvolver sua força corpórea! Onde os laços raciais se formam desde a juventude! Se houvesse uma sociedade de ginástica em todos os municípios alemães, muitos desertores não seriam desertores e diriam a si mesmos: tu és alemão, segue a língua e os costumes, e alemão queres permanecer. Nenhuma sociedade é tão apropriada quanto esta, que envolve a germanidade nos jogos e apresentações públicas, e porque lá a união alemã dos jovens será desenvolvida. Graças à preservação dos laços em sociedade de ginástica pôde, de verdade, ser evitada tanta “erosão” na germanidade local. Nosso principal foco sempre foi a ginástica das crianças. Estes foram educados com músicas alemãs e pensando em alemão. Através das frequentes reuniões, seja para a prática da ginástica, de jogos ou outros entretenimentos, foi oferecida aos jovens a oportunidade recíproca de se unir em casamento, o que reforça o germanismo, e no qual o casal fala, canta e pensa em alemão com seus filhos (DER VORSTAND, 7 ago. 1919, p. 6).⁵⁰

Observa-se que o saber “ser alemão” fazia parte de um processo de aprendizagem que deveria ser iniciado e estimulado em casa, pelos pais, fomentado pelo meio social e fortalecido nas sociedades ginásticas. Como futuro da nação, as crianças e os jovens deveriam, nesse discurso, dar continuidade aos modos e valores identitários alemães. O discurso incita, inclusive, casamentos étnicos como forma de manutenção cultural. Além disso, indica a existência de “desertores”, ou seja, aqueles que renegevam ou se afastaram da germanidade e dos códigos da “boa sociedade”, sugerindo um desequilíbrio nas tensões, uma oscilação na dinâmica social que ameaçava a integridade da “boa sociedade”. O período – no decurso das represálias advindas da I Guerra Mundial; no mês anterior ao incêndio intencional das dependências do clube – também apontam nesse sentido. Ainda, tal compreensão é reiterada, na passagem acima transcrita, pela afirmação exacerbada da necessidade

⁵⁰*Ein Verein, der die deutschen Sitten pflegt und hegt wie ein Heiligtum! Wo unsere Kinder zusammenkommen, um ihre leibliche Kraefte zu uebem und zu entwickeln! Wo sich von Jugend auf die Rassenzusammengehorigkeiten bildet! Wenn in allen deutschen Munizipien solche Turnverein waeren, so wurde mancher Renegat kein Renegat sein und sich sagen: Deutsch bist du der Sprache und Sitten nach, un deustch willst du bleiben. Kein Verein ist so geeignet wie dieser, das Deutschtum an den Spielen und Auffuehrung beteiligt, und weil da die deutsche Zusammengehorigkeit von Jugend auf entwickelt wird.*

Dank der Pflege der Zusammengehorigkeite im Turnverein konnte tatsaechlich so manches Abbroeckeln am hiesigen Deutschtum Verhuetet werden. Unser Hauptaugemerk war stest das Kinderturnen gewesen. Diese wurden beim deustchen Lied auch deutschenkend erzogen. Durch das oeftere Zusammenkommen, sei es zum Turnen, Spiel oder zu sonstigen Unterhaltungen, hatte sich den jungen Leuten Gelengeheit geboten sich gegenseitig legen Eheschliessungen ergeben haben, die heute das Deutschtum staercken, indem sie mit ihren Kindern deustchsprechen, singen und denken.

de preservação dessa identidade, o que poderia ser consolidado através da filiação e pertença a uma sociedade de ginástica.

Assim como às confrarias estudantis, analisadas por Elias (1997, p. 56), a aceitação em uma associação esportiva como as Sociedades Ginásticas poderia proporcionar aos jovens “acesso ao *establishment*”, identificando-os perante a sociedade como um de “nós” e “cujos sentimentos e conduta eram fiéis a um código específico”. Contudo, apesar de certa padronização de normas de comportamento, não se pode generalizar os pensamentos e condutas como modos iguais e homogêneos. Ainda que esse fosse um dos preceitos de tais instituições, tendo em vista as normativas estabelecidas formal e informalmente entre o grupo.

Para ser qualificada como *Turnverein*, no sentido alemão do termo, era necessário seguir os códigos de comportamento e sentimento da rede. Aqueles que não estivessem de acordo com tal premissa, eram excluídos do grupo. Assim, em São Sebastião do Caí, membros da *Sociedade Gymnastica Internacional*, foram segregados a uma segunda instituição, pois não estavam convencidos de seu “valor ginástico” (*Wert der Turnerei*) (DIE TURNERISCHE..., 1938, p. 2), deixando em “segundo plano” os “princípios” do *Turnen* (TURNVEREIN SÃO SEBASTIÃO..., 1929). O *Turnwart* Kuminsky e Dexheimer, promotores de tal divisão, não estavam satisfeitos com os códigos produzidos e propagados pela entidade, entrando em conflito com a direção da mesma. Nessa luta pelo poder, Kuminsky e Dexheimer acabam por fundar outra Sociedade de Ginástica que já no nome anunciava representações de uma identidade étnica: *Deutscher Turnverein* (Sociedade Alemã de Ginástica). Tal identificação visava produzir um efeito pertencimento à rede do *Turnen*, ao mesmo tempo em que buscava diferenciar-se da “antiga” entidade: “a “Sociedade Alemã de Ginástica” é assim chamada para se diferenciar da antiga, frequentemente chamada de “Sociedade Brasileira de Ginástica”⁵¹ (TURNVEREIN SÃO SEBASTIÃO..., 1929, p. 72). Já no mesmo ano, 1898, a entidade se filiou à *Turnerschaft*, após uma visita de Dexheimer e Kusminsky a Porto Alegre, em dezembro de 1898.

Para pertencer à boa sociedade era exigida “submissão incondicional às regras do código” (ELIAS, 1997, p. 109). Os códigos e as representações atuavam, assim, como sistema classificatório, estabelecendo “fronteiras simbólicas entre o que está incluído e o que está excluído, definindo, assim, o que constitui uma prática

⁵¹ [...] der “Deutsche Turnverein” so genannt zum Unterschied von dem alten, der gemeinhin als “Brasilianischer Turnverein” bezeichnet wurde.

culturalmente aceita ou não”, como afirma Woodward (2000, p. 49). A partir das informações analisadas, podemos presumir que a *Sociedade Gymnastica Internacional* não se enquadrava nos códigos compartilhados pela figuração do *Turnen*. Logo foi negado aos membros de tal instituição acesso a filiação que identificava uma pessoa como membro da “boa sociedade” e assim, “na acepção mais ampla, do *establishment* alemão” (ELIAS, 1997, p. 55-56).

Silva et al. (2014, p. 261), ao analisarem o conceito de poder nas obras de Norbert Elias, afirmam que, para o autor, “os mecanismos de “classificação” e “desclassificação” social são produzidos no seio das relações de interdependências protagonizadas entre os indivíduos e grupos, tendo como elemento estrutural de regulação a disputa pelo poder”. Nesta disputa, a *Deutscher Turnverein* foi classificada como pertencente à “boa sociedade”, pois consta dentre as entidades agrupadas pela *Turnerschaft* do Rio Grande do Sul, diferentemente da *Sociedade Gymnastica Internacional*. Esta entidade, que na ocasião, alterou sua nomenclatura para *Progresso do Cahy*, teve vida efêmera ou ficou invisibilizada na rede e nas memórias do *Turnen*. Provavelmente, devido aos preceitos distintos daqueles que a “boa sociedade” do *Turnen* apregoava. O nome da nova instituição também representa o grupo. O “progresso” pode estar associado ao afastamento das rígidas normas alemãs – tanto no que tange a disciplina quanto à manifestação identitária – e uma aproximação aos códigos da “modernidade”.

A exigência de uma rígida disciplina, compreendida como um processo de auto coerção por submissão aos códigos de comportamento e sentimento compartilhados pelo seu meio social, é expressa em atas da Sociedade de Ginástica de São Leopoldo, registradas por Müller (1986). Em fevereiro de 1907, Alfred Mohr, então mestre de ginástica, denuncia uma “desordem ao final da aula de ginástica”. E, na ata de dezembro do mesmo ano, registram-se “queixas de alguns sócios sobre a última demonstração de ginástica porque estavam presentes [...] pessoas que sob hipótese alguma têm o direito de participar das festividades” (MÜLLER, 1986, p. 59). Em outra passagem, de março de 1908, consta que, dentre as meninas participantes da recém criada *Mädchenriege* (Turma de Meninas), uma não estaria de acordo com os códigos adequados ao quadro de associados pois sua “família não tem boa fama na cidade” (MÜLLER, 1986, p. 60). Inclusive, solicita-se a exclusão da menina. Para participar da “boa sociedade”, muitas vezes, são exigidos critérios não escritos, mas “símbolos implícitos de filiação” (ELIAS, 1997, p. 84), conhecidos desde a infância.

Ainda no mesmo ano (1908), foi registrado que “a senhora O. S teve comportamento pouco desejável no último “Kränzchen” e não deveria merecer convite em outra oportunidade” (MÜLLER, 1986, p. 61). A exclusividade de pertencer a “boa sociedade” tornava-se visível pela filiação numa agremiação local. Do mesmo modo, ser excluído dessa coletividade, colocava o indivíduo em uma posição “marginal” nas relações de poder (ELIAS, 1997, p. 56).

O discurso proferido, provavelmente pelo presidente Friederichs, no ato de inauguração do *Spielplatz* (Campo de Jogos) da *Turnerbund*, inaugurado em 21 de maio de 1911, produz representações de uma “nós-unidade” a partir de um “nós-ideal” alemão (ELIAS, 1997). Relaciona a inauguração do *Spielplatz* aos “100 anos de inauguração” do *Turnplatz* de Jahn, em Haseinheide (Alemanha), em 1811 (DIE FESTREDE, 1912, p. 28), também faz menções honrosas a Ludwig Jahn, salienta as guerras travadas na Alemanha e “a força do povo alemão”, ou, como consta no texto: “*Die deutsche Volkskraft*”. De tal modo, constrói um discurso em torno da necessidade de luta em prol da liberdade e da supremacia da Alemanha. Ainda, acentua a importância do trabalho do povo alemão no estrangeiro, “espalhando a cultura por onde fazem moradia”, assim como “é aqui, onde há 90 anos chegaram os primeiros imigrantes alemães”. As dificuldades enfrentadas por estes imigrantes são contrapostas com o vigor do indivíduo alemão: “a força alemã nunca falha”, “a força do povo alemão pulsa nas nossas colônias alemãs, em nossas escolas, comunidades, associações e sociedades⁵²” (DIE FESTREDE, 1912, p. 29). Tais representações são expressas e afirmadas a fim de produzir um sentimento de coesão, de vínculo, de pertencimento, nesse caso, à nação alemã. Elias (1997, p. 139) afirma que

os vínculos emocionais de indivíduos com a coletividade por eles formada cristalizam-se e organizam-se em torno de símbolos comuns, que não requerem quaisquer explicações fatuais, que podem e devem ser considerados como valores absolutos, inquestionáveis, e formam pontos focais de um sistema de crenças comuns.

A política, orientada para a “nação”, não se vinculava tão somente a uma pessoa, mas era “levada a cabo em nome de uma coletividade tão vasta que a maioria de seus membros não se conheciam e nem podiam se conhecer uns aos outros”

⁵² [...] *die deutsche Volkskraft, noch pulsiert sie in unserem deutstchen Kolonien, in unseren Schulen, Gemeinde, Verbänden und Verein.*

(ELIAS, 1997, p. 138). Estavam reunidos por vínculos emocionais com símbolos de coletividade, enquanto uma santidade dotada de qualidades superiores aos indivíduos: “queremos nos sentir como “*deutsche Stammesbrüder*” (irmãos de origem alemã) (DIE FESTREDE, 1912, p. 30). E, em letras diferenciadas, o discurso ressaltava palavras de Guts Muths, antecessor de Jahn, o “nosso *Turnvater*”:

Os jogos ginásticos têm algo de tão grandioso, de essência elevada, tanta força, para agir sobre o espírito nacional, para guiar o povo, para incutir neles confiança no patriotismo, para elevar o senso de retidão, e difundir um sentido nobre, que eu os considero um meio educacional essencial para toda a nação⁵³ (DIE FESTREDE, 1912, p. 30).

O *Turnen* segue sendo referido como “meio educacional”, com o qual aumenta-se a “**nossa** força” e deixa mais forte “**nosso** sentimento alemão”, através da fidelidade a “**nossa** arte ancestral”. O *Spielplatz* seria, assim, uma ferramenta que facilitaria o seu desenvolvimento e de todas as premissas representadas pelo *Turnen*. A “nova pátria”, contudo, é também referenciada: “E os frutos da força do povo alemão, nós pedimos a Ti, Tu lindo país Brasil, nós pedimos a Ti, Tu íntima pátria Rio Grande do Sul! No modo alemão, com perseverança alemã, nós queremos auxiliar no seu desenvolvimento⁵⁴” (DIE FESTREDE, 1912, p. 30). E, segue, pedindo a mesma devoção para com o “gênero alemão”, que com “saudáveis cidadãos, saudáveis no corpo e na alma”, serve ao “*Vaterland*”, Brasil (DIE FESTREDE, 1912, p. 30).

Em seus discursos, Friederichs exaltava o *Deutschtum* (germanismo) e a pátria mãe, Alemanha. Utilizava-se de tais premissas para identificar o grupo e distingui-lo daqueles que não deveriam ser legitimados como “alemães”. Em discurso proferido em 1924, por ocasião das comemorações do Centenário da Imigração Alemã, apresentado na tese de Silva (2005b, p. 251), Friederichs convoca a “quem não confessa com alegria e orgulho o *Volkstum* alemão” a “separar-se” de “nós”, diferenciando os códigos de pertencimento que representavam, em seu entendimento, o “nós” e o “eles”. Elias (1997, p. 137), na obra “Os Alemães”, salienta a importância do sentimento “nós e eles” como condição ao desenvolvimento de

⁵³ *Die gymnastischen Spiele haben etwas so Grosses, Herzerhebendes, so viel Kraft, auf den Nationalgeist zu wirken, das Volk zu leiten, ihm Patriotismus einzuflössen, sein Gefühl für Rechtschaffenheit zu erhöhen, und einem gewissen edlen Sinn zu verbreiten, dass ich sie für ein “Haupterziehungsmittel einer ganzen Nation halten.*

⁵⁴ *Und die Früchte deutscher Volkskraft, wir bieten sie Dir, Du schönes Land Brasilien, wir bieten sie Dir, du engere Heimat Rio Grande do Sul! In deutscher Art, mit deutschem Fleisse wollen wir mithelfen an deinem Fortschritte.*

sentimentos, crenças e valores nacionalistas, na formação de uma unidade. Em sua fala, Friederichs destaca a “tantas vezes humilhada, mas sempre grande e orgulhosa mãe Germânia” (SILVA, 2005b, p. 251). Tal manifestação remete a afirmação de Elias (1997, p.19), quando aponta que os “trinta anos de guerra representaram uma catástrofe, que deixou “marcas permanentes no *habitus* alemão”. A magnificência da Alemanha e as virtudes de seus súditos deveriam, então, ser exaltadas a fim de demonstrar a potência do povo alemão perante as demais nações europeias.

O código “ser alemão” deveria ser internalizado e regular as coerções individuais – autocoerções. Esse código era apropriado como mecanismo de condicionamento social que educava o indivíduo e seus corpos para o autocontrole. A estabilidade particular dos mecanismos de autocoerção psíquica constitui o traço típico do *habitus* do homem “civilizado”. Servir a pátria de corpo e alma, preservar as “virtudes ancestrais” do “gênero alemão” faziam parte dos códigos que deveriam ser partilhados pela “boa sociedade” que se legitimava como alemã, mesmo no estrangeiro, no Brasil.

A manifestação e o compartilhamento desses códigos aconteciam muitas vezes em função dos eventos, torneios e festividades. Em tais atividades se estreitavam os laços entre os indivíduos e grupos e se ampliavam as redes de interdependência. No programa de uma festividade da *Turnerbund*, em conjunto com a *Verband Deustcher Verein*, pela “honra” do Professor Dr. R. Jannasch (Berlin), em 1904, constam, além dos exercícios gímnicos, apresentações musicais e discursos. Dentre os discursos, um foi proferido acerca do Brasil, um sobre a Alemanha e outro sobre o Rio Grande do Sul. As canções que embalsamaram a festividade foram *Deutsches Weihe-Lied* (Canção de Consagração Alemã); *Ergo bibamus!*; *Lied der Deutschen* (Canção dos alemães); *Rhein-Lied* (Canção-Rhein); *Wir halten fest und treu zusammen* (Juntos nos mantemos firmes e leais); *Jonas*; *Die Lindenwirtin*⁵⁵. As músicas exaltavam a pátria mãe, a Alemanha e os alemães, bem como, dificuldades e alegrias vividas em solo alemão (FEST-COMMERS, 16 jul. 1904).

A importância desses momentos de socialização, reunião e compartilhamento, é reitera com a criação das *Gauen* (Comarcas), cuja função primordial era organizar, anualmente, uma *Gaufest* (Festa da Comarca). Além disso, era dever de cada Gau compartilhar informações – estatísticas e relatos de festividades – com o “a central”

⁵⁵ Composição textual do poeta alemão Rudolf Baumbach.

em Porto Alegre. A “descentralização” da direção da *Turnerschaft*, como mencionado pelo próprio grupo (FESTSCHRIFT, 1929, p. 34), resultou na criação de quatro organizações regionais, as *Gauen*, em 1911, sob coordenação de um *Gauleiter* (diretor da Comarca). No decorrer dos anos ocorreram modificações nesta divisão, como é possível visualizar nas figuras abaixo⁵⁶.

Figura 5 – Disposições e modificações das Comarcas (Gauen) da *Turnerschaft von Rio Grande do Sul*



FONTE: Adaptação com o mapa do ano de 1900 do IBGE.

⁵⁶ As quatro *Gauen* (comarcas), que compunham a planificação da *Deutsche Turnerschaft von Rio Grande do Sul*, determinada em 1911, eram: *Gau I*: Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Hamburgo Velho; *Gau II*: São Sebastião do Caí e São João do Montenegro; *Gau III*: Estrela, Lajeado e Teutônia; *Gau IV*: Santa Cruz do Sul, Cachoeira e Santa Maria da Boca do Monte (FESTSCHRIFT, 1929; WIESER, 1990). Esta composição sofreu algumas alterações em 1915, quando foram aglutinadas as *Gauen I* e II em torno de uma só, bem como a III e IV formaram outra *gauen* (FESTSCHRIFT, 1929; WIESER, 1990). A nova composição resultou em dois grupos, *Gauen*, com as seguintes localidades: 1) Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Hamburgo Velho, São Sebastião do Caí e São João do Montenegro; 2) Estrela, Lajeado, Teutônia, Santa Cruz do Sul, Cachoeira e Santa Maria da Boca do Monte.

Friederichs presta homenagens aos feitos dos “pioneiros”, que antes mesmo da “*glorreichen Kriege 1870/71*” (gloriosa guerra de 1870/1871), eram como um só, em amor a velha pátria em comum. “Todas essas histórias e descrições são invadidas pelo espírito de preservação do nosso *Deutschtum*, nossos modos e costumes ancestrais, e acima de tudo a amada, confiável língua materna” ⁵⁷ (FRIEDERICHS, 1910, s/p). E, quanto aos homens que, para Friederichs, consagraram a força do *Vereins-Deutschtum*, o presidente da *Turnerbund* infere que “todos eles serviram e servem a nossa cultura alemã, eles todos foram e são entusiásticos de nossos ideais alemães⁵⁸” (FRIEDERICHS, 1910, s/p).

A Alemanha é chamada de mãe - “*alteswürdige Mutter Germania*” (respeitada mãe Germania) – e os imigrados, são “os filhos que se mudaram para o além mar e, ali, continuam a atuar em prol dela e de sua cultura” (FRIEDERICHS, 1910, s/p). É estabelecido, assim, um vínculo maternal, de cuidado recíproco, que assegura um laço de ancestralidade consanguínea com a nação alemã. A utilização do pronome possessivo “nosso”, e suas variantes gramaticais, intenta produzir um efeito de grupo coeso e o sentimento de pertencimento a esse grupo.

A partir de um discurso exaltando a importância de tal união e representações de uma identidade étnica alemã, Friederichs se empenha em conquistar a “boa sociedade” do *Turnen* a fim de obter recursos para a construção de um *Turnhalle* (ginásio de *Turnen*) maior para a entidade. As festividades escolares são utilizadas como exemplo de tal “necessidade”:

Observamos nas festividades de conclusão de ano das nossas escolas, como os pais da juventude escolar e os amigos das escolas precisam ficar “arrebanhados”, pois os poucos assentos mal são suficientes para metade do número de mulheres ⁵⁹ (FRIEDERICHS, 1910, s/p).

A partir de então, começa uma pregação em defesa da construção de uma *Turnhalle* que comportasse a magnificência do *Turnen*, devendo caber 1500 pessoas (FRIEDERICHS, 1910, s/p). Tal empreendimento era justificado pela importância da

⁵⁷ *Alle diese Erzählungen und Schilderungen sind durchweht vom dem Geiste der “Erhaltung unseres Deutschtum, unserer angestammten Art und Sitte, und vor allem der liben, trauten Muttersprache.*

⁵⁸ [...] *sie alle dienen und dienen unserer Deutschen Kultur, sie alle waren und sind begeistert für unsere deutschen Ideale.*

⁵⁹ *“Man sehe sich einmal die Schulfestern unseres Schulen an, wie die Eltern der Schuljungen und die Freunde der Schulen zusammengepfercht stehen müssen, den die wenigen Sitzplätze reichen kaum für die Hälfte der Anzahl Damen”.*

manutenção do *Deutschtum* e a prosperidade de “tudo que é belo e bom da nossa cultura alemã nos nossos teatros literários, no nosso canto, na nossa música e no nosso *Turnen*”⁶⁰. Ao final, Friederich termina seu discurso com a expressão: “*Einigkeit macht stark*”, ou seja, “a união faz a força” (FRIEDERICHS, 1910, s/p).

O pedido de Jacob Aloys Friederich em um veículo público de informações, ainda que destinado a um público específico – aqueles que compreendiam o alemão e se identificavam com as premissas do jornal – pressupõe uma dupla “coerção externa” em função das interdependências (ELIAS, 1997, p. 42). Por um lado, a pressão imposta pelo presidente do clube central da rede, de forma indireta, mas pública, a todos aqueles que desejavam compor a “boa sociedade”. E, por outro, da coerção dos próprios indivíduos através do controle de uns sobre os outros. Afinal, quanto maior o número de pessoas que toma conhecimento de tal petição, provavelmente, maior será o número de pessoas que irão conceder recursos, mas, também, maior o número de pessoas que irão controlar a concessão de outros. Tais tensões culminam ou podem culminar em uma autocoerção, ou “coerção individual de autocontrole” (ELIAS, 1997, p. 43), a partir da internalização da cobrança de se dispor às necessidades do grupo de pertencimento. E, como diz Elias (1997, p. 103), “assim, eles pagam o preço por compartilhar dos privilégios de status e poder da “boa sociedade”: na presença de iguais ou superiores sociais, têm sempre de representar-se e legitimar-se como membros”.

No mesmo sentido, não participar de uma comemoração ou atividade, da qual as entidades coirmãs se fariam presentes, era um constrangimento à “boa sociedade”. Assim é evidenciado em relato no jornal *Kolonie*, de Santa Cruz do Sul, em 1914 (TURNWESEN, 11 mar. 1914), quando o redator enfatizava o estranhamento pela ausência da Sociedade Ginástica de Santa Cruz no “espetáculo” do *Eilbotenlauf*, que seria organizado pelo retorno do líder Jacob Aloys Friederichs da Alemanha. E, os votos de que a entidade comparecesse ao evento. Também, manifestava a preocupação para com a representação da entidade perante a sociedade e a rede do *Turnen*: “despertará a impressão de que nossa *Turnverein* local também está adormecida [assim como a sociedade de ginástica São João do Montenegro], enquanto que, na verdade, ela está muito ativa e de todo tem as mais bonitas

⁶⁰ “[...] *all dem Schönen und Guten, das uns unsere deutsche Kultur in unserer Theaterliteratur, in unserem Gesang in unserer Musik uns in unserem Turnen bietet*”.

expectativas”. Segundo consta na referida nota, cada uma das *Turnvereine* iria introduzir uma saudação por escrito em uma lata que seria transportada na corrida, e, então, entregue a Friederichs no *Spielplatz* da *Turnerbund* (TURNWESEN, 11 mar. 1914). Conforme o *Festschrift* de 1929, tal corrida ocorreu por sugestão da sociedade de ginástica de São Sebastião do Caí.

As *Eilbotenlauf* (corridas de revezamento) foram organizadas para fins comemorativos, vinculados às representações de germanidade. Quitzau (2016) afirma que, nos quatro anos em que foram realizadas, as corridas tinham como justificativa, a inauguração do memorial da Batalha dos Povos (*Völkerschlachtdenkmal*) (1913), na cidade de Leipzig/Alemanha, o retorno do *Turnvater* Jacob Aloys Friedrichs de sua viagem a Alemanha (1914), o centenário da Independência do Brasil (1922)⁶¹ e o centenário da imigração alemã⁶² (1924), da qual refere-se a imagem abaixo. Como é possível observar, as corridas de revezamento ocorriam nas ruas das localidades.

Figura 6 - Corrida de Revezamento em comemoração ao Centenário da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul (1924)



FONTE: Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS

⁶¹ Embora evidenciada por Quitzau (2016), a corrida de revezamento comemorativa ao Centenário da Independência do Brasil, realizada no ano de 1922, é invisibilizada nos textos escritos acerca das conquistas e participações de cada uma das entidades de *Turnen* que constam no *Festschrift* de 1929, bem como no relato acerca da história da *Turnerschaft* nesse mesmo documento. Percebeu-se que são citadas somente aquelas que ocorrerem em 1913, 1914 e 1924, que aludiam às representações culturais étnicas de uma identidade teuto-brasileira. Cabe atentar para os citados anos, sendo pouco antes da IGC e o último citado, posterior ao conflito mundial.

⁶² A comemoração contou com sociedades teuto-brasileiras de atiradores, ginástica e cantores (JAHRHUNDERT FEIER..., 1924).

Na corrida de revezamento de 1924, organizada pela *Turnerschaft*, o trajeto iniciou em Santa Cruz do Sul e percorreu as localidades de Venâncio Aires, Estrela, Teutônia, Poço das Antas, Maratá, São Sebastião do Cahy (ponto de encontro com os corredores vindos de Montenegro), Estância Velha, Hamburgo Velho (ponto de encontro com os corredores vindos de Igrejinha e Parobé) e São Leopoldo, onde se encontrariam, também, os corredores vindos de Porto Alegre, que juntos correriam até o Rio dos Sinos. O trajeto pode ser visualizado na figura abaixo. (JAHRHUNDERT FEIER..., 1924).

Figura 7 - Trajeto da Corrida de Revezamento (*Eilbotenlauf*) de 1924.



FONTE: Elaborada pela autora a partir do mapa do ano de 1900 do IBGE.

Os ginastas da *Turnverein Santa Cruz* estavam incumbidos de percorrer o trajeto até Venâncio Aires, sendo que, cada corredor, completaria uma extensão de 400 metros, em um período de aproximadamente três minutos. A participação na corrida era voluntária, sendo necessário inscrever-se com antecedência, e estava aberta para meninos entre 12 e 20 anos de idade (STAFETTENLAUF, 1 abr. 1924).

A primeira vez que foi realizada uma corrida com tal arranjo, foi em 1913, após o retorno do professor de *Turnen*, Georg Black, de uma viagem de estudos a Alemanha. A ideia inicial da "*Eilboten- oder Stafettenlauf*" (corrida de revezamento), segundo instruções do próprio professor, era transportar um documento em um rolo de metal até o ponto final do trajeto, no tempo mais rápido possível (G.B., [1913], s/p)

– assim como evidenciado no evento de 1914, em homenagem a Friederichs. A fim de alcançar a maior velocidade, apenas uma parte do caminho deveria ser percorrida por cada corredor, sendo realizada “de forma acelerada”. Assim, um percurso de 1000 metros, por exemplo, poderia ser percorrido por cinco corredores, cada qual correndo, aproximadamente, 200 metros. Georg Black, no documento informativo, segue explicando, em detalhes, como ocorreria a passada do bastão (G.B., [1913], s/p).

Em seguida, o professor de ginástica comunicava como seria organizado o trajeto da corrida, provavelmente, organizada pela *Deutsche Turnerschaft von Rio Grande do Sul* (Federação de Ginástica do Rio Grande do Sul) em 1913. Como local mais distante do ponto final – Porto Alegre – Santa Maria da Boca do Monte, seria o ponto de partida. Os associados da *Turnverein Jahn*, da referida localidade, percorreriam o “curto” percurso até Cachoeira a cavalo. Neste ponto, a sociedade deveria inserir o seu documento no bastão e seguir a corrida até o ponto de encontro com a *Turnverein Santa Cruz*. De Santa Cruz até Estrela, o percurso seria novamente realizado a cavalo. De Estrela a Lajeado, a pé, e de Lajeado a Hamburgo Velho a cavalo. Os participantes correriam, então, deste ponto, por Novo Hamburgo, São Leopoldo, Canoas, chegando ao ponto final, Porto Alegre, onde todas as saudações escritas seriam reunidas e entregues ao primeiro navio com destino a Bremen, na Alemanha. Lá, as saudações das entidades do Rio Grande do Sul, seriam reunidas às saudações dos ginastas norte-americanos e levadas à *Völkerschlachtdenkmal* (memorial da Batalha dos Povos), em Leipzig (G.B., [1913], s/p). O trajeto, conforme descrito por Georg Black, é ilustrado na próxima figura.

Figura 8 – Trajeto da Corrida de Revezamento (*Eilbotenlauf*) de 1913.



FONTE: Elaborada pela autora a partir do mapa do ano de 1900 do IBGE.

No documento, Georg Black se refere a essa “aparentemente impossível tarefa” como uma incumbência de honraria nacional e que necessitava da união de todos para se cumprir. A representação da “nós-unidade” é novamente exaltada: “A força de cada um, precisa ser colocada a serviço de todos. Cada um é uma engrenagem da mesma empresa” (G.B., [1913], s/p). O *ethos* nacionalista, como coloca Elias (1997), ganha força através de uma retroalimentação, de um reforço mútuo, entre os crentes no poder da nação. Georg Black afirmou no documento que a corrida de revezamento tem como objetivo moral a união das performances individuais, em um prol de um todo maior. Aos corredores e cavaleiros seria entregue uma medalha de lembrança pelo grandioso dia em memória dos soldados de 1813. Ao final, Georg Black solicita aos diretores de cada *Gau* (comarca), que “trabalhe e motive seus irmãos do *Turnen*, será uma benção para o nosso *Turnen* rio grandense!”.

Figura 9 – Georg Black em julho de 1913, com um bastão na mão direita.



FONTE: Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS

Acerca do *Eilbotenlauf* de 1913, encontramos também indícios no relatório das atividades da *Turnerbund*. Segundo o impresso, seguindo o exemplo da inauguração do *Völkerschlachtdenkmal* em Leipzig, o evento teve como objetivo a “saudação ao *Detschtum* local” (DER EILBOTENLAUF, 1914, p. 6). Na festividade, participaram 154 corredores das sociedades supramencionadas. A *Turnerbund* participou com 50 homens, que realizaram o trajeto da “Parada” (limite do município de São Leopoldo) até o *Bismarkdenkmal* (monumento a Bismark), na Praça da Sociedade Alemã de Atiradores, em Porto Alegre. Os departamentos da *Jungmannschaft* (equipe de jovens) e *Zöglinge* (iniciantes), *Friesenriege* e *Fussballmannschaft* (equipe de futebol)

se colocaram a serviço da atividade. Junto aos corredores, tinham os cronometristas e as equipes acompanhantes. Nesse relato, encontramos representações que expressam a produção de códigos de sentimento relacionados a uma “grande Colônia Alemã do estado”, uma comunidade de pertencimento pautada pelo *Deutschtum* e o *Turnen*:

[...] os ginastas alemães, mesmo os que residam no estrangeiro ou que nasceram sob outro céu, se sentem como os irmãos da pátria mãe em veneração por tudo isso, que permite que a Alemanha se torne uma vez maior, àqueles responsáveis por sua grandeza⁶³ (DER EILBOTENLAUF, 1914, p. 6).

Cabe salientar que nesse período o sentimento nacionalista alemão estava exaltado e culminaria na I Guerra Mundial, já em 1914. A *Turnerbund* e a rede, na qual ocupava a função de grupo central, parecia interessada em estreitar os laços com a “origem” alemã. São “ginastas alemães” que residem no além-mar, mas que buscam afirmar-se, primordialmente, como alemães e defendem a “grandeza” e a prosperidade da pátria mãe. No passo que defendiam a pátria, enquanto instituição política e cultural, defendiam “aqueles” que a “tornavam” grandiosa. Dentre estes, os eventos e saudações em homenagem ao chanceler Otto von Bismark (1815-1898) são reiteradas na literatura consultada (SILVA, 2005b; MAZO, 2007; KILPP; ASSMANN; MAZO, 2014; ASSMANN; MAZO, 2017). Acerca da festividade de aniversário de Bismark, o qual seria “celebrado em diferentes locais do nosso estado no círculo de alemães” (ZUR BISMARCKSFEIER, 27 mar. 1895), em 1895, o jornal *Kolonie*, de Santa Cruz do Sul, divulgou uma extensa matéria, com a programação local e saudações ao chanceler alemão. Foram especialmente convidados os “cidadãos” pertencentes a associações culturais e escolares. A marcha até o local do evento, programada para dar início à festividade, foi cancelada devido à chuva. Esse fato foi descrito como fator “limitante” à grandiosidade do evento, evidenciando a importância de tal momento – de se fazer ver e ser visto – no imaginário social daquela composição. Ainda, como atividade festiva apropriada como forma de exibição de uma

⁶³ [...] die deutschen Turner, selbst wenn sie im Ausland ansässig oder gar unter anderem Himmel geboren sind, sich eins fühlen mit den Brüdern in der Stammesheimat in der Verehrung alles dessen, was Deutschland einst gross werden liess und derer, die für seine Grösse einstehen.

presença, a *Turnverein* exibiria exercícios livres e a sociedade de canto, *Lidertafel*, entoaria canções durante um recital (ZUR BISMARCKSFEIER, 27 mar. 1895).

A festa, então, iniciou, “conforme o planejado”, às 6h30min no Clube União, cujo salão se encontrava decorado com quadros dos “três imperadores alemães e mais príncipes alemães”. No palco destacava-se uma coluna com as cores da Alemanha, e, sobre seu topo, o busto de Bismarck, à direita e à esquerda estavam as bandeiras das sociedades teuto-brasileiras participantes. Na abertura, o Sr. Wilhelm Süffert proferiu um discurso acerca da história da vida de Bismarck e exaltou o Império Alemão, finalizando com um “entusiástico *Bismarck hoch!*”. A matéria salienta, que após o discurso que enaltecia a velha pátria (*Vaterland*) e o Império alemão, foi saudada, também, a nova pátria (*Heimatland*), o Brasil (DIE BISMARCK-FEIER, 3 abr. 1895). Para a ocasião, segundo a matéria, um “poeta santa-cruzense” compôs uma canção em homenagem ao chanceler, e que, aqui, transcrevemos parte de sua tradução (DIE BISMARCK-FEIER, 3 abr. 1895):

Heil Bismarck!
Heil defesa e escudo da Alemanha!
Heil para ti, tu imagem do herói,
Heil para ti Bismarck!
 Antigamente mal interpretado, odiado,
 Hoje praticamente idolatrado,
 [...]
 Tu herói da Floresta da Saxônia
 Onde somente teu nome ressoa
 Ressoa ele com honra.
 E onde a palavra alemã
 Ressoa sobre locais distantes,
 Ecoa também continuamente tua póstuma reputação,
 Ela própria além mar.
 [...]
 Tu, que uniu o Império,
 Que nosso inimigo galês
 Estirou na areia,
 Eternamente homenageamos
 A ti e para ti trazemos
 Estimados agradecimentos e para
 A pátria
 [...]
 Hoje de norte a sul
 Soa como uma canção mágica
 Que através dos ares passa:
*Heil Bismarck, Heil!*⁶⁴

⁶⁴ *Heil Deutschland Schirm und Schild, Heil Dir, Du Helbenbild, Heil Bismarck Dir! Einstmals verkannt, gehabt, Heute vergötter fast, Dienst selbst der Jahre Last, Heute Dir zur Zier; Held Du vom*

Além do chanceler alemão, ao qual é creditada a unificação dos estados alemães, em 1871, outros nomes de soberanos alemães são referenciados em celebrações de associações esportivas teuto-brasileiras e em clubes de ginástica, como Paul von Hindenburg. Para dois de outubro de 1917 estava marcado o festejo do 70º aniversário do referido *Kaiser* (imperador), pela *Turnerbund* de Porto Alegre, conforme folheto de programação do evento (HINDENBURG..., 2 out. 1917).

Paul von Hindenburg (1847-1934) era militar e atuou como General comandante na I Guerra Mundial (1914-1917), ficando muito conhecido nos estados alemães pelos seus feitos no período. Em 1925 se tornou o segundo presidente da República de Weimar, posição que ocupou até o ano de sua morte. Logo, a data da festividade chama a atenção, pois em abril de 1917, o Brasil rompia relações diplomáticas e comerciais com o país. Nos dias e meses que se seguiram, a *Turnerbund* e os teuto-brasileiros de Porto Alegre passaram a sofrer represálias por parte da população e, também, do governo local, devido a suspeição acerca dos propósitos da entidade e uma possível posição contrária à pátria brasileira (SILVA et al., 2016). Em 25 de outubro do mesmo ano, devido ao torpedeamento de mais dois navios brasileiros, o Brasil declarou posição contrária a Alemanha na guerra. Além disso, nesse período foram instituídas ações nacionalizadoras a fim de “abrasileirar” instituições consideradas estrangeiras. Assim, é curioso que em outubro do mesmo ano, a sociedade ginástica realizasse um evento em celebração ao herói de uma guerra, ainda em curso e, na qual, o herói celebrado pertencia a uma nação em posição oposta ao Brasil no conflito bélico.

As reverências a Bismarck e Hindenburg fazem parte da produção de símbolos que, carregados de emoções positivas, mediam o apego a um Estado, a uma nação, como a alemã. “Um *ethos* nacionalista subentende um sentido de solidariedade e obrigação”, tanto em relação a pessoas em específico, quanto a “uma coletividade soberana” organizada, como o Estado Alemão (ELIAS, 1997, p. 143). A coletividade é referida e sentida como “nós” – pronome em primeira pessoa no plural identificado

Sachsenwald, Wo nur Dein Name schall, Tönt er mit Ehr. Und wo das deutsche Wort Schallet am fernsten Ort, Hallt auch Dein Nachruhm fort, Selbst übers Meer. Ach, als der Kaiser Dir, Zürnte, wie litten wir, Trauer und Schmerz! Und als nach banger Zeit, Er Dir die Huld erneut, War wie vom Alp befreit; Jegliches Herz. Du, der das Reich geeint, Der uns den welchen Feind, Streckt' in den Sand, Emig gedenken wir, Deiner und bringen Dir, Ehrendank für und für, Vom Vaterland. Greis Du im Silberhaar, Heute, wo achtzog Jahr, Wurden Dein Teil, Heute von Nord und Süd, Kling's wie ein Zauberlied, Das dursch die Lüfte zieht: Heil Bismarck, Heil!

inúmeras vezes nos documentos analisados nesse estudo – e, cujos valores todos devem estar subordinados.

Além dos heróis supracitados, à Georg Black, o “professor certificado” de *Turnen*, o *Turnlehrer* da *Turnerbund*, foi atribuída, pelo líder Friederichs, uma representação personificada do *Deuschtum* e do próprio movimento *Turnen*, em sua singularidade enquanto prática cultural (FRIEDERICHS, 1927, s/p). A expressão “professor certificado” acompanha o nome de Georg Black em diferentes documentos, após 1905. Tal certificação parece ser apropriada como “indicador sensível e instrumento de medida” do valor de Black na sua estrutura de relações, especificamente na figuração do *Turnen* (ELIAS, 2001, p. 33). No texto produzido em homenagem aos 50 anos de Georg Black, Friederichs identifica o *Turnlehrer* como “nosso Black” em repetidas 14 passagens, em, aproximadamente, duas páginas pequenas de redação, a contar com o título (FRIEDERICHS, 1927, s/p). E, busca atribuir à *Turnerbund* as representações construídas pela pessoa do professor: ele é “nosso”, suas conquistas são “nossas” conquistas; não “deles”. Ainda, o “jovem Georg Black” é comparado ao “jovem Jahn”, o reverenciado “pai do *Turnen*” alemão. O texto também salienta que tanto o filho quanto a filha de Georg Black são professores de ginástica, aprovados em Munique, e retornados para a pátria Brasil, em 1923, produzindo uma ideia de pertencimento ao movimento *Turnen* por filiação parental, ou seja, como uma tradição passada às próximas gerações (FRIEDERICHS, 1927, s/p).

O nacionalismo alemão, especialmente vinculado pela retórica de sangue comum, estava, também, vinculado a interesses comerciais e industriais emergentes naquele período (MEYER, 2000). Para Gans (2004, p. 114), a preocupação com a germanidade e a afirmação de limites étnicos foi resgatada pelo pangermanismo em fins do século XIX. A autora (2004) aponta que, no início do século XX, o movimento pangermanista, fortalecido na Alemanha a partir de 1890, visava fomentar uma identidade nacional no exterior. Dentre os interesses visados pelo movimento, estavam vantagens comerciais e mercadológicas, como meio de tornar a Alemanha uma potência mundial (MEYER, 2000).

Dentre os sinais das estreitas relações de entidades teuto-brasileiras do RS com o Império Alemão, salienta-se o repasse de recursos econômicos. A *Turnerbund*, a escola da Associação Alemã Beneficente (*Hilfsvereinschule*), de Porto Alegre, e, outras instituições teuto-brasileiras do RS, recebiam, com certa periodicidade, auxílios financeiros através do *Brasilianischer Bank für Deutschland* (Banco Brasileiro para

Alemanha) (JAHRES-BERICHT..., 1909; 1910; 1911; 1912; 1913; 1914; TELLES, 1974; FONSECA; TAMBARA, 2012). Para Foneca e Tambara (2012, p. 134), tal repasse seria “parte dos projetos do reino alemão, com vistas à ampliação e a consolidação das alianças comerciais com o mercado e o público consumidor das indústrias alemãs no final do século XIX”, para os quais os imigrantes alemães estabelecidos no sul do país eram peças fundamentais.

A inauguração de uma filial do referido banco foi recebida pelo jornal *Kolonie* com exaltação (DIE BRASILIANISCHE..., 1 fev. 1904). Não apenas um banco, mas um “órgão da vida econômica”, voltado “para todos os comércios dos antepassados alemães” e com “direta relação com a Alemanha e que consegue manter esse relacionamento na língua materna”. O texto do jornal prossegue enfatizando os benefícios de tal empreendimento à comunidade teuto-brasileira: “Nosso novo banco alemão será, como esperamos, em sua essência, não apenas um meio e um ponto crucial para a vida comercial, mas também um fermento para o fortalecimento da cultura alemã, da comunidade cultural alemã sobre nós”⁶⁵ (DIE BRASILIANISCHE..., 1 fev. 1904).

De acordo com Dagmar Meyer (2000, p. 189), na conjuntura do movimento nacionalista alemão, as escolas elementares teuto-brasileiras pareceram assumir um forte caráter militar e patriarcal, fundamentado “em uma representação bem específica do que deveria ser o “homem alemão””. Em seu estudo acerca da cultura docente teuto-brasileira evangélica no RS, a autora (2000) demonstra, a partir da documentação impressa analisada para o estudo, tensões existentes quanto à autodefinição identitária, entre o “ser alemão” e o “ser teuto-brasileiro”. Ainda, em congruência com as análises realizadas nesse estudo, apresenta discursos proferidos em periódicos que criticam o abandono e o descaso para com a “cultura alemã”, decorrente de um processo de “abrasileiramento”, e clamam pela conservação do *Deutschtum*, como instância supostamente “original”, “essencial e fixa” (MEYER, 2000, p. 128). Dagmar Meyer (2000) evidencia, também, a necessidade de reafirmação constante de representações culturais associadas à germanidade. Tal premência, também, pressupõe um estado de tensão, que, através da produção e

⁶⁵ *Unsere neue deutsche Bank wird wie wir hoffen, in ihrer Art nicht nur ein Mittel- und Kernpunkt werden für das kommerzielle Leben, sondern in weiter-greisender Wirkung auch ein Ferment für die Stärkung des deutschen Kulturgedankens, der deutschen Kulturgemeinschaft unter uns.*

reprodução de códigos de comportamento e sentimento, busca a todo momento um equilíbrio para manter-se como *locus* de poder.

Além destes embates, a escola, segundo Meyer (2000, p. 128) também foi apropriada como instância capaz de representar uma cultura propriamente teuto-brasileira, que buscava “harmonizar a nacionalidade alemã com a cidadania brasileira”. Da mesma forma, a partir das análises de Silva (2005b), podemos sugerir que clubes de ginástica, pela visão do líder da “boa sociedade” do *Turnen*, Jacob Aloys Friederich, tomavam para si tal representação e finalidade. Contudo, para ser bom brasileiro, era necessário, antes, ser um bom alemão, como reiterava Friederichs (SILVA, 2005b). Logo, era necessário adequar-se aos códigos de comportamento – modo de se portar, de se expressar, de agir, de participar – e sentimento – a criação e sustentação de vínculos emocionais a uma coletividade, através da produção de representações étnicas, práticas culturais e símbolos nacionalistas específicos alemães e teuto-brasileiros; a construção de relações de afetividade com os membros da nação identificada como “nossa” – compartilhados pela “boa sociedade” do *Turnen*, e que a legitimavam e distinguiam. Uma “boa sociedade” composta por indivíduos “orientados para a reciprocidade, ligados por interdependências dos mais diversos tipos e que formam entre si figurações específicas, em virtude de suas interdependências” (ELIAS, 2001, p. 51).

5. PERSONAGENS DA REDE: indivíduos e posições sociais

“[...] a construção da identidade de cada indivíduo está sempre no cruzamento da representação que faz de si mesmo e da credibilidade concedida ou recusada pelos outros a essa representação”.
(CHARTIER, 2001, p. 21)

Na teia que compõe a figuração do Movimento *Turnen* no RS, evidenciamos grupos que ocupam posições centrais, bem como, indivíduos singulares que ocupam posições estratégicas dentro do grupo. Ainda, encontramos personagens que fazem parte dessa engrenagem e ocupam as posições sociais que lhes são possíveis dentro da figuração em que estão inseridos, o que não significa que tais posições não estejam permanentemente em tensão. As figurações, afinal, são compostas por “unidades de indivíduos relacionados entre si, ligados uns aos outros”, por elos emocionais, culturais, políticos, sociais (ELIAS, 2001, p. 67).

Embora com oscilações, o balanceamento do equilíbrio das tensões está constantemente sendo negociado. Sendo assim, trata-se de desenhar linhas “de correlação entre os atos e realizações de atores da história, conhecidos por seus nomes, e a estrutura dos grupos sociais em que eles ganham sentido” (ELIAS, 2001, p. 42). Personagens que compõe os grupos e assumem posições de liderança na “boa sociedade” do *Turnen* e que, portanto, tem o papel de manter o *status quo* desejado são, frequentemente, homens, compondo um universo masculino, que se pretendia como tal. Todavia, buscamos dar visibilidade também a histórias de mulheres que integravam a composição do movimento *Turnen* no RS, a partir das evidências encontradas sobre a participação delas nessa rede. Compreendemos que como grupo minoritário – em número e espaço – e muitas vezes invisibilizado nessa figuração – considerando a delimitação espaço temporal específica – e a par dos indícios encontrados, este grupo tem mérito de atenção em um subcapítulo específico.

5.1 REDE DIRETIVA: a posição dos homens

Como referido no capítulo anterior, o movimento *Turnen* era estruturado por meio do associativismo, em um modelo hierárquico de funções, no qual cada indivíduo pertencia a determinadas redes de interdependências, mas em constante dinâmica e

oscilação. Nessas redes, as funções de controle, comando e prestígio social eram ocupadas por homens. Até mesmo a ginástica aos moldes de Jahn, pensada e executada primeiramente por eles, era um universo masculino. Ainda era uma figuração de indivíduos alemães ou “estrangeiros” aceitos no grupo, brancos, majoritariamente de boa condição financeira, e que se enquadravam nos padrões exigidos pela “boa sociedade do *Turnen*”. No Movimento *Turnen* no Rio Grande do Sul, encontramos, na direção e nos cargos oficiais dos clubes, nomes e sobrenomes de homens alemães. No período histórico demarcado para fins desse estudo, não foi evidenciado, em clubes de ginástica, nos dados localizados, nenhuma mulher como presidente, secretária, tesoureira, *Turnwart* ou *Turnlehrer*. Com exceção das funções de esposa, mãe, filha, acompanhante, praticante e poucas mulheres que se tornaram *Vorturnerinnen* (monitoras).

Na rede diretiva, a *Turnerbund* de Porto Alegre assumiu papel de centralidade. Embora, oficialmente, esta representação fosse associada a *Deutsche Turnerschaft von Rio Grande do Sul* (Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul), após o ano de 1895, quando se estabeleceu. Todavia, tal entidade era dirigida, especialmente, por indivíduos pertencentes a *Turnerbund* da capital, Porto Alegre. Os indícios encontrados levam a crer que através da *Deutsche Turnerschaft* pretendia-se assegurar o equilíbrio de tensões, condição relevante para a manutenção do *status quo* e para os interesses do grupo central, vinculado a *Turnerbund* de Porto Alegre. Na literatura consultada e, também, nos documentos analisados, um personagem aparece em saliência nas histórias da *Turnerbund* e da *Turnerschaft*: Jacob Aloys Friederichs. Personagem que, na figuração específica, assumia posição de poder no grupo central e, portanto, na figuração do *Turnen*. Assim como assevera Sandra Pesavento (2004, p. 41), citando Pierre Bourdieu, Friederichs e a rede diretiva do movimento *Turnen* no RS, detinham o “poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo”, exercendo funções de controle sobre as atitudes, os comportamentos, os gostos, os valores e os papéis sociais adequados àqueles que pertenciam e/ou desejavam pertencer ao grupo. Através de representações culturais étnicas e modos específicos de coações, buscavam impor uma “maneira de dar a ver o mundo” e uma maneira de portar-se nesse mundo (PESAVENTO, 2004, p. 41).

Jacob Aloys Friederichs é apontado por diferentes autores (WIESER, 1990; TESCHE, 2011; HOFMEISTER, 1986; SILVA, 2005b), como principal incentivador do movimento *Turnen*, compreendido em sua singularidade enquanto prática cultural

germânica em solo sul rio grandense. Dentre os estudos localizados sobre Friederichs (1868 - 1950), destacamos a tese de Haike da Silva (2005b) acerca de sua biografia e do papel desempenhado por ele enquanto liderança associativa e étnica no sul do Brasil. A tese, no entanto, apresenta um cenário muito mais amplo acerca do associativismo e das histórias da *Turnerbund* de Porto Alegre. Como presidente da entidade por mais de 30 anos⁶⁶ (1892-1929), Friederich é apontado como influencia étnica junto aos teuto-brasileiros com discursos de forte caráter germanista, como consta, também, no capítulo anterior dessa pesquisa. Haike da Silva (2005b, p. 222) refere-se às décadas presididas por Friederichs, na *Turnerbund* de Porto Alegre, como um “reinado”, construído sob a égide da afirmação identitária teuto-brasileira. Os vínculos com a pátria brasileira estavam, para ele, estreitamente ligados aos vínculos com a cultura alemã. Assim, ser um “bom brasileiro” significava ser um “bom alemão”.

Jacob Aloys Friederichs imigrou ao Brasil em 1884, aos 16 anos de idade, cidade que chamava de lar na “grande terra Brasileira”, como afirmou o imigrante (SILVA, 1997, p. 55). Em 1889, após a Proclamação da República, adquiriu cidadania brasileira, referindo-se ao Brasil como “Pátria adotiva”, “lar escolhido e grangeado pelo trabalho”, além de uma prova de “caráter e coração” (SILVA, 1997, p. 55). Seu pertencimento à comunidade de sangue, a alemã, foi, contudo, mantida e exacerbada em seus discursos, posicionamentos e atitudes. Segundo Silva (2005b, p. 150), o pertencimento à nação alemã estava fundamentado em dois princípios, “fidelidade e virtude”. Esse princípios eram afirmados no modo de ser alemão, no uso do idioma, na manutenção dos costumes, na vitalidade física do alemão, na capacidade para o trabalho, [...] virtudes que deveriam ser cultivadas em favor da nova pátria, a pátria brasileira”.

A posição de Friederichs enquanto líder da comunidade teuto-brasileira no Rio Grande Sul foi especialmente construída no associativismo ginástico. Ingressou como associado do *Turnklub* em 1888 e, desde então, foi se consolidando no meio comunitário “alemão” e assumindo uma posição social de liderança. Para Silva (2005b), o engajamento de Friederichs na sociedade de ginástica pode estar associado a modelos familiares, tendo em vista que o irmão mais velho já estava integrado à comunidade étnica alemã por meio de agremiações locais, como, também,

⁶⁶ Foi presidente da *Turnerbund* nos períodos com certo intervalo de tempo: 1893 a 1897; 1901 a 1914; 1917 a 1929 (SILVA, 2005b).

pelo despertar do interesse através de festividades promovidas pela entidade ao público local. Ainda, as informações levam a crer que o desejo e a adesão de Friederichs à sociedade estão relacionados à pretensão de ascensão social através da representação de sujeito que é partícipe da “boa sociedade” local. E, além de partícipe, se coloca como a própria representação da “boa sociedade”.

Friederichs não parecia interessado em ser “apenas” um ginasta ou um associado “comum”. Sua rápida ascensão no clube foi, também, uma escolha como sujeito singular por integrar posições sociais compreendidas como elevadas. Afinal, a “a ‘oportunidade de grandes realizações’ individuais [...] dependeu durante muito tempo do fato de um indivíduo pertencer a grupos de elite específicos, ou da possibilidade de encontrar uma via de acesso a esses grupos” (ELAS, 2001, p. 42). Na sociedade ginástica, atuou em cargos administrativos, até alcançar o cargo máximo na instituição. Como líder do clube da capital, fomentou a criação de uma instituição que congregaria as sociedades de ginástica, ficando os deveres e direitos dos associados de diversas localidades sob a sua tutela. Foi criada, então, em 1895, a *Deutsche Turnerschaft von Rio Grande do Sul* (Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul), “instituição por meio da qual fazia alcançar seu discurso a outras sociedades do gênero no Estado” (SILVA, 2005a, p.152). Assim, foi instituída uma agremiação oficial de comando para as sociedades de ginástica do estado, onde a liderança e as pretensões de Friederichs eram legitimadas e poderiam ser alastradas para outros espaços e indivíduos. Em 1882, foi tesoureiro e, já no ano seguinte, presidia a *Turnerbund* de Porto Alegre.

O papel social de Friederichs está intimamente ligado aos seus interesses pessoais. Silva (2005b), salienta o modo centralizador e paternalista que tratava das atividades do clube. As histórias de Friederichs se emaranham às histórias da *Turnerbund*, processos que “caminham de mãos dadas” (ELIAS, 2001, p. 45). Afinal, sociedade e indivíduo não são categorias que dizem respeito a “duas substâncias distintas e estáveis [...] independentes em sua existência” (ELIAS, 2001, p. 45). Um – a pessoa singular – influi no outro – a sua posição social. As dinâmicas na posição social influem nas dinâmicas individuais, e vice-versa.

Além da *Turnerschaft*, também fundou a *Schwimmbadverband* (Federação de Natação), em 1899, e a *Bismarckrunde* (Círculo de Bismarck), em 1909. Esta última caracterizava-se como uma associação destinada a “perpetuar a memória do “grande chanceler” (TELLES, 1974, p. 70), reunindo-se anualmente para celebrar o aniversário

de Otto von Bismarck. Friederichs foi, também, influente na *Verband Deutscher Vereine* (Federação das Sociedades Alemãs), entidade criada em 1886, que buscava garantir, através da organização do associativismo local, “a índole alemã”, a germanidade e os “direitos tanto dos indivíduos como dos grupos” (RAMBO, 1999, p. 304). Outras sociedades onde Friederichs aparece vinculado à diretoria são a *Deutsche Hilfsverein* (Associação Alemã Benficiente) e a *Gemeinnützigerverein* (Sociedade de Amparo Mútuo).

Como sócio honorário consta também nas *Turnvereine* (sociedades de ginástica) de São Sebastião do Caí, Montenegro e Hamburgo Velho, do *Club de Regatas Guahyba*, da *Schützen-Verein* (sociedade de atiradores) “*Eintracht*” de Cachoeira, da Sociedade Leopoldina de Porto Alegre, e, em 1928, se torna o primeiro alemão com residência no estrangeiro a ser contemplado como sócio honorário da Federação Alemã de Ginastas (*Deutsche Turnerschaft*). Além de tais distinções, também ganhou uma medalha de honra por seus serviços em prol da germanidade, em 1930, pela *Verein für das Deutschtum im Ausland* (Sociedade para a Germanidade no Exterior) (SILVA, 2005b). Sua posição social de liderança no associativismo ginástico e teuto-brasileiro, proporcionava a Friederichs, também, oportunidades de debates e pronunciamentos públicos pelo interior do estado. Nesses momentos, demonstrava deferência às ideias e preceitos difundidos por Friederich Ludwig Jahn, legitimado como o “pai da ginástica alemã” (*Turnvater*), e, por alusão a ele, “foi cognominado “pai da ginástica do Rio Grande do Sul” (SILVA, 2005b, p. 9). Tal simbologia atribuía a Friederichs uma representação soberana na “boa sociedade” do *Turnen*. Sua liderança e sua função social eram asseguradas por essa representação.

Os laços eram, também, reforçados através de viagens de Friederichs a Alemanha. E, além dos laços de pertencimento à velha pátria, as viagens também fortaleciam a legitimidade de Friederichs como líder no RS. Tanto que, em 1914, em razão de seu retorno da Alemanha, foi organizado um *Eilbotlaufen* (corrida de revezamento) em sua homenagem, com a participação de cinco entidades do estado (TURNWESEN, 11 mar. 1914). A representação de liderança de Friederichs entre os clubes de ginástica, é, também, atestada quando a diretoria da Sociedade de São Leopoldo o procura para pedir orientações quanto aos transtornos advindos da entrada do Brasil na I Guerra Mundial, em 1917 (MÜLLER, 1986). Segundo consta em ata de 27 de junho de 1917, apresentada por Müller (1986, p. 69), “quase dois meses depois, Aloys Friederichs informa que a Sociedade pode funcionar normalmente, pois

Borges de Medeiros, Presidente do Estado, lhe afiançara que “todas as sociedades teutas deveriam funcionar regularmente””. Friederichs era o “porta-voz” das sociedades, o mediador das decisões e o interventor junto aos líderes brasileiros e alemães. “No auge de sua liderança na década de 20 [1920], como “o homem mais influente e ativo” no que se refere ao trabalho pelo bom relacionamento entre lusos e teutos, pela preservação da língua alemã e pela germanidade” (SILVA, 2005a, p. 309).

Proferia discursos e posicionamentos em prol da germanidade tanto em publicações escritas, em livros autobiográficos, brochura de canções, discursos impressos, ou através de correspondências, quanto em declarações e manifestações orais, na capital e na zona colonial do RS. Segundo Silva (2005a, p. 147-148), através de cartas trocadas entre Friederichs e pessoas influentes de diferentes regiões no sul do Brasil, bem como, através do intercâmbio com pessoas no exterior, como Chile, Argentina e a própria Alemanha, “é possível perceber a constituição de uma rede de sociabilidade intelectual da qual fazia parte o personagem, rede esta que tinha o *Deutschtum* (germanidade) como foco de discussão”.

Através da *Turnerschaft*, a rede diretiva adotou estratégias para o controle e a manutenção do movimento *Turnen* no Rio Grande do Sul, ocupando posição de destaque, as festividades. Nestes eventos era possível manifestar os preceitos e as diretrizes que deveriam ser seguidas pela “boa sociedade do *Turnen*”, atingindo um grande e cativo público. Corroborar tal assertiva a preocupação da *Deutschen Turnerschaft von Rio Grande do Sul* em marcar, já na primeira reunião, um Festival de Ginástica Alemã (*Deutsche Turnfest*), que ocorreu em 1896, em Porto Alegre.

Ainda, nesses eventos, as lideranças do movimento *Turnen* tinham a oportunidade de falar ao grande público acerca das “virtudes” e códigos que deveriam ser compartilhados pelo grupo. Na narrativa acerca da *Turnverein* de São Sebastião do Caí (DIE TURNERISCHE, 1938), é salientado que, após o campeonato de aniversário de 20 anos da sociedade, foi proferido um discurso pelo presidente da *Turnerschaft*, Friederichs, no qual ele salientou a entidade, seus departamentos e “à toda sociedade desejou prosperidade”. Esse discurso é narrado como signo de orgulho à entidade.

Nas celebrações das sociedades de ginástica, com algumas variações, no primeiro dia do evento era realizada a recepção dos convidados, com músicas em alemão e apresentações, e proferido o discurso de abertura. Enquanto que, no dia seguinte iniciava-se o torneio (QUITZAU, 2016), sendo o número de provas

disputadas condicionado à infraestrutura da associação sede (LEVIEN; RIGO, 2013). Os eventos eram marcados por competições, apresentações e confraternização entre as sociedades de ginástica, exibindo-se exercícios livres, combinados, em aparelhos e exercícios denominados de populares. Tais exhibições eram executadas pelos ginastas da entidade, separados em seus departamentos, treinados por um professor, instrutor ou monitor de ginástica no decorrer de sessões semanais.

Nos festivais, conforme Levien e Rigo (2013), ainda que tivessem caráter competitivo, prevalecia o espírito de confraternização entre os indivíduos. No mesmo passo, Quitzau (2016, p. 134) afirma que eram considerados vencedores “todos aqueles que conseguiram atingir uma pontuação mínima determinada pela comissão organizadora e avaliadora do torneio”. Para a autora (2016, p. 162) “a disputa estava muito mais atrelada à questão do desafio corporal, da participação, da certeza de ter realizado a melhor execução possível e ter representado a sua associação da forma mais nobre e fiel possível”. Todavia, pondera-se que a forma de pontuação referida possivelmente estivesse presente em algumas entidades e/ou em determinado período e que fosse de interesse da rede diretiva construir um ideal de congregação em contraponto ao de confronto. No entanto, os indícios levam a crer que tal sistema estava também relacionado a um processo de aprovação dos sujeitos, ou seja, quem atingia o valor mínimo estipulado para cada exercício, era considerado apto, aprovado e constava na *Siegerliste* (lista dos vencedores), como encontrado em documentos das sociedades de ginástica. Ainda assim, os ginastas aprovados, eram ranqueados por critério de desempenho, pois quando anunciadas as performances dos ginastas nas competições, apresentavam-se, muitas vezes, os nomes dos indivíduos e as respectivas pontuações em ordem decrescente, ou seja, o atleta com melhor desempenho aparecia na colocação “1” e, assim, sucessivamente. Logo, esta forma de apresentação dos resultados, sugere um ranqueamento, um ordenamento de posições de acordo com o melhor desempenho. Além disso, por vezes, eram entregues grinaldas de carvalho e diplomas aos primeiros classificados, enquanto os demais não recebiam a mesma honraria (GESCHICHTE..., 1929).

Segundo Quitzau (2016), a *Turnerschatf* exigia um rigoroso controle por parte do seu grupo de arbitragem e dos ginastas participantes nos torneios promovidos pela entidade. No *Vater-Jahn-Gedenkpreis*, realizada em Porto Alegre, em 1916, foi identificada e salientada “a falta de conhecimento dos exercícios e das novas formas de comando” por parte da arbitragem do torneio (QUITZAU, 2016, p. 75). Também, a

partir da referencia à “*Turnverein Montenegro*, cujos representantes teriam errado todos os afastamentos de pernas nos exercícios determinados para o torneio”, a autora (2016, p. 75) aponta que a rede diretiva da *Turnerschaft* se preocupava com a correta execução dos movimentos e a atualização constante dos ginastas através dos periódicos específicos do *Turnen*.

A *Turnverein Montenegro*, citada no fragmento de texto acima, pertencia a uma das *Gauen* (comarcas), que compunham a planificação descentralizada da *Deutsche Turnerschaft von Rio Grande do Sul*. Deste modo, no ano de 1916, quando ocorreu o torneio supramencionado, a *Turnverein Montenegro* já estava agrupada com as sociedades de ginástica pioneiras no estado e de forte tradição. Tendo em vista que a *Turnerbund* de Porto Alegre tinha um papel central no referido cenário, é provável que a crítica ao desempenho técnico pouco satisfatório dos ginastas da *Turnverein Montenegro* foi intensificada pela entidade. Ademais, consta a cobrança para que as associações adquiram “ao menos um jornal ginástico alemão (como o *Deutsche Turnzeitung*)” (QUITZAU, 2016, p. 75). Vale mencionar que a *Turnerbund* tinha acesso não apenas ao *Deutsche Turnzeitung*, mas a outros materiais impressos, como aqueles encontrados no acervo do Memorial SOGIPA.

A fim de sanar os problemas com a arbitragem, a diretoria da *Turnerschaft* assinalava a necessidade de preparo dos árbitros, “o que deveria acontecer através dos cursos de formação de instrutores de ginástica” (QUITZAU, 2016, p. 75). A formação desses ginastas, que aqui denominamos “monitores” (*Vorturner*), foi oficialmente iniciada, na *Turnerbund*, em 1901, quando foi criado o *Vorturnerschaft* (Liga dos Monitores de Ginástica), cuja liderança estava sob responsabilidade de Ernst Mitzscherlich (JAHRES-BERICHT..., 1917, p. 10). Foram, então, mantidos períodos de instrução, nos quais eram concedidas aulas práticas e teóricas. Wieser (1995, apud SILVA, 2005b) argumenta que o professor de ginástica era escolhido pelos associados, entre aqueles que eram “demonstradores” de ginástica, ou seja, os *Vorturner*. Tal designação é atribuída aos *Vorturner*, pois, além de ministrar aulas, em grandes eventos, por vezes, estes ginastas posicionavam-se a frente dos demais, frequentemente em cima de um palanque, juntamente com o *Turnlehrer*, Georg Black, a fim de demonstrar os movimentos, como pode ser visualizado em diferentes imagens coletadas.

A fotografia abaixo retrata um evento comemorativo, com alunos/ ginastas que praticavam *Turnen* junto à *Turnerbund*, provavelmente, datada da década de 1920. À

frente dos ginastas devidamente alinhados, encontram-se, postos em um pequeno palanque, o professor Georg Black, realizando um sinal com o braço esquerdo, que empunha um objeto semelhante a uma batuta⁶⁷, e, diante dele, um *Vorturner* (monitor) e uma *Vorturnerin* (monitora), provavelmente instruídos e selecionados devido à primazia na execução dos movimentos, o que os qualificava para realizar as demonstrações. Cabe mencionar que, a partir de 1904, algumas mulheres também receberam formação como monitoras de ginástica. Contudo, este número parece muito reduzido quando comparados aos homens.

Quanto à disposição dos alunos, existe uma clara separação entre homens/meninos e mulheres/meninas, estando elas posicionadas no centro. Tal arranjo irrompe na imaginação como a composição de uma orquestra, cujo maestro é Georg Black, o *Vorturner* e a *Vorturnerin* são os instrumentistas principais e os demais alunos, aqueles que seguem os comandos do regente. Os alunos, bem como, o professor, encontram-se uniformizados. O tom de festividade é marcado pela própria necessidade de registro e pela presença do grande público, possivelmente os pais e familiares das crianças e jovens que participavam da apresentação. Além disso, a prática simultânea de homens/meninos e mulheres/meninas, também sugere um evento festivo.

Figura 10 – Apresentação festiva na *Turnerbund*



FONTE: Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS

⁶⁷ Instrumento utilizado por maestros de orquestras musicas.

Georg Black, o professor, tantas vezes mencionado nos documentos encontrados, também ocupa uma posição social de liderança na figuração do Movimento *Turnen* no RS, um personagem que assumia uma função estratégica nas relações de interdependência. Sua atuação em associações escolares e esportivas, por mais de 30 anos, conferiu a Black o reconhecimento de precursor ou “pai da Educação Física no Rio Grande do Sul” (MAZO; LYRA, 2010, p. 968). Ao encontro dos escritos de Elias (1997), Wieser e Leite (2005, p. 1) inferem que “como cidadão nascido num país reunificado a “sangue e ferro” sob o governo de Bismarck e que cresceu no tempo do alto imperialismo, ele não conseguia esconder seu orgulho por uma Alemanha dominante”. Preservar as “virtudes alemãs”, através da ginástica, do idioma, do trabalho, era necessário para uma Alemanha forte no “além mar”. Exaltar a identidade alemã e o exercitar rigoroso do corpo eram meios de não deixar-se “poluir” com os excessos da civilização”, a “ vaidade e o luxo”.

Nascido em 1877, Georg Black emigrou da Alemanha para o Brasil em 1902. Com aproximadamente 15 anos de idade, entrou para a Sociedade de Ginástica de Munique como *Zögling* (iniciante), sendo efetivado como *Vorturner* (monitor de ginástica) após dois anos de prática, e, em 1896, tornou-se o dirigente dos *Zöglinge*. Após prestar serviço militar, obteve seu certificado de professor de ginástica – *Turnlehrer* – junto à *Königlich Bayerische Zentral-Turnlehrer-Bildungsanstalt* (Escola Central Bávara para Professores de Ginástica), na Alemanha. No mesmo ano partiu para o Brasil a fim de fundar uma “Nova Munique” em um lugar que prometia prosperidade (WIESER; LEITE, 2005).

No ano de 1903, Georg Black tornou-se sócio da *Turnerbund*, participando já do *IV Turnfest der Deutschen Turnerschaft von Rio Grande do Sul* (IV Festival de Ginástica da Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul), diferenciando-se tecnicamente dos demais ginastas junto a *volkstümlichen Wettturnen* (ginástica popular de competição), atividade que “envolvia arremessos, saltos em altura e em distância, além de corridas; fazia parte do movimento do *Turnen* que, posteriormente, tornou-se conhecido como atletismo” (MAZO; LYRA, 2010, p. 969). Logo, juntou-se, também, ao clube de ciclismo e ao recém criado *Grêmio Foot Ball Porto Alegrense* (1903), primeiro clube de futebol da capital (MAZO; LYRA, 2010). Black também é identificado como responsável pela introdução de práticas como o punhobol, o tamburinball, a corrida de revezamento, o atletismo.

No texto em homenagem aos 50 anos de idade de Georg Black, publicado no livro da *Stiftungsfest* de 1927 da *Turnerbund Porto Alegre*, J. Aloys Friederichs conta como descobriu que o “jovem Black” era possuidor de certificação específica para atuação como professor de ginástica. Em 1905, a *Turnerbund* precisava encontrar urgente um “professor certificado” e foi quando Black contou que possuía tal especialização de cursos feitos na Alemanha. Segundo a narrativa de Friederichs, Black pretendia ainda ser o colonizador, co-fundador, de Nova-Munique, “o que para nossa felicidade não aconteceu, se não, não seria o nosso Black” (FRIEDERICHS, 1927, s/p).

E um dia em maio de 1905, estava no seu pior momento na procura e apelação por um diplomado *Turnlehrer*, então me procura este, por nós não procurado, e também não encontrado, *Turnlehrer* Black com sua “Patente”, em meu porão, na rua Aurora, e me deixa o mais importante documento (FRIEDERICHS, 1927, s/p).

Entre 1903 e 1906 Georg Black foi *Vorturner* e *II Turnwart* da entidade de Porto Alegre. Após a constatação de sua certificação passou a ser o *Turnlehrer*, responsável pelas aulas de ginástica de todos os departamentos, no decorrer dos 30 anos que exerceu seu cargo na *Turnerbund*.

Com a efetivação de Georg Black, a Sociedade de Ginástica de Porto Alegre não ganhou apenas um professor de ginástica qualificado e experiente, mas também, como ficou claro com o passar do tempo, um amigo de todos os esportes, um incentivador do esporte escolar e um educador, que facilmente entusiasmava os jovens com o seu trabalho (WIESER; LEITE, 2005, p. 1).

Em 1906, quando Georg Black deixou sua posição de *Turnwart* e assumiu como *Turnlehrer* (professor de ginástica) da *Turnerbund*, foi atribuída a ele a responsabilidade pela direção técnica, bem como, pela formação inicial e continuada dos monitores da *Vorturnerschaft* (TURNERBUND, 1917, p. 10). Os dados, contudo, indicam que ele já atuava na formação dos *Vorturner* em período anterior. Na *Vorturnerschaft*, o líder fundador do departamento, Ernst Mitzscherlich pode ser visualizado na fotografia abaixo sentado à direita e junto dele encontram-se os monitores de ginástica da *Turnerbund* em 1902: em pé, encontram-se Walter Schilling, Arthur Schröter, Germano Sperb, Willy Mitzscherlich; e, sentados, Wilhelm Rösch, Henrich Rohde e Ernst Mitzscherlich. Na imagem observamos as vestimentas

utilizadas pelos ginastas, em cor clara, possivelmente branca, uma camiseta com o símbolo das sociedades ginásticas – os 4F's – um cinto sobre as calças, com a mesma inscrição bordada, além da saudação “*Gut Heil*” (Salve; Boa saúde) e do nome da instituição – *Turnerbund*. Logo, o uniforme fornecia “toda uma gama de sinais” (ELIAS, 1997, p. 88), que localizava os personagens no seu meio social e as suas posições.

Figura 11 – Grupo de *Vortuner* da *Turnerbund*, em 1902



FONTE: ROCHA; WASKOW, 2017.

Segundo o relatório anual de 1904, “a fim de complementar os conhecimentos e as capacidades teóricas e práticas da ginástica”, foi ofertada formação complementar nos meses de inverno aos *Vortuner* e aos *Anmänner*, sob a direção do *II Turnwart*, Georg Black. Como adições da *Vorturnerschaft*, foram nomeados, naquele ano, como *Vortuner*, os *Anmänner* Adolf Wink, Wilhelm Bräscher, Carl Oderrich e R. Weinheber, e como *Anmänner*, os ginastas Alfons Bohrer e Herman Ruhl (DIE VORTUNERSCHAFT, 1905). Pode-se aludir que categoria *Anmänner* referia-se aos ginastas em posição de pré-monitoria, ou seja, possivelmente antes de tornar-se *Vortuner*, era necessário formar-se como *Anmänner*.

“Uma grande mudança” ocorreu na *Vorturnerschaft*, em 1907, com a saída dos *Vortuner* Walter Schilling e Willy Mitzscherlich (UNSER VORTUNERSCHAFT, 1908, p. 5). O primeiro devido à profissão e o segundo para dar continuidade ao seu trabalho

em Campinas, São Paulo. No relato consta uma saudação – “*Gut Heil*” – à *Turnverein* de Campinas que ganhou o “*Treue Turnersmann*” (confiável homem do *Turnen*). Essas informações permitem propor que a rede do movimento *Turnen* no Brasil compartilhava mais que representações culturais étnicas identitárias, mas também ocorriam realocamentos de indivíduos singulares entre as sociedades de ginástica. No mesmo ano, a *Vorturnerschaft* de Porto Alegre atraiu novos indivíduos aos cargos de monitores, a saber: O. Bachmann, A. Bohrer, E. Freitag, P. Krause, F. Siegmann e A. Homrich. No relatório anual de 1908, consta que, naquele ano, foram ministradas nove sessões de *Vorturner*, com onze períodos, os quais aconteceram aos domingos pela manhã, formando mais seis ginastas, com instrução prática e teórica (JAHRES-BERICHT, 1909).

Ernst Mitzscherlich, líder fundador do departamento, designado como *Ehrevorturner* (JAHRES-BERICHT, 1913), assim como Aloys Friederichs e Georg Black, também realizava viagens à “pátria mãe”, Alemanha. Entre 1911 e 1912, Ernst Mitzscherlich esteve em território alemão. No seu retorno a Porto Alegre, também retomou seus trabalhos junto à sociedade de ginástica, contudo, segundo as informações das atividades de 1913, ele não conseguiu se manter como I *Turnwart*, devido a outros compromissos. A redação do relatório e os dados apresentados levam a crer que a escolha do I e II *Turnwart* (I e II) era realizada por votação nesse período (JAHRES-BERICHT, 1913). Como membro da diretoria, contudo, parece que dentre os critérios para seleção do *Turnwart* constava como condição ser homem.

Como evidenciado nesse estudo, às mulheres não era concedido acesso à rede diretiva do *Turnen*, com exceção às poucas *Vorturnerinnen*. Inclusive, a participação delas como praticantes de ginástica foi um processo de disputas e desequilíbrios nas tensões estabelecidas pelas redes do movimento *Turnen* no Rio Grande do Sul. Nessa figuração indivíduos assumiram determinados papéis sociais, a fim de manter o equilíbrio das tensões necessárias à manutenção da “boa sociedade”. Esses papéis eram internalizados por seus personagens/agentes e deliberados em uma relação de dependência com todos os demais que participavam das composições, tanto de modo restrito, quanto de modo mais amplo. No capítulo que segue, damos “voz” a um grupo minoritário na figuração do *Turnen*, apresentando relações e posições desse grupo no movimento: as mulheres.

5.2 MULHERES E O TURNEN: restrições e possibilidades

O Movimento *Turnen*, idealizado no início do século XIX, buscava se firmar enquanto um campo de “masculinidades”, apropriando-se de discursos e representações para exaltar os homens e coibir a prática das mulheres (PFISTER, 2011). Para Pfister (2011, p. 53), eram exercícios concebidos “por homens para homens”, excluindo as mulheres da prática. “Percebida e constituída como frágil, a mulher precisava ser protegida e controlada” (LOURO, 2009, p. 453). Na Alemanha, a fim de “permitir” a prática do *Turnen* por mulheres jovens (para mulheres adultas nem se cogitava), adequava-se a vestimenta, os movimentos, a postura, os exercícios. Além disso, a prática era realizada a portas fechadas. Temia-se a emancipação das mulheres. Pfister (2011) afirma que ainda mais ofensiva era a participação delas em competições. Em 1904, em Berlim, a atuação de mulheres na competição de atletismo foi notícia polêmica no jornal, contestado como “evento duvidoso” (PFISTER, 2011, p. 63). Da mesma forma, a Igreja Católica condenava a apresentação pública de mulheres nas festividades de ginástica. Não obstante os preconceitos, a posição contrária da igreja católica e a resistência da própria *Deutscher Turnerschaft* (DT), paulatinamente elas encontraram espaços para a prática. Em 1914, “75 mil mulheres eram membros da DT”, correspondendo à 6% do total de associados da Federação Alemã de Ginástica (PFISTER, 2011, p. 62). “Apesar da postura de rechaço da DT, houve na 8ª Festa Alemã do *Turnen* em Breslau [Alemanha], em 1894, pela primeira vez a apresentação de um departamento feminino” (PFISTER, 2011, p. 58).

No Rio Grande do Sul, Brasil, a presença de de mulheres em aulas de ginástica é observada no início do século XX. Ainda que de forma reduzida, quando comparadas às possibilidades de mobilidade social e de apropriação de práticas corporais e culturais aos homens, as evidencias levam a crer que as mulheres passam a encontrar espaços cada vez maiores em clubes de ginástica do estado. Até este período, elas participavam como convidadas, auxiliares de decoração em festividades, costureiras de bandeiras e uniformes, como esposas e mães, mas não como praticantes. Em Porto Alegre, o departamento de ginástica feminino foi criado em 1904. A incorporação do Departamento de Damas da *Turnerbund* foi referida, no relatório anual, como o maior êxito da entidade naquele ano. Ainda, salientava a pretensão da sociedade de promover tal oportunidade às mulheres já nos anos

anteriores, mas que lhes faltava “confiança” para esse empreendimento. Na *Jahnfeier* do ano corrente, em 13 de agosto, no entanto, foi feito um chamado às mulheres que culminou no registro de 37 *Turnerinnen* (ginastas mulheres), já na assembleia seguinte. George Black ficou responsável pelo Departamento (DAMEN-ABTEILUNG, 1905), ainda que esse fosse voltado, exclusivamente, às mulheres.

As evidências encontradas levam a crer que tal grupo era destinado, especialmente, às mulheres solteiras que participavam da “boa sociedade” do *Turnen*. Possivelmente, filhas, irmãs, mães, de associados da *Turnerbund* e que já haviam alcançado uma idade mais avançada do que as “meninas” ou *Mädchen*, no alemão, que também conquistaram um departamento próprio, em 1906. Cabe ressaltar as diferenças de nomenclatura nessa composição específica, pois foram encontrados alguns erros de tradução na literatura que comprometem a interpretação dos dados. “*Damen*” significa mulheres, geralmente independente da idade ou da situação social. “*Frauen*” pode referir-se a mulheres mais velhas ou a mulheres casadas, a depender do contexto; mulheres solteiras jovens, especificamente, são referidas como *Fräulein*. “*Mädchen*” refere-se a meninas, crianças ou jovens, do sexo feminino. Por vezes, as nomenclaturas dos próprios departamentos se confundem, sendo por ora chamados de *Damenriege* e, por hora, de *Mädchenriege*, talvez um equívoco ou um interesse do próprio redator de cada nota ou relato. Acerca das “meninas” escolares trataremos, de forma mais específica, no capítulo relativo aos alunos e alunas de escolas teuto-brasileiras no Rio Grande do Sul.

Além do Departamento de Damas, a *Turnerbund* manifestou, já em 1906, o desejo de criação de um *Frauenriege* (Turma de Senhoras) (FRAUENTURNEN, 1907, p. 7), possivelmente voltado às mulheres casadas, mais velhas – mães e esposas. A importância da formação deste novo grupo, era, também, justificada como relevante à continuidade da Turma de Meninas (*Mädchenriege*). Tal argumento, possivelmente, estava relacionado a fatores de motivação recíproca, a partir das relações de mães e filhas, bem como, a necessidade de afirmação e legitimação do *Turnen* como um espaço para as mulheres e que deveria agregar à sua composição toda a família. Contudo, a despeito do referido ensejo, em seguida, é evidenciada a preocupação com o preconceito que vinha sofrendo a prática da ginástica pelas mulheres, ressaltando que seria uma vergonha para a sociedade, que o *Frauenturnen* (ginástica das mulheres) acabasse com tão curta existência (FRAUENTURNEN, 1907, p. 7). Tal preocupação e a “falta de confiança” anteriormente citada, demonstram que existiam

ainda resistências quanto a abertura do *Turnen* para o “sexo frágil”, afinal, constituía-se como um ambiente e uma prática “masculinos”. Nessas tensões, possivelmente, as resistências não eram apenas por parte dos homens, mas, também, pela parte de mulheres mais conservadoras no período.

Em uma manifestação em defesa da prática do *Turnen* pelas mulheres casadas, a Sra. Hedwig Grosse, “mãe de cinco crianças”, escreveu um texto direcionado ao “*Hausdokter*” (médico de família), cujo título questionava: “Seria aconselhável o *Turnen* para as mulheres casadas?”⁶⁸ (IST VERHEIRATETEN FRAUEN..., 1907, p. 28). Tal manifestação, publicada pela *Turnerbund*, é repleta de representações produzidas e reproduzidas acerca do papel da mulher naquele período. Ainda, a publicação de tal texto em um documento oficial da sociedade de ginástica que ocupava posição central na “boa sociedade” do *Turnen*, em congruência com as análises acima realizadas, reforça o interesse da instituição pela inclusão delas na prática. Todavia, a submissão às figuras masculinas e a responsabilidade “inata” da maternidade, podem ser observados em diferentes passagens na referida manifestação, como:

Como a alguns anos aqui na nossa pequena localidade uma *Frauen-Turnverein* veio a vida, eu manifestei no círculo familiar a intenção de me inscrever. Mas eu não pensei que quando eu dissesse que queria ser um funâmbulo, **meu marido e meu cunhado** me olhariam tão apavorados. **Uma mãe de cinco filhos**, sendo o terceiro com deficiência, agredido das moléstias da asma e por conseguinte com uma fraqueza no coração, fazer ginástica! Eu finalmente **recebi o meu sermão** e fui tão cortada, que nunca mais me arrisquei tranquila nesse assunto⁶⁹ (IST VERHEIRATETEN FRAUEN..., 1907, p. 28, grifos nossos).

O sermão, a submissão, a obediência ao homem da casa, são tratados de forma naturalizada. A participação dela na ginástica não obedece a sua vontade e interesse, está, antes, condicionada à vontade e aos interesses do marido e, até mesmo, do cunhado. A justificativa para os “olhares apavorados” recai sobre a

⁶⁸ *Ist verheirateten Frauen Turnen zu empfehlen?*

⁶⁹ *Als vor einigen Jahren hier in unserem kleinen Orte ein Frauen-Turnverein ins Leben gerufen wurde, äusserte ich im Familienkreise die Absicht, mich auch anzumelden. Aber inich glaube, wenn ich gesagt hätte, ich wollte Seiltänzer werden, mein Mann und mein Schwager hätten mich nicht entfetzter anstarren können. Eine mutter von fünf Kindern, vom dritten Kinde an miit argen Krampfarden behaftet, dabei infolge einer Herzschwäche öft quälende asthmatische Anfälle – und turnen! Na, ich war schliesslicj von der Standpauke, die ich bekam, so geknickt, dass ich nicht wieder daran zu rührern wagte.*

representação da mulher-mãe-esposa, a função primordial da mulher, no período. Códigos de comportamento e sentimento socialmente produzidos, enraizados no inconsciente dos indivíduos, tanto no papel da mãe/esposa, quanto do marido. Tal formato não é questionado, é aceito como natural, inevitável, legítimo.

Sua “condição feminina” servia de justificativa para que estivesse sob a tutela do Estado e do marido, submissa aos anseios de uma sociedade com representações marcadamente masculinas (LOURO, 2009). A mulher deveria ser pura, digna, serena, não se envolver em processos decisórios e discussões políticas. Para Louro (2009), mulheres que tivessem iniciativas, que se sustentassem, fossem mais instruídas, eram vistas como desviantes socialmente. Ainda assim, a posterior aprovação do marido à participação da esposa no *Turnen*, parece ter sido motivada por uma mulher “de negócios”. A Sra. Grosse, acabou por tomar parte nas aulas de *Turnen*. Todavia, tal inserção ocorreu, também, por interesse do “homem da casa”, o “chefe da família”:

Após aproximadamente $\frac{3}{4}$ de anos teve meu marido que lidar nos negócios com uma diretora mulher e **me explicou na janta**, que para a dama a ginástica caía muito bem e que **ele não teria nada contra se eu quisesse uma vez “assistir”** - Na, mas eu queria! – Em outra noite foi, por acaso, uma noite de *turnen* e lá eu logo, eficientemente, fiz junto ginástica, tão bem me caiu – era de ver que minha força se teria ido. Naturalmente eu recebi uma apropriada “febre” do *turnen*, nisso eu, contudo, dei um jeitinho e segurei a tosse no estômago⁷⁰ (IST VERHEIRATETEN FRAUEN..., 1907, p. 29, grifos nossos).

O seu “transgredir” tomou forma quando, por conta própria, resolveu participar ativamente da aula, para além de “assistir”, como lhe fora autorizado pelo chefe da casa. Os efeitos considerados inapropriados do exercício, como a “febre” do *Turnen*, contudo, deveriam ser omitidos, possivelmente, para não haver represálias. No texto, a inserção e permanência das mulheres casadas no *Turnen* é justificada por seu potencial como ferramenta de ordem médico higienista. O trabalho doméstico é apresentado como exaustivo e o *Turnen* como meio de melhorar as condições da “mulher do lar”. Cabia a elas assegurar todo um conjunto de características que

⁷⁰ *Nach etwa $\frac{3}{4}$ Jahren hatte mein Mann einmal geschäftlich bei einer der Vorstandsdamen zu tun gehabt uns erzählte mir beim Abendbrot, dass der Dame das Turnen sehr gut bekäme und er hätte nichts dagegen, wenn inc eimal “zusehen” wollte. – Na, ob ich wollte! – Am anderen Abend war zufällig ein Turnabend, ud da habe ich gleich tüchtig mitgeturnt, so gut ese ben ging, - zusehen wäre über meine Kräfte gegangen. Selbstverftändig habe ich aich gehöriges Turnfieber bekommen, das habe ich mir aber verknissen und mir nur Heimlich beim Husten die Magengegend gehalten, den die war am empfindlichsten.*

compreendiam uma representação de família “saudável”, física e socialmente (LOURO, 2009). A “casa” era retratada como o espaço de domínio da mulher, o lugar onde viviam e conviviam os integrantes da família, sob os seus cuidados, ainda que sob a jurisdição do pai.

[...] frequentemente, o simples andar já é muito amargo e só de ficar parada de pé na cozinha, meus pés e pernas incham. [...] Então, eu gostaria de entender em bom e satisfatório alemão, se uma mãe com 5 crianças poderia, verdadeiramente, se movimentar o suficiente em casa – bem da verdade – e quanto movimento tive eu na nossa grande casa (11 pessoas e meio jardim de manhã) e que me é, frequentemente, pesado!⁷¹ (IST VERHEIRATETEN FRAUEN..., 1907, p. 28-29).

A virada do século XIX imprimiu uma mudança de “padrões de valores, de raciocínio e de orientação [que] afetavam também o movimento do *turnen*. Ainda que em sociedades de *turnen* fosse produzida e encenada muita masculinidade, mulheres começavam a se interessar pelo *turnen* desde fins da década de 1880” (PFISTER, 2011, p. 57). Tal interesse era favorecido por discursos em prol da saúde e elevação da autoestima das mulheres. Para Pfister (2001, p. 65), a derrota na I Guerra Mundial e as consequências advindas dessa conjuntura culminou numa “nova mulher”, autoconfiante e bem-sucedida na profissão, no esporte e também no amor”. Muitos homens temiam a emancipação de mulheres através da prática da ginástica. Para estes, o *Turnen* era questão masculina e deveria continuar como tal.

A mulher “ideal” do século XIX, no Brasil, era a “mulher do lar”. “Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representam o ideal de retidão e proibidade, um tesouro social imprescindível”, a mulher (D’ INCAO, 2004, p. 223). A prática da ginástica deveria, assim, estar de acordo com tal encargo. Não poderia, de modo algum, atrapalhar suas funções. Logo, era necessário “segurar a tosse no estômago” e exaltar os benefícios da prática para essa mulher, recorrendo aos discursos higienistas que ressoavam no imaginário social do período.

⁷¹ [...] mir oft das blosse Gehen sehr sauer wurde und vom Stehen in der Küche mir die Füße und Beine anschwellen. [...] so wurde mir meist recht deutlich und zutreffend zu vertehen gegeben, eine Mutter mit fünf Kindern könnte sich doch wahshaftig zu Hause genug Bewegung machen – Wohl war – und wie viel Bewegung hatte ich in unserem grossen Haushalt (11 Personen und ½ Morgen Garten) und wie schwer wurde mir’s oft!

Passaram apenas dois anos desde minha adesão e eu me sinto infinitamente melhor do que antes. Minhas câimbras recuaram completamente, desde meio ano que já consigo vestir os sapatos de casa por mais tempo, no lugar das botas longas. [...] O mal-estar que eu tinha antes, alguns dias estava muito adoentada e tinha acirradas dores, frequentemente mal conseguia me manter sobre as pernas, agora me aflige tão pouco que eu tranquilamente consigo fazer ginástica, até mesmo com as “Mittnerinnen”⁷² (IST VERHEIRATETEN FRAUEN..., 1907, p. 29).

Mulheres fortes, produziram homens fortes. A maternidade era seu papel primordial, constituía sua função social. No período específico tal função passava a ser impulsionada, também, por interesses da medicina higienista (D’ INCAO, 2004). As concepções de saúde e fortalecimento dos corpos das mulheres atendiam aos interesses da nação. A ginástica era um instrumento de educação do corpo “feminino”, belo e apto, preparado, orgânica e moralmente, para ser progenitor de uma nação forte e saudável (SOARES, 2007). Tal compreensão é também evidenciada no discurso em defesa da ginástica pelas mulheres casadas:

Cômico é o equilíbrio que a ginástica desempenha sobre as dimensões do corpo. Enquanto se alegra algum gordo, por emagrecer alguns quilos, eu estou orgulhosa de ter ficado 12 kilos **mais forte** nos últimos seis meses e desde então me mantenho “à altura”. O mais satisfatório é que **a pessoa aumenta, especialmente, as medidas torácicas e a força muscular**, enquanto que é atribuída bela simetria corporal, o que é **o desejo de muitas mães** (eu falo por experiência própria)⁷³ (IST VERHEIRATETEN FRAUEN..., 1907, p. 29, grifos nossos).

A mulher *mais forte*, cujas medidas tóraxicas são desenvolvidas, onde se encontra o arcabouço basilar ao fortalecimento da infância; o corpo esbelto com *bela simetria corporal*, como *desejo de muitas mães*; manifestações que expressam representações internalizadas de uma função social e de um cuidado com o corpo, a

⁷² *Es sind nun zwei Jahre seit meinem Beitritt vergangen und ich fühle mich unendlich viel wohler als früher. Meine Krampfadern sind völlig zurückgetreten, ich konnte schon nach ½ Jahr die hohen Schnürstiefel, die ich sonst von früh bis spät tragen musste, für einige Stunden des Tages mit Hausschuhen umtauschen. [...] Von dem Unwohlsein war ich früher einige Tage sehr elend und hatte heftige Schmerzen, konnte mich oft kaum auf den Beinen halten, jetzt quält s mich so wenig, dass ich ruhig dabei turnen kann, ebenso wie die Mittnerinnen.*

⁷³ *Drollig ist der Ausgleich, den das Turnen auf die Körper-dimensionen ausübt. Während sich einige Dicke freuen, so und soviel Pfund abgenommen zu haben, bin ich stolz, gleich in den ersten sechs Monaten 12 Pfund schwerer geworden zu sein und seitdem halte ich mich auf der Höhe”. Erfreulich ist es, dass man die Pfunde hauptsächlich an Brustweite und Mäuskelstärke zunimmt, während der Leib zu “schönem Ebenmass zurückgeführt wird, was bei vielfachen Müttern meist recht münswenswert ist. (Ich spreche aus einiger Erfahrung).*

partir de uma “mudança de hábitos em relação a ele”, argumentos defendidos pela ciência médica no período (GÓIS JÚNIOR, 2013, p. 141). O interesse na maternidade estava relacionado a um maior interesse também na infância (BORSA; FEIL, 2008).

Só me conceda meu querido Deus que minhas filhas, com o que me preocuparei, sejam verdadeiras ginastas e um dia, como Deus quer, puras, mães fortes, dado que agora tão raramente aproveitam da sorte de elas próprias amamentar suas crianças, pois para o desenvolvimento do tórax a ginástica é de grande valia⁷⁴ (IST VERHEIRATETEN FRAUEN..., 1907, p. 30).

Além de mãe dedicada, à mulher era conferido o papel de “guardiã do lar”, endossado “por parte dos meios médicos, educativos e da imprensa na formulação de uma série de propostas que visavam “educar” a mulher” (D’ INCAO, p. 230). Para l’ncao (p. 236), ocorreu um “afrouxamento” das amarras sociais da mulher no decorrer do século XIX, “com a ascensão dos valores burgueses”. Tal afrouxamento, segundo a autora, também refere-se ao aumento da “auto-vigilância”, ou, nas palavras de Elias, da auto-coerção dos comportamentos e sentimentos. As normas de comportamento tornaram-se mais tolerantes, desde que não abalasses o sistema e os papéis sociais previamente condicionados. A melhoria da condição física das mulheres era aceita e até desejada, desde que não ultrajasse a feminilidade. A função social máxima da mulher continuava sendo a de mãe e esposa (PFISTER, 2011), porém, paulatinamente, foi conferido às mulheres, também, diferentes possibilidades de engajamento social.

Muitos devem pensar, que a pessoa pode também praticar a ginástica em casa, mas “isso não tem nenhuma graça” como disse Harzer. Em sociedade é muito melhor, especialmente o proveitoso “exercício livre” (praticar sozinho é monótono), e como somente, quando é praticada uma divertida marcha ou as coxas se agitam ao som da valsa. [...] Também tem a diversidade que a ginástica na sociedade oferece que não se pode subestimar, Barras, Escada, “*Rundlauf*”, Cavalos. A pessoa tem calafrio, eu mãe de cinco “coisas”, ainda aprendi a saltar sobre o cavalo, e ainda com muito mais vontade que graça⁷⁵ (IST VERHEIRATETEN FRAUEN..., 1907, p. 29-30).

⁷⁴ *Erhält mich nun der liebe Gott meinem kleinen Töchtern, so werden ich dafür sorgen, dass es rechte Turnerinnen werden und dermaleinst “so Gott will” frische, kräftige Mütter, die sicher das jetzt so selten Glück genießen können, ihre Kinder selbst zu stillen, den gerade für die Entwicklung des Brustkorbes ist das Turnen von Höchstem Wert.*

⁷⁵ *Nun werden viele denken, man kann ja auch zu Hause turnen, aber “das hat keine Art”, wie der Harzer sagt. In Gesellschaft geht alles besser, besonders die nützlichen (allein geübt aber langweiligen) Freiübungen, und wie erst, wenn ein lustiger March dazu gespielt wird oder die Keulen nach*

Os dados inseridos do relato sugerem que, para além de movimentos livres, indicados como apropriados para as mulheres, conforme Pfister (2011), as mulheres também testavam suas capacidades nos exercícios em aparelhos, ou, pelo menos, assim, o desejavam. Os “apelos” para a fundação de um “*Frauenriege*”, foram atendidos e em julho de 1907 foi criado um departamento com a participação de 25 *Frauen*, ou Senhoras. A criação desse departamento é também citada por Fortunato (1945). Segundo o autor (1945, p. 171), em “1907 foi-lhe anexada secção constituída por senhoras casadas. As meninas faziam exercícios duas vezes por semana e as senhoras casadas uma vez”. Com a criação da *Frauenriege*, existia uma secção para as mulheres casadas, uma secção para as mulheres jovens, solteiras, (*Damen*) e uma secção para as meninas escolares (*Mädchen*), especificamente, na *Turnerbund* do início do século XX.

Consta no relatório do ano de 1907: “com a fundação da *Frauenriege* pudemos alcançar o objetivo que nós almejamos de levar o nosso *Turnen* para a escola e a família⁷⁶” (FRAUENTURNEN; 1908, p. 8). A mulher é atribuída a função social e a representação de família. A família, a educação dos filhos, o cuidado com a casa e o marido, fazem parte do código de comportamentos que definia a mulher da “boa sociedade”. Seu espaço era o privado, o lar; sua função era criar, prover, preservar as bases familiares de acordo com as normas sociais estabelecidas em uma ordem formalizada, com poderes distintos entre os sexos. Para Jelin (1995), a família é uma organização social, um microcosmo de relações de produção, de reprodução e de distribuição de poder. Essa organização é sedimentada por laços políticos, culturais, religiosos, afetivos, sociais.

“A mulher para a casa, o homem para o público” (PFISTER, 2011, p. 59). Segundo Jelin (1995), a distinção entre casa e trabalho, era, também, um dispositivo de diferenciação de funções da sociedade patriarcal, onde ao homem cabe a gerência da família e à mulher a reprodução. No “modelo ideal” de família nuclear com clara divisão de trabalho entre gêneros, a mulher não deveria trabalhar fora de seu lugar, a

Walzerklängen geschwungen werden. Auch ist die Abwechslung, die das Vereinsturnen bietet, nicht zu unterschätzen, Barren, Leiter, Rundlauf, Pferd. Man schaudere, ich fünf sache Mutter habe noch gelernt, übers Pferd zu springen, wenn auch mit mehr gutem Willen als Grazie.

⁷⁶ *Mit der Gründung der Frauenriege konnten wir den Kreis, den wir vorausblickend, durch unser Turnen um Schule und Familie zu legen [...].*

casa, as tarefas e responsabilidades do lar e da maternidade (JELIN, 1995, p. 396). Essa deveria ser a função social da mulher.

Assim como existia a diferenciação entre o “mundo” do trabalho e o espaço doméstico, existia a divisão dos papéis atribuídos e que deveriam ser assumidos por homens e mulheres no convívio social, como nos clubes e nos eventos promovidos por estes. Ainda, as mulheres deveriam aprender e apreender os modos adequados de se portar e comportar (LOURO, 2009). Além das autocoações “naturalizadas”, incorporadas, quando o universo masculino sentia-se lesado com processos de emancipação das mulheres, coações externas eram empregadas a fim de manter a ordem estabelecida.

Em ata de 1909 da Sociedade de Ginástica de São Leopoldo, é registrado o “debate em torno da não aceitação por parte de algumas mulheres do convite à dança”, uma ofensa social aos códigos de comportamento estabelecidos. Cabe ressaltar que tal discussão, certamente, foi articulada pelos associados pertencentes a rede diretiva, ou seja, homens. Foi, então, decidido que as “damas são obrigadas a dançarem pelo menos uma marca ao serem convidadas para dançar. Em caso contrário poderiam as infratoras serem impedidas de participarem das danças” (MÜLLER, 1986, p. 62). Tal situação exprime uma “perturbação” no equilíbrio de tensões, com um movimento pendular no gradiente de formalidade-informalidade, de resistência pelo lado das mulheres e de estratégias de dominação pelo lado daqueles que tinham o poder de ditar as regras, os homens. Não obstante, a dança só poderia acontecer se houvesse um par, ou seja, uma mulher e um homem. Assim, a discussão centra-se, sobre a “relativa autonomia e a relativa dependência” desses homens e mulheres “em suas relações recíprocas”, afinal a liberdade de um, determina a liberdade do outro (ELIAS, 2001, p. 56).

Como sistema móvel e de equilíbrios instáveis, o que ocorria não era uma ruptura na balança de poder, mas uma flutuação que favorecia, no determinado momento, uma reação e uma apropriação diferentes. Contudo, ainda compreendida dentro das dinâmicas das relações interdependentes determinadas socialmente naquele grupo. Afinal, uma certa instabilidade controlada do equilíbrio de tensões é importante para a manutenção da formação, pois permite, mesmo nas oscilações, que os modelos e códigos sociais sejam preservados. Assim, são abertos departamentos de damas em outros clubes de ginástica do estado, mas sempre sob o controle do

grupo dominante na balança de poder. Ainda que, alguns clubes nomeassem como presidentes e monitoras destes grupos específicos, mulheres.

A manifestação e a criação de departamentos para mulheres, em saliência para mulheres casadas, representam uma tensão e uma oscilação no gradiente de formalidade-informalidade e, assim, uma “tendência de mudança na distribuição de poder” (ELIAS, 1997, p. 49). Isso não significa que as mulheres invertem papéis ou alcançaram uma legitimidade social muito expressiva, naquele tempo, mas que existia, sim, uma abertura formal para que tais manifestações pudessem ocorrer e para que espaços – ainda que muito reduzidos – fossem, paulatinamente, ocupados. Espaços esses materiais e, também, sociais. Todavia, demonstra que foi possível certa mobilidade das regras sociais previamente codificadas e rearranjos de funções sociais (ELIAS, 1997, p. 75).

O termo “gradiente de formalidade-informalidade” não se refere apenas ao que poderia ser designado por maneiras, na mais estrita acepção da palavra. Não se refere apenas a apertarmos a mão a todos os presentes numa ocasião social ou se meramente olhamos a nossa volta e proferimos um genérico “olá”, ou um convidado trouxe ou não flores para a dona da casa. O que realmente se propõe indicar, sobretudo, a extensão e o rigor de rituais sociais que ditam o comportamento das pessoas em suas relações mútuas (ELIAS, 1997, p. 74)

No que concerne a esse estudo, destacamos como parte de um processo de crescente informalização a participação e as reivindicações por parte de mulheres para adentrar no movimento *Turnen* de forma ativa. Ou seja, como ginastas e não mais apenas filhas, esposas, espectadoras e auxiliares. Além de praticar a ginástica, em 1904, elas “adquiriram o direito de fazer o curso e obter [...] o título de mestre de ginástica” (MAZO; SILVA; LYRA, 2010, p. 11). As primeiras a conquistar tal direito foram as senhoritas Ella Kaufmann, Frieda Naschold, Emma Scheibenzuber, Hermine Grage. Ella Kaufmann era, também, professora do *Hilfsvereinschule*, atual Colégio Farroupilha e foi a primeira presidente do departamento⁷⁷ (MAZO, 2003).

Como é possível observar no quadro abaixo, composto por dados encontrados nos relatórios anuais de 1904 a 1913 da *Turnerbund*, as mulheres acima nomeadas são aludidas como a direção do Departamento de Damas em 1904, ainda que o

⁷⁷ No relatório de atividades da *Turnerbund* de 1904, consta ainda o nome de Thea Alrutz, como secretária do Departamento de Damas.

mesmo relatório mencione que a direção do Departamento estivesse sob guarda de Georg Black⁷⁸. As mulheres são referidas como “mestras” no estudo de Mazo, Silva e Lyra (2010), já no relatório, elas são denominadas como *Vorturnerinnen*, ou seja, monitoras da ginástica. Portanto, salientamos que tal encargo não tem o mesmo sentido que o de mestre para George Black, o *Turnlehrer*. Sua posição social era hierarquicamente mais elevada nessa “boa sociedade”.

Quadro 3 – Dados do Departamento de Damas da *Turnerbund* (1904-1913)

Ano/ Características	<i>Turnlehrer</i>	Média por aula	Período das aulas
1904 (criado em 21 de agosto, com 32 damas)	Geoge Black	48	Quartas-feiras 17h30min-19h
1906	Geoge Black	-	Quartas-feiras 17h30min-19h
1907 (separação em <i>Damen</i> e <i>Frauen</i> – desde julho)	Geoge Black	<i>Damen:</i> 23 inscritas; 14 compareciam <i>Frauen:</i> 25 inscritas; 18 compareciam.	<i>Damen:</i> Quartas-feiras: 17h30min-19h <i>Frauen:</i> Terça-feira: 17h-18h30min
1908	Geoge Black	<i>Damenturnen:</i> 40 inscritas; compareciam 13 (terça-feira) e 14 (quarta-feira)	<i>Damenturnen:</i> Terça-feira: 17h-18h30min Quartas-feiras: 17h30min-19h
1909	Geoge Black	30 inscritas; compareciam 9,9 (terça-feira), 25,6 (segunda e quinta-feira)	<i>Damenriege: Abt. A:</i> Segunda e quinta-feira: 18h-19h <i>Damenriege: Abt. B:</i> Terça-feira 17h-18h30min
1910	Geoge Black	26 inscritas; compareciam 10,3 (terça-feira); 22,7 (segunda e quinta-feira)	<i>Damenriege: Abt. A:</i> Segunda e quinta-feira: 18h-19h <i>Damenriege: Abt. B:</i> Terça-feira 17h-18h30min
1911	Geoge Black Turnwart: A. Homrich	23 inscritas; compareciam 10, 7 (terça-feira) 21,5 (segunda e quinta-feira)	-

⁷⁸ Na *Deutsche Turnerschaft*, a primeira vez que uma mulher assumiu um cargo administrativo foi em 1929 (PFISTER, 2011).

1912	Geoge Black Turnwart: A. Homrich	28 inscritas; compareciam 11,1 (terça-feira) 14,8 (segunda e quinta-feir):	Damenriege: Abt. A: Segunda e quinta-feira: 18h-19h Damenriege: Abt. B: Terça-feira 17h-18h30min
1913	Geoge Black	21 inscritas; compareciam 9,9 (terça-feira) 10,2 (segunda e quinta-feira)	-

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos dados de relatórios anuais da *Turnerbund* (1904-1913), encontrados no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS

Nos dados acima apresentados, consta que, em 1907, o *Damen-Riege* era composto por 23 sócias ativas, mas com uma média de 14 alunas por período de aula, no ano. Enquanto que o *Frauen-Riege* era composto de 25 sócias, com uma média de 18 alunas por período de aula no ano. Logo, nem todas as sócias frequentavam assiduamente as aulas de ginástica. Cada um dos departamentos contava com uma aula semanal de uma hora e trinta minutos de duração. Cabe salientar que os homens tinham aulas com duas horas de duração e em um período mais tarde do dia. Logo, isto sugere que a compreensão da direção do *Turnen* era que os homens tinham mais resistência, para permanecer mais tempo em prática, e que poderiam sair de casa em horários mais avançados, como a noite.

Ao analisarmos as tabelas dos anos seguintes, percebemos que a nomenclatura “*Frauen*” desaparece dos relatórios da *Turnerbund*. Isto, entretanto, não significa o abandono ou o fechamento de tal departamento, mas que, oficialmente, ele parece assumir outra designação. Assim, se em 1907 estava socialmente visível a divisão entre a ginástica para mulheres casadas e para mulheres jovens, já em 1908, a divisão é realizada com horários diferenciados (A e B), mas sem uma nomenclatura específica que representasse tais classificações. Esse formato sugere que, apesar da continuidade da prática, não era considerado interessante, naquele momento, a manifestação de tais representações.

Ainda, segundo os dados analisados nos relatórios anuais da *Turnerbund*, entre 1904 e 1913, o quadro de sócias mulheres sofreu reduções sucessivas. Se em 1905 eram 58 associadas ao Departamento de Damas, em 1913, constam 21. Ao compararmos tal informação com o número total de associados da *Turnerbund*, apresentado em quadro anterior, observamos que, ao passo que o montante de

membros associados se eleva no decorrer dos anos, o número de mulheres e meninas que praticavam a ginástica junto à entidade, diminuiu, entre 1904 e 1913.

Na *Leopoldenser Turnverein*, em São Leopoldo, Alfred Mohr, I mestre de ginástica da entidade, no período, sugeriu, provavelmente incentivado pelo recém-criado departamento da *Turnerbund*, a criação de um *Damenriege*, em finais de 1905. Contudo, somente em dezembro de 1907 foi relatada em ata a decisão pela criação de tal departamento, sendo efetivada em janeiro do próximo ano. Constam como inscritas, nos primeiros meses de atividade do departamento, Lucy Hofmann, Emmy Dienstbach, Elsa Hofmann, Serena Sperb, Iris Schmidt, Erna Crusius, Hemrina Lang, Elly Presser, Alvina Braescher, Anna Braescher, Maria Irma Becker, Emilia Schiehl, Martha Lütke, Emilie Merker, Elsa Gaelzer, Olga Schiehl, Ida Wilkens, Sayra Schmidt, Elsa Hahn, Lucia Daudt (MÜLLER, 1986).

As aulas eram ministradas por Alfred Mohr, que também foi presidente da entidade. Em apresentações, as ginastas faziam demonstrações nos aparelhos ou exposições chamadas rítmicas (LEVIEN, 2011). A entrada e permanência no departamento pareciam condicionadas por critérios estabelecidos por um determinado grupo social que se compreendia enquanto distinto, segundo Levien (2011, p. 54), referindo-se ao pedido de exclusão de uma das alunas, devido à má fama da família. “O sucesso das senhoras levou a diretoria a iniciar uma “Mädchenriegen” grupo de ginástica de senhoritas” (MÜLLER, 1986, p. 60), em cinco de março de 1908.

Neste período já existiam, pelo menos, três departamentos de ginástica voltados para a prática de mulheres em clubes do estado: Porto Alegre, Montenegro e São Sebastião do Caí. Em Montenegro, o *Damenriege* (Turma de Damas) foi estabelecido em 9 de agosto de 1905, sob a direção de uma *Vorturnerin* (monitora de ginástica), a *Fräulein* (senhorita) Olga Renner (TURNVEREIN SÃO JOÃO..., 1929). No ano seguinte, precisamente em 17 de junho, a *Turnverein* de Montenegro promoveu um *Damenturnfahrt* (passeio das damas) com a participação das três entidades. Lá a sociedade de ginástica de São Sebastião do Caí realizou uma apresentação de *Turnen* com 25 ginastas homens e 25 ginastas mulheres (DIE TURNERISCHE..., 1938). O desempenho das ginastas foi noticiado no *Koseritz Deutsche Zeitung*. O grupo de mulheres de São Sebastião do Caí foi criado em 1905 (TURNVEREIN SÃO SEBASTIÃO, 1929), enquanto que o *Mädchenriege* (Turma de Meninas) foi estabelecido em 1907, por solicitação da presidência do clube, a fim de

oferecer a oportunidade da prática da ginástica a meninas entre 10 e 15 anos (DIE TURNERISCHE..., 1938)

“Como os olhos da maioria dos pais brilhavam orgulhosos que além dos filhos, lá estavam também as filhas” (DIE TURNERISCHE..., 1938, p. 8): assim é descrita a apresentação de exercícios livres da *Mädchenriege* e da *Knabenriege*, departamentos de meninas e meninos, respectivamente, pela festividade de aniversário da sociedade de São Sebastião do Caí, em 1914. O texto também salienta a execução do “excessivamente difícil” *Keulenschwingen* (movimento com as maçãs⁷⁹) pelas meninas, o que demonstrava “que elas herdaram, a par com os ginastas”, o “sentido alemão e a energia alemã” (DIE TURNERISCHE..., 1938, p. 8). A saliência ao “excessivamente difícil” exercício, também, pode sugerir uma, implícita, baixa expectativa pelo desempenho delas na prática. No mesmo ano, a apresentação das damas da entidade, novamente, com um exercício utilizando o aparelho “maça” (*Keulenreige*), foi evidenciada “como ponto alto da festividade”, no *Vater Jahn-Gedenkturnen* (Comemoração ginástica ao Pai Jahn), de 28 de junho, em Montenegro: “para os olhos ginásticos foi uma satisfação, o movimento dessas lindas jovens meninas seguindo o ritmo da música”⁸⁰ (DIE TURNERISCHE..., 1938, p. 8). O uso do aparelho “maça” e os movimentos ritmados ao som de uma música, remetem, assim como parece sugerir Levien (2011), à ginástica rítmica. Esclaecemos que *Keulenreige* significa uma ciranda, uma dança em roda (*reige*), realizada, com o aparelho maçãs (*Keulen*).

No texto, são utilizadas, ainda, outras palavras para representar as mulheres da ginástica, como “elegante” e “movimento gracioso”. Segundo Pfister (2011, 59), “para as mulheres aconselhava-se exercícios livres e ordenados”, de equilíbrio e danças em grupo, que exaltassem charme e graça, além das virtudes defendidas como ‘naturais’ das damas alemãs: “devoção, fidelidade, sacrifício e modéstia”. Os exercícios livres como prática comum às mulheres são evidenciados, assim como na *Turnerbund* de Porto Alegre e em São Sebastião do Caí, também, em Santa Cruz do Sul. Na festa de aniversário da *Turnverein Santa Cruz* de 1910, enquanto os homens “demonstraram o verdadeiro espírito ginástico alemão do *Vater Jahn*”, com exercícios

⁷⁹ Este é um aparelho atual da Ginástica Rítmica e que era utilizado em exercícios nas sociedades de ginástica, no período deste estudo.

⁸⁰ *Fuer das turnerische Auge ware s ein Genuss, den schoenen, gleichmaessigen Bewegund dieser jungen hueschen Maedchengestalten nach dem Takte der Musik zu folgen.*

na barra, a “recém fundada” *Mädchenriege* (Turma de Meninas) executou exercícios livres (*Freiübung*), “garantindo a nobreza do *Turnen* também entre as jovens do sexo feminino”. A nota, publicada no jornal *Kolonie*, termina expressando o desejo de que a demonstração das *Turnerinnen* (ginastas mulheres) “em seus enfeitados trajés”, convencesse as “damas jovens” acerca da necessidade do *Turnen* (TURNVEREINS STIFTUNGFEST. 6 dez. 1910).

Em Santa Cruz do Sul, o Departamento de Damas foi criado em 1910. Além da prática da ginástica em exercícios livres, o jogo *Tamburinball* foi apontado por Assmann (2015) como uma prática do departamento de *Damas*⁸¹ da *Turnverein* de Santa Cruz e, também, do *Synodal Schule* (atual Colégio Mauá), associado à saúde da “juventude feminina”. Logo, tal público, constituía-se de meninas que frequentavam a referida escola. Novamente, nessa nota, a “juventude”, a prática por damas “jovens” é evidenciada e ressaltada. Os indícios parecem apontar para uma tensão que precisa ser equilibrada pelo clube. Busca-se afirmar que, na entidade específica, o *Turnen* é destinado para as mulheres jovens, excluindo as possibilidades de inserção e mesmo de pensamento sobre a prática por mulheres casadas ou de mais idade, com intento de produzir, assim, uma auto-coerção, no sentido de que a elas nem mesmo é permitido visualizar a prática da ginástica como possibilidade. Assim, também garantia-se um certo equilíbrio, abrindo as portas para o sexo feminino, seguindo o modelo da rede e amenizando as tensões, mas ainda mantendo o controle sob a jurisdição masculina. Afinal, as mulheres jovens estavam, sem objeções, sob comando e sob a guarda do pai, ou chefe da casa, e atendiam aos seus interesses.

Para Elias (1997, p. 51) umas das mais significativas mudanças nos “padrões de formalização ou informalização e no equilíbrio de poder entre as gerações que ocorreram no decorrer deste século [...] é o recrudescimento de poder das mulheres jovens e solteiras”. A vida delas era controlada, em praticamente todos os seus aspectos, por pessoas de suas relações e instituições (pais; igreja; Estado), um tipo de “formalização que correspondia ao então vigente equilíbrio de poder entre as gerações e os sexos” (ELIAS, 1997, p. 51). A mudança do código social exigia uma crescente autoregulação ou autocoção e um instrumento para tal intento poderia ser a ginástica, através da rigorosa disciplina empregada. Em congruência com os estudos apontados, Pfister (2011) infere que as mulheres conquistaram mais espaço

⁸¹ O Departamento de Damas, voltado para a prática das mulheres, na *Turnverein Santa Cruz*, foi fundado em 1910 (ASSMANN, 2015).

no *Turnen* quando os esportes ingleses despontaram como concorrentes. A introdução de tais práticas esportivas no bojo de atividades promovidas pela sociedade de ginástica da capital, bem como, de outras entidades da rede, repercutiu em outras cidades do Rio Grande do Sul, como Santa Cruz do Sul.

A nota que exalta a fundação do “*Tamburinverein Freya*”, como espaço privilegiado de “exercício do corpo e saudável recreio” para as meninas, apresenta dados sobre as práticas desenvolvidas pelas mulheres na Alemanha, citando o tênis, a patinação no gelo, o *Turnen*, “outros jogos de bola”, esportes de inverno e excursões. O texto faz ainda uma crítica quanto ao “eterno trabalho manual” realizado pelas moças, que as confinava à palidez e ao “reinado da fábula” (SPIEL UND SPORT, 04 maio 1914). A prática do *Tamburin* foi encontrada também na *Turnerbund* e em São Leopoldo (WIESER, 1990; OLIVEIRA, 1987), e na *Turnverein* de São Sebastião do Caí. Nessa localidade, em razão da *Jahnfeier* de 29 de setembro de 1915, foi organizado um torneio de ginástica, um de *Tamburin* e um de punhobol. As mulheres participaram apenas do *Tamburinwettbewerb* (torneio de *Tamburin*), corroborando com os achados de Assmann (2015). No torneio foram escolhidas as melhores jogadoras, a saber: Ilona Schilling, Alice Seidl, Damian, Irna Bessler e Lilly Trein. A elas foram entregues *Tamburins* como presentes (DIE TURNERISCHE..., 1938, p. 8).

Müller (1986, p. 66), ao tratar da sociedade de ginástica de São Leopoldo, afirma que “o *Tamborim* era um jogo comum, especialmente, no mundo feminino”. Acerca do *Tamburinball* nesta localidade, não foram encontradas informações quanto ao início da atividade, no entanto, Müller (1986) encontrou em ata o registro de um convite para disputa, em 1914, entre o grupo da Sociedade Ginástica de São Leopoldo e o Clube de *Tamborim Sempre Verde*. Não obstante, configurar-se como um jogo voltado ao público “feminino”, Müller (1986) anota o nome de dois mestres, homens, de *Tamborim* Stefan Filustek e T. Merker que atuavam em 1915 (MÜLLER, 1986).

O punhobol, contudo, também aparece como uma prática esportiva que poderia ser apropriada por mulheres, em sociedades de ginástica. Em evento da sociedade de São Sebastião do Caí, em 1916, ocorreu uma disputa de punhobol entre meninas e meninos. E, em texto específico que narra histórias da equipe local de punhobol, FAUSTBALLMANNSCHAFT, 1938, p. 14), segue uma descrição das atitudes das meninas na situação de jogo: “quão puras pareciam essas meninas em livre jogo, com livres saltos, perdendo o controle da rígida etiqueta. Bochechas vermelhas da vontade

de jogar, com brilho nos olhos, corajosos ataques a bola!”⁸². Além disso, afirma que as expressões e demonstrações de um comportamento prazeroso, poderiam despertar o interesse de outras meninas em vivenciar a situação: “[...] para muitas espectadoras, deve ter acendido ‘faíscas’ no sentido de elas próprias sentirem o livre e alegre prazer das jovens ginastas” (FAUSTBALLMANNNSCHAFT, 1938, p. 14). Ademais, na disputa entre a “força” e a “graça”, conforme referido no documento, as meninas jogaram tecnicamente bem, apesar de participarem pela primeira vez de um torneio. Contudo, “não puderam conter o avanço dos homens” (FAUSTBALLMANNNSCHAFT, 1938, p. 14).

Importa ressaltar que, apesar de não consentida a participação delas na corrida de revezamento (prova de resistência) referida em capítulo anterior, as mulheres participaram em competições de atletismo, possivelmente pela primeira vez, nas festividades em comemoração ao centenário da imigração alemã no Brasil, em 1924 (MAZO; LYRA, 2010, p. 971). Nos torneios regionais de ginástica – *Gauturnfest* – os primeiros registros sobre a participação delas datam de 1930 (LEVIEN; RIGO, 2013). Ainda, indícios indicam que algumas entidades promoviam competições particulares às mulheres. As sociedades de ginástica de Montenegro e São Sebastião do Caí⁸³, por exemplo, realizaram um torneio de aparelhos para as mulheres, denominado *Damen-Geräte-Wetturnen*, em junho de 1926, e do qual se referem como “o primeiro Torneio de Ginástica de Aparelhos para Mulheres no Brasil, quando não na América do Sul”⁸⁴ (TURNVEREIN SÃO JOÃO, 1929, p. 71).

Nas festividades de 1924 foram realizadas apresentações de *Turnen* somente de mulheres ou homens, mas, também, apresentações com a participação de ambos, como é possível identificar pelas fotografias do evento, como a apresentada abaixo. Nota-se que, na disposição dos ginastas, homens e mulheres estão separados; as mulheres ocupam a posição central e os homens as laterais.

⁸² *Wie Frisch erscheinen diese Maedchen in freien Spiel, bei frischem Sprung, entrueckt der Zwangsmuehle Etikette. Rote Backen von Spiellust hervorgezaubert, blitzende Augen, kuehnes Erfassen des Balles!*

⁸³ Consta que participaram 20 damas de São Sebastião do Caí no referido torneio (TURNVEREIN SÃO SEBASTIÃO, 1929).

⁸⁴ [...] *das erste Damen-Geräte-Wetturnen in Brasilien, wenn nicht gar in ganz Südamerika.*

Figura 12 – Apresentação de *Turnen* na festividade em comemoração ao centenário da imigração alemã, em 1924.



FONTE: Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS

Na imagem acima, algumas mulheres utilizam meias abaixo das calças, encobrindo completamente as pernas, enquanto outras são mais ousadas. Para Norbert Elias (1997) o vestuário feminino consistiu em um dos primeiros sinais de um processo informalizante, que balançava as relações sociais e as normas de comportamentos. As vestes específicas para a prática dos exercícios gímnicos eram outro ponto sensível de discussão. A saia era a representação da feminilidade, enquanto que as calças, da emancipação (PFISTER, 2011). No *Turnen* as calças largas, diferentes daquelas utilizadas pelos homens, são evidenciadas já nas primeiras décadas do século XX como traje para as mulheres. A fotografia abaixo, segundo o livro em Comemoração aos 150 da SOGIPA (2017), corresponde ao primeiro grupo de Damas da *Turnerbund*, datada de meados de 1904-1905. Verifica-se pela imagem a postura e as vestes “alinhas”, as saias abaixo do joelho, os cabelos presos, as expressões de seriedade.

Figura 13 – Primeiro grupo de mulheres da *Turnerbund* (1904/1905)



FONTE: ROCHA; WASKOW, 2017.

Na próxima imagem, também da *Turnerbund*, as mulheres vestem calças e posam em postura gímnica. Contudo, salienta-se que as “calçolas” assemelhavam-se a saias pela largura, ainda as meias longas evitavam a “exposição” das pernas.

Figura 14 – Ginastas da *Turnerbund*



FONTE: Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS

Em tal fotografia não consta data, todavia, se levarmos em consideração as demais fotografias localizadas, bem como, as vestimentas utilizadas pelas ginastas na Alemanha, podemos deduzir que se refere à década de 1910. A imagem abaixo foi localizada em um livro que conta histórias de mulheres no *Turnen* em Lüneburg, Alemanha (HORN, 2004).

Figura 15 - Vestimenta de ginástica das mulheres no decorrer do tempo



FONTE: HORN, 2004

A despeito das particularidades de cada local, pode-se perceber semelhanças entre as datas e trajes utilizados por elas em determinados períodos. Além disso, como uma rede do movimento *Turnen* que, tanto no Brasil quanto na Alemanha, respondia, em grande parte, a *Deutsche Turnerschaft*, pode-se supor que os códigos de vestimenta não fossem tão discrepantes.

Diferentemente da Alemanha, onde foram encontradas algumas iniciativas de mulheres que fundaram sociedades autônomas, contratando suas próprias professoras de *Turnen* (PFISTER, 2011), no Rio Grande do Sul, as mulheres foram encontrando espaços nas sociedades de ginástica organizadas e dirigidas por homens. Paulatinamente, elas foram ocupando posições e funções nessas entidades,

em um processo permanente de tensões próprias de uma rede dinâmica de pessoas que se relacionam em uma figuração. O *Turnen*, para além das composições e relações até aqui apresentadas, também foi apropriado como prática corporal e cultural em escolas teuto-brasileiras, de caráter privado. Nas composições próprias dessa instituição, apresentadas no próximo capítulo, observamos relações intersubjetivas que extrapolam os muros da escola e proporcionam um olhar mais abrangente acerca da figuração do *Turnen* no sul do Brasil.

6. APROPRIAÇÕES DO *TURNEN* EM ESCOLAS

*“Na igreja, na escola e em sociedade está firmada a germanidade do Rio Grande do Sul, como uma sólida casa [...]”*⁸⁵
(*GESCHICHTE*, 1929, p. 20).

Na figuração do Movimento *Turnen* no Rio Grande do Sul, uma instituição assumiu um caráter especial de formação dos indivíduos, a partir de códigos compartilhados pela rede de sujeitos interdependentes que participavam dessa figuração: a escola. Este capítulo apresenta uma narrativa histórica, baseada na interpretação dos indícios encontrados acerca dessa instituição formal e as relações desta com o associativismo esportivo e sociocultural. Todavia, para investigar o fenômeno do *Turnen* em instituições escolares do Rio Grande do Sul faz-se necessário, primeiramente, abordar o panorama da educação em estados alemães da Europa do século XIX, visando a compreensão das redes que o compõe.

Segundo Kreutz (1994), na época, a educação nos estados alemães era compreendida como essencial para a formação da cidadania, um meio para a reforma social e política. De tal modo, a educação pública teria sido desenvolvida enquanto função do estado, em oposição à ingerência religiosa. Dagmar Meyer (2000, p. 118), contudo, problematiza tal assertiva e entende que mesmo escolas instaladas por administrações locais comunitárias, foram “supervisionadas bem de perto pelas Igrejas Católica ou Protestante”, a semelhança do que aconteceu no sul do Brasil.

A preocupação progressiva do estado alemão com as instituições escolares no século XIX visava “garantir e/ou manter o espaço político e econômico do império alemão” (MEYER, 2000, p. 119), sendo a escola considerada como espaço privilegiado à educação nacional. Todavia, isso não significou um processo substitutivo da igreja pelo estado, enquanto instâncias de controle, mas, sim, uma maior tensão entre tais instituições, própria de uma relação social dinâmica.

O ensino elementar foi difundido de formas diferenciadas nos estados alemães, como também, a capacitação dos professores, com a implantação de escolas normais. Além das diferenciações entre gênero e classe social, intrincadas em uma “rede de interesses religiosos, políticos, econômicos, nacionalistas e corporativos”

⁸⁵ *Im Kirche, Schule und Vereinen steht das Deutschtum von Rio Grande do Sul geschlossen da, wie ein fest gezimmertes Haus [...].*

(MEYER, 2000, p. 120). Frente a esse contexto, os exercícios físicos do *Turnen* foram valorizados na escola, sob influência dos movimentos nacionalistas que visavam a unificação dos estados alemães. “A fundamentação e o desenvolvimento de uma abrangente pedagogia e didática da educação física legitimava exercícios de *turnen* como elemento de cultura nacional” (KRÜGER, 2011, p. 40). Direcionados aos objetivos patriótico-nacionalistas, sistematizados e organizados em forma e conteúdo, didática e método, os exercícios físicos de *Turnen* difundiram-se nas regiões da Alemanha. Segundo Krüger (2011, p. 40), o *Turnen* “cumpru sua contribuição para com a educação nacional ao possibilitar que a educação física se enraizasse em prática e teoria como parte da educação holística”. Uma concepção de *Turnen*, fundamentada na “pátria de origem”, mas negociada nos novos e múltiplos contextos, foi empregada em escolas do sul do Brasil por imigrantes e descendentes de alemães residentes no país.

Nos próximos subcapítulos, serão abordadas especificidades de escolas étnicas privadas, denominadas por nós como teuto-brasileiras, no Rio Grande do Sul. E, na sequência, o movimento *Turnen* em determinadas instituições escolares, guiados pelos indícios garimpados. Apesar dos discursos que buscam estabelecer uma escola teuto-brasileira culturalmente homogênea, harmônica, “original”, compreendemos esse espaço em sua pluralidade de representações, tensões e sentidos. Em concordância com Dagmar Meyer (2000, p. 126), o que existia era “uma multiplicidade de concepções de escolarização bem como uma heterogeneidade de relações dos colonos com a instituição escolar”. Logo, as apropriações e sentidos do *Turnen* nesses espaços também são compreendidos como diversos, ainda que seja possível evidenciar tentativas de organização de um sistema escolar colonial.

6. 1 ESCOLAS PRIVADAS TEUTO-BRASILEIRAS

Nos contornos desse estudo, escolas privadas teuto-brasileiras são compreendidas como aquelas instituições criadas e mantidas por pessoas ou coletividades particulares, que se apropriavam de representações culturais étnicas específicas, demarcadoras de fronteiras de um grupo que se identificava como “alemães” ou “teuto-brasileiros”. Eram instituições de ensino primário, que atendiam

crianças entre, aproximadamente, sete e quatorze anos de idade, estabelecidas a partir de meados do século XIX no estado do Rio Grande do Sul.

Roche (1969, p. 664) afirma que os imigrantes alemães chegaram ao Rio Grande do Sul em meados do século XIX e “imediatamente” asseguraram “o ensino e a educação de seus filhos e de transmitir-lhes seu próprio patrimônio”. Este cuidado para com a educação dos filhos, expresso de forma um tanto romantizada e generalizada por Roche (1969), é reiterado por outros estudiosos da área. Para, Radünz (2001, p. 149), por exemplo, nos primeiros anos da colonização de Santa Cruz do Sul, região colonizada, majoritariamente, por imigrantes alemães, “as questões confessionais eram relegadas a um segundo plano em razão de uma necessidade mais imperiosa – a escola”.

A criação de instituições escolares particulares voltadas para atender os filhos de imigrantes, deve-se, em parte, ao “sistema escolar altamente deficitário” no país (KREUTZ, 2000, p. 161) e ao “certo grau de autoorganização nas colônias” (STRIEDER, CARVALHO, 2013, p. 470). Segundo Roche (1969), no Rio Grande do Sul de fins do século XIX, as escolas étnicas de iniciativa privada eram estimuladas pelo próprio Estado. Cada província apresentava suas singularidades no que tange aos “processos de construção dos sistemas, normas e redes de ensino primário e secundário” (SCHUELER; MAGALDI, 2009 p. 40), cabendo aos estados e municípios a competência sobre a educação de seus jovens⁸⁶. No entanto, segundo Amstadt, traduzido por Rambo (2005, p. 466), antes da instituição de escolas públicas ou particulares, a instrução das crianças nas colônias era realizada por um “letrado apropriado”, ou seja, uma pessoa com conhecimentos e tempo para tal atividade, mas sem formação específica. Tratava-se de professores particulares que mantinham as escolas mediante contribuição mensal por parte dos pais que lhes confiavam os filhos (RAMBO, 1994).

A partir da segunda metade do século XIX foi ampliado o número de escolas “sob a direção de uma comissão escolar, com os leigos como professores primários. [...] Essas escolas tinham uma classe única” de ensino, com duração aproximada de dois anos (ROCHE, 1969, p. 665). Com o passar dos anos estas escolas assumiram novas configurações, como tempo mais alongado de escolarização, ensino dividido

⁸⁶ Desde a Constituição de 1824 estava instituída a obrigatoriedade do ensino no Brasil, entre os sete e doze anos de idade. No entanto, sua aplicação dependia em última instância de cada província e suas condições para atender à população (SOUZA, 2006).

em classes graduadas, disciplinas e professores especializados. Meyer (2000, p. 173) alega que como grande parte dessas escolas “não tinha nenhuma subvenção estatal”, os professores “eram empregados pelas comunidades evangélicas que mantinham a escola”, bem como, pelas comunidades católicas. Pastores e padres assumiam, por vezes, além de sua função eclesiástica, o papel do professor. Ademais, muitas escolas denominadas comunitárias, funcionavam nas mesmas dependências dos cultos religiosos (AMSTADT, 2005; RAMBO, 1994).

Às resoluções de questões escolares, eram realizadas assembleias com membros da comunidade, organizando, por vezes, comissões para determinados fins, como a construção de um espaço físico à escola (VERSAMMLUNG, 19 out. 1895). Strieder e Carvalho (2013, p. 470), salientam a ação conjunta entre pais e comunidade religiosa na educação das crianças teuto-brasileiras:

eram os pais que tinham o direito natural sobre a educação dos filhos, expressando-se por meio da comunidade para escolher esses conteúdos, acompanhando de perto o desenvolvimento das atividades. Uma segunda autoridade sobre a escola e a educação nela processada era a Igreja, que, com o aval da comunidade, em geral profundamente religiosa, apresentava regras, normas e leis que deveriam ser aprendidos pelos alunos na escola.

Em instituições escolares privadas teuto-brasileiras, o ensino era realizado, preponderantemente, em alemão, uma característica ressaltada em diferentes estudos (ROCHE, 1969; KREUTZ, 1994; SEYFERTH, 1994; TESCHE, 2011; SANTOS, 2012). “As chamadas “escolas estrangeiras”, alavancadas pelos grupos de imigrantes, nas quais o ensino se processava nos respectivos idiomas que os identificavam, atendiam primordialmente a estes segmentos populacionais”, afirmou Souza (2006, p. 56). Santos (2012, p. 560), em seu artigo sobre a organização escolar e curricular de escolas primárias de uma colônia alemã catarinense, conclui que estavam “embasadas em um conjunto de práticas educativas que mesclaram aspectos culturais estrangeiros [alemães] e “brasileiros””. As escolas criadas pelos teuto-brasileiros atendiam as necessidades de instrução primária e secundária, apresentando-se, também, como espaços de práticas e representações de uma identidade cultural étnica (SANTOS, 2012).

No Rio Grande do Sul, certas escolas teuto-brasileiras são referidas como escolas comunitárias (RAMBO, 1994; VOGT, 2006). Este termo foi também

encontrado em registros históricos referentes a escolas em regiões de colonização alemã, especialmente referindo-se às escolas de zonas rurais, na sua respectiva tradução: *Gemeindeschule*. Segundo Souza (2016, p. 164), estas instituições “caracterizavam-se pela unidocência e pela predominância do uso da língua alemã como língua básica para o processo de ensino-aprendizagem e comunicação em sala de aula”. Outros termos utilizados na denominação de escolas teuto-brasileiras eram *Deutsche Schule* (escola alemã) e *Schulverein* (sociedade escolar).

Segundo Vogt (2006, p. 185), “nos núcleos urbanos ou semi-urbanos, desenvolveram-se escolas maiores, destinadas principalmente aos filhos das famílias em ascensão social e econômica”. Em São Leopoldo, de acordo com Levien (2011, p. 29-30) as escolas fundadas a partir das décadas de 1860 e 1870, como o Colégio Conceição, dos Jesuítas e o Colégio São José, das Irmãs Franciscanas, “foram marcadas pelo elitismo dos alunos, os quais eram avaliados de acordo com sua origem familiar. E frequentar determinadas escolas fazia parte da construção da diferença social”. As escolas, nesse período atendiam prioritariamente e predominantemente meninos. Quando exclusivas para a escolarização de crianças e jovens do sexo masculino de famílias mais abastadas social e/ou financeiramente, eram, muitas vezes, referidas como *Knabenschule* (escola de meninos). Enquanto as “filhas da burguesia” eram escolarizadas em instituições específicas, chamadas *Mädchenschule* (escola de meninas) (MEYER, 2000, p. 187).

Nas *Mädchenschule* a preocupação com a produção do gênero, de acordo com os regimes de verdade do período, era apropriada no próprio currículo institucional. Segundo Dagmar Meyer (2000, p. 188), “a escolarização de meninas e moças das “classes que importavam”, antes educadas em casa, se processou, a partir de 1800, nas *Mädchenschulen*”. A educação das meninas deveria servir como base de apoio para a aprendizagem dos valores e modos de comportamentos de interesse da composição sociocultural vigente no período, a qual visava uma subordinação qualificada. No início do século XX existiam escolas de meninas, guiadas por professoras e onde se ensinava a arte da costura e do bordado, boas maneiras, postura e disciplina adequadas ao seu contexto social (LOURO, 2009).

A preocupação com a escolarização das meninas estava vinculada a “discursos de higienização da família, da moralização da sociedade e da formação dos futuros cidadãos do país”, enfatizando os saberes necessários para o ser e o dever ser mãe e esposa (MEYER, 2000, p. 192) – como referenciado, também em capítulo anterior

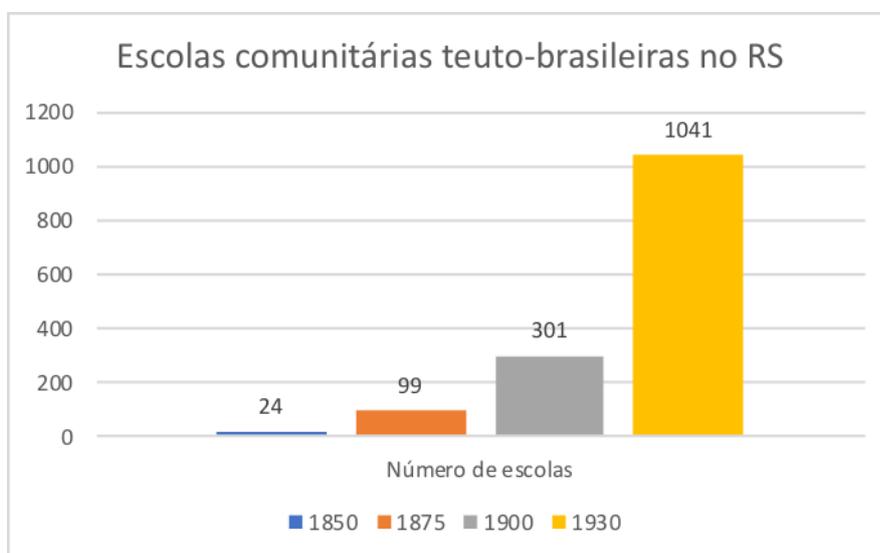
nesse estudo, acerca da inserção da mulher no Movimento *Turnen*. Louro (2009) argumenta que a finalidade da educação das mulheres, na visão de muitos homens, não deveria estar voltada para a aquisição de conhecimentos, mas sim para exercer melhor o seu papel primordial: esposas e mães dos filhos da nação que se formava e vislumbrava a ordem e o progresso.

Enquanto que determinadas entidades delimitavam e segregavam os espaços e os tempos para meninos e meninas, segundo Dagmar Meyer (2000, p. 187), nas “escolas do povo” a “co-educação” era aceita e praticada, em escolas elementares mistas. Nestes espaços “a escola se constituía muito mais como um importante espaço de disciplinarização social e religiosa, enquanto que a formação de gênero propriamente dita se processava em outras esferas como o lar e o trabalho” (MEYER, 2000, p. 187). A partir dos dados analisados, podemos sugerir que nas colônias alemãs, especialmente nas zonas rurais, ou não urbanas – conforme o sentido de urbano do período – são encontradas escolas mistas em maior número, enquanto que as escolas específicas para meninos ou meninas eram mais recorrentes nas zonas mais urbanizadas e centrais das localidades.

A implantação de escolas teuto-brasileiras no sul do Brasil é subdividida em três fases, conforme Kreutz (1994, p. 155). A primeira compreende o período entre 1825 e 1850, quando os alemães organizaram escolas com precárias condições, a fim de garantir o ensino “absolutamente indispensável”: ler, escrever e calcular. A segunda fase, entre 1850 e 1875, refere-se à ampliação da rede escolar de forma significativa, tendo os *Brummers* papel importante no desenvolvimento destas instituições, tanto como incentivadores quanto professores. Entre 1875 e 1900, o autor marca a terceira fase, como período de articulação das igrejas católica e evangélica com o ensino, “em oposição ao avanço do liberalismo estimulado pelos *Brummers*”. Neste período, multiplicaram-se as escolas teuto-brasileiras e o ensino assumia conotação cada vez mais confessional (KREUTZ, 1994, p. 155).

No inventário realizado por Amstadt (2005) o número de escolas comunitárias teuto-brasileiras, entre católicas e luteranas, passou de 24 para 99, no período de 1850 e 1875, chegando a aproximadamente 301 escolas em 1900. Até a década de 1930, Kreutz (1994) contabilizou 1.041 escolas comunitárias teuto-brasileiras no Rio Grande do Sul, com 1.200 professores, enquanto que o estado de Santa Catarina, para comparação, contava com aproximadamente 340 escolas. Tais quantias podem ser visualizadas no gráfico a seguir:

Figura 16 – Número de escolas comunitárias teuto-brasileiras, por período, no RS.



FONTE: Elaborado a partir dos dados de Amstadt (2005) e Kreutz (1994).

Kreutz (2000, p. 159) afirma que as escolas comunitárias de imigrantes alemães que colonizaram regiões brasileiras, “tinham uma conotação fortemente étnica” e “fortemente confessional cristã”. Em nota acerca das escolas de Villa Germania (Candelária) em fins do século XIX, são manifestadas representações culturais de identidade produzidas e reproduzidas pela própria comunidade, que articulam a manutenção do idioma – como traço simbólico do “ser alemão” – a religião e a instrução escolar: “de 6485 habitantes, cerca de 4000 falam alemão, com 12 escolas alemãs, 95% evangélicas, onde estudam 149 meninos e 115 meninas, em um total de 264 crianças” (VILLA GERMANIA, 5 set. 1903)⁸⁷.

Outras instituições escolares fundadas por imigrantes alemães, no entanto, foram criadas defendendo a laicidade da educação, como a *Hilfsverein Schule* – hoje Colégio Farroupilha, fundada em Porto Alegre com a participação de *Brummers*. O período de transição do Império para a República, instalada no Brasil em 1889, foi marcado, também, pela oposição e o enfrentamento entre Estado e Igreja Católica e Luterana, devido aos avanços de ideais liberais e à posição estatal em favor da laicização do ensino. De acordo com as resoluções normativas estatais de finais do século XX, o ensino primário público deveria ser livre, leigo e gratuito.

⁸⁷ No mesmo período, conforme a matéria referida havia quatro escolas públicas em Villa Germania (Candelária) (VILLA GERMANIA, 5 set. 1903).

Nesse período, a educação por meio de instituições escolares “passa a ser vista como condição para a formação da cidadania e como solução para os problemas nacionais, possibilitando espriar valores condizentes com o novo momento político, enquanto legitimava-se e consolidava-se o regime” (SOUZA, 2006, p. 55), posição semelhante àquela referida acerca da educação pública na Alemanha. Nessa disputa de representações, as instituições religiosas ofereceram resistência e marcaram seu espaço a partir do investimento e da organização de escolas e investindo na formação de professores, atribuindo à educação forte conotação confessional.

Nas regiões de colonização alemã, destacaram-se em maior número as escolas comunitárias luteranas, em comparação com as católicas (KREUTZ, 2000). Segundo as informações apresentadas por Amstadt (2005), existiam no Rio Grande do Sul na virada do século XIX para o XX, 146 escolas comunitárias alemãs de confissão católica e 155 de confissão evangélica. Segundo Roche (1969, p. 666) as escolas de confissão católica multiplicaram-se a partir da segunda metade do século XIX devido à chegada dos “padres alemães (40 padres foram para São Leopoldo e 10 para as regiões de Santa Cruz e do Taquari)”, e, em especial, salienta a ordem dos jesuítas. Além do expressivo número de instituições escolares, o estado sul-riograndense também se destacava como centro de produção de material didático e na criação de estruturas de apoio às instituições escolares marcadas pela etnia germânica. Segundo Kreutz (2000, p. 162), as escolas

estavam vinculadas a uma instância maior, na qual se promoviam a coordenação e a animação do processo escolar com todo um conjunto de estruturas de apoio, sempre em inter-relação com outras instâncias socioculturais das respectivas etnias. Assim, a formação do professor, a produção do material didático, a frequência obrigatória à escola não eram tratadas como questões isoladas. Faziam parte de um todo maior.

A Igreja Evangélica Luterana considerava a escola como uma instância fundamental para a ação eclesial. Segundo Meyer (2000, p. 138), “a escola elementar teuto-brasileira-evangélica funcionou, neste contexto, como agência e *locus* de racialização, nacionalização e generificação de uma cultura e de seus sujeitos”. Logo, no meio evangélico, a figura do professor era exaltada enquanto elemento estratégico na comunidade. Para além do seu papel na escola, era líder comunitário e, na ausência do pastor, presidia o culto. Enquanto o tradicionalismo catótilo no Rio Grande

do Sul, no período de transição do século XIX para o XX, segundo Félix (1994, p. 85), partia da “premissa da regeneração moral da sociedade, da oposição ao liberalismo e da consciência de que o povo deve ser educado pelas elites”. Nessa disputa de posições, os padres jesuítas eram elementos fundamentais, pois algumas vezes também atuavam como professores. “O professor paroquial não era apenas um professor. Suas incumbências desdobravam-se em múltiplas atividades” (BOHNEN; ULLMANN, 1989, p. 133). Característico ainda era unidocência, ou seja, “instruir simultaneamente, na mesma sala, alunos de diversos adiantamentos” (BOHNEN; ULLMANN, 1989, p. 135). Dentre as disciplinas ministradas nas escolas paroquiais, Bohnen e Ullmann (1989) citam Religião, Língua, Matemática e Realia (História, Geografia, Ciências Naturais e História Natural).

Tesche (2002), a partir dos estudos de Cantarino Filho, afirma que nas escolas fundadas por jesuítas, *Gymnasio Anchieta de Porto Alegre*, e *Gymnasio Nossa Senhora da Conceição em São Leopoldo*, os alunos recebiam instruções de ginástica, esgrima e militares, aos moldes do programa do Ginásio Nacional⁸⁸, de forma obrigatória, desde 1894. No entanto, segundo o autor (2002), o ensino da ginástica nestas instituições aproximava-se dos preceitos de Adolf Spiess e se distanciavam da ginástica de Jahn, especialmente pela posição contrária aos movimentos acrobáticos.

Quanto às propostas de currículo e pedagógicas das escolas, Lúcio Kreutz (1994, p. 38) afirma que até 1900, não havia uma estruturação escolar e curricular que buscasse uniformizar a organização das escolas teuto-brasileiras no Rio Grande do Sul, “variando de acordo com as circunstâncias e as possibilidades” de cada localidade. As estruturas de apoio às escolas contavam com periódicos impressos, associações de professores, escolas normais de formação de professores, assembleias escolares, cursos e semanas de estudos e organização de materiais didáticos específicos, e adequados, às escolas teuto-brasileiras (KREUTZ, 2000). Tais estruturas estavam associadas a uma confissão religiosa específica, de acordo com Kreutz (2000). Além das disputas entre as confissões, ocorriam, também, disputas internas, entre diferentes estruturas dentro de uma mesma confissão

⁸⁸ Ao longo dos anos, o Ginásio Nacional foi chamado, também, de Colégio de Pedro II, situado no Rio de Janeiro, capital do país na época. Atendia ao ensino secundário e, de acordo com Vechia e Lorenz (1998, p. vii), “os demais colégios eram incentivados a adequar os seus currículos e programas aos do Colégio de Pedro II”, tanto públicos quanto particulares. Os autores (1998) apresentam em seu livro os Programas de Ensino da instituição entre os anos de 1850 e 1951.

(MEYER, 2000). No quadro abaixo são listadas sete estruturas de apoio, por ordem de ano de fundação.

Quadro 4 – Estruturas de apoio às escolas étnicas do Rio Grande do Sul

Estrutura de apoio	Ano de fundação
Deutsch-Katholischer Lehrerverein (Associação Alemã Católica de Professores)	1898
Deutsch-Evangelischer Lehrerverein (Associação Alemã Evangélica de Professores)	1901
Mitteilzeitung/ Lehrerzeitung (revista dos professores teuto-brasileiros católicos no RS)	1900-1939
Allgemeine Lehrerzeitung (revista dos professores teuto-brasileiros evangélicos no RS)	1902-1939
Lehrerseminar (Escola Normal ou Instituto de Formação para Professores) do Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri ⁸⁹	1903
Lehrerseminar (Escola Normal ou Instituto de Formação para Professores) do Sínodo Rio-Grandense	1909
Lehrerseminar (Escola Normal ou Instituto de Formação para Professores) dos Católicos ⁹⁰	1923

FONTE: Adaptado de Kreutz (2000).

Sobre o material didático apropriado nestas instituições, existia uma produção própria às escolas étnicas no Brasil, pois compreendia-se “que não se deveria importá-lo da terra de origem por não atender à dinâmica da vida e dos desafios na nova pátria” (KREUTZ, 2000, p. 174). Roche (1969) refere que as escolas fundadas na “nova pátria”, Brasil, buscavam autonomia – enquanto estado – para a educação de suas crianças e jovens.

⁸⁹ O Sínodo do Missouri é originário da América do Norte, onde foi criado em 1847. Segundo Meyer (2000, p. 138), “não era reconhecida como sendo alemã pela Igreja germânica”. No Rio Grande do Sul as investidas iniciaram em 1900, especialmente na região de São Lourenço-Pelotas. Roche (1969, p. 677) salienta o “gradativo abandono da língua alemã” e a presença, em 1941, de “um pastor luterano negro” em Pelotas.

⁹⁰ A primeira tentativa de organização de um Instituto de Formação para Professores Católicos ocorreu em 1902 pela iniciativa dos Irmãos Maristas, mas devido à falta de adeptos foi fechado (KREUTZ, 2000).

Lúcio Kreutz (1994, p. 74) apresenta um apanhado de “124 livros didáticos elaborados e impressos especificamente para a escola teuto-brasileira sob a justificativa de que o material didático deveria partir da realidade do aluno e prepará-lo para inserir-se melhor em seu contexto”. Dentre os mais de cem exemplares catalogados pelo referido pesquisador, apenas um parece ter alguma relação, não específica, com a ginástica, denominado “*Jugendspiele für jede im Freien und im Zimmer für Knaben und Mädchen jeden Alters*” (Jogos da juventude para espaços ao ar livre e fechados para meninos e meninas de cada idade). Não consta a data de publicação do referido material, mas como autor, lê-se F. L. Gehricke. Outro livro que chama a atenção é um *Liederbuch* (Livro de cantos) de autoria de Jacob Aloys Friederichs, líder da *Turnerbund*. Segundo Kreutz (1994, p. 118), “o livro é uma coleção de cantos teuto-brasileiros para família, sociedade e demais interessados”. Todavia, especificamente acerca do *Turnen*, não foram encontrados materiais didáticos nesta catalogação, sugerindo, por um lado, que, na visão daqueles que produziam o material, esse saber não necessitava de um material impresso específico para formação do aluno e auxílio do professor.

No livro de Arthur Blásio Rambo (1996) são encontradas informações sobre a Escola Normal Católica e a Associação Católica de Professor, no entanto, não foram encontrados dados sobre o *Turnen*, a ginástica ou a educação física para o recorte temporal deste estudo (1870-1920). Contudo, em outro estudo, Rambo (1994, p. 178) apresenta o manual do professor, editado em 1924, pelo professor Rudolf Schaefer e, neste, consta que “os conteúdos didáticos da escola elementar são o fruto de uma educação histórica espontânea”. Tais conteúdos compreendiam os seguintes conhecimentos: “1. religião, 2. alemão, 3. português, 4. cálculo e medidas, 5. realia (história, conhecimentos da terra nata, geografia, conhecimentos da natureza), 6. canto, desenho e **ginástica**”. Percebe-se que era um conteúdo predisposto para as escolas elementares católicas. Ainda, a ginástica parece ser atribuída à categoria de “disciplina técnica” pelo professor Schaefer, cujas formas de ensino seriam a demonstração, a imitação e a reprodução.

Ao focar a Associação Evangélica de Professores, constatou-se que, nos estudos consultados, não foram encontradas referências específicas sobre o *Turnen*, a ginástica ou a educação física no período que abarcamos (GOMES, 2005; ARENDT; 2005). Contudo, mesmo antes da organização de entidades de apoio eclesiais, observamos a manutenção de organizações associadas às questões escolares,

específicas de determinadas localidades. Eram organizações autônomas, baseadas em uma ação associativa democrática, com posições hierárquicas estabelecidas, assim como foi possível observar na composição dos clubes, e que tratavam de assuntos concernentes à escola de sua região. Um exemplo é Santa Cruz do Sul que no início da década de 1890, já tinha uma Associação de Professores (*Lehrerverein*) com a finalidade de fazer propostas e buscar soluções para os assuntos escolares locais (SCHULANGELEGENHEITEN, 02 jan. 1892). A partir das propostas referidas por tal entidade, é possível sugerir que as escolas vinculadas à tal Associação, não seguiam as normativas estatais, mas buscavam formas próprias de organização. Dentre as atividades da entidade, também estava a seleção de professores para as escolas locais (EXAMEN, 25 jun. 1892).

Cabe ressaltar que a docência nas escolas teuto-brasileiras, no período desse estudo, tinha forte conotação masculina. No mesmo passo que as meninas foram sendo incluídas no processo de escolarização, as mulheres foram, paulatinamente, ocupando espaço nas escolas, que ainda se estabeleciam como locais de homens, para homens e com representações masculinas. Desde finais do século XIX, identifica-se a presença de algumas professoras⁹¹ no ensino primário de escolas alemãs⁹², especialmente na educação de meninas e em escolas específicas para este fim, as chamadas *Mädchenschule* (escolas para meninas). No entanto, Meyer (2000, p. 181) destaca que apesar desta presença, isto “está longe de significar que a identidade docente – a definição social do que era “ser professor” naquele momento e lugar – tivesse uma face feminina”. De acordo com as evidências encontradas nesse estudo, podemos argumentar que a docência no campo da ginástica nas escolas privadas teuto-brasileiras era marcada, também, por representações masculinas.

De acordo com Louro (2009), as transformações urbanas, sociais e comportamentais, favoreceram tal processo, pois os homens encontraram outras

⁹¹ No que tange ao professorado das escolas públicas do Rio Grande do Sul, Lyra (2013, p. 59) afirma que “apenas os professores homens, que houvessem cursado com êxito o primeiro ano de estudos da Escola Normal, estariam aptos e autorizados a ministrar aulas de Educação Física nas escolas”. No entanto, a despeito disto, encontramos no jornal A Federação uma nota sobre a realização de um concurso para professoras a fim de ocupar uma “cadeira do sexo feminino” na “instrução pública da côrte” (BANDEIRA FILHO, 28 maio 1884). Ao lado das provas de escrita, oral, prática, música, desenho e trabalhos de agulha, está a “gymnastica”, ratificando a exigência dos saberes nesta prática, pelo menos, nessa ocasião.

⁹² Em Curitiba, o corpo docente da *Deutsche Schule* composto por sete professores para seis classes em 1895, no ano de 1913 amplia para oito professores e duas professoras (SOUZA, 2006).

funções e se desinteressaram pela docência. No entanto, homens contrários à “ocupação” das mulheres no magistério indagavam sobre a capacidade delas nesta função, chamando-as de “portadoras de cérebros “pouco desenvolvidos”” (LOURO, 2009, p. 450) e comparando-as à mentalidade de crianças. Em contraponto, existiam aqueles que defendiam as professoras. Todavia, tal “defesa” pautava-se no seu caráter materno e fraternal, condizente com seu papel social.

Ao encontro dos escritos de Louro (2009), Marina N. Uekane (2010), sustentam que, em meados do século XIX, mesmo em “artigos escritos por mulheres pode ser percebida a adesão ao discurso dominante”, representando a mulher enquanto “elegante”, cuidadosa”, “senhora do lar” e que mesmo como professora, deveria lembrar de suas obrigações primordiais de mulher. Logo, não era percebida enquanto profissional, mas sim como uma auxiliar e, portanto, deveria receber por sua função de auxiliar e se contentar com isto. Afinal, esta não era sua função primordial (LOURO, 2009). Segundo Meyer (2000), as professoras recebiam salários 25% ou 50% inferiores aos dos homens. Além disso, a atividade profissional não deveria “afetar” a sua feminilidade ou sua plena atividade doméstica. Assim, a ocupação profissional assumia caráter provisório, pois às mulheres casadas era impróprio manter uma ocupação “fora do lar”, que as desviasse do seu papel primordial (LOURO, 2009).

Todavia, ainda que de forma pontual e reduzida, indícios sugerem que algumas mulheres transcendiam tais códigos sociais. Em um levantamento sobre as escolas de Candelária, apresentado pelo jornal *Kolonie* em 1903, com uma lista de 12 instituições escolares, consta a presença de uma professora, possivelmente, casada – dado sugerido devido ao pronome de tratamento utilizado (*Frau*). É provável que as escolas teuto-brasileiras elencadas fossem caracterizadas pela unidocência e como instituições mistas, pois consta para cada instituição um professor, o respectivo número de alunos e o total de meninos e meninas que frequentavam as escolas da região. A escola com maior número de estudantes é localizada em Linha do Salso, com 45 alunos sob a orientação do professor George Balke. Salienta-se que a professora, a Sra. J. Rischmüller, ministrava aulas para 17 alunos na escola da *Statdplatz* (povoação). Logo, a escola da zona urbanizada de Candelária era regida por uma mulher casada (VILLA GERMANIA, 5 set. 1903).

Dagmar Meyer (2000, p. 135), em seu estudo acerca das escolas teuto-brasileiras evangélicas, sustenta que uma soma de atributos, funções e características “inscrevia-se, concretamente, na organização e no currículo escolar, nos modos de

ensinar e, de forma importante, produzia marcas nos sujeitos que a ela se vinculavam, identificando-os como um grupo e distinguindo-se de outros”. Dentre as apropriações, inscrevia-se o *Turnen*, suas representações, seus códigos e sentidos.

6.2 *TURNNSCHÜLER*⁹³: composições da ginástica de escolares

Cientes dos muitos educandários existentes no Rio Grande do Sul no período desse estudo, salientamos que são aqui abordados aqueles sobre os quais foram encontrados indícios e relações com a figuração do *Turnen*. Logo, tratam-se de organizações institucionais, representações culturais e códigos de comportamento de determinadas entidades e contornos, em momentos históricos específicos, a partir do nosso olhar sobre as redes de interdependência e das possibilidades da pesquisa. Na figuração do movimento *Turnen* no Rio Grande do Sul, as relações estabelecidas entre sociedades de ginástica teuto-brasileiras de diferentes regiões foram abordadas nos capítulos anteriores. Nesse espaço abordamos composições de relações entre clubes, personagens dessa rede e escolas locais.

Dentre as instituições escolares, evidenciamos indícios acerca da *Deutsche Schule* (Escola Alemã) de Santa Cruz do Sul. Segundo o material, é possível deduzir a participação de escolares de dentro e fora da Associação Escolar (*Schulgemeinde*) – vinculada a uma comunidade evangélica – pois afere que os pais “de fora” deveriam pagar quantias maiores à escola. Assim, é possível depreender que apesar da tolerância de alunos “de fora” do grupo, eram conferidas condições especiais para que esses fossem aceitos, e tais condições eram assinaladas, neste caso, em ordem financeira (HERR SCHEPFLEITNER, 01 set. 1894).

Em um anúncio veiculado pelo jornal local, *Kolonie*, verificamos a presença do *Turnen* nesse espaço, associado ao professor da instituição, que naquele período, caracterizava-se como unidocente. A nota publicada referia-se a renúncia do professor F. Schnepfleitner e a preocupação da entidade com a manutenção das aulas após a ausência do mesmo. O professor Schnepfleitner renunciou ao cargo de professor da *Deutsche Schule* para abrir um Moinho junto com uma venda em Monte

⁹³ Alunos de ginástica. Tradução livre pela pesquisadora.

Alverne (HERR SCHEPFLEITNER, 01 set. 1894)⁹⁴. Como escola mantida pela comunidade, provavelmente sem subvenção estatal, é possível que a busca por novas formas de arrecadação financeira estivesse atrelada aos baixos salários pagos aos professores. Meyer (2000) comenta que, diante de tais condições, muitos professores acabavam por buscar trabalhos extras, fora da escola, ou trocavam de profissão. No mesmo passo, Arthur Blásio Rambo (1994), a partir de dados de documentos impressos, também apresenta indícios que corroboram tal asseveração.

Ao lamentar a partida do professor, a publicação exalta sua figura como aquele que “com rigorosa disciplina também sabia ganhar o coração das crianças; além de habilidoso professor de ginástica [...] ele se preocupou, também, com o desenvolvimento do espírito de seus alunos”⁹⁵ (DIE DEUTSCHE SCHULE, 21 out. 1894). A “rigorosa disciplina” de uma instituição escolar teuto-brasileira é também referida por Souza (2006), acerca da *Verein Deutsche Schule* (Sociedade Escolar Alemã), fundada em 1884 em Curitiba, no estado do Paraná. Souza (2006, p. 168) conclui que a disciplina, a ordem, a obediência, associadas ao meio militar, e “uma intensa contenção de corpos e mentes” saudáveis faziam parte do “código de conduta” da escola. Relacionado a tais posicionamentos, a ginástica, pelo método de Jahn, estava presente na instituição e promovia a visibilidade de “sua proposta de educação, preocupada com o desenvolvimento não apenas do intelecto, mas dos sentidos, da estética, da disciplina corporal” (SOUZA, 2006, p. 184). Durante os exercícios corporais (marchas, jogos, ginástica rítmica e em aparelhos, exercícios ao ar livre), também, entoavam-se cantos que expressavam a preocupação com a harmonia entre corpo e a mente, exaltando, por vezes, o “espírito de atleta”.

Na *Deutsche Schule* de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, as evidências indicam que o *Turnen*, também, era regido conforme as premissas de Ludwig Friederich Jahn. O “habilidoso *Turnlehrer*” da instituição escolar em 1894, F. Schnepfleitner, era sócio fundador da *Turnverein* (Sociedade de Ginástica) local e primeiro *Turnwart* da entidade, fundada em 1893 (TURNVEREIN SANTA CRUZ, 1929). Logo, identificava-se com a “boa sociedade” do *Turnen* local e com as representações culturais produzidas e reproduzidas por ela.

⁹⁴ A este relato não foi conferida autoria. Contudo, levando-se em consideração outras notícias concernentes à escola, possivelmente, foi escrito pelo diretor da escola do período, Herman Merten.

⁹⁵ “[...] *der bei strenger Disziplin sich doch die Herzen der Kinder zu gewinnen gewusst hat; er war vor allem auch ein tüchtiger Turnlehrer (...), den er sorgte damit neben dem geistigen auch für das körperliche Gedeihen seiner Zöglinge.*”

Quando o professor F. Schnepfleitner deixou a escola, assumiu em seu lugar o comando das aulas escolares um pastor, Wilhelm Süffert (DEUTSCHE SCHULE, 5 set. 1894). Süffert foi, também, responsável pelo discurso em homenagem à Bismark e a Alemanha, em 1895, referido anteriormente nesse estudo. Segundo as evidências, Süffert deu prosseguimento às aulas de *Turnen* na escola. Em nota sobre o desempenho das crianças nas provas finais do ano de 1896, sob orientação do referido professor e, também, da professora Senhorita L. [Gritz], junto aos bons resultados nas aulas de gramática, em alemão e português, e em cálculo, destacavam-se as aulas de canto e ginástica: “*Wir wollen nicht vergessen, der Leistung der Kinder in Gesang und Turnen lobend zu gedenken*” (DAS EXAMEN, 12 dez. 1896), ou, na tradução: “Não queremos nos esquecer, que o desempenho das crianças no canto e na ginástica é para se comemorar com louvor”. Para além de ratificar a existência da prática do *Turnen* na escola, tal discurso evidencia o *Turnen* como prática de destaque, dentro daquela comunidade específica, naquele período específico. Assim como abordado por Souza (2006) e Assmann e Mazo (2017), para Strider e Carvalho (2013, p. 474) “a atividade física, aliada ao canto” estava empregada de um motivo disciplinador, considerada essencial “para o equilíbrio e para a ordem”.

Acerca da *Deutsche Schule* de Curitiba, Souza (2006) aponta que no quadro de horários de 1913, a disciplina “Ginástica/Trabalhos manuais” aparece no currículo para todas as sete classes da escola, com duração de duas horas semanais para cada. Souza (2006, p. 117) conclui que:

o conjunto formado pelos exercícios físicos e pelas habilidades manuais ocupa uma posição respeitável dentro da hierarquia curricular. Percebe-se que a cultura escolar estava em consonância com as prescrições dos higienistas, que consideravam essas práticas como um meio de recuperar energias, desfrutar de momentos de relaxamento e descanso entre as outras aprendizagens.

Em 1900, enquanto os meninos praticavam a ginástica, as alunas desenvolviam trabalhos manuais. Já em 1912, a ginástica estava presente, também, no currículo delas, juntamente com os “trabalhos de agulha” e o “ensino de serviços domésticos” (SOUZA, 2006). Apropriações condizentes com os códigos de comportamentos e sentimento que deveriam produzir e reproduzir as representações de mulher e das “filhas da burguesia” (MEYER, 2000, p. 187) no período. Não

conseguimos apurar se o *Turnen* era ministrado tanto para meninos quanto para meninas na *Deutsche Schule* de Santa Cruz do Sul, no longo dos anos que abarcamos nesse estudo. Contudo, consta a informação no jornal de que, em 1895, frequentavam a escola “106 alunos e alunas” (DEUTSCHE SCHULE, 20 abr. 1895). Logo, era conferida escolarização às meninas na instituição já nesse período. Ainda, a presença de uma professora (solteira) na escola, corrobora com tal assertiva.

É provável que as aulas de *Turnen* dos escolares, ocorressem nas mesmas dependências que as aulas de *Turnen* do clube de ginástica. Assmann e Mazo (2017) identificaram a expressão “*Turnschüler*” em reportagens sobre as aulas de ginástica na *Turnverein Santa Cruz*, já em 1896, podendo referir-se aos alunos da escola. Na Sociedade Ginástica de Porto Alegre, os alunos de escolas que recebiam aulas de *Turnen* na associação com professores da própria entidade, eram referidos em relatórios anuais com essa denominação. Ainda, Tesche (2002) corrobora que as aulas de educação física não aconteciam na referida escola, mas, sim, na *Turnverein Santa Cruz* (Sociedade Ginástica Santa Cruz), que cedia seu espaço e equipamentos para tal. Todavia, não conseguimos apurar, até esse momento, se o professor de *Turnen* era da instituição escolar, do clube, se ambos ministravam tal disciplina. O “habilidoso” professor F. Schnepfleitner, provavelmente, ministrava aulas de *Turnen* tanto para alunos da escola, quanto para ginastas no clube.

A *Deutsche Schule* de Santa Cruz do Sul foi fundada como escola comunitária, em 1870. No princípio do novo século, em 1900, a administração da escola foi assumida pelo Sínodo Rio Grandense. Adotava, assim, uma nova denominação – Colégio Sinodal de Santa Cruz do Sul – e, entre 1910 e 1926, assumia a Escola Normal Evangélica, para a formação de professores, bem como, funções propriamente eclesiásticas de confissão evangélica. Salienta-se que, desde o princípio, a entidade estava intimamente relacionada à comunidade evangélica local, tendo inclusive, como referido acima, suas aulas ministradas por um pastor. Assmann (2015) também aponta relações entre personagens vinculados tanto a *Turnverein Santa Cruz* quanto ao Sínodo Rio Grandense, como Oscar Gressler, integrante da elite política local, bem como, da referida entidade clubística e colaborador do Sínodo.

A ampla rede de escolas evangélicas fundadas no Rio Grande do Sul deve-se em grande parte ao Sínodo Rio-Grandense, instalado em 1886. O Sínodo “assumiu também o sistema educacional: apoiou as escolas comunitárias primárias e se engajou na criação de escolas secundárias e de associações de professores

evangélicos” (FISCHER, 1986, p. 16, apud STRECK, 2016, p. 66). Ainda, para Jungblut (1994), a estruturação de organizações eclesiais também representou uma posição mais efetiva frente a defesa política dos interesses das comunidades, além de maior apoio pessoal e financeiro junto às instituições luteranas da Alemanha.

Santa Cruz do Sul, foi a primeira colônia alemã pública do estado do Rio Grande do Sul, fundada em 1849. Conforme estatística de Menezes (2005), a primeira escola foi estabelecida na região já em 1850 na Picada Velha (atual Linha Santa Cruz) e caracterizava-se como instituição particular, assim como a *Deutsche Schule* referida. Já em 1910, os números apontam para 26 escolas públicas e 63 particulares, ou seja, 70% das instituições escolares locais eram de ordem privada. No registro do autor (2005) não é mencionado o direcionamento confessional das instituições escolares.

Além das composições da colônia alemã de Santa Cruz do Sul, foi possível verificar relações do movimento *Turnen* entre clubes e escolas de outras regiões do Rio Grande do Sul, como São Leopoldo. Levien (2011) aponta que a *Knaben Turnschule* (escola de ginástica para meninos) foi criada em 1888, por sugestão do instrutor de ginástica da *Leopoldenser Turnverein*, Daniel Jung, juntamente com José Sperb e Carlos Dienstbach, na referida Sociedade Ginástica. A *Knaben Turnschule* era destinada a um grupo de meninos entre 7 e 16 anos de idade. Logo, meninos em fase escolar.

Segundo Levien (2011), nos primeiros anos do século XX, as aulas de ginástica eram ministradas nas dependências da própria escola, mais especificamente, na Escola do professor Otto Werner, em São Leopoldo, com horário específico para as aulas de *Turnen*. Assim, é possível depreender que o *Turnen* fazia parte do currículo escolar, com espaço-tempo determinado para tal. E, que, por iniciativa do clube, certamente com aval da escola, foi inserido tal saber no bojo de disciplinas escolares. A mudança do local da prática, mudando do clube para a escola, pode estar associada a necessidade de deslocamento dos alunos, ou a uma disputa interna entre as entidades. Ainda, as aulas de ginástica para os meninos, no clube, podem referir-se a alunos de apenas uma escola ou a alunos de diferentes escolas, podendo ainda, ter caráter gratuito – como integrante do currículo – ou pago – como aula privada.

Outra composição que sugere relações entre personagens que integravam a figuração do *Turnen* vinculados a clubes e escolas, foi encontrada em Cruz Alta. Segundo o estatuto registrado no jornal A Federação, em 1915, a associação

“*Deutsch Brasilianischer Schulverein* (Sociedade Escolar Alemã Brasileira)” de Cruz Alta, fundada em 8 de abril de 1912 e instalada em janeiro de 1913, fixa como finalidade da instituição

por meio do ensino equiparado da língua alemã e da vernacula tornar-se um lar para conservar costumes e hábitos paternos, como também igualmente fazer seus alunos aptos cidadãos brasileiros que serão capazes de exercer seus direitos civis e profissões na nova pátria (ESTATUTOS, 19 fev. 1915, p. 5).

Não obstante, o ensino bilíngue e a preocupação em afirmar-se como instituição que preza pela cidadania brasileira, a língua oficial da associação era o alemão. A *Deutsch Brasilianischer Schulverein* visava a educação de ambos os sexos no ensino primário e secundário, e se considerava “sem tendência religiosa”. Assinava o Estatuto o presidente Germano Zenkner, como secretário Theodoro Firmbach, Rodolpho Halla como tesoureiro, Edmundo Stangler e José Halla como suplentes. Acerca da prática do *Turnen* na escola, especificamente, não foram encontrados vestígios nas fontes consultadas.

Todavia, informações do Livro Comemorativo da VII Festa de Ginástica mostram que Theodor Firmbach – secretário da referida escola de Cruz Alta – foi presidente da *Turnverein Cruz Alta* (Sociedade Ginástica de Cruz Alta), fundada em 1925. Além disso, alguns dos precursores desta entidade possuem o mesmo sobrenome de fundadores da escola supracitada (*Deutsch Brasilianischer Schulverein*), como: Waldemar Zenkner, Oswald Zenkner, Rudolf Zenkner e Oswald Stangler (TURNVEREIN CRUZ ALTA, 1929), possivelmente alunos da referida escola. Assim, é possível que, enquanto frequentadores ou colaboradores de tal instituição escolar tenham se apropriado de códigos, representações e práticas culturais, como o *Turnen*, que, mais tarde, os levou a instituir uma entidade de ginástica aos moldes da rede da “boa sociedade”. Cabe salientar que tal clube era filiado à *Turnerschaft* do Rio Grande do Sul.

Acerca de Theodor Firmbach, outro indício interessante foi encontrado no estudo de Assmann (2015). A autora (2015) cita um discurso proferido por Firmbach, no ano de 1894, exaltando o duplo pertencimento: “a compreensão de cidadania (*Bürger*) é separada da concepção de etnicidade (*deutscher Abstammung*). Mas o Brasil é apropriado como nova pátria, como país que foi escolhido para se viver e criar os seus filhos” (ASSMANN, 2015, p. 84). Tal discurso vai ao encontro das premissas

defendidas pela “Sociedade Escolar Alemã Brasileira”, bem como, pelo líder da *Turnerschaft*, Jacob Aloys Friederichs. De acordo com Seyferth (1994), lideranças locais e regionais reivindicavam a participação dos colonos no exercício da cidadania e, ao mesmo tempo, afirmavam sua posição étnica através da germanidade.

Para Meyer (2001, p. 80) a sustentação de uma identidade requer o trabalho de personagens “que estejam posicionados favoravelmente nas redes de poder que organizam e regulam as formas de viver a vida, a escola e a docência neste, ou em qualquer outro, grupo cultural”. Ainda, conforme a autora (2001), nas instituições escolares, bem como nos clubes, estes personagens eram “indivíduos masculinos que exerceram liderança religiosa e/ou educacional, intelectual e política” (MEYER, 2001, p. 80). Dentre as instituições escolares privadas teuto-brasileiras, os indícios garimpados nesse estudo forneceram dados mais abundantes acerca da *Deutscher Hilfvereinschule* (atual Colégio Farroupilha) que mantinha uma relação muito próxima com a sociedade de ginástica *Turnerbund*, ambas de Porto Alegre. Como operação historiográfica, a narrativa construída está atada aos documentos e as evidências encontradas. Logo, tal composição ocupa um espaço generoso de nosso estudo.

A *Deutscher Hilfvereinschule* foi fundada em 1886 em Porto Alegre, como departamento da *Deutscher Hilfsverein* (Associação Alemã de Beneficência), em funcionamento desde 1858. A Associação Alemã de Beneficência tinha como finalidade o auxílio aos imigrantes e descendentes de alemães pobres ou que passassem por necessidades. Dentre os auxílios fornecidos pela entidade, foram observados doações e empréstimos entre entidades alemãs ou teuto-brasileiras, como associações esportivas e religiosas, como também auxílios a pessoas físicas que estivessem em situação de dificuldade. A escola era paga, contudo. Entretanto, alguns alunos recebiam bolsas de estudos ou condições especiais (TELLES, 1974).

Ainda que a maioria dos alunos fossem alemães ou descendentes de alemães, a escola também era frequentada por luso e ítalo-brasileiros. A esses alunos eram fornecidas aulas de alemão, a fim de que pudessem compreender as matérias proferidas em tal idioma. Contudo, em 1909, Otto Meyer assumiu a direção da escola, e sugeriu uma alteração nas suas diretrizes que exaltam a superioridade da identidade alemã: que os alunos “não alemães” e não pagantes, não seriam mais admitidos (TELLES, 1974), evidenciando tensões dentro do próprio grupo, antagonismos e a necessidade de balanceamento de equilíbrios instáveis e dinâmicos. Importa mencionar que Otto Meyer, também, foi diretor da *Deutsche Schule* em Santa Cruz

do Sul, entre 1904 e 1907, após imigrar para o Brasil. Nesse período, como exposto anteriormente, a escola estava sob comando do Sínodo Rio Grandense e, portanto, tinha forte conotação confessional.

A despeito de tal posicionamento e da língua oficial da entidade ser o alemão, a *Hilfsvereinschule* se dizia preocupada com o aprendizado e o domínio do português pelos seus alunos. Tal preocupação é coerente com os objetivos da escola. Segundo traduções de Telles (1974), de atas de assembleias realizadas para a fundação da escola, esta deveria preparar os rapazes para assumir uma “profissão manual ou se dedicar à atividade comercial”, e para tal, era essencial a compressão de ambos os idiomas (alemão e português). Ainda, deveria constar no currículo as matérias “Leitura, as quatro operações, escrever, Ensino Prático, Canto, Desenho, Geografia, História Universal, História Natural, Alemão, Português, Francês, Inglês, Geometria, Física, Literatura, **Ginástica**” (TELLES, 1974, p. 50, grifo nosso). Logo, pondera-se que o ensino da ginástica estava previsto enquanto disciplina curricular mesmo antes da fundação da escola.

No que diz à formação dos meninos da *Hilfsvereinschule*, esta deveria ser direcionada “para a carreira comercial ou industrial” (TELLES, 1974, p. 76). Esse discurso foi também encontrado em notas e disposições acerca de escolas em Pelotas, que serão abordadas no próximo capítulo. Além disso, aos “filhos de alemães natos” seriam entregues certificados para o serviço militar no exército alemão. Alunos também eram enviados a Alemanha a fim de cursarem escolas superiores de comércio. A entidade contava com o apoio do cônsul alemão e de impressos locais publicados no período, como o *Kosertiz Deutsche Zeitung*, que auxiliavam na divulgação da instituição escolar (TELLES, 1974).

No currículo escolar, a disciplina de ginástica foi incluída somente em 1901, ministrada pelo professor Herrmann Englert na *Turnerbund* e dependente da liberação dos pais. Devido à baixa adesão nas aulas de ginástica “a direção da *Turnerbund* solicitou ao Conselho Escolar reforçar a participação, o que foi feito através da obrigatoriedade das aulas de ginástica, ministradas então, conjuntamente, por um professor do *Turnerbund* e do *Hilfsvereinschule*” (TELLES, 1974, p. 74). Assim como identificado em escola de Santa Cruz do Sul, Telles (1974) afirma que foi realizado um exame de ginástica, ao final do semestre, com os meninos. Logo, a ginástica parece ser compreendida nestes locais, como disciplina com período e exame final específico, em contraponto às evidências encontradas por Lyra, Begossi e Mazo

(2016), acerca das instituições escolares públicas. Segundo as autoras (2016), apesar da *Gymnastica* constar nos currículos tanto dos colégios distritais quanto das escolas elementares, em acordo com o Decreto Estadual n. 89 de 1897, tal disciplina parece ter figurado como elemento de caráter assistencial para as demais disciplinas “sérias”, sendo considerada um “exercício para o descanso” realizado no intervalo entre as demais disciplinas (LYRA; BEGOSSI; MAZO, 2016, p. 230).

A disciplina de ginástica, ou *Turnen*, dos alunos da *Deutsche Hilfsverein Schule* continuou a ocorrer nas dependências do clube de ginástica, conforme é evidenciado pelos relatórios anuais desta entidade. Em congruência com os escritos de Telles (1974), consta no relatório anual da *Turnerbund* de Porto Alegre, do ano de 1904, a presença de dois professores – *Turnlehrer* – que acompanhavam a turma de escolares: pelo lado da *Turner-Bund* consta o professor de ginástica W. Rösch, enquanto que pelo lado da escola tem-se o professor P. Bürger (KNABENTURNEN, 1905, p. 14). William Rösch era *Vorturner* (monitor) formado pela 2ª turma de monitores da *Turnerbund*.

A atividade era denominada, em alemão, de *Knabenturnen*, que significa “ginástica para meninos”. Não foi possível identificar a idade dos alunos nesse ano, mas, segundo a tabela apresentada no referido documento, as aulas eram compostas de, em média, 104 alunos a cada período. Os indícios encontrados levam a crer que as aulas de ginástica, diferentemente das demais disciplinas escolares da referida instituição (TELLES, 1974), ocorriam de forma multisseriada, ou seja, não havia, nesse momento, a distribuição dos alunos por séries, nesta disciplina. Todos realizavam a ginástica no mesmo período. O número expressivo de alunos permite compor uma imagem mental de como seriam as aulas dos escolares.

Neste, também é relatada uma preocupação por parte dos professores acerca da frequência dos alunos nos “horários privados” das aulas de ginástica, que aconteciam nas quartas-feiras e aos sábados no turno da tarde. Ressalta-se que as aulas de ginástica não compunham os horários escolares normais, tendo em vista que ocorriam nos turnos livres da escola. As aulas das demais disciplinas na *Hilfsvereinschule*, segundo Telles (1974), nesse período, aconteciam todos os dias às oito horas pela manhã e às 14 horas no turno da tarde, com exceção das quartas-feiras e dos sábados a tarde. Ainda assim, consta que a prática era obrigatória. Segundo o relatório, por insatisfação dos alunos com o horário estipulado (quartas-feiras e sábados das 15h às 17h), muitos pais apresentavam licença aos filhos, apesar

da obrigatoriedade. Assim, pensava-se em alterar os horários da ginástica para outros mais adequados (KNABENTURNEN, 1905, p. 14). A alusão aos “horários privados” sugere que, a despeito da condição de obrigatoriedade estipulada pela escola, os horários de *Turnen* estruturavam-se de forma independente e, possivelmente, com cobrança de taxa.

Em 1904, a escola abriu um espaço destinado, especificamente, para a educação de meninas: a *Mädchenschule* (TELLES, 1974). E, segundo o relatório anual da *Turnerbund*, de 1905, elas encontraram espaço, também, na prática da ginástica (TURN-BERICHT, 1906). Criou-se, assim, além do departamento específico dos meninos, do qual participavam os alunos da *Hilfsvereinschule*, um Departamento de Meninas (*Mädchenabteilung*), cujo professor responsável, no clube – assim como para os meninos – era Georg Black. Cabe salientar que a proposta para a prática do *Turnen* dos escolares partiu da *Turnerbund* e foi aceita pelo diretor da instituição, “após um pouco de hesitação”, concedendo subsídio de 50\$000 para remuneração do professor de ginástica (JAHRES-BERICHT..., 1907, p. 4).

Quitau (2018, p. 6) afirma que “independentemente de terem uma conexão com as escolas alemãs locais, estas associações [de ginástica] mantinham departamentos específicos para jovens e crianças, geralmente divididos entre meninos e meninas”. Em oposição a tal inferência, evidenciamos, a partir dos indícios analisados, que a manutenção de departamentos de meninos e meninas, em associações de ginástica do Rio Grande do Sul, mantinham forte relação de interdependência com instituições escolares locais. Segundo Pfister (2011, p. 54), no território alemão, nos liceus femininos o *Turnen* “tornou-se obrigatório apenas em 1894; nas escolas primárias femininas apenas após a Primeira Guerra Mundial. Assim mesmo, muitas escolas, principalmente as escolas superiores privadas [ê-se escolas secundárias] incluíam relativamente cedo o *turnen* em seu currículo”. No relato em favor da prática do *Turnen* por mulheres casadas na *Turnerbund*, a redatora, teuto-brasileira, provavelmente nascida na Alemanha, conta que “enquanto criança na escola participava anualmente de um curso de *turnen*”, do qual ela sentia uma “silenciosa saudade” (IST VERHEIRATETEN FRAUEN..., 1907, p. 28).

Contudo, a *Mädchenturnen* (ginástica para as meninas) era muito criticada por médicos que argumentavam contra a prática alegando danos à saúde não condizentes com a estrutura corporal feminina. “Os pais temiam que exercícios “obscenos” acarretassem deformações físicas”, especialmente os exercícios que

utilizavam os aparelhos (PFISTER, 2011, p. 55). As apresentações, em escolas na Alemanha, ocorriam a portas fechadas e somente para convidados. A respeito da participação das alunas nas aulas de ginástica em escolas brasileiras, Marinho (1980) revela a resistência e até rejeição por parte de meninas e seus pais em escolas públicas do Rio de Janeiro e no norte do país, no final do século XIX.

A despeito das prováveis objeções e resistências, no balanceamento das tensões, o grupo favorável à participação das meninas na prática do *Turnen* mostrou-se mais forte na relação de distribuição de poder. Após acordo firmado com o *Deutsche Hilfsverein Schule* (Colégio Farroupilha), em 3 de Maio de 1905 foi iniciada a educação das meninas na *Turnerbund*, segundo Pimentel (1945, p. 171). Cabe salientar, que às meninas é cedido espaço no *Turnen* no mesmo período em que as mulheres iniciam a prática no clube.

Com a incorporação do grupo de meninas, foi institucionalizado, em 1907, um novo departamento que agregava ambos – meninos (*Knaben*) e meninas (*Mädchen*) – cuja nova denominação era *Schüler-Turnen* ou Ginástica dos Escolares (SCHÜLER-TURNEN, 1908, p. 16). Distinto do formato encontrado em 1904, percebe-se que os alunos da escola foram subdivididos em sessões, de acordo com a idade e a série escolar, com dias e horários específicos; cada turma recebia duas horas/aula por semana. Assim, o número de alunos por período também diminuiu. O grupo dos meninos era dividido em três sessões (TURN-BERICHT, 1907, p. 16):

- I – de 6 a 8 anos de idade (1ª e 2ª classe), nas quartas-feiras e aos sábados, das 11 às 12 horas, com aproximadamente 52 alunos por período;
- II – de 8 a 10 anos de idade (3ª e 4ª classes), nas segundas e sextas-feiras das 16 às 17 horas, com aproximadamente 54 alunos por período;
- III – de 10 a 15 anos de idade (5ª, 6ª, 7ª e 8ª classes) nas terças e sextas-feiras das 16 às 17 horas, com aproximadamente 39 alunos por período.

Enquanto que para o grupo de meninas as aulas de ginástica dividiam-se em duas sessões. Uma para meninas de 6 a 8 anos de idade, juntando a 1ª e 2ª classes, com média de 35 alunas por período. E outra sessão para meninas das 3ª, 4ª, 5ª e 6ª classes, com idade entre 9 e 14 anos. Nesta frequentavam, em média, 47 alunas por período (TURN-BERICHT, 1907, p. 17). Nota-se que nas classes mais avançadas o número de meninas era reduzido quando comparado às classes iniciais. Em 1907, frequentavam a escola um total de 151 meninas e 217 meninos (TELLES, 1974).

Levando-se em conta tais dados, podemos calcular que, aproximadamente 66% dos meninos que frequentavam o *Hilfsvereinschule*, frequentavam as aulas de ginástica. Enquanto que, dentre as meninas, a percentagem aproximava-se de 54%. Cabe mencionar que, nesse período, Telles (1974) afirma que cerca de 20% dos alunos da escola identicavam-se como luso e ítalo-brasileiros. É possível que estes alunos não tivessem a mesma frequência nas aulas de *Turnen*, na *Turnerbund*, que os estudantes teuto-brasileiros.

A despeito do formato ainda diferenciado, com a participação de mais de uma classe por turno de ginástica, podemos pensar que quando o *Turnen* também passa a atender os alunos por sessões, e não mais de forma multiseriada, como sugerido, e classificados a partir da idade e da série escolar, ele adquire uma posição hierárquica mais próxima das demais disciplinas da escola. Além disso, mas não menos relevante, segundo os dados apresentados por Telles (1974), parece que o *Turnen* passa a integrar os horários escolares, ou, o período diretamente posterior ao turno escolar, propiciando a ida, e portanto, a adesão dos alunos à prática. Também, a *Turnerbund*, onde eram realizadas as sessões de ginástica dos alunos, situava-se na mesma rua da escola, facilitando o deslocamento entre as entidades.

As sessões e a preocupação com dias e horários específicos estipulados por idade e sexo, possivelmente, foi um formato incrementado pelo professor de ginástica (*Turnlehrer*), no período, a quem são proferidos muitos elogios no decorrer dos documentos. A gestão de tais grupos era compartilhada pela *Deutsche Hilfsverein Schule* e pela Sociedade Ginástica, sendo dirigidos pela “gestão especializada” do professor de ginástica Georg Black (JAHRESBERICHT, 1907, p. 8). Ao referido professor é atribuído o mérito de elevar o significado da ginástica junto aos alunos. Chamou a atenção que, apesar de Georg Black ser referido como professor da *Turnerbund*, encontra-se presente, em fotografia de 1912, entre os docentes do *Hilfsvereinschule*. Logo, era considerado, também, professor da escola.

Quanto ao *Turnen* escolar, consta no relatório da *Turnerbund* que “pelo lado da escola, são apreciados os valores de saúde/higiene e pedagógicos do *Turnen*” (KNABENTURNEN, 1907, p. 15). Tal proposição é seguida de uma defesa pela prática do *Turnen*, diante das incertezas e da interferência dos pais. Segundo o relatório (1907), os pais dispensavam seus filhos das aulas, ou contratavam aulas pagas, privadas, com receio de que a prática da ginástica poderia causar danos para suas “delicadas crianças”. Além de evidenciar que, nesse momento, as aulas de ginástica

dos escolares já “não eram pagas”, o texto argumentava a favor da prática, afirmando que o *Turnen* era justamente adequado para eles, os “fraquinhos”. A prática iria “endireitar” o “corpo doente”, devido aos longos períodos sentados, para sua forma “natural” e, com isso, os “fraquinhos” iriam desenvolver um corpo saudável. Alegava, também, que os preceitos de saúde e higiene seriam ainda mais relevantes quando se tratava da prática pelas meninas (KNABENTURNEN, 1907, p. 15).

Outra preocupação que mereceu destaque foi a baixa na frequência das aulas de ginástica nos meses de verão. No relatório acerca do ano de 1904, consta que, em relação ao último ano (1903), o grupo de alunos do departamento denominado *Knabenturnen* teria sofrido uma redução média em sua frequência anual (JAHRESBERICHT..., 1905, p. 7). Quando analisamos a tabela de frequência (KNABENTURNEN, 1905, p. 14), percebemos, contudo, que tal média teve uma queda devido à baixa do mês de janeiro. Esta baixa pode estar associada às altas temperaturas dos meses de verão. O intenso calor desse período dificultava a continuidade das aulas de ginástica. Em Santa Cruz do Sul, as aulas na *Tunrverein* eram, por vezes, paralisadas nos meses de verão (TURN-VEREIN..., 01 dez. 1900). Segundo Telles (1974), nos meses de janeiro e fevereiro⁹⁶, as aulas do colégio iniciavam mais cedo, às sete horas da manhã. E, quando a temperatura apresentava-se acima de 24º, as aulas eram imediatamente suspensas. Ainda, as aulas só ocorreriam, nos meses supramencionados, nas “tardes frescas”. Tal preocupação é evidenciada, também, nos anos que seguem. Consta no relatório de 1907, a preocupação com a ida das crianças às aulas de *Turnen* nas tardes livres da escola, especialmente nos meses de verão. Contudo, salienta que o prof. Black, “com seu satisfatório método de ensino”, não teve perdas (SCHÜLERTURNEN, 1908, p. 6-7). Especialmente com relação às meninas, consta que devido ao grande calor das tardes de verão, ou aos dias tempestivos de inverno, elas “precisavam”, muitas vezes, ficar em casa e faltar às sessões de ginástica (KNABENTURNEN, 1907, p. 15). Uma medida que parece ter relação com o acima exposto é a introdução de horários específicos de inverno e verão, desde 1907/1908 (SCHÜLER-TURNEN, 1908, p. 16):

⁹⁶ Não encontramos o período destinado às férias letivas dos alunos.

TURNEN DE ESCOLARES

Meninos (2 dias na semana; 1h cada período)

I Sessão: 1^a e 2^a séries (6 a 8 anos de idade)

Período de ginástica:

No inverno: terças e sextas-feiras das 15 às 16h.

No verão: terças-feiras das 17 às 18h e sextas-feiras das 15 às 16h.

A média de alunos por aula, no ano (abril até dezembro), foi de 56,1.

II Sessão: 3^a e 4^a séries (8 a 10 anos de idade)

Período de ginástica:

No inverno: segundas e quintas-feiras das 15 às 16h.

No verão: terças-feiras das 15 às 16h e sextas-feiras das 16 às 17h.

A média de alunos por aula, no ano (abril até dezembro), foi de 47,3.

III Sessão: 5^a, 6^a e 7^a séries (10 a 15 anos de idade)

Período de ginástica:

No inverno: quartas-feiras e sábados das 11 às 12h.

No verão: segundas e quintas-feiras das 17 às 18h.

A média de alunos por aula, no ano (abril até dezembro), foi de 47, 4.

Meninas (2 dias na semana; 1h cada período)

I Seção: 2^a e 3^a séries (6 a 8 anos de idade)

Período de ginástica:

No inverno: segunda e quintas-feiras das 14 às 15h.

No verão: segundas e quintas-feiras das 16 às 17 horas.

A média de alunas por aula, no ano (abril até dezembro), foi de 46, 5.

II Seção: 4^a, 5^a e 6^a séries (9 a 14 anos de idade)

Período de ginástica:

No inverno: terças e sextas-feiras das 16 às 17h.

No verão: segundas e quintas-feiras das 17 às 18h.

A média de alunas por aula, no ano (abril até dezembro), foi de 37,5.

Anota-se que as aulas aos sábados não eram mais contempladas no programa escolar. Consta, ainda, que de um total de 310 alunos, compareceram nas aulas de *Turnen* uma média de 234,8 alunos, ou 71%. Considerando-se que as aulas tinham caráter obrigatório, o percentual de alunos que frequentavam regularmente a ginástica pode ser considerado baixo, contudo apresenta-se mais elevado que no ano anterior. Dentre os possíveis motivos para estes dígitos, citam-se as ponderações dos pais e, possivelmente, a compreensão da ginástica como desnecessária.

Mesmo compondo o currículo obrigatório dos alunos, a ginástica parece assumir uma posição complementar e não essencial, por parte dos responsáveis pelas crianças. Isso é evidenciado na postura dos pais que dispensavam os filhos destas aulas. É provável que os responsáveis com tais atitudes compreendessem que outras tarefas – em casa, na roça, no comércio – eram mais importantes que as aulas de ginástica. Uma citação do jornal *Deutsche Post*, de 1909, transcrita por Dagmar Meyer (2000), indica que a escolarização nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul, eram precárias, uma vez que os pais não queriam pagar pelas instituições privadas ou consideravam que a mão de obra proveniente dos filhos era mais importante do que a frequência escolar.

Acerca das preocupações com os problemas relativos às altas temperaturas do verão, são anunciados “como novidade”, “banhos na ginástica, no próximo ano, no balneário da *Turnerbundes*, durante os meses mais quentes” (KNABENTURNEN, 1907, p. 15). O período destinado à ginástica seria dividido em meio período para o *Turnen* e meio para o banho. O texto termina salientando que “tal medida despertou evidente satisfação entre pais e alunos” (KNABENTURNEN, 1907, p. 15). Não fica claro se tal medida está associada, também, às meninas, mas a elas foi oportunizada a prática da natação, pelo menos, logo no ano seguinte. A introdução da natação como parte do aprendizado das crianças e jovens na *Turnerbund* é totalmente atribuída a Georg Black: “com a colocação de um professor de ginástica nos foi dada a possibilidade de introduzir atividades aquáticas ao Grupo de Meninos, sob a vista do Sr. Black” (BERICHT DER BADEANSTALT, 1907, p. 19). Suas habilidades para com o ensino da natação são reiteradas como forma de produzir um sentimento de confiança frente aos pais para com esta prática: “com as habilidades de conceder as aulas de natação pelo Sr. Black, os pais encontram maior confiança nessa aula e mandam mais seus filhos no início do ano para o aprendizado da bonita arte de nadar” (BERICHT DER BADEANSTALT, 1907, p. 19). Consta que a participação dos meninos nas aulas de natação, na referida temporada, foi numerosa e, portanto, tal modelo seria adotado como parte do cronograma da *Hilfsvereinschule* nos próximos meses de verão. As aulas aconteciam no *Badeanstalt* (casa banho), uma piscina

construída, em 1885, à beira do lago Guaíba, mais tarde chamada Basenho, “considera a primeira piscina do Brasil”⁹⁷ (NOVALASCO; PÁVEL; MOURA, 2005).

Durante o ano de 1908, participaram das aulas de natação do professor Georg Black um total de 22 alunos e 13 alunas, sendo que destes, dez meninos e seis meninas já nadavam livremente (BERICHT..., 1909). Segundo Rocha e Waskow (2017, p. 24) “havia uma diferenciação entre os frequentadores: os iniciantes deveriam vestir calções brancos; os já experientes utilizavam um calção branco com uma faixa vermelha na lateral”. Os uniformes eram dados aos associados no ato da inscrição. Apesar da melhora quantitativa de alunos nas aulas de natação, especialmente entre as meninas, o relatório refere que “ainda são poucos, contudo, os que reconhecem o valor dessa útil prática” (BERICHT..., 1909, p. 15). Os “frequentes acidentes por afogamento” no Guaíba era um argumento utilizado nos discursos que buscavam atentar os pais quanto à necessidade da aprendizagem da natação.

As aulas de natação são lembradas em relato do ex-aluno Rudolf Falk, transcrita por Telles (1974, p. 95), que frequentou a escola na segunda década do século XX. Segundo Falk, no verão, as aulas de “educação física”, como chama, eram “substituídas por natação e desportos aquáticos”. Na sua fala, a ginástica é sinônimo de educação física, em distinção às práticas associadas com o desporto. Além das aulas, os meninos também participavam de torneios de natação. Em fevereiro de 1910, eles participaram de um torneio de *Dauerschwimmen* 500m (nado longo de 500m), *Schnellschwimmen* 100m (nado rápido de 100m) e *Springen* (saltos), sendo campeões, respectivamente, Paul Ritter com 12 minutos e 50 segundos, Oskar Bins, com 3 minutos 62 segundos e, no salto, Paul Ritter e Arno Trommer (WETTSCWIMMEN, 1911, p. 5-6).

Até o ano de 1907, apenas os alunos da *Hilfsvereinschule* eram contemplados com as aulas de ginástica na *Turnerbund*. Todavia, neste ano foi realizado, também, um acordo com a direção da Escola São José, a fim de que os alunos deste educandário tomassem parte nas aulas de ginástica (PIMENTEL, 1945, p. 171). Assim, no ano seguinte, o professor Black também assumiu o controle das aulas de ginástica da “*St. Josephschule*” (Escola São José), estabelecimento que assim como a *Hilfsvereinschule*, concedeu, ao *Turnhalle*, aparelhos ginásticos. O relatório,

⁹⁷ Foram encontrados indícios em Santa Cruz do Sul de um torneio de natação no Rio Pardinho, por organização da *Turnverein* local, durante uma excursão dos ginastas já em 1902 (DIE HIESIGE TURNVEREIN, 29 out. 1902).

sustenta que, a partir de então, “toda a ginástica dos jovens alunos alemães de Porto Alegre, com exceção da periferia, está nas mãos da *Turnerbund*, através dos seus aprovados professores de ginástica” (SCHÜLERTURNEN, 1908, p. 6-7). Pimentel (1945, p. 171), ao encontro de tal assertiva, mas de forma menos ambiciosa, destaca que “desde aí a educação física de alunos de algumas escolas da cidade ficou intimamente ligada com as atividades do *Turnerbund*”.

Acreditamos que a “*St. Josephschule*” refere-se à Escola de São José (para meninos), fundada em 1904, pela comunidade São José, que “se viu forçada a fundar uma escola comunitária própria, a fim de poder oferecer ensino alemão para as novas gerações” (AMSTADT, 2005, p. 482). Até 1914 a comunidade ocupava-se com o ensino para crianças e jovens do sexo masculino e a educação das meninas era orientada pela Escola de Maria (AMSTADT, 2005, p. 482). Logo, apenas participavam das aulas de ginástica na *Turnerbund* meninos da referida instituição.

A Escola São José foi criada e mantida pela comunidade católica. Enquanto que a *Hilfsvereinschule* mantinha estreita relação com a comunidade evangélica e seus membros faziam parte desta confissão religiosa (AMSTADT, 2005; TELLES, 1974). Contudo, a entidade defendia e se colocava como instituição laica, no princípio, e interconfessional, a partir do século XX. Dentre os sócios fundadores da Associação Beneficente, em 1858, cinco eram *Brummers* (SILVA, 2006). Pertinente a este contingente de associados e como referido anteriormente, a instituição prezava pela laicidade da educação. Segundo Bohnen e Ullmann (1989), vários *Brummers* eram favoráveis à aconfessionalidade, ao positivismo liberal e maçônico, gerando conflitos e lutas de representação com as entidades posicionadas religiosamente. O posicionamento laico da entidade, contudo, não foi aceito sem represálias e resistências (TELLES, 1974).

Todavia, no início do século XX, com a redação de novo Estatuto (1901), a entidade coloca-se como interconfessional, conforme tradução de Telles (1974, p. 76): “a escola de meninos da *Hilfsverein* é interconfessional, isto é, ela ensina aos meninos a História Bíblica e os ensinamentos morais cristãos”. Dentre os três revisores de tal documento, um chama a atenção, Jacob Aloys Friederichs, o líder da *Turnerbund* e indivíduo com posição central e socialmente reconhecida na figuração do *Turnen* no RS. Seu irmão Michael Friederichs, foi tesoureiro da *Hilfsverein* entre 1899 e 1904.

Friederichs era membro da comunidade de alemães católicos. Além de fazer parte da comunidade católica, pertencia à *St. Josefsgemeinde* – Comunidade de São

José, sendo inclusive membro da diretoria da comunidade em alguns momentos (SILVA, 2005b). A inserção dos alunos da escola São José nas aulas de ginástica na *Turnerbund*, certamente, foi fomentada pelo teuto-brasileiro. Assim, sugere-se que para Friederich, na *Turnerbund*, o fio que conectava as redes estava baseado de forma primordial nas relações consanguíneas enquanto nação alemã e no compartilhamento de representações culturais de germanidade, enquanto que as ligações religiosas não tinham a mesma proporção na escala de valores.

No decorrer dos anos, as aulas da *Hilfsvereinschule* permaneceram no mesmo formato exposto anteriormente, separadas por classes e sexo, e por períodos de verão e inverno. As aulas de ginástica da Escola São José seguiam o mesmo padrão de idade para divisão das sessões, mas as aulas eram ministradas em apenas um período semanal, pelas manhãs, e sem diferenças entre os meses de verão e inverno (TURNPLAN, 1909, p. 13). Possivelmente, os horários das aulas de ginástica eram estabelecidos em comum acordo entre a *Turnerbund* e as escolas, e os interesses específicos destas últimas. Atenta-se que as aulas dos alunos da escola São José eram realizadas das 10 às 11 horas da manhã. Contudo, não foram encontradas informações acerca do horário regular da escola. Quanto à sua localização, assim como o *Hilfsvereinschule* e a *Turnerbund*, localizava-se na Rua São Rafael, hoje Rua Alberto Bins.

Além dos exercícios ginásticos realizados por intermédio da escola, as crianças e jovens também participavam de outras atividades sociais e culturais na *Turnerbund*, como o *Kinderfest* (festa das crianças), realizado em parceria com a escola (JAHRESBERICH, 1908). Consta, que, após muitos anos, aos meninos foi novamente permitida a participação nas atividades do programa noturno da *Jahnfeier* (Festa de Jahn). Enquanto que as meninas participaram da festa de aniversário do Departamento de Damas, através de uma ciranda de flores, e junto à festa de Natal, através de uma ciranda com bola (*Ballreigen*) (JAHRESBERICHT, 1907, p. 8). Festividades escolares, também aconteciam na sociedade ginástica e com a apresentação de exercícios de *Turnen*. Dentre os indícios garimpados, encontramos os programas das festividades de encerramento do ano escolar da *Hilfsvereinschule*, de 1922, e da *St. Josephschule* e da *Marienschule*, de 1928. Segundo relato de ex-aluno, que estudou na *Hilfsverein* entre 1912 e 1919, tais eventos ocorriam sempre no final de ano na *Turner-Bund*.

O evento da *St. Josephschule* e da *Marienschule* contou, segundo consta no programa do evento, com canções, poemas e exercícios de *Turnen* de meninos e

meninas. Além de evidenciar a participação das meninas da Escola de Maria na prática do *Turnen* em finais da década de 1920, também consta que elas participariam com apresentação de *Volkstanz* (dança folclórica), ao som de um piano e uma *Keulenreigen* (ciranda com “maças”), acompanhadas do mesmo instrumento e com a mesma instrumentista, Srta. M. Möller. Danças e cirandas, assim como evidenciado no subcapítulo que trata das mulheres no *Turnen*, eram movimentos apropriados para elas, “filhas da burguesia” alemã local, pois atendiam aos códigos de comportamento da “boa sociedade”. Interessa destacar que para os meninos o texto não especifica os movimentos. Logo, parece importante destacar e mostrar ao público as atividades que seriam desenvolvidas pelas meninas.

No mesmo programa, consta, também, um “Hymno patriótico”, que seria proferido por João Sartori, no início do evento, e um “Hymno Nacional”, ao final do dia. A distinção entre as nomenclaturas sugere que um refere-se ao hino brasileiro e outro ao hino alemão, respectivamente. Apesar de não constar especificidades, à exceção das aqui descritas, sugerimos que o “Hymno patriótico” concerne ao Brasil, pois seria articulado por uma pessoa em específico. Logo, possivelmente, os demais presentes não tinham conhecimento ou não saberiam expressá-lo. Nota-se que, desde 1917, devido às medidas nacionalizadoras, o “hino patriótico” tornou-se obrigatório nas escolas (SEYFERTH, 2017). Já, quanto ao “Hymno Nacional”, além de encerrar o evento, não existe qualquer particularidade, sugerindo ser um cântico comum aos envolvidos na festividade, ou seja, a comunidade teuto-brasileira (SCHLUSSFEIER..., 20 dez. 1928). Acerca da solenidade de encerramento da *Hilfsvereinschule*, o programa projeta, dentre marchas, danças e canções, a execução de uma pirâmide. Ainda consta no programa a despedida dos alunos da classe superior (*Oberklasse*) e entrega do *Schillerpreise* (SCHULEN..., 19 dez. 1922).

Em colaboração, a escola e a *Turnerbund* também realizavam festividades em rememoração ao centenário da morte de Friederich Schiller, desde 1905. Uma premiação em memória de Schiller também foi criada, chamada *Schillerpreise* e referido no evento. Sua principal função deveria ser “o fomento da cultura espiritual alemã, em especial, o cultivo do idealismo alemão na interpretação do grande poeta” (TELLES, 1974, p. 89). A premiação perdurou na instituição por muitos anos, sendo inclusive mantida nos anos que decorreram da I Guerra Mundial, quando a instituição e suas atividades foram abaladas em decorrência das adversidades e hostilidades do período. A exaltação a Schiller sugere códigos de sentimento atrelados à

nacionalidade alemã. Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805) foi um poeta alemão caracterizado por Elias (1997, p. 111) como intelectual de um período em que “os ideais de igualdade e de humanidade [...] eram centrais no código da burguesia alemã ascendente”. E, o conceito de cultura, “um símbolo de autoconsciência e auto-estima da classe média” (ELIAS, 1997, p. 111).

A escola é apresentada por seus líderes como instituição de “sólida formação alemã”, que segue os “princípios da pedagogia alemã”, uma “*gesunde deutsche Pädagogik*” (saudável pedagogia alemã) (TELLES, 1974, p. 75). Nos objetivos da escola, segundo o estatuto revisado em 1901 por Jacob Aloys Friederichs, João Pretzel e J. F. Krahe, encontra-se que a instrução seria dirigida “segundo os paradigmas alemães, contudo acatando totalmente as condições locais”, a fim de “desenvolver as forças morais da juventude” (TELLES, 1974, p. 76), discurso condizente com os preceitos apregoados pelo personagem líder da sociedade de ginástica de Porto Alegre, também redator de tal documento, pelo professor de *Turnen*, Georg Black, e compartilhado por outras entidades pertencentes a “boa sociedade” do *Turnen* no RS, conforme evidenciado.

Ademais das festividades e apresentações, os meninos também realizavam excursões: “la-se a pé até Berto Círio, Belém Velho, Tristeza, com a mochila nas costas e de calças curtas. Durante a marcha cantava-se muitas canções folclóricas” (TELLES, 1974, p. 80). Passeios semelhantes eram realizados pelos escoteiros. Cabe salientar que o grupo de escoteiros da *Turnerbund*, liderado por Georg Black, era composto por meninos escolares, segundo Telles (1974), majoritariamente, por alunos do *Hilfsvereinschule*.

Segundo Quitzeu (2018), o diretor da Liga dos Escoteiros do Rio Grande do Sul, Kolfhaus, registrou “princípios” dos escoteiros em artigo publicado na *Deutsche Turnblätter* [...], de 1917, relacionados ao pertencimento dos grupos, como “subdepartamentos autônomos”, a uma sociedade de ginástica e aos direitos e deveres dos mesmos nas suas respectivas sociedades de ginástica. Dentre os direitos e deveres mencionados por Kolfhaus e traduzidos por Quitzeu (2018), chamou a atenção que somente poderiam participar do Departamento de Meninos da sociedade de ginástica, alunos das escolas que também fossem escoteiros. Logo, parece que, pelo menos nesse período, buscava-se garantir o engajamento dos jovens escolares no escotismo, como pré-requisito para associar-se na “boa sociedade” do *Turnen*.

A despeito de tal informação, Quitzau (2016, p. 188) também afirma que para associar-se ao grupo de escoteiros da *Turnerbund* de Porto Alegre, não era necessário estar filiado à sociedade ginástica e assim “buscava-se garantir que mesmo crianças de famílias com condições financeiras mais modestas tivessem a oportunidade de integrá-lo”. No *Turnblätter* de 1917, transcrito por Quitzau (2016, p.188), Georg Black escrevia que “o escotismo não é um luxo, que pode ser alcançado apenas pelas classes mais altas, mas um campo de atuação para todos os membros de nosso povo, sem distinção de classes”. Nesse discurso, podemos refletir acerca da representação de “nosso povo”, conforme o sentido apregoado por Georg Black, ou seja, tal expressão pode significar o “povo” como a “nossa boa sociedade do *Turnen*” ou uma forma generalizada da expressão “povo”. Cabe mencionar que para Georg Black, o movimento escoteiro era “a melhor pré-escola para a ginástica” (WIESER; LEITE, 2005, p. 1). E, o lema “*Allzeit bereit*” (sempre alerta), deveria, também, “ser afirmado em casa e na escola” (DIE PFANDABTEILUNG..., 1917, p. 22).

O lema escolhido para os escoteiros “sempre alerta” juntava de forma ideal dois pré-requisitos: “formar bravos cidadãos... para servirem a pátria Brasil”. “Sempre alerta” significava manter-se sempre em boa forma física e espiritual, não para o próprio bem, mas para o bem da sociedade. Para Black, faltava seriedade e profundidade moral ao modo de vida brasileiro (WIESER; LEITE, 2005, p. 1).

Georg Black é reconhecido como o precursor do escotismo no Brasil, fundando o primeiro grupo de escoteiros em 1913 (MAZO; LYRA, 2010). A ideia para tal formação parece ter surgido após retornar de uma viagem que fez a Alemanha, onde participou da celebração do *Völkerschlachtdenkmal* (memorial da Batalha dos Povos) na “velha pátria” (DIE PFANDABTEILUNG..., 1917, p. 21), além de festividades junto a instituições de *Turnen* alemãs, oportunidade em que conheceu a prática do escotismo. Destaca-se que nos tempos em que esteve na Alemanha, Georg Black esteve em Munique, participando de um curso de aprimoramento teórico e prático acerca do *Turnen* (UNSER TURNBETRIEB, 1914, p. 4). E, neste mesmo período, em março de 1913, foi anunciada a criação de um grupo de escoteiros na Sociedade de Ginástica de Munique (QUITZAU, 2019). Logo, tais evidências levam a crer que estes conhecimentos estavam em voga naquele espaço-tempo e, possivelmente, fizeram parte dos conteúdos abordados, também, no referido curso.

Assim como Wieser e Leite (2005), Mazo e Lyra (2010) e Quitzau (2019) também destacam que, para Georg Black, o escotismo e sua severidade eram uma forma de manter os jovens, o futuro da nação e do *Deutschtum*, longe dos perigos e das tentações citadinas. Segundo Evelise Quitzau (2019), os grupos de escoteiros do Rio Grande do Sul apresentavam-se como uma particularidade no Brasil e mantinham relações muito mais fortes com grupos coirmãos da Alemanha do que com grupos de escoteiros de outras regiões do Brasil.

Nas palavras de Wieser e Leite (2005, p. 2), o *Turnlehrer* evocava o “controle sobre si mesmo”, sobre seus atos e sobre seu corpo, salientava a importância “das privações e abnegações”. Os discursos pela ordem, subordinação e disciplina eram também salientados em textos redigidos pela sociedade ginástica a fim de “convencer os pais sobre a importância de se começar a prática da ginástica desde cedo” (QUITZAU, 2016, p. 189). Para Quitzau (2019, p. 16), o escotismo deveria servir como um “complemento ao ensino escolar”.

Ao encontro de tais evidências, supomos que, se para Georg Black o controle era um preceito do escotismo, assim o deveria ser também para as demais atividades. Logo, se tomarmos por base a severidade com que era desenvolvida a prática do escotismo, podemos crer que as aulas de ginástica também eram regidas pela máxima da disciplina, do rigor das atitudes e dos movimentos. Aliado a isto, Rudolf Falk, em entrevista para Telles (1974, p. 94), lembra que o “regulamento da escola era muito severo; reinava uma disciplina férrea”.

No escotismo, atividades que exigiam grande esforço físico e psicológico, eram utilizadas como instrumentos para a promoção de mecanismos de autorregulação ou autocooção. Um modo de treinamento que se assemelha aquele percorrido por Elias (1997), acerca das confrarias nacionalistas, voltado para o controle dos impulsos, a formação de uma estrutura psicológica que depende, em grande medida de uma coação externa, “um cordão umbilical [...] que incluía uma hierarquia estritamente formalizada de níveis de comando” (ELIAS, 1997, p. 95). Nessa engrenagem, o *Turnlehrer*, Georg Black, assumia uma posição de poder que o situava como líder nas relações sociais interdependentes do movimento *Turnen* no Rio Grande do Sul, especialmente no que concerne a ginástica nas escolas.

Não obstante, a pregação pela ordem e disciplina, algumas passagens transcritas por Telles (1974) acerca do processo de ensino e aprendizagem da *Hilfsvereinschule*, indicam que os meninos também se rebelavam contra a rigidez

empregada pelos professores. Segundo Telles (1974, p. 84), o Prof. Rösch, *Vorturner*, responsável pelas aulas de ginástica pelo lado da escola, em 1904, “se queixava da indisciplina reinante” na instituição. Outra passagem afirma que, alegando desobediência por parte de um aluno, outro professor da instituição, Prof. Köhling, espancou “barbaramente” um aluno no campo de jogos (TELLES, 1974, p. 83). A postura do docente foi reprimida, os castigos corporais proibidos e o referido professor se afastou da instituição após o incidente.

Dentre as atividades realizadas pelos escoteiros, salientamos o *Jamboree*, como são denominados os acampamentos realizados por estes grupos. Em um acampamento organizado e sediado pela *Turnverein Cahy*, com a participação dos grupos de Porto Alegre, Santa Cruz, São Leopoldo e Montenegro⁹⁸, são encontradas atividades que permitem compor uma imagem mental acerca desse arranjo, no período específico. O programa do evento está escrito em ambos os idiomas, português e alemão. O cronograma estende-se de seis a onze de setembro de 1927, ou seja, seis dias de programação. Após um dia reservado à recepção dos escoteiros das localidades supramencionadas, o evento era iniciado com um culto na igreja evangélica – evidenciando a proximidade do clube com tal confissão religiosa – seguido de uma passeata pelas ruas da Vila. A tarde seria destinada aos “exercícios físicos ao ar livre no campo da *Turnverein Cahy*”, enquanto à noite estava programada uma festividade na sede local (TURNVEREIN CAHY, 1927). No terceiro dia, seria montado, de fato, o acampamento no campo da própria instituição. A programação seguia com a inauguração da bandeira dos escoteiros e um “combate simulado dos escoteiros”. Em alemão essa atividade era denominada como *Kriegspiel* (Jogo de Guerra). Outras práticas eram danças e cantos populares previstos à noite.

No planejamento do dia seguinte, chama a atenção as diferenças das traduções redigidas no programa, ocasionando, inclusive, alteração de sentido quando a atividade mencionada é revertida do português ao alemão. No português, consta “exercícios do escotismo (Vida dos escoteiros)”, enquanto que no alemão encontramos “*Wettbewerb in Pfanderfertigkeiten*”, ou seja, “competição nas competências escoteiras”. À tarde, a programação previa “diversões”, no português, e “danças folclóricas e cantos”, em alemão. Enquanto que a noite seria realizada uma marcha noturna, seguida de um grande “bivacue”, ou, uma grande “fogueira”,

⁹⁸ Em Montenegro o grupo de escoteiros foi criado em 1927 sob a liderança de P. Wilhelm Scheerer e Ludwig Groger e, em 1929, contava com 40 integrantes (TURNVEREIN SÃO JOÃO..., 1929).

conforme consta em alemão. O último dia estava destinado para visitação da fábrica de Carlos H. Oderich e Cia, seguida de uma homenagem a bandeira nacional brasileira e um festival na *Liga Sportiva*, à noite.

Este evento – *Jamboree* de 1927 – foi citado no relato acerca do grupo de escoteiros de São Sebastião do Caí, redigido em 1938. A breve citação, destacou, a participação “do fundador do escotismo, Georg Black” (PFANDFINDERGRUPPE, 1938, p. 68). O grupo de escoteiros (*Pfandfindergruppe*) da *Turnverein* de São Sebastião do Caí foi oficialmente instituído em março de 1917, por sugestão de Eduard Kuminsk durante assembleia na *Turnverein* local. Como *Oberfeldmeister* (mestre de campo chefe) do grupo, foi nomeado A. Grundmann, *Feldmeister* (mestre de campo)⁹⁹ A. Trein, W. Trein, F. Patro e, como tesoureiro, E. Kuminsky. Diferentemente do que parece ter sido instituído ou intencionado por Georg Black na *Turnerbund*, à filiação ao grupo de escoteiros de São Sebastião do Caí era necessário arcar com uma mensalidade no valor de 500 rs. (PFANDFINDERGRUPPE, 1938).

Contudo, o texto afirma que, muito antes da organização de um grupo de escoteiros na *Turnverein*, já existiam atividades escoteiras para os ginastas. Cita, então, a primeira viagem (*Fahrt*), realizada dia 10 de outubro de 1915, com [?] meninos e 6 adultos da sociedade ao *Mariasinha Berg* (Morro da Mariasinha), próximo a Montenegro. Na noite anterior os participantes se encontraram no *Turnhalle* e, “pontualmente”, às 9h da noite foram para suas camas, onde deveriam “ficar em silêncio” (PFANDFINDERGRUPPE, 1938, p. 66). Às 3h da manhã acordaram; às 4h tomaram café da manhã e pontualmente” às 5h cruzaram a cidade¹⁰⁰ cantando. As 7h 40min chegaram a Parecy, onde descansaram por meia hora. Até a ponte *Eisenbahn* sobre o Rio Caí caminharam mais 1h e 20min. “Com brincadeiras e cantos o tempo passou rapidamente” e quando “o relógio da igreja marcava 8h da noite, estavam todos, novamente, no *Turnhalle*”. A pequena viagem foi liderada pelo *Turnwart*

⁹⁹ Não conseguimos apurar, especificamente, as responsabilidades de cada um destes personagens – *Oberfeldmeister* e *Feldmeister* – na figuração do escotismo. Cabe mencionar que no livro comemorativo aos 25 anos da *Turnerbund*, publicado em 1917, Kolfhaus consta como *Oberfeldmeister* (mestre de campo chefe) do grupo de escoteiros da referida entidade, enquanto que Gerog Black consta na posição de *Feldmeister* (mestre de campo) (DIE PFANDABTEILUNG..., 1917, p. 22). Contudo, Georg Balck é quem parece acompanhar os meninos em suas atividades e atuar de forma mais acentuada na manutenção do grupo.

¹⁰⁰ No texto é utilizada a expressão entre aspas “zum “städtle” hinaus”, possivelmente, em referência a uma canção popular chamada “Muss i denn zum Städtle hinaus”, escrita por Friedrich Silcher. Tal referência por sugerir que esta fosse uma das canções proferidas pelos escoteiros.

Kuminsky e “com grande prudência por ele ordenado” (PFANDFINDERGRUPPE, 1938, p. 66).

A fim de conhecer o grupo de escoteiros da *Turnerbund* de Porto Alegre, foi realizada uma visita a capital nos dias 4 e 5 de setembro de 1915. Nesta ocasião, os membros da entidade de São Sebastião do Caí foram recepcionados por 30 meninos escoteiros, com idades entre 10 e 15 anos, e pelo professor Georg Black. A viagem sugere tanto a proximidade dos professores – Kumisky e Black – quanto a percepção da *Turnerbund* enquanto modelo. Ainda, é possível propor o interesse da *Turnerbund* na criação de outros grupos de escoteiros em localidades próximas, a fim de compartilhar eventos.

Outros passeios foram realizados para cachoeiras e localidades próximas. Em junho de 1917, por exemplo, cinco escoteiros – João Paternoster, de Caxias, Germano Noll, de Nova Palmira, Carlos H. Feix, de Kronenthal, Affonso Rossler, de Feliz, e Frederico Muller, de Cahy – juntamente com W. Trein, A Dill, O. Weber, W. Kayser e Ed. Kummisky, empreenderam uma marcha de 65km, por 14 horas, entre Caxias e Caí. Acerca do grupo de escoteiros local, o texto salienta: “Junto aos pequenos espertos, incluindo alguns trajetos de 100km, não se percebe fadiga. O Sr. Kuminsky elogiou a obediência e a ordem do pequeno bando, que também causou uma boa impressão aos externos” ¹⁰¹ (PFANDFINDERGRUPPE, 1938, p. 67).

Além dos grupos de Porto Alegre, São Sebastião do Caí e Montenegro, em Santa Cruz do Sul¹⁰² um grupo de escoteiros, com 108 meninos, foi criado em 1916, sob o comando do Pastor Lechler como *Oberfeldmeister* e de João Lipinsky, instrutor de ginástica da entidade, como *Feldmeister*. A presença de um pastor evangélico na direção do grupo indica uma afinidade da instituição de ginástica com tal confissão religiosa. Ainda, manifesta o papel disciplinar de tal instituição, tendo em vista a ligação do escotismo à educação dos “jovens alemães” (TURNVEREIN SANTA CRUZ, 1929).

¹⁰¹ *Bei den kleinen Kerlchen, darunter sich einige befanden 100km lange strecke nichts von Ermuedung merken. Herr Kuminsky lobte den Gehorsam und Ordnung der kleinen Schar, die auch auf die Fremden recht guten Eindruck machte.*

¹⁰² Em 26 de janeiro de 1917, foi criada a *deutschbrasilianische Pfadfinderbunde für Rio Grande do Sul* (Liga Teuto-brasileira de Escoteiros do Rio Grande do Sul) pelos grupos de escoteiros de Santa Cruz, São Sebastião do Caí e Porto Alegre (DIE PFANDABTEILUNG..., 1917, p. 21). A data é dúbia, contudo, tendo em vista a data oficial de fundação do grupo de São Sebastião do Caí. Quitzau (2018) também encontrou indícios de grupos de escoteiros em Taquara e Lajeado. Contudo, não apresentou evidências que sustentam a relação entre os grupos – exceto de Porto Alegre – com as sociedades de ginástica locais.

Mesmo antes da criação dos primeiros grupos de escoteiros nas sociedades de ginástica do Rio Grande do Sul, a formação de jovens conscientes de sua posição social já era uma preocupação. Assim, foi oportunizado, em 1910, aos meninos das classes superiores de ambas as escolas que praticavam ginástica na *Turnerbund* (*Hilfsvereinschule* e *St. Josephschule*), participar de um *Riege* (grupo de ginástica), com um período semanal de estudos para *Vorturner* (monitor de ginástica). Segundo o relato acerca de tal arranjo, esta formação visava educar “os jovens ginastas desde cedo para tomar decisões e lidar com as situações de forma independente, como se eles também dessem ordens e a se submeter livremente e alegremente a aprender com os seus camaradas”¹⁰³ (SCHRÖTER; BLACK, 1911, p. 13).

Tomar decisões, obedecer às normas sociais impostas – e impor obediência aos demais – disciplinar as condutas, controlar os instintos, assumir determinadas atitudes, portar-se de forma específica, são alguns códigos de comportamento que deveriam ser incorporados ao *habitus* desses meninos, os meninos da “boa sociedade”. Um conjunto de “normas e valores, cujos mandamentos são obrigatórios para os indivíduos” (ELIAS, 1997, p. 85), particulares a essa figuração. Tal conjunto representava esse grupo e o distinguia de outros, logo, eram necessários à manutenção de sua posição no entrelaçamento social.

A *Turnerbund* e a *Hilfsvereinschule* mantinham relações muito próximas, conformando instituições com posições de poder evidenciados na “boa sociedade”. Além das aulas de ginásticas oferecidas aos alunos, ambas instituições partilhavam de associados e dirigentes em comum, bem como, ajudavam-se mutuamente com montantes financeiros. Na mesma direção dos indícios já apresentados, dentre os 25 sócios fundadores do clube de ginástica, 11 eram membros, também, da Associação Beneficente Alemã (*Deutscher-Hilfsverein*) (SILVA, 2005b). Ademais, montantes em dinheiro eram doados e emprestados pela *Turnerbund* e à *Turnerbund*, para diferentes fins, como a construção do ginásio de ginástica. Nos relatórios anuais (1907; 1908; 1909; 1910; 1911; 1912; 1913; 1914) da sociedade ginástica são encontrados valores repassados entre as entidades, com débitos, créditos e parcelas transferidas. Além disso, de 1907 a 1912, a *Turnerbund* partilhava do mesmo tesoureiro da escola,

¹⁰³ [...] die jungen Turner frühzeitig zu entschlossenem und selbständigem Handeln, wie sie sich aber auch einem gegebenen Befehle und sei er vom eigenen Kamaraden aus, freiwillig und freudig zu unterwerfen lernen.

Rudolf Deppermann¹⁰⁴. Rudolph Deppermann era pai de Arno e Hugo Deppermann, sócios fundadores do clube de remo de meninos, chamado de *Ruderverein Freundschaft* (Sociedade de Remo Amizade), hoje Grêmio Náutico União, de Porto Alegre (SILVA, 2015). Arno e Hugo Deppermann eram primos e vizinhos de Carlos Arnt, cofundador do mesmo clube de remo. Seus pais partilhavam sociedade em uma fábrica de móveis na capital. Os meninos frequentavam as aulas no *Hilfsvereinschule* (LICHT, 2013).

Nas tabelas de custos e gastos do caixa da *Turnerbund*, encontramos, também, os valores despendidos com o *Turnlehrer*. Em 1904, o *Turnlehrer* recebeu 680\$000; em 1906, o montante foi de 1:260\$000; entre 1907 e 1911, o valor permaneceu 1:440\$000; no ano de 1912, foram entregues 3:500\$000, especificamente, a Georg Black; enquanto que em 1913, o montante entregue à função de *Turnlehrer* foi de 2:700\$000. Os demais valores, certamente, também foram entregues a Black, como *Turnlehrer* da instituição. Percebe-se que o valor praticamente dobrou entre 1904 e 1906, período em que Black foi contratado como professor diplomado, pela *Turnerbund*. Até 1911 o valor permaneceu inalterado. Assim, mensalmente, o custo do professor era de 120\$000. Na *Turnerbund*, segundo o Relatório Anual de 1907, o valor anual de contribuição dos 530 associados foi de 14:314\$000. Assim, ainda que alguns associados não pagassem a mensalidade, o valor aproximado desta era de 25\$000. De tal modo, o montante da mensalidade de cinco sócios pagava o professor de ginástica, que, nesse período era responsável por grande parte das aulas de *Turnen*.

No ano de 1912, o valor gasto com Georg Black, especificamente, pode estar relacionado a sua viagem para a Alemanha, a fim de buscar conhecimentos para sua prática docente. Em 30 de janeiro de 1913, conforme o relatório de 1912 da *Turnerbund* (JAHRES-BERICHT, 1913), o professor realizaria uma “viagem de estudos” de seis semanas à Alemanha. Durante sua viagem a programação do *Schülerturnen* não seria alterada, ficando sob a responsabilidade de Max Heiser, *Vorturner* na *Turnerbund* e diretor do *Zöglingsriege* (Turma de Iniciantes). Segundo o relatório de 1913 (JAHRES-BERICHT, 1914, p. 3), Georg Black utilizou o tempo na Alemanha para atualizar seus conhecimentos na *Turnerschaft* alemã, onde participou da “especial” 12^o *Turnfest* (festa de ginástica) em Leipzig. Em Munique, sua terra natal,

¹⁰⁴ Em 1912, Rudolf Deppermann deixou o cargo de tesoureiro para tornar-se vice-presidente da escola.

após conseguir autorização do ministério da cultura de Bayern, começou os estudos no curso de *Turnwart*, na “instituição nacional de ginástica”.

O programa do curso consistiu na introdução à habilitação de *Turnwart* no *Jungenturnen*, para ambos os sexos, com idade entre 6 e 17 anos. O domínio nos exercícios livres (*Freiübungen*), na ginástica em aparelhos (*Geräteturnen*), nos jogos (*Spiels*), nos exercícios populares (*volkstümliche Übungen*), na natação, foram ministrados, fundamentalmente, de maneira teórica e, imediatamente após, de forma prática. Esses exercícios foram intercalados com palestras sobre história da ginástica e pedagogia, bem como com aulas sobre anatomia, compondo as rotinas matinais diárias. As tardes foram contempladas com aulas informativas sobre ensino primário (*Volksschule*) e secundário (*Mittelschule*). Os períodos da noite foram dedicados à visita de diferentes sociedades de ginástica (*Turnvereine*). Os domingos foram preenchidos com jogos, especialmente, de *Schlagball* (jogo semelhante ao beisebol), punhobol e futebol. Esse curso, segundo o redator do relatório, com seu “intenso trabalho de ginástica, foi temperado de bonitos momentos”, onde o professor conviveu com outros 50 “empolgados ginastas”, “provavelmente o estudo mais valioso que Black fez por lá” (UNSER TURNBETRIEB, 1914, p. 4)¹⁰⁵.

Assim como Friederichs, Georg Black dedicou-se a escrever sobre suas ideias e conhecimentos acerca do *Turnen*. Como redator chefe do *Deutsche Turnblätter* (Folha de Ginástica Alemã), produzido pela *Turnerbund*, desde 1916, produziu textos sobre o *modern Leichtatletik* (atletismo moderno) (MAZO; LYRA, 2010). Discurso, provavelmente, exaltado após a supramencionada visita de estudo na Alemanha, em 1913, onde participou, também, de competições de *Leichtathletik* (atletismo). Na ocasião, Georg Black participou das disciplinas de arremesso de peso (*Kugelstossen*), salto em distância (*Weitspringen*), corrida de cem metros, corrida de 10.000 metros e natação, obtendo “grande êxito”, segundo o relato de sua empreitada (JAHRES-BERICHT, 1914, p. 3).

O *Turnlehrer* foi um grande incentivador das práticas do atletismo, que, de certa forma, estava presente nas atividades ginásticas desenvolvidas nas sociedades desde fins do século XIX. Segundo Wieser e Leite (2005), os resultados da equipe de ginástica do estado nos Jogos Olímpicos da Associação Cristã de Moços, no Rio de

¹⁰⁵ Tão logo finalizou o curso de *Turnwart*, Georg Black tornou-se praticante de Ginástica Ortopédica, junto ao professor universitário Dr. von Bayer, a fim de conhecer a ginástica ortopédica de forma mais qualificada (UNSER TURNBETRIEB, 1914, p. 4).

Janeiro em 1922, motivou ainda mais a divulgação da prática. Georg Black, escreveu no *Deutsche Turnblätter*:

Na verdade, esporte não é nada novo: eu mesmo conheço isso desde a minha infância, quando nós saíamos aos domingos da cidade e íamos para o campo, onde treinávamos ao ar livre lançamentos, saltos e corridas, assim como jogos de ginástica. E isso já fazem mais de trinta anos (WIESER; LEITE, 2005, p. 2).

O empenho de Georg Black em prol do atletismo culminou na fundação, juntamente com Ernst Graeff, no Departamento de Atletismo da *Turnerbund* e na realização do primeiro campeonato de atletismo interclubes propriamente nominado como tal. Como não havia, na época uma pista apropriada para os treinos de atletismo, os professores Georg Black e Ernest Graeff, utilizavam diferentes locais de Porto Alegre¹⁰⁶. A primeira pista de atletismo foi construída “somente em 1920, na nova sede da *Turnerbund*, localizada no Parque São João” (MAZO; LYRA, 2010, p. 273). Além da *Turnerbund*, Georg Black atuou junto a Sociedade de Ginástica Navegantes São João e a Associação Cristã de Moços. A fim de fomentar a ginástica no interior do estado e do país, através de formação especializada para escolas e clubes, Black instituiu um curso intensivo de três semanas em Porto Alegre na década de 1920 (WIESER; LEITE, 2005). Tais indícios sugerem que, na escola, o professor de ginástica fomentava a aprendizagem de tal prática. Georg Black atuou, diretamente, em escolas de duas cidades, a saber: a) Porto Alegre: Ginásio Júlio de Castilhos, Ginásio Bom Conselho, Ginásio Rosário, Instituto Parobé, Seminário Evangélico de Professores, Colégio Anchieta, Colégio Farroupilha, Colégio Santa Maria, Colégio São José; b) São Leopoldo: São José, Seminário Protestante, Sínodo Rio Grandense

Além das escolas teuto-brasileiras, Georg Black, também, atuou em escolas de “língua nacional”, como consta na relação supracitada e no excerto abaixo, escrito pelo presidente do grupo central na “boa sociedade” do *Turnen* no RS (FRIEDERICHS, 1911, p. 8):

Um bonito êxito, conquistado graças ao trabalho de um *Turnlehrer* certificado foi a introdução do nosso *Turnen* alemão em grandes

¹⁰⁶ Georg Black, também, “contribuiu para o desenvolvimento de atividades nas Praças de Recreio, também chamadas de Praças de Desporto e Praças de Educação Física em Porto Alegre” (MAZO; LYRA, 2010, p. 974).

institutos de educação de língua nacional. No “Gymnasio Julio de Castilhos”, bem como, no “Instituto Technico Profissional” o professor Black ministrou aulas de *Turnen*, que seguiam o sistema suíço que pode ser considerado inferior ao *Turnen* alemão. Na questão da educação dos jovens agora estamos não só com os estudantes alemães, mas também os luso-brasileiros¹⁰⁷.

Além da menção à “inferioridade” de um método ginástico distinto do alemão, o suíço, defendido por intelectuais do período como método escolar ideal (ROMÃO; MORENO, 2018), a inserção do *Turnen*, através da figura de Georg Black, em diferentes escolas da capital, Porto Alegre, bem como em localidades próximas, é exaltada pela *Turnerbund* como êxito na “educação dos jovens” estudantes alemães, e, também “luso-brasileiros”. Também foi possível apontar indícios sobre a prática do *Turnen* em outras localidades do Rio Grande do Sul, na sua maioria, associados a uma sociedade de ginástica local e a rede da “boa sociedade” do *Turnen*, cujo grupo central era a *Turnerbund*. Todavia, singularidades e relações foram encontradas em uma composição específica do RS, Pelotas, e da qual tratamos na sequência.

6.3 SINGULARIDADES E RELAÇÕES: o caso de Pelotas

Nesse subcapítulo evidenciamos que o *Turnen*, a representação de Jahn, as relações entre clubes e escolas estavam presentes na localidade de Pelotas. No entanto, diferentemente do exposto até o momento, Pelotas não aparece na rede direta da *Turnerschaft* ou da *Turnerbund* apresentando-se como um caso particular na figuração do Movimento *Turnen* no Rio Grande do Sul. Os códigos de comportamento e sentimento, se assemelham aos compartilhados pelo denominado grupo central, mas também apresentam diferenças ou, pelo menos, indícios que apontam para outros caminhos.

Em fevereiro de 1881 uma matéria do jornal A Discussão (COLLEGIO OSORIO, 4 fev. 1881, p. 2), “recomenda” ao seu público o Colégio Osório, não

¹⁰⁷ *Ein schöner Erfolg, der nur mit der berufung eines staatlich geprüften Turnlehrers möglich war, und sich in aller Stille vollzog, war die Einführung unseres deutschen Turnens in hiesigen landessprachlichen Lehranstalten. Im “Gymnasio Julio de Castilhos” sowohl, wie auch im “Instituto Technico Profissional” wurde Herrn Turnlehrer Black der Turnunterricht übertragen, der mit geriger Anlehnung an das schwedische System in seiner Gesamtheit als deutsches Turnen angesehen werden kann. Im Punkte Jugenderziehung ergänzen wir mithin nicht allein unsere deutschen Schulen, sondern wir haben auch durch unsern Turnlehrer auf luso-brasilianischer Seite Einfluss gewonnen.*

poupano elogios à instituição, que, mesmo tão nova, já nos tem dado os mais satisfatórios resultados”. Também alude ao “hábil” diretor da instituição, o senhor Eduardo Wilhelmy, “que na Alemanha, sua pátria, frequentou as aulas de um Seminário, cujo único fim é preparar alunos que mais tarde possam vir a ser professores”. Eduardo Wilhelmy, o capacitado professor alemão, como exaltado na notícia, imigrou ao Rio Grande do Sul em 1865. Atuou na rede educacional e pastoral de Pelotas, “foi professor particular de língua alemã, tradutor e correspondente de um jornal alemão de Porto Alegre e incentivador da cultura alemã, dirigindo uma sociedade de canto” (FONSECA; TAMBARA, 2013, p. 2 apud SIMON, 1938).

Além da certificação da figura do professor e dos satisfatórios resultados, a matéria enfatiza a “ordem e a disciplina” presentes na instituição, como imprescindível ao “progresso”, e cujo “regime interno” é caracterizado como “moralizador”. Contudo, destaca que tal ordem não deve ser alcançada por meio de “castigos corporaes”, mas, sim, tendo as crianças na escola um “motivo de prazer e não de aversão: o mestre deve ser para ella um amigo e um pai”. Deste modo, atribui ao local um ambiente familiar, onde, também, o diretor come à mesa junto com os alunos e demais professores. Ao “director” é atribuída a imagem de “conhecido cavalheiro de fino trato e esmerada educação”. Ainda, salienta o corpo docente que, além de “conhecido n’esta cidade”, “tem dado exuberantes provas de sua capacidade” (COLLEGIO OSORIO, 4 fev. 1881, p. 2). A matéria foi publicada no ano seguinte à fundação do Collegio Osorio datada de 1880.

Em Pelotas, segundo informação encontrada no jornal A Discussão, meninos de seis a 14 anos de idade do Collegio Osório – de instrução primária e secundária – realizavam aulas de ginástica, nas segundas-feiras e aos sábados pela manhã, no pátio da Sociedade de Canto e Ginástica Concórdia. Meninos que frequentavam o Collegio poderiam participar das respectivas aulas mediante pagamento de uma taxa (GYMNASTICA, 20 jan. 1881), exigência que sugere aulas privadas e independentes da escola. O colégio, desde o início de suas atividades, preocupava-se em ofertar aos seus alunos a prática da ginástica, a qual ocorria nas dependências da associação esportiva destinada para a prática da ginástica na cidade. Esta parceria evidencia a proximidade – não geográfica, mas em relacionamento – entre tais instituições – clube e escola – criadas e mantidas pela sociedade civil.

A “Gymnastica” ganhou destaque em matéria de fevereiro de 1883 (A GYMNASICA, 4 fev. 1883; A GYMNASICA, 11 fev. 1883). A prática é anunciada

logo no primeiro parágrafo como “divertimento de mais utilidade para a mocidade [...] ancorada tanto physica como moralmente”. O físico e a moral são colocados como fenômeno interdependentes e necessários à vida para “emprehender qualquer trabalho”. “Força”, “agilidade”, “presença de espírito”, “animo”, “coragem”, “denodo”, “ocupação que fortifica o physico e com ella a intelectualidade”, são algumas das figuras de linguagem utilizadas para enfatizar as “qualidades” da “Gymnastica” (A GYMNASTICA, 4 fev. 1883, p. 2):

Tudo isto dá a gymnastica, sendo ensinada methodicamente. E é tão poderosa que lhe é possível operar uma mudança tão notavel ao genero humano, que nos fará crêr termos criado uma nova geração mais forte e mais inteligente do que esperávamos no futuro (A GYMNASTICA, 4 fev. 1883, p. 2).

Após, apresenta ao público leitor o “pai da gymnastica”, Jahn e a sua “doutrina” dos 4Fs¹⁰⁸, os quais traduz como “franco, animado, alegre, piedoso”, já “espalhada” em Berlim, na Alemanha. Refere que a prática foi capaz de “libertar a pátria subjugada por Napoleão”; cuja “utilidade” ao meio militar e à preparação de soldados é exaltada como evidencia para sua apropriação nas escolas. Ademais o interlocutor questiona: “Poderá haver em um collegio cousa mais útil, para ocupar as horas de recreio, do que a gymnastica?” e conclui “de certo que não” (A GYMNASTICA, 4 fev. 1883, p. 2). Neste pequeno parágrafo algumas representações e códigos são evidenciados. A figura de Jahn, como personagem mistificado da ginástica, identifica a prática com o movimento *Turnen* e sua valoração enquanto representação de uma nação. Tal prática, contudo, apesar da defesa pela sua apropriação no espaço escolar, não ganha o status de *matéria escolar*, mas sim de ferramenta utilitária para o horário livre. De tal modo é um meio de contenção dos corpos, ao invés de um recreio “livre” que ocupasse esse espaço com algo útil ao “progresso”, a disciplina e o exercício corporal. A prática também aparece como forma de vigília, para manter os “meninos” sob as “vistas do professor ou qualquer outra pessoa encarregada de vigiá-los” e mantê-los longe de “prejuízos” indesejados que poderiam acometer os meninos que procuram por divertimentos na rua. À ginástica são atribuídas funções de utilidade individual e coletiva, todavia, é necessário que seja ensinada através do “methodo reconhecido por celebres médicos” (A GYMNASTICA, 11 fev. 1883, p. 2).

¹⁰⁸ *Frisch, fromm, fröhlich, frei.*

Tais elementos nos levam a crer que o discurso médico configurava-se como fator de legitimação dos benefícios da ginástica já em finais do século XIX. Para Góis Júnior (2013, p. 149), a introdução da ginástica em instituições escolares “teve uma relação muito próxima com os objetivos higienistas”. A medicina recomendava a educação física aos jovens como meio de disciplinar os corpos e incorporar hábitos saudáveis, enquanto que, para os primeiros instrutores, a ciência médica legitimava a prática. Ademais, o discurso disciplinador, de controle dos corpos, é reiterado em diferentes passagens. Como observado, outro discurso que aparece para reiterar as vantagens da referida prática é a sua “utilidade”. Tal “gymnastica” atendia à doutrina dos 4Fs e fora preconizada por Jahn, ou seja, parece tratar-se do método de ginástica alemão. Contudo, apesar das referências a Alemanha, nomeia-se “gymnastica higienica”. Talvez, essa nomeação era uma forma de “vender” a prática ao público que se pretendia alcançar e, para o qual, a “gymnastica higienica” faria mais sentido que o “*Turnen*”.

O discurso higienista cabia a diversos setores da sociedade, sustentados por um sistema econômico industrial, que necessitava de indivíduos saudáveis e fortes para o trabalho. Nessa perspectiva a escola também assumia papel central.

Ser saudável era ter capacidade de produção, vitalidade e resistência moral e espiritual. Sendo assim, a ginástica era tida como uma arma de qualidade a serviço do povo, pois era necessária sua prática aliada a hábitos higiênicos complementares para alcançar os parâmetros de saúde. Desta maneira, a Educação Física dos métodos ginásticos se torna a protagonista principal na criação de corpos “saudáveis” e para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça e imoralidade (MILAGRES; SILVA, KAWALSKI, 2018, p. 167).

A matéria conclui que o senhor Eduardo Wilhelmy “concordando com os princípios pedagogos, abriu um curso de gymnastica higienica, em que podem tomar parte meninos que não façam parte de seu estabelecimento, mediante uma módica contribuição” (A GYMNASTICA, p. 2, 11 fev. 1883). Eduardo Wilhelmy, além do Collegio Osorio fundou também o Collegio Commercial. Em anúncio no jornal A Discussão, de dezembro de 1884, o Collegio Commercial é apresentado ao público como a nova designação do “antigo Colégio Osório”. Com a mudança do nome, assume-se também uma premissa: “Nesta escola preparam-se os alunos para commercio e indústria, instruindo com preferência nas materias precisas para esse fim sem excluir absolutamente quaisquer outras” (COLLEGIO COMMERCIAL, 28 dez.

1884, p. 2). A ginástica é destacada em frase específica, constando como atividade na “hora do recreio”. Como professores da instituição constam Bento José Taveira, capitão Campello H. Scholer, Alcides Geraldo da Silva e E Litran; enquanto a diretoria permanece a cargo de Eduardo Willelmy.

O diretor justifica a mudança como forma de atender “as sucessivas reclamações” acerca da “necessidade de um instituto especial que se dedicasse de preferencia ao ensino commercial” (WILHELMY, 22 dez. 1884, p. 2). A fim de atender ao propósito de “preencher assim uma sensível lacuna em seu rapido progresso” – Pelotas de finais do século XIX – o programa do colégio é alterado e passa a ofertar “línguas modernas, historia, geografia, contabilidade, escripturação mercantil, geometria, álgebra, dezenho e conhecimentos geraes da physica e chimyca. Gymnastica na hora do recreio” (COLLEGIO COMMERCIAL, 28 dez. 1884, p. 2).

O Collegio Commercial declarava-se enquanto seguidor do “methodo de Rui Barbosa, adoptado pelo Governo Imperial, e geralmente seguido na Europa, isto é, observar, ouvir, responder, praticar” (COLLEGIO COMMERCIAL, 24 out. 1886, p. 3). Nesse período circulava um discurso voltado à modernização e ao progresso das cidades, enquanto projeto nacional, a partir de modelos europeus de desenvolvimento. “Vários profissionais começaram a disseminar seus discursos de melhoria dos padrões de vida”, pautados em pesquisas científicas que buscavam legitimar tal ideário (GÓIS JÚNIOR, 2013, p. 141), dentre os quais estava Rui Barbosa, um político e intelectual brasileiro que defendia a ginástica sueca como método ideal de educação física.

Moreno (2003, p. 57) infere que Rui Barbosa “era defensor do método de Ling também porque nele estavam inseridos a formação moral, higiênica e disciplinadora, além de ser uma prática científica”. Suas ideias foram difundidas a partir do parecer intitulado “Reforma do Ensino Primário e várias Instituições complementares da Instrução Pública”, escrito em 1882, referente à Reforma Leôncio de Carvalho (decret nº 7,247 de 19 de abril de 1879). Neste, Rui Barbosa trata das “medidas que considerava importantes para que a gymnastica compusesse os currículos escolares” (ROMÃO; MORENO, 2018, p. 25), dentre as quais se encontram a obrigatoriedade da ginástica como disciplina com horário específico, para meninos e meninas, “guardadas as suas singularidades” (ROMÃO; MORENO, 2018, p. 25), “a equiparação em categoria e autoridade dos professores de ginástica aos de outras disciplinas” (GOELLNER, 1992, p. 117) e a substituição do método ginástico alemão pelo sueco.

Dentre os argumentos, vinculava-se a ginástica alemã com a formação de acrobatas, em detrimento do desenvolvimento harmonioso do organismo (MARINHO, 1980). Rui Brabosa também defendia uma educação alinhada com os preceitos de construção de uma nação produtiva e moderna, a partir das premissas da indústria e do higienismo. Rui Barbosa, assim, era apropriado no discurso da escola como representação de uma nova premissa produtiva, moderna, higienica. Isso, contudo, não significa que um outro método ginástico foi, também, apropriado, como, também, não exclui tal possibilidade.

Na referida matéria, além do interesse em manifestar publicamente a aproximação com os preceitos de Rui Barbosa, chama a atenção um parágrafo específico destinado aos benefícios da “Gymnastica” e outro à “Hygiene”. Quanto à primeira, menciona que os “exercicios corporaes bem divididos e adequados á idade, desenvolvem e estimulam a inteligência”. Ainda, salienta que os aparelhos necessários à prática são originários da França e foram trazidos por Ambrosio Perret. Quanto à Hygiene, consta que são realizados passeios “profícuos á saude” e “poderosos auxiliares para as diversas descrições a que são contrahidos a fazer semanalmente” (COLLEGIO COMMERCIAL, 24 out. 1886, p. 3). Ademais, era possível tomar lições particulares de “gymnastica hygienica” de forma facultativa.

Nas mesmas dependências do Collegio – contudo com “entrada e serviço independente” – foi estabelecida uma aula para meninas “sob direção da abalisada professora senhora D. Angelina Kleyn, habilitada competentemente para esse fim nos melhores institutos d’Allemanha e Belgica, como se pode ver pelos documentos em seu poder” (COLLEGIO COMMERCIAL, 24 out. 1886, p. 3). Ademais das já citadas “habilidades comprovadas” de Kleyn, a matéria ainda a caracteriza por sua “esmerada educação” e “austera moralidade”. Juntamente com a diretora, consta como professora adjunta a senhora Cecilia Wilhelmy. Segundo Fonseca e Tambara (2012), Angelina Klein e Cecília Wilhelmy, juntamente com Eduardo Wilhelmy, criaram uma escola para meninas, chamada *Elementarschule für Mädchen* (Escola Elementar para Meninas).

As matérias ensinadas às meninas divergem daquelas ensinadas aos meninos, enquanto elas aprendiam “caligraphia”, leitura e “trabalhos de agulha”, os meninos estudavam, em 1886, “geometria elementar”, “algebra”, elementos de physica”, “escripturação mercantil”, “construções, plantas, mappas geographicos”. Em comum, meninos e meninas recebiam aulas de idiomas (português, francês, alemão e inglês),

de aritmética, geografia, história, desenho. Não foram encontradas informações acerca da prática da ginástica para as meninas. A ginástica enquanto atividade escolar consta em parágrafo anterior ao que menciona a criação da escola para elas, então, compreende-se que está estritamente vinculada à escola frequentada pelos meninos. Apesar disso, Eduardo Wilhelmy parecia atuar em defesa da prática da ginástica, também, para as meninas.

Em matéria de 1883, aparece a preocupação e a posição contrária dos “pais de família” que consideram a ginástica “um divertimento perigoso. A réplica para tal descontento é, novamente, salientar as benesses de manter os filhos sob as “vistas do professor” (A GYMNASTICA, 4 fev. 1883, p. 2). E, afirma: “se para o sexo masculino a gymnastica tem grande utilidade, para o feminino ainda tem maior”. Assim inicia-se uma defesa em prol da ginástica também para as meninas que “não fazem um único exercício conveniente à saúde” e utilizam “calçados e vestidos feitos para torturar o corpo”. A “gymnastica hygienica” é apresentada, então, como prática adequada a elas (A GYMNASTICA, 11 fev. 1883, p. 2). Observa-se uma diferenciação de gênero própria de seu tempo – enquanto os meninos devem preparar-se para defender a pátria, as meninas deveriam se preocupar com a saúde e a higiene do corpo. É possível refletir que tal proposta, especificamente no que tange a defesa pela participação das meninas, é mesmo ousada para seu tempo. Em 1889, Wilhelmy fundou uma escola mista – para meninos e meninas – chamada *Die Deutsche Schule*.

O *Turnen* como disciplina curricular foi, também, encontrado no Relatório Escolar do ano de 1913 do Collegio Allemão de Pelotas, em estudo realizado por Fonseca e Tambara (2012). Dentre diversas disciplinas, uma hora semanal era destinada ao ensino do *Turnen* para cada série¹⁰⁹. O Collegio foi fundado em 1898 por uma sociedade escolar de industriais e comerciantes teuto-brasileiros e, em sua maioria, protestantes luteranos, vinculados à Comunidade Evangélica Alemã de Pelotas, filiada ao Sínodo Rio-Grandense, e que, dentre os sócios fundadores, tinha, também Eduardo Wilhelmy.

O Collegio atendia meninas e meninos no ensino primário e secundário e visava “a conservação do germanismo, na concepção de um *logos*, de um conhecimento, transmitido através da língua alemã, formadora de um *ethos* exclusivo, em um *locus* específico: a instituição escolar” (FONSECA; TAMBARA, 2012, p. 133). Entre 1910 e

¹⁰⁹ O ensino era organizado por quatro classes e cada classe comportava duas séries (FONSECA; TAMBARA, 2012).

1917, esta instituição recebeu doações por parte do *Brasilianischer Bank für Deutschland* (Banco Brasileiro para Alemanha), assim como foi evidenciado para escolas da capital Porto Alegre, evidenciando a construção de vínculos consistentes com a “pátria mãe”, Alemanha.

Nesse período também estava em ascensão o movimento nacionalista brasileiro e a medida que “expandia-se, impunha-se a utilização de uma linguagem comum a todos, a “língua oficial”, que deveria ser também ensinada e praticada em todas as escolas, formando no alunado o “sagrado dever do amor à pátria”” (SOUZA, 2006, p. 56). Após a Primeira Guerra Mundial foi imposto às escolas o ensino bilíngue¹¹⁰ (SEYFERTH, 2017). Todavia, o ensino do português já era contemplado nos currículos de determinadas “escolas estrangeiras”, desde finais do século XIX, como foi evidenciado, também, em escolas apresentadas nesse estudo.

Ademais, no material analisado por Dagmar Meyer (2000) a oposição entre escola particular (teuto-brasileira) e escola pública, onde a língua oficial e usual era o português, aparece de forma acentuada. Esta última era vista como ameaça à preservação do *Deutschtum*. A prática da ginástica pelo método alemão, contudo, foi também apropriada por grande parcela das escolas públicas elementares no Brasil, sendo o sistema majoritário até a década de 1920, conforme Marinho (1980). Nas zonas coloniais do Rio Grande do Sul, como referido anteriormente, também existiam escolas públicas, porém em menor número. Todavia, segundo Vogt (2006), teuto-brasileiros temiam o risco do abrasileiramento das crianças que frequentassem o ensino público, ainda que Lyra, Begossi e Mazo (2016) mencionem a obrigatoriedade do ensino da língua alemã na formação de professores que assumiriam cargos nas escolas de regiões habitadas majoritariamente por alemães.

Na década de 1920, as transformações sociais que atravessavam o período também alcançaram os discursos e as referências atribuídas à ginástica/ educação física escolar. As concepções higiênicas encontravam um solo fértil e acentuavam a preocupação com um corpo “brasileiro” saudável e forte (LYRA; MAZO; BEGOSSI, 2016). Nesse cenário, o Método Francês, presente nos quartéis desde 1912, foi

¹¹⁰ Assim como aconteceu com os clubes teuto-brasileiros, medidas nacionalizadoras também foram impostas às escolas teuto-brasileiras em 1917, como a proibição do ensino em alemão. Também, a “educação cívica, a adoção de livros de autores brasileiros e do hinário patriótico tornaram-se obrigatórios. Muitas escolas deixaram de funcionar, prejudicando o atendimento da demanda não absorvida pelas insuficientes escolas públicas, razão provável do afrouxamento das medidas nacionalizadoras em 1919” (SEYFERTH, 2017, p. 590).

adotado, também, na Educação Física civil de forma obrigatória, a partir de 1929, o que pressupõe a adoção dessa forma de ensino em todas as escolas (MARINHO, 1980; GOELLNER, 1992). Contudo, isso não significa que a instituição de normativa legal foi diretamente proporcional à prática, especialmente no que concerne às escolas privadas teuto-brasileiras, foco desse estudo, cuja organização e manutenção não era sustentada pelo Estado. Tais indícios apontam para relações e tensões dinâmicas entre escolas privadas e públicas no Rio Grande do Sul e o ensejo de estudos nessa temática.

7. CONSTITUIÇÃO DE UM *HABITUS* DO *TURNEN*: considerações finais

Ao fim, a certeza do inacabado e o imperativo da reformulação contínua.

(SEVCENKO, 1997, p. 81)

O presente estudo comportou uma narrativa historiográfica que buscou compreender uma figuração do *Turnen* no Rio Grande do Sul, no período demarcado entre as décadas de 1870 e 1920, tratando especificamente das relações intersubjetivas em clubes e escolas. As figurações são redes de unidades de indivíduos que influem reciprocamente uns sobre os outros, em um processo permanente de equilíbrio de tensões, sempre móveis e dinâmicas. Nessa contextura entrelaçada, os indivíduos ocupam posições sociais e se encontram inseridos em relações, as quais existem de forma socialmente interdependente. Na análise da formação social proposta por essa pesquisa, os indivíduos foram compreendidos como unidades, cujas funções sociais, atitudes, valores, modos de pensar, comportar-se e sentir eram determinados socialmente, ou seja, por ligações entrecruzadas, caracterizadas pela reciprocidade, com relativa autonomia, bem como dependência em relação aos outros.

Na figuração do *Turnen* analisamos a composição de uma “boa sociedade” e de uma rede de relações cujo grupo central era a *Turnerbund*, de Porto Alegre. A partir da produção e manifestação de determinadas representações e práticas culturais, foi composta uma robusta rede que partilhava símbolos, modos de sentir e se comportar, que constituíam os códigos e valores próprios da figuração. Com base nos indícios encontrados, nas análises empreendidas, nas interpretações operadas a partir do referencial teórico que elegemos, sustentamos como tese a constituição de um *habitus* ginástico alemão (*Turnen*) no Rio Grande do Sul, no período demarcado nesse estudo (1870-1920). Consideramos como *habitus* ginástico alemão, um saber social incorporado através de redes de interdependência que compunham as tramas do *Turnen*, com vista à formação do indivíduo desde a infância, com ênfase na juventude. Tal saber era especialmente vinculado e veiculado pela “boa sociedade” por meio de instituições associativas teuto-brasileiras, especificamente, clubes e escolas, através de representações culturais e o partilhamento de códigos de comportamento e sentimento.

A constituição de um *habitus* requer uma forma específica de racionalização, de adequação dos comportamentos e sentimentos, aos objetivos e interesses próprios das relações em que se inscrevem os sujeitos. No *habitus* ginástico alemão construído no Rio Grande do Sul eram requeridas características psicológicas específicas, que racionalizavam sentimentos e condutas por meio de normas e valores manifestados como obrigatórios, por vezes considerados como inerentes aos sujeitos, e que deveriam ser incorporados por aqueles que pertenciam, ou desejavam pertencer, às redes de interdependência.

Esse *habitus* deveria ser incorporado social e hereditariamente. Em diferentes passagens apresentadas nesse estudo, a difusão de códigos de pertença a uma herança cultural – um saber “herdado”, presente nos “hábitos paternos”, uma virtude ancestral, um legado dos antepassados – foi observada. O movimento *Turnen* e os códigos a ele vinculados deveriam ser passados de pais para filhos, como condicionante de pertença à “boa sociedade”. Como cultura herdada, também aos professores de ginástica era conferida a representação de uma figura paterna, aqueles que ensinam aos “filhos” da nação, com rigidez, mas também afetividade, segundo os discursos veiculados.

Os indivíduos da “boa sociedade” do *Turnen* no Rio Grande do Sul ocupavam posições de poder e prestígio na figuração específica. Se percebiam e autojulgavam como mantenedores dos “bons” costumes, dos “bons” valores, como sujeitos distintos socialmente nas comunidades em que estavam inseridos. Logo, nesta perspectiva, e nesse enquadramento, representavam um grupo de estabelecidos, ou *establishment*, nas palavras de Elias. Uma composição social pautada por círculos de convivência e estruturas de poder determinadas, vinculada a um grupo central e determinante na figuração. Um complexo institucional que buscava preservar sua posição de poder através das gerações, se apropriando de um conjunto de representações e códigos para esse fim.

Contudo, no contexto brasileiro, o grupo dominante, que detinha o poder e o prestígio social – com autoridade para impor ações de abasileiramento, por exemplo – era composto por indivíduos que não compartilhavam dos mesmos códigos e representações dos indivíduos vinculados à “boa sociedade” do *Turnen*. Sob tal prima, a “boa sociedade” do *Turnen* figurava como um grupo *outsider*, não pertencente ao grupo dominante. Assim, intercedemos a favor de uma definição de “boa sociedade” que, nas dinâmicas sociais múltiplas e plurais, também assume contornos

diferenciados, como um grupo que pode, ao mesmo tempo, constituir-se como *outsider* e uma “boa sociedade” em determinada figuração.

Representações culturais étnicas, como o uso cotidiano do idioma alemão na forma oral e, também, escrita, eram apropriadas como marcadores e legitimadores de códigos de sentimento e comportamento. Assim, era necessário instruir às crianças e aos jovens os moldes de “ser alemão”, em casa, em sociedade e na escola. Falar alemão era não só uma obrigação a todos aqueles que pretendessem participar de um determinado clube de ginástica, como, também, deveria fixar um modo específico de sentimento, vinculado à *Muttersprache*, a língua da pátria mãe.

A representação de uma “nós-unidade” vinculada à nação alemã e ao pertencimento a uma “boa sociedade” no Rio Grande do Sul, era representada nos discursos pelo uso insistente do pronome em primeira pessoa no plural e seus derivados: “nosso povo”; “nossas conquistas”; “nossas virtudes”; “nossa comunidade”; “nossos ginastas”; “nosso *Deutsche Turnen*”. Um pronome que produz um sentido de coesão, de unidade, de coletivo de pertencimento, de códigos de sentimento. As referências a um passado comum, seja pautado em uma história da colonização, ou nas dificuldades e lutas transcorridas na “pátria mãe”, em prol de seu engrandecimento, assim como as alusões àqueles considerados “heróis” ou poetas nacionais (alemães) e alguns personagens locais, também retroalimentavam essas produções de sentidos. As representações, também, tinham valores utilitários, como meio de prestígio e recompensa social, instrumentos de afirmação e distinção, ou até apropriadas em discursos para arrecadar recursos financeiros.

As sociedades de ginástica que pertenciam à “boa sociedade” regida pela rede diretiva da *Turnerbund*, deveriam compor um *locus* do *Deutschtum* (germanidade) no sul do Brasil e um espaço para a manutenção e propagação do *habitus* ginástico alemão. O processo de ensino e aprendizagem dos modos de ser e portar-se acontecia cotidianamente, através dos saberes e regras empregados nas aulas de *Turnen* – compreendido em toda a sua extensão, como uma ampla gama de práticas corporais, e para todos os públicos, em especial às crianças e jovens. Ademais, era especialmente fomentado em eventos festivos, que proporcionavam a oportunidade de pronunciamentos públicos e intensificação de processos de vigilância e coerção, quando os comportamentos, atitudes, condutas, valores, estavam expostos aos olhares e julgamentos de um número maior de pessoas. A relevância destes

momentos como alicerce de conexão e controle da rede, é reiterada com a constituição das comarcas regionais.

Dentre as condutas imbricadas aos códigos de comportamento, os modos higienistas aparecem, também, como discursos atrelados ao momento histórico do país. Em alguns casos, tais ideais pareciam se sobrepor aos códigos de pertencimento cultural, sendo, especialmente, vinculados a interesses específicos como, por exemplo, na busca pela inserção das mulheres no *Turnen*, ou no caso singular de Pelotas. A narrativa acerca de Pelotas evidencia a possibilidade de composições desviantes da “boa sociedade” na figuração do *Turnen* no Rio Grande do Sul. Nessa composição, observamos representações culturais étnicas vinculadas a uma identidade teuto-brasileira em discursos acerca da ginástica em escolas fundadas por imigrantes e descendentes de alemães. Todavia, os discursos higienistas e em prol de uma “nação brasileira produtiva”, se sobressaíam, a fim de defender a ginástica/educação física em instituições escolares, assumindo, inclusive, representações refugadas pela “boa sociedade” do *Turnen*, como a ginástica sueca, defendida por Rui Barbosa. A distância, tanto geográfica quanto emocional, com esta “boa sociedade”, possivelmente contribuía para que representações e códigos diferenciados fossem incorporados naquele período e espaço específico. Isto não significa, contudo, que, como processo histórico dinâmico e instável, oscilações não tenham ocorrido.

Uma figuração produz e cultiva uma atitude específica, da qual necessita para se manter, uma atitude específica produzida pela própria engrenagem social. Na figuração do *Turnen* a incorporação de um conjunto de códigos partilhados pelos indivíduos identificados com a “boa sociedade”, ou, a internalização do *ethos* dessa coletividade, incluía formas apropriadas de se portar, geralmente definidas por uma rede “masculina”, que determinava os objetivos e as normas da “boa sociedade” a partir dos seus interesses. Era exigida rígida disciplina corporal e social. Tais códigos, quando internalizados pelos indivíduos, produziam mecanismos de autocoerção tão eficientes que outros modos de pensar, sentir, se comportar não eram cogitados. Contudo, quando ocorria uma “fissura” nessa estrutura condicionante do “dever ser” ideal, como exemplificado a partir da participação das mulheres nas aulas de *Turnen* ou no caso dos “desertores que renegavam a origem”, o equilíbrio de tensões necessário para a manutenção da figuração oscilava, pendendo mais para um lado ou outro da balança. Era preciso então reacomodar, de certa maneira, determinados

códigos, a fim de reconstituir um balanceamento de um equilíbrio de tensões conveniente.

À conservação do equilíbrio necessário de tensões, alguns personagens assumiram posições de poder privilegiadas: os líderes das associações, em especial, o líder do grupo central – Jacob Aloys Friederichs – e os professores, instrutores, monitores que lecionavam as aulas, os treinamentos, organizavam e disputavam torneios e, nesse grupo, em especial, Georg Black, também professor da *Turnerbund*. Contudo, salienta-se que apesar da reverência ao grupo central e suas lideranças, e da instituição de códigos que deveriam – ou intentavam – ser partilhados por todos, cada entidade deve ser compreendida em sua particularidade, como uma composição que, apesar de interligada à rede, é também singular, com iniciativas, interesses, negociações próprias. Nesse sentido, ressaltamos o campeonato de aparelhos para mulheres, partilhado pelas sociedades de ginástica de São Sebastião do Caí e Montenegro, em 1926.

No decorrer dos anos, percebe-se uma oscilação no gradiente de formalidade-informalidade, tanto no que tange à apropriação do *Turnen* pelas mulheres, quanto às práticas incorporadas e fomentadas pelas sociedades de ginástica nas primeiras décadas do século XX. A severidade na prática da ginástica alemã abria espaço para os jogos e outras práticas esportivas. Contudo, no mesmo passo, emergia um arranjo que buscava um intenso controle dos corpos e dos limites desses corpos, o escotismo, particularmente vinculado à educação da juventude alemã. Tal processo sugere que um regulava o outro, ou seja, uma flutuação demasiada para um lado requeria uma flutuação acentuada para o outro, a fim de balancear as tensões e conservar o equilíbrio da figuração, de acordo com suas pretensões.

No que diz respeito às escolas mencionadas nesse estudo, parece que a localização geográfica era determinante nas relações estabelecidas com as sociedades de ginástica locais. Evidenciou-se que tais composições socioculturais mantinham vínculos estreitos nas comunidades em que estavam inseridas. Essas localizavam-se, geralmente, em um espaço mais urbanizado, chamado de *villa* ou povoação. Sugere-se, também, que a instalação de tais entidades, nestes locais específicos, já estivesse articulada a uma pretensão de união da “boa sociedade” local. Afinal, “na igreja, na escola e em sociedade estava firmada a germanidade do Rio Grande do Sul”, como salientava o grupo central do *Turnen* no estado.

Além disso, em grande parte dos indícios encontrados, os clubes e escolas partilhavam do mesmo professor de *Turnen* e, por vezes, de personagens em cargos administrativos, bem como de dependências para a realização das aulas. A estrutura das aulas parece acompanhar as modificações tanto internas às escolas como, por exemplo, a instauração de aulas para meninas, quanto às disposições dos clubes, como a contratação de novo professor e, também, os saberes de interesse de cada professor que assumia as turmas escolares. Modos singulares de organização da ginástica dos escolares foram identificados em decorrência das particularidades próprias dessa composição sociocultural, exemplificando-se a separação por classes e idades e a possibilidade de interferência e condicionamentos dos pais. Da mesma forma, foram encontradas proximidades, como o compartilhar de representações e práticas culturais, além de códigos de comportamento e sentimento.

Tanto para escolares quanto para outros ginastas (damas, jovens, homens), a demonstração e a repetição de movimentos parece ser uma técnica de ensino apropriada, alegação reiterada pelas apresentações e suas disposições nos eventos festivos, como também, pela presença dos *Vorturner* (monitores). O valor atribuído à instrução teórica e prática acerca do *Turnen* como saberes necessários àqueles que iriam instruir outros alunos e reproduzir corretamente os exercícios, também é evidenciada com a formação da *Vorturnerschaft*. Esta configuração, pode ser compreendida como um modelo incipiente de formação específica de professores de ginástica/educação física no Rio Grande do Sul.

A partir do material coletado, podemos sugerir que as aulas de ginástica dos escolares, compreendidas como as aulas de educação física naquela contemporaneidade, buscavam estruturar-se enquanto disciplina “séria” no currículo de escolas teuto-brasileiras analisadas nessa pesquisa. Um indício de tal preocupação, para além da formação dos professores, era a organização das aulas em classes divididas por idades e horários específicos, ainda que com algumas diferenciações em comparação a outras disciplinas curriculares. Em algumas instituições, as aulas eram obrigatórias e incluíam a aplicação exames finais, buscando equiparar estratégias de ensino com outras disciplinas. Nesse processo de ensino, os clubes de ginástica e os personagens vinculados a esses clubes parecem ter assumido posições e funções estratégicas relevantes à aprendizagem e incorporação de um *habitus ginástico alemão*. Todavia, ressaltamos que, como saber

aprendido, continuamente produzido através das relações intersubjetivas, o *habitus* é também um contínuo e dinâmico processo.

Ainda, a partir da literatura consultada e dos indícios analisados, é possível depreender que as questões confessionais estavam intimamente articuladas às questões escolares em grande parte das instituições privadas teuto-brasileiras. Contudo, consideramos que a articulação entre o caráter confessional escolar e o *Turnen* é merecedora de maior atenção do que pudemos despender nesse estudo. A despeito disso, indícios indicam que à germanidade e à união da “Colônia Alemã” do RS era atribuído maior valor social do que às oposições religiosas.

Como parte da pesquisa acadêmica, apontamos limitações no que concerne ao estudo, bem como, limitações do percurso. Primeiramente, atentamos para o uso saliente de documentos oficiais, escritos pelos próprios personagens da figuração do *Turnen*, como os relatórios anuais e os livros comemorativos. Os documentos eram repletos de intencionalidades e funções, propagando os momentos, os discursos, as representações interessantes à instituição. Aquilo que a mesma gostaria que fosse visto e lido pelo público a que se dirigia. Assim, poucos são os relatos que abordam erros, tropeços, conflitos e muitos são aqueles que exaltam os feitos, as glórias, a irmandade do *Turnen*. Todavia, cientes das nossas próprias limitações, a partir de um olhar histórico cultural, buscamos atentar aos silêncios, às entrelinhas, às omissões.

Ressalta-se que grande parte dos indícios interpretados abordam determinados clubes e, em especial, o clube da capital, Porto Alegre. Então, nos próximos estudos intenta-se buscar por materiais de outras instituições, em outros acervos e arquivos do estado do Rio Grande do Sul. A despeito disso, registramos que houve uma extensa gama de material coletado e de informações analisadas no longo da pesquisa. Cabe mencionar que todos os documentos impressos, com exceção daqueles que tratam de Pelotas, estavam escritos no idioma alemão. Ainda que a pesquisadora tenha fluência na língua, no processo de tradução é preciso demorar-se. As palavras são datadas, é preciso atentar para as diacronias e os anacronismos. A tradução pode alterar o sentido do discurso e, assim, a análise e interpretação das informações. Devido a isso, também optamos nesse estudo por inserir, além das traduções, a redação original dos textos. Deste modo, podemos também ser contestados ou legitimados em nossas análises por outros pesquisadores e, assim, prosseguir na permanente produção de conhecimento e inteligibilidades.

Outro cuidado que buscamos ter na escrita desta tese são as generalizações, ou seja, atentar para as particularidades e singularidades, mesmo nas aproximações e semelhanças. Toda narrativa histórica que se propõe é dotada de provisoriedade e contingência, marcada por uma contemporaneidade de outro tempo, de outros homens, de outras mulheres, de outros códigos, que se apresenta ao pesquisador(a) através de “rastros” do passado. Adentrar nesse universo dos “outros”, no tempo destes “outros”, no seu próprio tempo é um desafio com o qual se depara todo aquele que escreve história. A própria escrita é um desafio, pois requer que se coloque em formato de texto um emaranhado de vidas. É preciso debruçar-se sobre os indícios, fragmentos de outro tempo. Impelidos pelo desejo de verdade e conclusão, esbarramos na verossimilhança e nas considerações finais. Nesse estudo buscamos tecer outra inteligibilidade do passado acerca das figurações do *Turnen* no sul do Brasil, como nos convocou Maria Stephanou no princípio dessa trama. Cientes, contudo, da “*certeza do inacabado e o imperativo da reformulação contínua*” (SEVCENKO, 1997, p. 81).

REFERÊNCIAS

A GYMNASICA. **O Pervigil**. Pelotas, anno I, Variedade, n. 32, p. 2, c 1-2, 4 fev. 1883.

A GYMNASICA. **O Pervigil**. Pelotas, anno I, Variedade, n. 33, p. 2, c. 2-3, 11 fev. 1883.

AMSTADT, Theodor. **Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul 1824-1924**. Tradução Arthur Blásio Rambo. 8 ed. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

ARENDT, Isabel Cristina. **Representações de germanidade, escola e professor no Allgemeine Lehrerzeitung Für Rio Grande do Sul**. 292 f. Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2005.

ASSMANN, Alice Beatriz. **O associativismo esportivo em Santa Cruz do Sul/ Rio Grande do Sul**: configurações de práticas culturais (da década de 1880 à década de 1910). 2015. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ASSMANN, Alice Beatriz; SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpello. O ciclismo na cidade: pedaladas pela capital do estado do Rio Grande do Sul/Brasil. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, v. 26, n. 2, 2018, p. 136-144.

ASSMANN, Alice Beatriz; BERTOLDI, Rafaela; MAZO, Janice Zarpellon. Associações esportivas paramilitares em Santa Cruz do Sul: espaços de legitimação social e lazer (1880 - 1900). **Licere**, Belo Horizonte, v.20, n.4, dez/2017

ASSMANN, Alice Beatriz; MAZO, Janice Zarpellon. *Turnen*: para além da ginástica: configurações dinâmicas em um espaço de práticas esportivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. 2, 2017, p.489-503.

ASSMANN, Alice Beatriz; MAZO, Janice Zarpellon; SILVA, Carolina Fernandes da. SPORT: uma concepção emergente no jornal *Kolonie*. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. esp., 2017, p. 77-91.

ASSMANN, Alice Beatriz; SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. A natação em piscinas nos clubes da cidade de Porto Alegre (1930-1940). **Revista Kinesis**, ed. 31, v. 2, mar. 2014.

BACELLAR, C. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKI, C. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2 ed., 2010, p. 23-80.

BANDEIRA FILHO, Souza. O dr. Souza Bandeira. **A Federação**, 28 maio 1884.

BARROS, José D'Assunção. A fonte histórica e seu lugar de produção. **Cadernos de Pesquisa CDHIS**, Uberlândia, v. 25, n. 2, jul./dez. 2012b.

BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos Primordiais para a Pesquisa Histórica. **Mouseion**, n. 12, mai/ago. 2012a, p. 129-159.

BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2009.

BARROS, José D'Assunção. História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis. **Conexão**, v.6, n. 11, 2007, p. 11-39.

BARTH, Fredrik. Introduction. *In*: BARTH, Fredrik. **Ethnic groups and boundaries**. Boston: Little, Brown, 1969.

BERICHT der Bade- und Schwimmanstalt für das Jahr 1908. Jahresberich des "Turner-Bundes" zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1909. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

BERICHT DER BADEANSTALT. Jahres-Bericht des "Turner-Bundes" zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1907. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

BERICHT der Hauptkasse. Jahresberich des "Turner-Bundes" zu Porto Alegre. **Relatório anual da Turnerbund**, 30 jan. 1909. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

BOHNEN, Aloysio de; ULLMANN, Aloysio. **A atividade dos Jesuítas de São Leopoldo**. São Leopoldo: UNISINOS, 1989.

BORGES, M. E. L. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BORSA, Juliane Callegaro; FEIL, Cristiane Friederich. O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão. **Psicologia.com.pt**, 2008.

BOTTENBURG, Maarten van. Além da difusão: o esporte e sua reconstrução em contextos transculturais. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-18, 2016.

BOUDON, R. **Dicionário de Sociologia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

BRUM NETO, Helena; BEZZI, Meri Lourdes. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande Do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 20, n. 2, dez. 2008. p. 135-155.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: Educs, 2004.

CALONGA, Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: objeto ou fonte da história? **Comunicação & Mercado/UNIGRAN**, v. 1, n. 2, edição especial, nov. 2012. P. 79-87.

CASTRO, Hebe. História Social. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CENTENÁRIO da colonização alemã em Rio Pardinho. **Livro Comemorativo**. Santa Cruz do Sul: Gráfica Comercial de Binz e Rech, 1952.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

CHARTIER, Roger. "Escutar os mortos com os olhos". **Estudos Avançados**, v. 24, n. 69, 2010.

CHARTIER, Roger. Formação social e economia e economia psíquica: a sociedade de corte no processo civilizador. Prefácio. In: ELIAS, Norbert, **A sociedade da corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 7-25.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COHEN, Ronald. Ethnicity: problem and focus in anthropology. **Annual Review of Anthropology**, v. 7, p. 379-403, 1978.

COLÉGIO OSÓRIO. **A Discussão**. Pelotas, anno I, n. 23, p2, c 1-2, 4 fev. 1881.

COLLEGIO Commercial. **A Discussão**. Pelotas, anno IX, Anuncios, n. 301, p. 2, c. 6, 22 dez. 1884.

COLLEGIO Commercial. **Correio Mercantil**. Pelotas, anno XII, Anuncios, n. 244, p. 3, c. 6, 24 out. 1886.

CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 49, 2005, p. 11-31.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Identidade Alemã e Alteridade no Rio Grande do Sul. In: CUNHA, Jorge Luiz (Org.). **Cultura alemã 180 anos: 1824-2004**. Porto Alegre: Nova Prova, 2004.

COSTA, Fabiana Alves da. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. **Pretextos** - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas v. 3, n. 6, jul./dez. 2018 – ISSN 2448-0738

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

D' INCÃO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In. DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. 2004

DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DAMEN-ABTEILUNG. Jahresbericht des Turner-Bundes zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 1905. Encontrado no acervo Benno Mentz do DELFOS da PUCRS.

DAS EXAMEN. **Kolonie**, Santa Cruz, Santa Cruz do Sul, 12 dez. 1896. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

DER EILBOTENLAUF. Jahres-Bericht 1913. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 21 jan. 1914. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

DEUTSCHE SCHULE. **Kolonie**, Santa Cruz, Santa Cruz do Sul, 20 abr. 1895. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

DEUTSCHE SCHULE, **Kolonie**, Santa Cruz, Santa Cruz do Sul, 05 set. 1984. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

DIE BISMARCK-FEIER. **Kolonie**, Santa Cruz, Santa Cruz do Sul, 3 abr. 1895. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

DIE BRASILIANISCHE Bank für Deutschland. **Kolonie**, Santa Cruz, Santa Cruz do Sul, 1 fev. 1904. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

DIE DEUTSCHE SCHULE. **Kolonie**, Santa Cruz, Santa Cruz do Sul, 21 jul. 1894. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

DIE FESTREDE. Jahres-Bericht 1911. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 31 jan. 1912. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

DIE HIESIGE TURNVEREIN. **Kolonie**, Santa Cruz, Santa Cruz do Sul, 29 out. 1902. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

DIE PFANDABTEILUNG des Turnerbundes Porto Alegre. TURNER-BUND Porto Alegre (1892-1917). **Livro comemorativo 25 anos**, Turnerbund, Porto Alegre, 1917. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

DIE TURNERISCHE entwicklung des Turnverein Cahy, São Sebastião do Caí. **Compilação de textos**, 1938. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

DIE VORTUNERSCHAFT. Jahres-Bericht des "Turner-Bundes" zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1905. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

DUNNING, Eric. 'Culture', 'civilization' and the sociology of sport, **Innovation**: The European Journal of Social Science Research. v. 5, n. 4, 1992, p. 7-18.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: EDIÇÕES 70, 2008.

ELIAS, Norbert, **A sociedade da corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

ESTATUTOS da Associação “Deutsch Brasilianischer Schulverein” em Cruz Alta. Corporações, **A Federação**, Porto Alegre, 19 fev. 1915. Encontrado na plataforma digital da Hermeroteca Nacional Brasileira.

EXAMEN. **Kolonie**, Santa Cruz, Santa Cruz do Sul, 25 jun. 1892. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

FACHEL, J. F. Os grupos de bolão e os “kränzchen” em Santa Cruz do Sul. In: FACHEL, J. F. **Separata dos Anais do Primeiro Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 30 jul. 1964.

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FAUSTBALLMANNSCHAFT. **Compilação de textos**, São Sebastião do Caí, 1938. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

FÉLIX, Loiva Otero. Religião e política: os teuto-brasileiros e o PPR. In.: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. **Os Alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: Ulbra, 1994.

FEST-COMMERS. **Folheto de programação do evento**, Porto Alegre, 16 jul. 1904. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

FESTSCHRIFT von der VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

FONSECA, Maria Angela Peter da; TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Primórdios de um colégio teuto-brasileiro urbano em Pelotas no final do século 19. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v.16, n. 37, p. 125/152, maio/ago. 2012.

FONSECA, Maria Angela Peter da; TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. **Um pioneiro de múltiplas funções em Pelotas (1879-1898)**. In. VII Congresso Brasileiro de História da Educação – Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil, 2013.

FRAUENTURNEN. Jahres-Bericht des “Turner-Bundes” zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1907. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

FRAUENTURNEN. Jahres-Bericht des “Turner-Bundes” zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1908.

FRIEDERICHS, J. Aloys. Deutsche Turn- und Festhalle. Jahres-Bericht 1911. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 31 jan. 1912. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

FRIEDERICHS, Jacob Aloys. Unser 50-jähriger Black. **Livro comemorativo**, Turnerbund, Porto Alegre, 23 ab. 1927. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

FRIEDERICHS, Jacob Aloys. Vereins-Rück und Ausblick: Sonderabbruck aus der Jubiläumenummer der Deutsche Zeitung zu Porto Alegre vom 31. Dezember 1910. **Recorte de jornal**, Deutsche Zeitung, Porto Alegre, 31 dez. 1910. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

FROSI, Tiago Oviedo; CRUZ, Lucas Lopes; MORAES, Ronaldo Dreissig; MAZO, Janice Zarpellon. A prática do ciclismo em clubes de Porto Alegre/RS. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n.3, p. 1-18, set./dez. 2011.

FURTADO, Heitor Luiz; QUITZAU, Evelise Amgarten; SILVA, Marcelo Moraes e Silva. Blumenau e seus imigrantes: apontamentos acerca da emergência de uma cultura física (1850-1899). **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, 2018, p. 665-676.

G.B. Eilboten- oder Stafettenlauf, **Folheto**, *Turnerbund*, Porto Alegre, [1913].

GANS, M. R. **Presença Teuta em Porto Alegre no Século XIX: 1850 – 1889**. Porto Alegre: Editora UFRGS/ANPUH/RS, 2004.

GERTZ, René E. A construção de uma nova cidadania. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história**. Canoas: Ulbra, 1994.

GESCHICHTE der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. Festschrift von der VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O método francês e a Educação Física no Brasil: da caserna a escola**. 223 f. 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

GÓIS JÚNIOR, Edivaldo. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, 2013, p. 139-159.

GOMES, Derti Jost. **Seminário Evangélico de Formação de Professores: origem e trajetória da instituição e perfil dos egressos**. 149 f. Dissertação (Mestrado em

Teologia). Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. São Leopoldo, 2005.

GONÇALVES, Gabriel Henrique Treter; ASSMANN, Alice Beatriz; GINCIENE, Guy; BALBINOTTI, Carlos Adelar Abaide; MAZO, Janice Zarpellon. Uma história do tênis no Brasil: apontamentos sobre os clubes esportivos e seus métodos de ensino. **Educación Física y Ciencia**, v. 20, n. 3, 2018.

GRUTZMANN, Imgart; DREHER, Martin Norberto; FELDENS, Jorge Augusto. **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**: recortes. São Leopoldo: Oikos, 2008.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da “província de chuteiras”. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 13, 2000.

GYMNASTICA. **A Discussão**, Pelotas, ano I, n. 11, 20 jan. 1881. Encontrado na Hermeroteca Nacional Brasileira.

HERR SCHEPFLEITNER. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 01 set. 1894.

HINDENBURGS 70. Geburtstag. Turner-Bund, Porto Alegre. Folheto de programação do evento. 2 out. 1917. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

HOFFMEISTER FILHO, Carlos Bento. **Doze Décadas de História**. Porto Alegre: Editora Palloti, 1987.

HOFMANN, Annette R.; PFISTER, Gertrud. Turnen – a Forgotten Movement Culture: Its Beginnings in Germany and Diffusion in the Unites States. In.: HOFMANN, A. R. **Turnen and Sport**: Transatlantic transfers. Münster: Waxmann Verlag GmbH, 2004.

HORN, Ingrid. **Den Frauen einen Platz im Männerbund**. Der MTV Treubund Lüneburg schreibt Geschichte im Frauensport. Lüneburg 2004

IN VILLA GERMANIA. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 16 nov. 1895. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

IST VERHEIRATETEN FRAUEN Turnen zu empfehlen? Jahres-Bericht des “Turner-Bundes” zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1907. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

JAHRES-BERICHT 1909. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 1 fev. 1910. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

JAHRES-BERICHT 1910. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1911. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

JAHRES-BERICHT 1911. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 31 jan. 1912. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

JAHRES-BERICHT 1912. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1913. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

JAHRES-BERICHT 1913. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 21 jan. 1914. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

JAHRES-BERICHT des “Turner-Bundes” zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1905. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

JAHRES-BERICHT des “Turner-Bundes” zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1907. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

JAHRES-BERICHT des “Turner-Bundes” zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1908. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

JAHRESBERICH, des “Turner-Bundes” zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1909. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

JAHRHUNDERT FEIER der Deustchen Einwanderung. **Compilação de impressos e fototafias de 1924**. 1924. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

JELIN, Elizabeth. FAMILIA Y GÉNERO: notas para el debate. Revista Estudos Femininos, Florianópolis, v.3, n.2, 1995, p. 394-413.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

JUNGBLUT, Airtton Luiz. O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros. In.: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. **Os Alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: Ulbra, 1994.

KASSENBERICHT vom Turnerbund. Jahres-Bericht des “Turner-Bundes” zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1908. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

KEGEL-BAHN. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 04 jun. 1917. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

KILPP, Cecília Elisa. **O Turnen e o esporte nas associações teuto-brasileiras de Estrela/Rio Grande do Sul**. 2012. 97 f. Dissertação (Mestrado). - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

KILPP, Cecília Elisa; ASSMANN, Alice Beatriz; MAZO, Janice Zarpellon. O “abrasileiramento” das associações esportivas de Teutônia/Estrela no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.26, n.1, p.77-85, 2012.

KILPP, Cecília Elisa; ASSMANN, Alice Beatriz; MAZO, Janice Zarpellon. Turnverein Estrela: ginástica e esportes. **Revista Contemporânea – Dossiê História e Esporte**, ano 4, vol.2, 2014.

KIPPER, Maria Hoppe. **Sociedades de cavalaria em área de colonização alemã** (Santa Cruz do Sul – RS). São Leopoldo: mimeog., 1967.

KNABENTURNEN. Jahres-Bericht des “Turner-Bundes” zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1905. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

KNABENTURNEN. Jahres-Bericht des “Turner-Bundes” zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1907. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Cortez, 2004.

KRAUSE, Silvana. **Migrantes do tempo**: vida econômica, política e religiosa de uma comunidade de imigrantes alemães na República Velha. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

KRELING, Helaine Maria. **O Bolão**: o esporte nas colônias alemãs do RS. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação**, n. 15, p. 159-176, nov./dez. 2000.

KREUTZ, Lúcio. Escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul: perspectiva histórica. In.: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. **Os Alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas: Ulbra, 1994.

KRÜGER, Michael. *Turnen* na Alemanha – do movimento nacional de uma cultura física e motora ao moderno movimento do esporte de lazer. In: TESCHE, Leomar (Org). **Turnen**: transformações de uma cultura corporal europeia na América. Ijuí: Editora Unijuí, 2011. p. 15 – 50.

LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica**. 2 ed. Porto Alegre: Movimento, 1981.

LAZZAROTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sulina, 1982.

LEONARD, Fred Eugene. **A guide to the History of Physycial Education**. 3 ed. Connecticut: Greenwood Press, 1971.

LEVIEN, Ana Luiza Angelo; RIGO, Luiz Carlos. Considerações sobre o “*Turnfest*” e “*Gauturnfest*” no Rio Grande do Sul (1890-1930). **Revista Didática Sistêmica**, II Extremos do Sul – Edição Especial, p. 159-176, 2013.

LEVIEN, Ana Luiza Angelo. **Histórias do Turnen na Leopoldenser Turnverein** (Sociedade de Ginástica de São Leopoldo). Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

LICHT, Henrique. **Grupo Escoteiros Guia Lopes**: subsídios históricos. Repositório digital CEME/UFRGS, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, C. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 23-80.

LYRA, Vanessa Bellani. **A criação da Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do Sul**: Formação de professoras(es) para a construção do campo (1940-1970). 2013. 279f. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

LYRA, Vanessa Bellani; BEGOSSI, Tuany Defaveri; MAZO, Janice Zarpellon. Da obrigatoriedade do ensino de Educação Física no estado do Rio Grande do Sul (1840-1937). **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n.2, maio/ago. 2016, p. 225-241.

LYRA, Vanessa Bellani; MAZO, Janice Zarpellon; BEGOSSI, Tuany Defaveri. Faces da Gymnastica e da Educação Physica nas escolas do Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX. **Movimento**, v. 22, n. 4, 1325-1336, out/dez. 2016.

MARINHO, Inezil Penna. **Estudo da evolução dos principais sistemas e métodos ginásticos de Educação Física adotados no Brasil**. In.: I Simpósio Nacional de Docentes de Nível Superior na área de Ginástica, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 1980.

MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. **A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar**: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. 2001. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. Etnia, cultura e memória: o processo escolar entre Imigrantes em perspectiva histórica. **Revista Intersaberes**, Curitiba, ano 3, n. 5, p. 63 - 75, jan/jul 2008.

MAZO, Janice Zarpellon. **Associativismo esportivo intercultural em Porto Alegre**: a fundação dos primeiros clubes teuto-brasileiros no século XIX. In: MORAGAS, M. & DACOSTA, L. Universidade e estudos olímpicos: Seminário Espanha – Brasil 2006. Belaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 2007. p. 491-503.

MAZO, Janice Zarpellon. **Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945)**: espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. Tese Doutorado. Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, Universidade do Porto, Portugal, 2003.

MAZO, Janice Zarpellon *et al.* **Associações Esportivas do Rio Grande do Sul (1867-2009)**: lugares e memórias. Novo Hamburgo, RS: editora da FEEVALE, 2012. CD-ROM.

MAZO; Janice Zarpellon; MADURO, Paula A.; PEREIRA, Ester Liberato. A prática do atletismo nas associações desportivas da cidade de Porto Alegre/ Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX: primeiros indícios. **Arquivos em Movimento**, v. 6, n. 2, p. 42-56, jul./dez. 2010.

MAZO, Janice Zarpellon; SILVA, Carolina Fernandes da; LYRA, Vanessa Bellani. As mulheres no cenário do Associativismo esportivo em Porto Alegre/RS na transição do século XIX para o XX: práticas alternativas de sociabilidade e lazer para elas. **Licere**, v. 13, n. 3, set. 2010.

MAZO, Janice Zarpellon; LYRA, Vanessa Bellani. Nos rastros da memória de um “Mestre de Ginástica”. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.4 p.967-976, out./dez. 2010.

MAZO, Janice Zarpellon; REPPOLD FILHO, Alberto. (Org.). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**: atlas do esporte, da educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005.

MELO, Victor Andrade; FORTES, Rafael. História do Esporte: panorama e perspectivas. **Fronteiras**, Dourados, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010.

MENEZES, João Bittencourt. **Município de Santa Cruz do Sul**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

MEYER, Dagmar E. Estermann. “Alemão”, “Estrangeiro” ou “Teuto-Brasileiro”? Representações de Docência Teuto-Brasileiro-Evangélica no Rio Grande do Sul. **História da Educação**, n. 9, p. 77-93, abr. 2001.

MEYER, Dagmar E. Estermann. **Identidades Traduzidas**: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2000.

MILAGRES, Pedro; SILVA, Carolina Fernandes da; KAWALSKI, Marizabel. O higienismo no campo da Educação Física: estudos históricos. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 30, n. 54, p. 160-176, 2018.

MINCIOTTI, Alessandra Nabeiro. **A prática do Turnen na cidade de São Paulo**. 2006. 93 f. Dissertação (Escola de Educação Física e Esporte). Universidade de São Paulo, 2006.

MITGLIEDERLISTE. Jahresbericht des Turner-Bundes zu Porto Alegre, **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre Porto Alegre, 1904. Encontrado no acervo Benno Mentz do DELFOS/ PUCRS.

MORENO, Andrea. O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o “não-lugar” da ginástica sueca. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, set. 2003, p. 55-68.

MÜLLER, Dalila. “**Feliz a população que de tantas diversões e comodidades goza**”: Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840-1870). 338f. Tese (História). Universidade do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2010.

MÜLLER, Telmo Lauro. **Sociedade Ginástica**: cem anos de história. São Leopoldo: Rotermund, 1986.

NOVALASCO, Verônica Périssé; PÁVEL, Roberto de Carvalho; MOURA, Ricardo. Natação. In. DACOSTA, Lamartine Pereira (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**: atlas

do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

OLIVEIRA, Paulo Gilberto. **A imigração alemã e a introdução do Punhobol no RS**. 1987. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1987.

PANOFSKY, Erwin. **Studies in Iconology**: humanistic themes in art of Renaissance. Icon Editions, 1972.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon; BALBINOTTI, Carlos. A. Federação Rio-Grandense de Tênis: mudanças impostas pelo Decreto-Lei nº 3.199 de 1941. **Recorde**: Revista de História do Esporte, v. 3, n. 2, p. 1-27, dez. 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nadia Maria; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.). **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percursos em história cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008a.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nadia Maria; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.). **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percursos em história cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008b. p. 99-122.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PFANDFINDERGRUPPE. São Sebastião do Caí. **Compilação de textos**, 1938. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

PFISTER, Gertrud. Moças e mulheres no movimento de turnen alemão – dos indícios até a República de Weimar. In: TESCHE, Leomar (Org). **Turnen**: transformações de uma cultura corporal europeia na América. Ijuí: Editora Unijuí, 2011. p. 51-80.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. Rio Grande do Sul, século XIX: Imigração Alemã e Construção do Estado nacional brasileiro. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 85-98, jul./dez. 1997.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos Gerais de Porto Alegre**. Imprensa Oficial. Porto Alegre, 1945.

QUITZAU, Evelise Amgarten. **Associativismo ginástico e imigração alemã no sul e sudeste do Brasil** (1858-1938). 242f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.

QUITZAU, Evelise Amgarten. Associativismo ginástico e escotismo no Rio Grande do Sul (1913-1934). **Revista História da Educação (Online)**, v. 23, 2019.

RADFAHRER Verein Blitz. **A Federação**, Porto Alegre, 13 out. 1903.

RADÜNZ, Roberto. A organização cultural dos alemães no Vale do Rio Pardo. *In*: VOGT, Olgário Paulo; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (Org.). **Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

RAMBO, Arthur Blásio. **A Escola Comunitária teuto-brasileira católica: a Associação dos Professores e Escola Normal**. São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

RAMBO, Arthur Blásio. **A Escola Comunitária Teuto-Brasileira Católica**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994.

RAMOS, Eloísa. **O teatro da sociabilidade: os clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras – São Leopoldo 1858-1930**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2000.

ROCHA, Carolina; WASKOW, Denise. **Sogipa: 150 anos de vida e história**. Porto Alegre: Palavra Bordada, 2017.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROMÃO, Anna Luiza Ferreira; MORENO, Andrea. Das piruetas aos saltos: as diferentes manifestações da gymnastica no Rio de Janeiro da segunda metade do XIX. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 38, n. 104, 2018, p. 21-32.

SANTOS, Ademir Valdir dos. Educação e colonização no Brasil: as escolas étnicas alemãs. **Cadernos de Pesquisa**, v. 42, n. 146, p. 538-561, maio/ago. 2012.

SCHLUSSFEIER der St. Josefs- und Marienschule. Folheto de programação do evento. 20 dez. 1928. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

SCHRÖTER, Arthur; BLACK, Georg. Turn-Bericht. **Jahres-Bericht 1910. Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1911. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. **Tempo**, v. 13, n. 26, 2009.

SCHULANGELEGENHEITEN. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 02 jan. 1892. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

SCHULEN des "Deutschen Hilfsvereins" zu Porto Alegre - Schlussfeier. Folheto de programação do evento. 19 dez. 1922. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

SCHÜLER-TURNEN. JAHRES-BERICHT des "Turner-Bundes" zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre. 30 jan. 1908. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

SEVCENKO, Nicolau. **O inventor é um poeta**. Carta Capital, Ano II, nº 49, 28 maio 1997, p. 81.

SEYFERTH, Giralda. Socialização e etnicidade: a questão escolar teuto-brasileira (1850-1937). **Mana**, v. 23, n. 3, 2017, p. 579-607.

SEYFERTH, Giralda. As identidades dos imigrantes e o *melting pot* nacional. **Horizontes Antropológicos**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 143-176, 2000.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história**. Canoas: Ulbra, 1994.

SEYFERTH, Giralda. Etnicidade e cultura: a constituição da identidade teuto-brasileira. In: ZARUR, G. C. L (Org.). **Etnia y Nación en América Latina**. INTERAMER, n.45, v.II, 1992.

SEYFERTH, Giralda. Etnicidade. In.; SILVA, Benedito (Org.). **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

SILVA, Carolina Fernandes da. **Esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, Brasil**: a esportivização e contatos culturais nos clubes. 263 f. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVA, Carolina Fernandes da. **O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul**: mosaico de identidades culturais no longo século XIX. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Carolina Fernandes da; ASSMANN, Alice Beatriz; CARMONA, Eduardo Klein; MAZO, Janice Zarpellon. Associações de remadores teuto-brasileiros em Porto Alegre (1917): recomposições identitárias em um conflito bélico. **Journal of Physical Educantion**, v, 27, 2016.

SILVA, Carolina Fernandes da; CARMONA, Eduardo Klein; MAZO, Janice Zarpellon. De passatempo à prática esportiva: o ciclismo em Porto Alegre na transição do século XIX para o século XX. **Licere**, Belo Horizonte, v.18, n.4, dez/2015.

SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. Uma história das instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 377-389, abr./jun. 2015.

SILVA, Carolina Fernandes da; PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. Clubes sociais: práticas esportivas e identidades culturais. **Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, jun. 2012.

SILVA, Haike Roselane da. A identidade teuto-brasileira pensada pelo intelectual Aloys Friederichs. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p. 295-330, jan./dez. 2005a.

SILVA, Haike Roselane da. **A trajetória de uma liderança étnica: J. Aloys Friederichs (1868-1950)**. 2005. 341 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005b.

SILVA, Haike Roselane da. **SOGIPA**: Uma trajetória de 130 anos (publicação comemorativa). Porto Alegre: Gráfica Editora Palloti, Editores Associados Ltda, 1997.

SILVA, Marcelo Moraes; CAPRARO, André Mendes; SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Norbert Elias e Michel Foucault – apontamentos para uma tematização relacional da noção de poder. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 11, n. 1, 2014, p. 254-275.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, Carmen Lúcia. Da arte e da ciência de movimentar-se: primeiros momentos da ginástica no Brasil. *In*: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor (Org.). **História do Esporte no Brasil**: do império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 133-178.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOARES, Ricardo Santos. **O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918**. 2014. 182 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SOCIEDADE GINÁSTICA. **A Opinião Pública**, Pelotas, ano I, 13 de julho de 1896, n. 59, p.1, c. 3.

SOCIEDADE GINÁSTICA. **Correio Mercantil**, Pelotas, ano XXII, terça-feira, 14 de julho de 1896, n. 162, p. 2.

SOUZA, José Edimar de. Aula em Lomba Grande/RS (1860-1881): na perspectiva da trajetória do Professor Meyer. **História Revista**, Goiânia, v. 21, n. 2, maio/ago. 2016. p. 158–178.

SOUZA, Regina Maria Schmmelpfeng de. **Deutsche Schule, a Escola Alemã de Curitiba**: um olhar histórico (1884-1917). Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

STAFETTENLAUF, 1 abr. 1924. Recorte. JAHRHUNDERT FEIER der Deustchen Einwanderung. **Compilação de impressos e fotografias**, 1924. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

STEPHANOU, Maria. Os historiadores e as vicissitudes do tempo: perceber, imaginar, eleger, compreeder, construir. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 54, jan./abr. 2018, p. 01-07.

STRECK, Giselda Isolde Wachter. Panorama histórico das escolas comunitárias do Sínodo Rio-Grandense/ IECLB e da Rede Sinodal de Educação. **Revista de Educação do COGEIME**, ano 25, n. 48, jan./jun. 2016.

STRIEDER, Dulce Maria; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. A escola comunitária teuto-brasileira – um estudo sobre a siretriz metodológica. **Cadernos de História da Educação**, v. 12, n. 2, jul./dez. 2013, p. 469-482.

TELLES, Leandro. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (1858/1974)**. Obra comemorativa pelo sesquicentenário da imigração alemã. Porto Alegre: Associação Beneficente e Educacional de 1858, 1974.

TESCHE, Leomar. O Séc. XIX. os Brummer e a introdução da *Turnen*/ginástica no Brasil. In.: **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História** – Conhecimento histórico e diálogo social. ANPUH, 2013.

TESCHE, Leomar. Turnen: um símbolo identitário no Brasil. In: TESCHE, Leomar (Org). **Turnen: transformações de uma cultura corporal europeia na América**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011. p. 81- 108.

TESCHE, Leomar. Cluster esportivo do Rio Grande do Sul – Clubes Turnen. In.: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

TESCHE, Leomar. Das Turnen, im Zuge der deutschen Einwanderung in den Bundesstaat Rio Grande do Sul, in Verein und Schule. In: DELAPLACE, Jean-Michel; VILLARET, Sylvain; CHAMEYRAT, William (Org.). **Sport und Natur im historischen Wandel**. Sankt Augustin-Alemanha: Academia Verlag, v. 10, p. 247-253, 2004.

TESCHE, Leomar. **O Turnen, a Educação e a Educação Física nas escolas teutobrasileiras no Rio Grande do Sul (1852-1940)**. Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2002.

TESCHE, Leomar. **A prática do Turnen entre imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul: 1867 – 1942**. Ijuí: INIJUÍ Ed., 1996.

TURN-BERICHT. Jahres-Bericht des “Turner-Bundes” zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1907. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

TURN-BERICHT. Jahresbericht des Turner-Bundes zu Porto Alegre, **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 1906. Encontrado no acervo Benno Mentz do DELFOS/ PUCRS.

TURN-VEREIN. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 04 mar. 1896. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURN-VEREIN Santa Cruz. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 01 dez. 1900. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNEN UN KULTUR. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 31 jul. 1914. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNER-BUND Porto Alegre (1892-1917). **Livro comemorativo 25 anos**, Turnerbund, Porto Alegre, 1917. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

TURNERBUND. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 21 abr. 1906. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNERBUND. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 21 abril 1906. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNPLAN. Jahresberich des "Turner-Bundes" zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1909. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

TURNVEREIN CAHY Jamboree. **Folheto de programação do evento**, São Sebastião do Caí, set. 1927 Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

TURNVEREIN CRUZ ALTA. Festschrift von der VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNVEREIN HAMBUGO VELHO ou Hamburgerberg, Festschrift von der VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNVEREIN NOVO HAMBURGO. Festschrift von der VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNVEREIN SANTA CRUZ. Festschrift von der VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNVEREIN SÃO JOÃO do Montenegro. Festschrift von der VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNVEREIN SÃO SEBASTIÃO. Festschrift von der VII Turnfest der Turnerschaft von Rio Grande do Sul. **Livro Comemorativo**. Porto Alegre: Martin Fischer, 1929. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNVEREIN. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 3 maio 1906. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

TURNWESEN. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 11 mar. 1914 Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

UEKANE, Marina N. "mulheres na sala de aula": um estudo acerca do processo de feminização do magistério primário na corte imperial (1854-1888). **Revista Gênero**, Niterói, v. 11, n. 1, 2010, p. 35-64.

UNSER TURNBETRIEB. Jahres-Bericht 1913. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 21 jan. 1914. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

UNSER VORTURNERSCHAFT Jahres-Bericht des "Turner-Bundes" zu Porto Alegre. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1908. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto Delfos/PUCRS.

VAMPLEW, W. História do Esporte no cenário internacional: visão geral. **Revista Tempo**, vol. 19, n.34, dossiê "Uma história do esporte para um país esportivo", 2012.

VECHIA, Ariclé; LORENZ, Karl M. **Programa de Ensino da Escola Secundária Brasileira: 1850-1951**. Curitiba: Ed. Do Autor, 1998.

VERSAMMLUNG. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 19 out. 1895. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

VILLA GERMANIA. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 11 dez. 1895. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

VILLA GERMANIA. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 5 set. 1903. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

VOGT, Olgário P. Patrimônio cultural: um conceito em construção. **MÉTIS: história & cultura**, v. 7, n. 13, 2008, p. 13-31.

VOGT, Olgário Paulo. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul e o capital social**. 2006. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2006.

WAGNER, Hermann. **Illustriertes Spielbuch für Knaben**. Leipzig: Springer Verlag Berlin Heidelberg, 1913.

WEBER, R. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. **Dimensões**, Espírito Santo, 2006, p. 236-250.

WEBER, Regina. A construção da "origem": os "alemães" e a classificação trinária. *In*: Reckziegel, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero. **RS: 200 anos definindo espaços na história nacional**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 207-215.

WEIS, G. F. **O Basquetebol em Santa Cruz do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

WETTSCWIMMEN. Jahres-Bericht 1910. **Relatório anual**, Turnerbund, Porto Alegre, 30 jan. 1911. Encontrado no Acervo Benno Mentz, Instituto

WIESER, L. **Deutsches Turnen in Brasilien**: deutsche Auswanderung und die Entwicklung des deutsch-brasilianischen Turnwesens bis zum Jahre 1917. London: Arena Publications Limited, 1990.

WIESER, Lothar; LEITE, Luciana. Educação Física – Pioneiros do RS: Georg Black. *In*: MAZO, Janice Zarpellon; REPPOLD FILHO, Alberto. (Org.). **Atlas do Esporte no**

Rio Grande do Sul: atlas do esporte, da educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005.

WILHELMY, Eduardo. Ao publico. **A Discussão**, Pelotas, anno IX, Annuncios, n. 301, p. 2, c. 6, 22 dez. 1884.

WOODWART, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In:* SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 205-238, nov. 2000.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. **Projeto História**, São Paulo, jan/dez. 1985.

ZIESCHANG, Klaus. **Vom Schützenfest zum Turnfest:** Die Entstehung des Deutschen Turnfestes unter besonder Berücksichtigung der Einflüsse von F. L. Hamburg: Czwalina, 1977.

ZUR BISMARCKSFEIER. **Kolonie**, Santa Cruz do Sul, 27 mar. 1895. Encontrado no Centro de Documentação da UNISC.

GLOSSÁRIO

- Anmänner** – Ginastas em posição de pré-monitoria
- Bismarckrunde** – Círculo de Bismarck
- Brasilianischer Bank für Deutschland** – Banco Brasileiro para Alemanha
- Damenriege** – Turma de Mulheres
- Damenturnen** – Ginástica de Mulheres
- Deutsche Hilfsverein** – Associação Alemã Beneficente
- Deutsche Hilfsvereinschule** – Escola da Associação Alemã Beneficente
- Deutsche Schule** – Escola alemã
- Deutscher Turnerschaft** – Federação Alemã de Ginástica
- Deutschtum** – Germanidade
- Ehrenmitglied** – Sócios honorários
- Eilbotenlauf ou Stafettenlauf** – Corrida de revezamento
- Faustball** – Punhobol
- Frauenriege** – Turma das Senhoras
- Frauenturnen** – Ginástica das Senhoras
- Freiübungen** – Exercícios livres
- Friesenriege** – Turma de Frisões
- Fussball** – Futebol
- Gau** - Comarca
- Gauturnfest** – Festa da Comarca
- Gemeindeschule** – Escola comunitária
- Gemeinnützigerverein** – Sociedade de Amparo Mútuo
- Geräteturnen** – Aparelhos de ginástica
- Gesangverein** – Sociedade de Canto
- Gut Heil** – Boa saúde; Saudações; Salve.
- Heimatland** – Pátria
- Jungmannschaft** – Equipe dos Jovens
- Knabenschule** – Escola de meninos
- Lehrerverein** – Associação de Professores
- Leichtathletik** – Atletismo
- Mädchenriege** – Turma de Meninas
- Mädchenschule** – Escola de meninas

Männerriege – Turma de Senhores

Pfandabteilung – Departamento dos Escoteiros

Pfandfindergruppe – Grupo de Escoteiros

Riege – Grupo de ginástica

Schulgemeinde – Associação Escolar

Schützenverein – Sociedade de Atiradores

Schwimmbadverband - Federação de Natação

St. Josephschule – Escola São José

Tamborinball – Jogo de Tamborim

Turnbewegung – Movimento *Turnen*

Turnblätter – Periódico de Ginástica

Turnen – Ginástica/ educação física

Turner – Praticantes de ginástica

Turnerbund – Liga de Ginástica de Porto Alegre

Turnerschaft von Rio Grande do Sul – Federação de Ginástica do Rio Grande do Sul

Turnfest – Festa de Ginástica

Turnhalle – Salão de ginástica

Turnlehrer – Professor de Ginástica

Turnschüler – Alunos de ginástica

Turnvater – Pai da Ginástica

Turnverein – Sociedade de Ginástica

Turnwart – Supervisor de ginástica, responsável pela organização dos treinos e campeonatos de ginástica junto à associação, bem como, o controle e manutenção dos equipamentos e do salão de ginástica.

Verein – Sociedade/clube

Vereinsgönner – Patronos

Vereinsveteran – Veteranos da sociedade

Volkstümliche Übungen – Exercícios populares

Vorturner – Monitor de Ginástica

Vorturnerinnen – Monitora de Ginástica

Vorturnerschaft – Liga dos Monitores de Ginástica

Wetturnen – Torneio de Ginástica

Zöglinge – Iniciantes/ novatos/ aprendizes

APÊNDICE - Indivíduos vinculados ao *Turnen* no RS, citados no estudo.

Cruz Alta

Theodor Firmbach (fundador e secretário)
 Waldemar Zenkner (fundador)
 Oswald Zenkner (fundador)
 Rudolf Zenkner (fundador)
 Oswald Stangler (fundador)

Estrela

Alberto Dexheimer (fundador e presidente)
 Arthur Preussler (primeiro instrutor de ginástica)
 Rudolfo Maria Ruth (instrutor de ginástica)
 Leo Joas (*Turnlehrer* na década de 1930)

Montenegro

Albert Petry (fundador e *Turnwart*: 1887-?)
 Germano Leser (fundador)
 Adam Dreyer (fundador)
 Carlos Jung (fundador)
 Julio Sauter (fundador)
 Adam L. Kauer (fundador)
 Pedro Kauer (fundador)
 João Koetz (fundador)
 Frantz Rick (fundador)
 Carlos Faller (fundador)
 Adolf Becker (fundador)
 Domingos Britto (fundador)
 Philipp Kerber (fundador)
 Fritz Hahn (fundador)
 Pedro Sander (fundador)
 Manuel Scheefer (fundador)
 Gerog Geysmer (fundador)
 Adolf Schweitzer (*Turnwart*: ?-1901)
 Affonso Schuh (*Turnwart*: 1901)
 Robert Peterson (*Turnwart*: 1902-1912)
 Carl Leser (*Turnwart*: 1912-1920)
 Emil Leser (*Turnwart*: 1920-1924)
 Walter Rick (*Turnwart*: 1924-1926)
 Albert Zimmer (*Turnwart*: 1926)
 Richard Adam (*Turnwart*: 1927-?)
 P. Wilhelm Scheerer (director do grupo de escoteiros)
 Ludwig Groger (director do grupo de escoteiros)
Olga Renner (*Vorturnerin* e diretora do *Damenriege* em 1905)

Novo Hamburgo***Turnverein Neu Hamburg***

Fritz Eckert (fundador e presidente)
 Carl Wandelmann (fundador e vice-presidente)
 Peter Wolf (fundador e *Turnwart*)
 Fritz Brutschin (fundador e secretário)
 Adalbert Diefenthäler (fundador e tesoureiro)
 Edmund Wolf (fundador e *Zeugwart*)

Turnverein Hamburgberg

Fritz Siegel (fundador)
 Jacob Leyser Filho (fundador)
 Albert Krug (fundador)
 Adolf Kirch (fundador de ambas as entidades de Novo Hamburgo)
 Heinrich Gärtner (fundador)
 Arthur Rech (fundador)
 Arthur Kremer (fundador)
 João Döring Filho (fundador)
 Fritz Müller (fundador)
 Leopold Lanzer (fundador)
 Reinholb [?] (fundador)
 Carlos DDumer (fundador)
 Reinhold Franzen (fundador)
 Gustav Kampf (fundador)
 Heinrich Kunz (fundador)
 Alfons Bender (fundador)
 Leopold Schmitt (fundador)
 Peter Mentz (fundador)
 Carl Spohr (fundador)
 Carl Klein Filho (fundador)
 Balduin Fischer (fundador)
 José Fr. Gerhardt (fundador)
 Rudolf [Rurper] (fundador)
 Henrich Bender (fundador)
 Paul Kirchner (fundador)
 Leopold Ebling (fundador)
 Adam Steigleder (fundador)
 Heinrich Widle (fundador)
 Wilhelm Müller (fundador)
 Leopold Diefenbach (fundador)
 Engel Filho (fundador)
 Leopold Bauer (fundador)
 Samuel Dietschi (fundador)
 Fritz Gerhardt (fundador)
 Wilhelm Rech (fundador)
 Fritz Strassburger (fundador)
 Julius Poschetzky (fundador)
 Jorge Knewitz (fundador)
 Waldemar Krause (fundador)
 Wilhelm Ludwig (fundador)

Pelotas

Eduardo Wilhelmy (fundador e diretor do Colégio Osório, em 1880, e da escola mista *Die Deutsche Schule*, em 1889).

Otto Müller (presidente da *Pelotense Turnerschaft*)

Antônio Tilscher (vice-presidente da *Pelotense Turnerschaft*)

Gustavo Müller (1º secretário da *Pelotense Turnerschaft*)

Theodoro Bulselmeier (2º secretário da *Pelotense Turnerschaft*)

Willi Spanier (tesoureiro da *Pelotense Turnerschaft*)

Eduardo le Coultre (1º mestre de ginástica da *Pelotense Turnerschaft*)

Christian Grutzmann (2º mestre de ginástica *Pelotense Turnerschaft*)

Porto Alegre

Jacob Aloys Friederichs (presidente)

Georg Black (*Turnlehrer*)

Ernst Mitzscherlich (*Ehrenvorturner*; líder do *Vorturnerschaft*)

Willy Mitzscherlich (*Vorturner*)

Henrich Rohde (*Vorturner*)

Walter Schilling (*Vorturner*)

Arthur Schröter (*Vorturner*)

Germano Sperb (*Vorturner*)

William Rösch (*Vorturner*)

Adolf Wink (*Vorturner*)

Wilhelm Bräscher (*Vorturner*)

Carl Oderrich (*Vorturner*)

R. Weinheber (*Vorturner*)

O. Bachmann (*Vorturner*)

A. Bohrer (*Vorturner*)

E. Freitag (*Vorturner*)

P. Krause (*Vorturner*)

F. Siegmann (*Vorturner*)

A. Homrich (*Vorturner*)

Max Heiser (*Vorturner* e diretor do *Zöglingssriege*)

Ella Kaufmann (*Vorturnerinnen*; presidente do Departamento de Damas e professora do HVS)

Frieda Naschold (*Vorturnerinnen*)

Emma Scheibenzuber (*Vorturnerinnen*)

Hermine Grage (*Vorturnerinnen*)

Alfons Bohrer (*Anmänner*)

Herman Ruhl (*Anmänner*)

P. Bürger (professor pela *Deutsche Hilfsvereinschule*)

Herrmann Englert (professor pela *Deutsche Hilfsvereinschule*)

Kolfhaus (*Oberfeldmeister*)

Santa Cruz do Sul

Bernhard Krische (presidente)

Richard Textor (vice-presidente)

F. Schnepfleitner (1º *Turnwart*)

Georg Schütz (2º *Turnwart*)

Wilhelm Lamberts (secretário)

Heinrich Schmidt (tesoureiro e presidente em 1895)

João Lipinsky (instrutor de ginástica em 1915 e *Feldmeister* do grupo de escoteiros)

Pastor Lechler (*Oberfeldmeister* do grupo de escoteiros)

F. Schnepfleitner (professor de escola e sócio fundador da *Turnverein Santa Cruz*)

Pastor Wilhelm Süffert (professor de escola)

Oscar Gressle (sócio da *Turnverein Santa Cruz* e colaborador do Sínodo Rio Grandense)

São Leopoldo

Wilhelm Süffert (presidente)

Franz Louis Weinmann (vice-presidente)

Leo Teichmann (1º Secretário) Heinrich Wilhelm Panitz (2º Secretário)

Wilhelm Koehler (1º Tesoureiro) Jacobs Prass (2º tesoureiro)

Carl Schüller (1º *Turnwart*)

Karl Dienstbach (2º *Turnwart*)

Luiz Feuerbaum (1º instrutor de ginástica)

Carl Brack (delegado)

Bernard Sperb (delegado)

Carl Wilkens (delegado)

José Sperb

Carlos Dienstbach

Alfred Mohr (instrutor de ginástica e presidente)

Balduin J

São Sebastião do Caí

Eduard Kusminsky (*Vorturner*; *Turnwart*; tesoureiro do grupo de escoteiros; presidente da entidade local e da *Turnerschaft*, em 1931)

Carlos Dexheimer (sócio fundador da *Deutscher Turnverein*)

A. Grundmann (*Oberfeldmeister* do grupo de escoteiros)

A. Trein (*Feldmeister* do grupo de escoteiros)

W. Trein (*Feldmeister* do grupo de escoteiros)

F. Patro (*Feldmeister* do grupo de escoteiros)

João Paternoster (escoteiro de Caxias)

Germano Noll (escoteiro de Nova Palmira)

Carlos H. Feix (escoteiro)

Kronenthal (escoteiro)

Affonso Rossler (escoteiro de Feliz)

Frederico Muller (escoteiro)

Villa Germânia (Candelária)

Franz Moser (presidente)

Richard Kellermann (vice-presidente).

Peter Lauff (Turnwart)